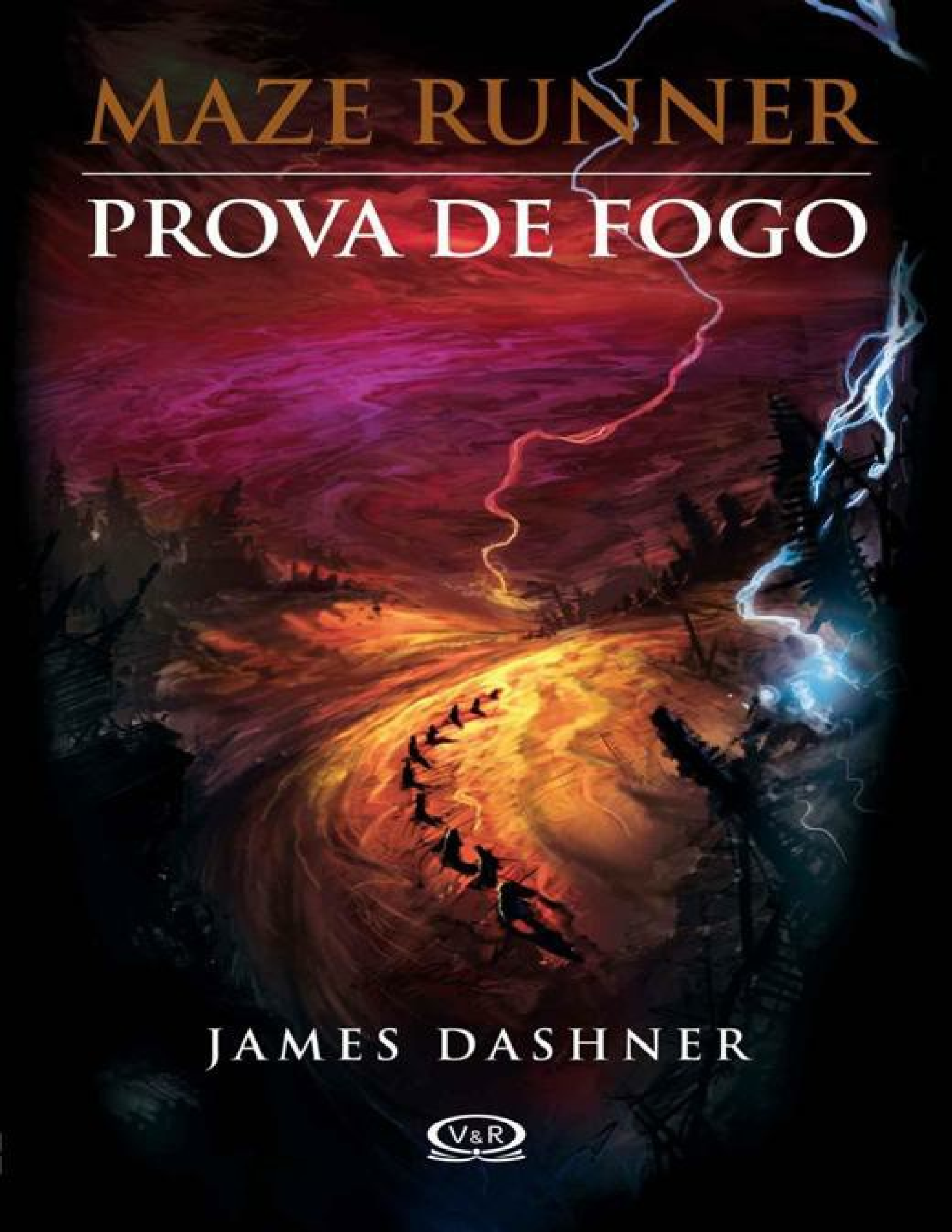
MAZE RUNNER

PROVA DE FOGO



JAMES DASHNER

V&R

MAZE RUNNER
PROVA DE FOGO

Editora: Flavia Lago
Editora assistente: Marcia Alves
Preparação: Alessandra Miranda de Sá
Revisão: Trisco Comunicação
Direção de arte: Paula Fernández
Diagramação: Cláudia Hernandes
Capa: Marcelo Orsi Blanco
EPUB: Pamella Destefi

Título original: The Scorch Trials

© 2010 James Dashner
© 2012 Vergara & Riba Editoras S/A
www.vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 – Vila Mariana
CEP 01259-010 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (55 11) 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br

eISBN: 978-85-7683-531-8

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dashner, James
Maze runner[livro eletrônico]: prova de fogo / James Dashner; tradução Henrique Monteiro. – São Paulo: V&R Editoras, 2014. – (Maze runner)
907 Kb; ePUB.

Título original: Maze runner: The scorch trials.
ISBN 978-85-7683-531-8

1. Ficção - Literatura juvenil I. Título. II. Série.

14-07806 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

MAZE RUNNER
PROVA DE FOGO

JAMES DASHNER

Tradução: Henrique Monteiro

V&R
EDITORAS

1

Ela se comunicou com ele antes de o mundo desmoronar.

–Ei, ainda está dormindo?

Thomas se remexeu na cama. Na escuridão ao redor, sentiu como se o ar, inexplicavelmente sólido, o esmagasse. De início, entrou em pânico. Os olhos se arregalaram e ele se imaginou de volta à Caixa – aquele cubo horrível de metal frio por meio do qual fora levado à Clareira e ao Labirinto. Pouco a pouco, uma luz fraca e manchas sombrias começaram a surgir no imenso salão. Beliches. Armários. A respiração pausada e o ronco gorgolejante de garotos imersos em um sono profundo.

Deixou-se invadir por aquela sensação de alívio. Estava a salvo agora; fora resgatado e levado para aquele dormitório. Não havia mais com que se preocupar. Não existiam mais Verdugos. Nem mortes.

Tom?

A voz soou de novo em sua mente. Inaudível. De uma garota. Invisível. Mas ele a ouvia, embora nunca conseguisse explicar a ninguém como aquilo acontecia.

Com um longo suspiro, relaxou, recostando-se no travesseiro. Os sentidos em alerta foram se acalmando após o breve momento de terror. Então respondeu, formulando as palavras com o pensamento:

Teresa? Que horas são?

Não faço ideia, replicou ela. Mas não consigo dormir. Provavelmente cochilei por quase uma hora. Talvez mais. Esperava que estivesse acordado para me fazer companhia.

Thomas tentou esconder o sorriso. Embora ela não pudesse vê-lo, seria embaraçoso, de qualquer modo.

Você não me deixou muita escolha quanto a isso, não é? É um pouco difícil dormir quando alguém fica falando direto dentro da sua cabeça.

Há–há! Volte a dormir, então.

Não. Estou bem. Olhou para o estrado do beliche de cima – os traços indistintos se esvanecendo na escuridão sombria –, onde Minho respirava como se houvesse uma quantidade horripilante de catarro alojada na garganta.

Em que estava pensando?

No que você acha?, respondeu ela, emprestando um quê de ironia às palavras. Continuo vendo os Verdugos, com aquela pele nojenta e o corpo inchado, aqueles braços e os ferrões metálicos. Essa experiência pode ser chamada de tudo, menos de agradável, Tom. Como vamos tirar uma coisa dessas da cabeça?

Thomas sabia o que ela queria dizer. Nunca esqueceria aquelas imagens. Os Clareanos seriam assombrados pelo resto da vida pelas coisas horríveis que haviam acontecido no Labirinto. Ficou imaginando que a maioria, senão todos eles, teria sérios problemas psicológicos. Quem sabe não enlouqueceriam por completo?

Ele mesmo trazia a pior das lembranças marcada na memória, tão ferozmente gravada quanto uma marca impressa a ferro em brasa – seu melhor amigo, Chuck, apunhalado no peito, sangrando e agonizando em seus braços.

Thomas sabia que jamais esqueceria aquela cena. Mas disse outra coisa a Teresa.

Vai passar. Talvez demore um pouco, só isso.

Você é tão convencido, ela retrucou.

Eu sei. Não era ridículo que adorasse ouvi-la falar assim dele? Não era ridículo o próprio sarcasmo, tentando convencê-la de que tudo ficaria bem? Grande idiota, é o que você é, disse a si mesmo. Depois torceu para que ela não tivesse notado aquele pensamento.

Odiei quando me separaram dos garotos, ela falou.

Mas Thomas entendia por que o haviam feito. Ela era a única garota entre os Clareanos adolescentes – um punhado de trolhos em quem não confiavam ainda.

Acho que quiseram proteger você.

É. Acho que sim. A melancolia impregnava aquelas palavras, envolvendo-as numa espécie de fluido penetrante dirigido a seu cérebro.

Mas é uma droga ficar sozinha depois de tudo o que passamos juntos.

Para onde levaram você, afinal? Ela parecia tão triste que Thomas cogitou se levantar e sair para procurá-la. Mas pensou melhor.

Para o lado oposto ao daquele salão comum onde comemos ontem à noite. Um quarto pequeno, com poucos beliches. Tenho quase certeza de que trancaram a porta ao sair.

Viu? Não disse que queriam protegê–la? E acrescentou depressa: Não que precise de proteção. Aposto tudo em você contra pelo menos a metade desses inúteis.

Só a metade?

Tudo bem, três quartos. Incluindo a mim.

De algum modo, Thomas continuava a perceber a presença de Teresa, apesar do longo silêncio que se fez. Ele a sentia. Era quase como a certeza de que Minho estava deitado a pouco mais de um metro, no beliche de cima, embora não pudesse ver o amigo. E não era só por causa do ronco. Quando alguém de quem se gosta está perto, a gente simplesmente sabe.

Apesar de todas as lembranças acumuladas nas últimas semanas, Thomas sentia-se surpreendentemente calmo. O sono se impôs, dominador, e a escuridão cobriu de novo seu mundo. Mas Teresa continuava lá, perto dele, de muitas maneiras. Quase… tocando-o.

Não sentia o tempo passar nesse estado em que, quase adormecido, percebia a agradável presença dela. Sabiam que tinham sido resgatados daquele lugar horrível. Que estavam a salvo. Que ele e Teresa poderiam enfim se conhecer melhor. Que o futuro era promissor.

Sono feliz. Escuridão indistinta. Calor. Febre. Quase flutuando, o garoto sentiu que o mundo parecia desaparecer, doce e entorpecedor. E na escuridão que, de algum modo, confortava, Thomas se deixou levar por um sonho.

Está bem novinho. Quatro anos, talvez? Cinco? Deitado na cama com os cobertores puxados até o queixo.

Uma mulher sentada ao lado dele, as mãos dobradas no colo. Cabelo castanho e comprido, o rosto apenas esboça os sinais da idade. O olhar é triste, ele tem consciência disso, embora ela se esforce para escondê-lo com um sorriso.

Thomas quer dizer alguma coisa, fazer uma pergunta. Mas não consegue. Não está ali de verdade. É apenas testemunha de uma cena que não

compreende direito. A mulher começa a falar, e o som de sua voz o perturba, ao mesmo tempo tão doce e raivoso.

– Não sei por que o escolheram, mas de uma coisa tenho certeza: de algum modo, você é especial. Nunca se esqueça disso. E jamais se esqueça do quanto – a voz falha e as lágrimas correm pelo rosto –, jamais se esqueça do quanto eu o amo.

O menino responde, mas não é Thomas quem fala – embora seja, de fato, ele. Nada faz muito sentido.

– Vai ficar maluca como toda aquela gente na TV, mamãe? Como o... papai?

A mulher estende a mão e corre os dedos pelo cabelo dele. Mulher? Não, não pode chamá-la assim. É sua mãe. Sua... mamãe.

– Não se preocupe com isso, querido – diz ela. – Não vai estar aqui para ver.

O sorriso dela se desmancha.

Rápido demais, o sonho se fora na escuridão, deixando Thomas no vazio, sem outra coisa a não ser os próprios pensamentos. Será que outra lembrança surgira das profundezas de sua amnésia? Será que realmente tinha visto a mãe? Havia mencionado qualquer coisa sobre o pai ser louco. A dor, profunda e torturante, o faz mergulhar com ainda mais afinco no esquecimento.

Mais tarde, Teresa o procurou de novo.

Tom, tem algo errado.

2

Foi assim que tudo começou. Thomas ouvira Teresa dizer aquelas palavras, mas sua voz parecia muito distante, como se propagada em um túnel extenso e barulhento. O sono havia se transformado em algo que o prendia, como um líquido viscoso, espesso e grudento. Tomou consciência de si, mas percebeu que se afastava do mundo, sepultado sob a exaustão. Não conseguia acordar.

Thomas!

Teresa gritou seu nome – um estrondo lancinante em sua cabeça. O garoto sentiu a primeira pontada de medo, mas a considerou um sonho. Só podia estar dormindo. Se estavam seguros agora, se Teresa e todos os outros estavam bem, devia ser mesmo um sonho. Relaxou de novo, entregando-se ao torpor.

Porém outros sons furtivos lhe invadiram a consciência. Pancadas surdas. Rangido de metal contra metal. Estilhaços. Garotos aos berros. Um ruído mais parecido com o eco de gritos abafados, bem distantes. De repente, tornaram-se mais estridentes. Gritos medonhos de angústia. Ainda longe, no entanto. Parecia estar envolvido em um casulo espesso, macio e escuro.

Por fim, algo perfurou a bolha confortável do sono. Aquilo não estava certo. Teresa o chamara avisando que havia algo de errado! Lutou contra o sono profundo que o consumia, afastando de si o torpor intenso e sufocante.

Acorde!, gritou para si mesmo. Acorde!

Então algo se desfez dentro dele. Num instante, estava ali. No outro, havia sumido. Teve a sensação de que um órgão vital havia sido arrancado de seu corpo.

Era ela. Ela se fora.

Teresa!, gritou mentalmente. Teresa! Você está aí?

Nenhuma resposta. A sensação agradável de cumplicidade havia

desaparecido. Gritou o nome dela de novo, depois outra vez, ainda lutando contra a opressão sombria do sono.

Por fim, a realidade se impôs, repelindo a escuridão. Thomas, engolfado pelo terror, abriu os olhos. Sentou-se imediatamente na cama e se ergueu num salto. Olhou ao redor.

Era o caos.

Os outros Clareanos corriam de um lado para outro no salão, aos gritos. E sons horrendos, terríveis, horripilantes cortavam o ar, como guinchos angustiantes de um animal sob tortura. Caçarola estava lá: apontava para uma janela, o rosto pálido. Newt e Minho corriam em direção à porta. Winston mantinha as mãos sobre o rosto assustado e devastado pela acne, como se acabasse de ver um zumbi antropófago. Os demais tropeçavam uns nos outros, espreitando através das janelas, mas mantendo distância dos vidros. Dolorosamente, Thomas se deu conta de que nem sequer sabia o nome dos vinte garotos sobreviventes do Labirinto, um pensamento estranho em meio a toda aquela movimentação.

Algo que percebeu pelo canto do olho o fez se virar na direção da parede. O que viu afastou de vez qualquer tranquilidade e segurança que pudesse ter sentido ao falar com Teresa durante o sono. E o fez duvidar de que tais emoções pudessem existir no mesmo mundo em que se achava agora.

A não mais que um metro da cama, protegida por cortinas coloridas, uma janela deixava passar uma luz ofuscante a ponto de cegá-los. Os vidros estavam quebrados, e os cacos presos nas grades de ferro entrecruzadas. Do outro lado, um homem o observava, agarrado às grades com as mãos ensanguentadas. Exibia uma expressão de genuíno terror nos olhos arregalados e vermelhos de sangue. Ferimentos e cicatrizes cobriam o rosto fino e bronzeado. Na cabeça, nem um fio de cabelo sequer; apenas manchas esverdeadas de feridas que faziam lembrar algum tipo de musgo. Um talho horrível rasgava-lhe o lado direito da face. Era possível entrever os dentes pelo ferimento, pulsante e ulcerado. A saliva rosada escorria em fios sinuosos, gotejando do queixo.

– Sou um Crank! – gritou o homem assustador. – Sou um maldito Crank!

E passou a repetir, aos berros, as mesmas palavras, cuspindo a saliva maligna ao guinchar:

– Matem-me! Matem-me! Matem-me!

3

Thomas sentiu uma mão forte apertar seu ombro; com um grito, virou-se e deparou com Minho, também observando o maníaco que gritava na janela.

– Eles estão por toda parte – observou Minho. Sua voz expressava um pessimismo que combinava perfeitamente com o que Thomas sentia. Era como se toda a esperança que haviam ousado acalentar na noite anterior tivesse se dissolvido por completo. – E não há nem sinal daqueles trolhos que resgataram a gente – acrescentou.

Thomas estava vivendo entre o medo e o horror nas últimas semanas, mas aquilo era demais: obter segurança só para perdê-la depois. Ainda chocado, forçou-se a deixar de lado aquele impulso de voltar para a cama e se acabar em lágrimas, apesar da dor pungente pela saudade da mãe e daquela coisa estranha sobre o pai e as outras pessoas estarem enlouquecendo. Alguém precisava tomar a frente da situação – necessitavam de um plano, se quisessem sobreviver a mais essa.

– Algum desses já conseguiu entrar? – indagou, estranhamente calmo. – Todas as janelas têm grades?

Minho fez que sim com a cabeça, indicando uma das muitas janelas do comprido salão retangular.

– Estava escuro demais para notar ontem à noite, ainda mais com essas cortinas ridículas cheias de babados. Mas não vou negar: estou bem contente de estarem aí agora.

Thomas observou os Clareanos ao redor, ainda correndo de uma janela a outra, acotovelando-se em pequenos grupos e olhando para fora. Na expressão de cada um, uma máscara de descrença e terror.

– Onde está Newt?

– Bem aqui.

Thomas se virou e deu de cara com o garoto mais velho, sem entender como não o notara antes.

– O que está acontecendo?

– Por acaso você acha que faço alguma ideia? Pelo que parece, há um punhado de loucos querendo nos comer no café da manhã. Precisamos encontrar outro salão para fazer uma reunião. Toda essa barulheira entra na minha maldita cabeça como se fossem pregos.

Thomas assentiu com ar distante; concordava com o plano, mas esperava que Newt e Minho se encarregassem disso. Ainda ansiava em fazer contato com Teresa. Esperava que o aviso dela fosse apenas parte de um sonho, uma alucinação daquela droga de sono profundo e exaustivo. E aquela visão da mãe…

Os dois amigos se afastaram, gritando e agitando os braços para reunir os Clareanos. Thomas observou mais uma vez, ainda assustado, o fanático em frangalhos à janela. Desviando o olhar, desejou deletar da mente a visão de carne despedaçada e sanguinolenta, dos olhos insanos, dos gritos histéricos.

Matem−me! Matem−me! Matem−me!

Afastou-se para um canto distante, sentindo o corpo pesar enquanto se recostava à parede.

Teresa, chamou mentalmente. Teresa, você pode me ouvir?

Esperou, fechando os olhos para se concentrar. Pensou em estender os braços, alcançá-la com mãos invisíveis, tocar em algum resquício dela. Nada. Nem mesmo uma sombra ou um vestígio fugaz de sensação, quanto menos uma resposta.

Teresa, repetiu com mais insistência, rangendo os dentes no esforço de concentração. Onde você está? O que aconteceu?

Nada. Seu coração pareceu retardar os batimentos e quase parar. Sentiu como se houvesse engolido um enorme tufo de algodão macio. Só podia ter acontecido alguma coisa com ela.

Abriu os olhos e avistou os Clareanos aglomerados ao redor da porta pintada de verde. Por ela se chegava à área comum onde haviam comido pizza na noite anterior. Minho forçava, sem resultado, a maçaneta redonda de latão. Fechada.

A única porta, além daquela, dava para o banheiro e um vestiário, de onde não havia saída. Era isso, e as janelas. Todas com grades de ferro. Como se

adiantassem para alguma coisa! Em cada uma delas, lunáticos berravam do lado de fora.

Com a preocupação corroendo-lhe as veias como ácido, Thomas desistiu por ora de tentar contato com Teresa e foi falar com os outros Clareanos. Newt ainda tentava abrir a porta, com o mesmo esforço inútil.

– Está trancada – murmurou, depois de enfim desistir, os braços pendendo ao lado do corpo.

– Verdade, gênio? – ironizou Minho, os braços fortes cruzados e contraídos, as veias salientes em todo o corpo. Por uma fração de segundo, Thomas pensou ter visto de verdade correr sangue através delas. – Não admira que seu nome seja uma homenagem a Isaac Newton… que incrível capacidade de raciocínio.

Newt não mordeu a isca. Talvez já tivesse aprendido a ignorar os comentários sarcásticos de Minho.

– Vamos arrombar esta maldita porta. – Olhou ao redor como se esperasse que alguém lhe desse um martelo.

– Gostaria que esses mértilas… que esses Cranks calassem a boca! – berrou Minho, voltando-se para examinar com mais atenção uma mulher ainda mais horrorosa que o outro Crank enlouquecido à janela. Um ferimento em carne viva e sanguinolento rasgava-lhe a face até a lateral da cabeça.

– Cranks? – indagou Caçarola. O cozinheiro pródigo em pelos estivera em silêncio até então, tendo passado quase despercebido.

Ele parecia mais assustado que antes da batalha contra os Verdugos, que lhes dera a chance de escapar do Labirinto. Talvez a ameaça atual fosse mesmo maior. Quando tinham ido dormir, na noite anterior, a impressão era de que estavam em segurança. É... Quem sabe fosse pior ter a paz aniquilada de um hora para outra.

Minho apontou a mulher desvairada.

– É assim que eles ficam se chamando. Não ouviu ainda?

– Estou me lixando para o nome desses purulentos – vociferou Newt. – Consigam alguma coisa pra arrombar esta maldita porta!

– Tome – disse um garoto baixinho, entregando-lhe um pequeno, porém pesado, extintor de incêndio que havia retirado da parede. Lembrando-se de tê-lo visto antes, Thomas se sentiu mais uma vez culpado por não saber o nome do garoto.

Newt agarrou o cilindro vermelho, pronto para usá-lo contra a maçaneta da

porta. Ansioso para ver o que havia do outro lado, Thomas permaneceu o mais próximo possível dele. Tinha um péssimo pressentimento de que, fosse o que fosse, não ia gostar.

Newt ergueu o extintor e o bateu contra a fechadura. O estrondo da pancada foi acompanhado de um rangido sonoro. Com apenas mais três golpes, a fechadura desabou, o metal despedaçado contra o chão provocando um ruído violento. A porta se abriu com um protesto agudo, mas sem revelar nada além da completa escuridão do outro lado.

Newt ficou imóvel, observando o espaço estreito e comprido que se perdia em um vácuo negro, como se esperasse que demônios do submundo voassem sobre ele. Com uma expressão indiferente, devolveu o extintor ao garoto baixinho.

– Vamos – disse ele.

Thomas identificou um ligeiro tremor em sua voz.

– Esperem – gritou Caçarola. – Têm certeza de que devemos seguir por aí? Talvez a porta estivesse trancada por algum motivo.

Thomas não pôde deixar de concordar; algo parecia errado.

Minho adiantou-se e parou ao lado de Newt. Encarou Caçarola, depois buscou Thomas com o olhar.

– O que mais podemos fazer? Ficar aqui sentados, aguardando a entrada desses lunáticos? Vamos lá!

– Aqueles malucos nunca vão conseguir atravessar as grades das janelas – replicou Caçarola. – Vamos parar e pensar um pouco.

– O tempo pra pensar já acabou – insistiu Minho. E, dando um chute na porta, escancarou-a por completo. O outro lado parecia ainda mais escuro. – Além do mais, devia ter falado antes de arrombarmos a porta, cabeção. Agora é tarde.

– Odeio quando você tem razão – resmungou Caçarola, bufando.

Thomas não conseguia desviar o olhar do espaço além da porta, uma vastidão de um negro absoluto. Sentiu uma ponta de apreensão já bastante familiar; algo estava errado ali, ou as pessoas que os haviam resgatado antes teriam vindo procurá-los há muito tempo. No entanto, Minho e Newt estavam determinados: precisavam sair dali e encontrar respostas.

– Mértila! – exclamou Minho. – Vou na frente.

Sem esperar resposta, passou pela porta, desaparecendo nas trevas quase instantaneamente. Newt dirigiu a Thomas um olhar vacilante, depois o seguiu.

Por alguma razão desconhecida, Thomas achava que deveria ser o próximo.

Deixou o dormitório e entrou hesitante na escuridão da área comum, as mãos estendidas à frente.

A luz escassa proveniente do outro aposento não ajudava muito a iluminar o caminho; daria no mesmo caminhar de olhos fechados. E o lugar exalava um odor bastante desagradável. Horrível, para dizer o mínimo.

– Uou! – Minho gritou à frente. Depois se dirigiu aos que vinham atrás. – Tomem cuidado. Algo... estranho está pendurado no teto.

Thomas ouviu um ligeiro chiado, alguma coisa rangendo, como se Minho esbarrasse em um lustre baixo, fazendo-o oscilar. A um grunhido de Newt, em algum ponto à direita, seguiu-se o ruído metálico de algo sendo arrastado.

– Mesa – anunciou Newt. – Cuidado com as mesas.

– Alguém se lembra de onde ficam os interruptores? – perguntou Caçarola, que vinha atrás de Thomas.

– Era exatamente o que estava procurando – respondeu Newt. – Juro que me lembro de ter visto um deles em algum lugar por aqui.

Thomas prosseguiu às cegas, embora os olhos fossem aos poucos se habituando: onde antes havia uma vasta escuridão, agora conseguia distinguir perfis contra as sombras. Ainda assim, algo parecia estranho, fora do lugar. Continuava se sentindo desorientado, como se as coisas estivessem onde não deveriam estar. Era quase como se…

– Epa... opa... ahn? – Minho gemeu, com um estremecimento de repulsa, dando mostras de haver tropeçado em uma coisa parecida com um monte de lixo. Outro rangido ecoou no salão.

Antes de poder perguntar o que tinha acontecido, foi a vez de Thomas esbarrar em alguma coisa. Algo duro. Com uma forma estranha. Parecia feito de tecido.

– Encontrei! – gritou Newt.

Ouviram-se alguns estalos. O repentino clarão das luzes fluorescentes iluminou o salão e cegou Thomas por um tempo. Ele se afastou aos tropeços da coisa em que havia esbarrado, esfregando os olhos, mas seu corpo atingiu uma forma rígida, que o empurrou para longe de si.

– Uou! – berrou Minho.

Thomas estreitou os olhos, e a visão melhorou. Pôde então observar, incrédulo, aquela cena de horror.

Ao longo de todo o amplo salão, pendiam pessoas do teto – no mínimo uma

dúzia delas. Todas haviam sido amarradas pelo pescoço, as cordas fundas na pele roxa e inchada. Os corpos rígidos oscilavam lentamente, para lá e para cá, sem parar, línguas rosadas saindo de lábios esbranquiçados. Todos mantinham os olhos abertos, o olhar inexpressivo da morte em exibição, inconfundível. Pela posição dos corpos, era fácil deduzir que estavam dependurados há horas. As roupas e alguns dos rostos pareciam familiares.

Thomas caiu de joelhos.

Conhecia aqueles mortos.

Eram os que haviam resgatado os Clareanos. Apenas um dia antes.

4

Thomas tentou não olhar para os mortos ao se levantar. Mal deu um passo e tropeçou em Newt, ainda próximo do interruptor, o olhar aterrorizado vagando pelos corpos pendurados no salão.

Minho aproximou-se deles e resmungou um palavrão. Outros Clareanos chegaram, gritando de susto ao tomar consciência do que acontecera. Thomas ouviu sons de vômito, soluços, e alguns cuspiram de puro nojo. Ele mesmo sentiu náuseas, mas se conteve. O que teria acontecido? Como era possível que toda a paz fosse destruída tão depressa? O desespero ameaçou sufocá-lo, e seu estômago se contraiu.

Então, lembrou-se de Teresa.

Teresa!, chamou em pensamento. Teresa!, gritou mentalmente vezes seguidas, com os olhos fechados e o maxilar cerrado. Onde você está?

– Tommy – chamou Newt, estendendo a mão para tocar seu ombro. – Que diabos há com você?

Thomas abriu os olhos e percebeu que havia inclinado o corpo, os braços ao redor do estômago em um abraço apertado. Pouco a pouco se recompôs, tentando afastar o pânico que o consumia por dentro.

– O que… o que você acha? Olhe à nossa volta.

– Eu sei. Mas você parecia estar com algum tipo de dor.

– Não, estou bem… só tentava chamar Teresa em pensamento. Mas não consigo. – Na verdade, não estava nada bem. Odiava falar com os outros sobre a comunicação telepática entre ele e Teresa. E, se todas aquelas pessoas estavam mortas… – Precisamos descobrir onde a colocaram – desabafou por fim, agarrando-se com urgência a uma tarefa qualquer que o ajudasse a clarear os pensamentos. Correu os olhos pelo salão, tentando ao máximo não se deter

nos corpos, à procura de uma porta que pudesse conduzi-lo ao quarto dela. Ela havia dito que o quarto ficava na outra extremidade da área comum, no lado oposto ao do dormitório onde haviam passado a noite.

Lá! Uma porta amarela com fechadura de latão.

– Ele tem razão – disse Minho ao grupo. – Espalhem-se. Vamos encontrá-la!

– Acho que já encontrei. – Thomas partiu para a ação, surpreso com a rapidez em recobrar os sentidos. Correu até a porta, esquivando-se de mesas e corpos. Ela devia estar lá, tão segura quanto eles. A porta estava fechada, provavelmente trancada, o que era um bom sinal. Talvez estivesse imersa em um sono profundo, como ele. Por isso estava quieta, sem responder.

Estava prestes a abrir a porta, quando então se lembrou de que talvez precisasse de algo para arrombá-la.

– Ei, peguem aquele extintor de incêndio! – gritou por cima do ombro.

O cheiro na área comum era horroroso; Thomas engasgou ao respirar.

– Winston, vá pegá-lo – ordenou Minho.

Antes, Thomas estendeu a mão e testou a maçaneta. Nada; também estava trancada. Em seguida notou um plástico transparente, como um quadro de avisos, pendurado à direita na parede, um retângulo de uns trinta centímetros de altura. Haviam inserido uma folha de papel dentro do plástico, com várias palavras datilografadas.

Teresa Agnes. Grupo A, Indivíduo A1.
A Traidora.

Estranhamente, o que mais chamou a atenção de Thomas foi o sobrenome de Teresa. Ou, pelo menos, o que parecia ser seu sobrenome. Agnes. Não entendeu por quê, mas aquela informação o surpreendeu. Teresa Agnes. Não conseguia recordar de ninguém ao alcance da consciência, enevoada por uma história que flutuava em lembranças ainda escassas, que correspondesse àquele nome. Ele próprio fora rebatizado em homenagem a Thomas Edison, o grande inventor. Mas Teresa Agnes? Nunca tinha ouvido falar dela.

O nome de todos eles, é claro, era mais uma piada que qualquer outra coisa, provavelmente um exercício de insensibilidade que os Criadores – o CRUEL, ou quem quer que tivesse feito isso com eles – haviam encontrado para se distanciar das pessoas reais que tinham roubado de mães e pais reais. Thomas mal podia esperar pelo dia em que descobriria seu nome verdadeiro, aquele

que estava gravado na mente de seus pais. Quem quer que fossem. Onde quer que estivessem.

Recordações incompletas que recuperara a princípio, ao passar pela Transformação, haviam-no feito pensar que não tinha pais que o amassem. Que, quem quer que fossem, não o desejavam. Que fora tirado deles em circunstâncias horríveis. Mas, agora, recusava-se a acreditar nisso, especialmente depois de ter sonhado com a mãe durante a noite.

Minho estalou os dedos diante dos olhos de Thomas.

– Chamando Thomas, câmbio. Não é um bom momento para devaneios. Tantos defuntos por aí, e esse cheiro de uma das gororobas do Caçarola... Acorde!

Thomas se voltou para ele.

– Desculpe. Estava pensando em como é estranho o sobrenome de Teresa.

Minho estalou a língua em desdém.

– Quem está preocupado com isso? E essa coisa esquisita sobre ela ser a Traidora?

– E o que significa "Grupo A, Indivíduo A1"? – Perguntou Newt, entregando o extintor de incêndio para Thomas. – Seja lá o que for, é sua vez de arrombar a maldita fechadura.

Thomas pegou o cilindro vermelho, subitamente irritado por desperdiçar mesmo que alguns segundos pensando na estúpida placa. Teresa estava ali dentro e precisava de ajuda. Afastando o incômodo que a palavra "traidora" lhe causava, segurou com força o extintor e o bateu contra a fechadura de latão. O impacto do solavanco subiu por seus braços, e o estrondo de metal contra metal reverberou no ambiente. Sentiu que a fechadura cedia um pouco, e lhe bastaram mais dois golpes para que ela caísse e a porta se abrisse alguns centímetros.

Thomas atirou o cilindro para o lado e avançou para a porta, escancarando-a. A ânsia provocada pela expectativa se misturava ao temor do que poderia encontrar. Foi o primeiro a entrar no quarto iluminado.

Era uma versão reduzida do dormitório dos garotos, com apenas quatro beliches, dois armários e uma porta fechada, que parecia conduzir a outro banheiro. As camas estavam perfeitamente arrumadas, com exceção de uma, cujo cobertor fora desajeitadamente amontoado em um canto. Uma parte do travesseiro pendia para fora da cama, e o lençol estava amarrotado. Mas nenhum sinal de Teresa.

– Teresa! – chamou Thomas, a garganta contraída pelo pânico.

O som do fluxo de água da descarga atravessou a porta fechada e uma sensação repentina de alívio se apoderou de Thomas. A emoção foi tão forte que quase precisou se sentar. Teresa estava lá, em segurança. Procurou se recompor e fez menção de se dirigir ao banheiro, mas Newt o segurou pelo braço.

– Você está acostumado a viver com um bando de garotos – falou. – Não acho que seja educado invadir assim o banheiro das mulheres. Espere até ela sair.

– Depois precisamos convocar todo mundo e fazer uma reunião – acrescentou Minho. – Aqui não tem mau cheiro e não há janelas para aterrorizar os Cranks.

Até aquele momento, Thomas não reparara na ausência de janelas, embora devesse ser o detalhe mais óbvio, considerando o caos do próprio dormitório. Cranks. Quase me esquecera daquela multidão de alucinados.

– Espero que ela não demore – murmurou.

– Vou trazer todo mundo para cá – avisou Minho. Dando meia-volta, encaminhou-se para a área comum.

Thomas ficou olhando para a porta do banheiro. Newt, Caçarola e alguns outros Clareanos entraram no quarto e se sentaram nas camas, todos inclinados para a frente, cotovelos apoiados nos joelhos, esfregando as mãos com ar distraído, a ansiedade e a preocupação evidentes na linguagem corporal.

Teresa?, chamou Thomas mentalmente. Consegue me ouvir? Estamos esperando por você do lado de fora.

Nenhuma resposta. E ele ainda sentia aquele vazio, como se a presença dela lhe tivesse sido definitivamente arrancada.

Ouviu-se um estalo. A maçaneta da porta do banheiro girou; a porta se abriu, sendo empurrada na direção de Thomas. Ele avançou um passo, pronto para abraçar Teresa – sem se preocupar em ser flagrado pelos presentes. Mas quem saiu do banheiro não foi Teresa. Foi um garoto. Que usava o mesmo tipo de roupa que todos haviam recebido na noite anterior: um conjunto limpo com camisa de botão e calça de flanela azul-clara. A pele do garoto tinha um tom azeitonado, e o cabelo escuro era bem curto, com um corte surpreendente. O olhar de surpresa inocente no rosto do menino foi a única coisa que o impediu de agarrar o trolho pelo colarinho e chacoalhá-lo até conseguir algumas respostas.

– Quem é você? – indagou, sem se preocupar se as palavras soariam ásperas.

– Quem sou eu? – o garoto repetiu um tanto sarcasticamente. – Quem é você?

Newt se levantara, postando-se mais perto do garoto do que Thomas.

– Não me venha com enrolação. Somos bem mais numerosos que você. Diga logo quem é.

O garoto cruzou os braços, o corpo inteiro retesado em uma postura desafiadora.

– Muito bem. Meu nome é Aris. O que mais querem saber?

Thomas teve vontade de esmurrar aquele garoto, parado ali e se achando muito importante, enquanto Teresa continuava desaparecida.

– Como chegou aqui? Onde está a garota que dormia neste quarto até ontem à noite?

– Garota? Que garota? Sou a única pessoa neste quarto, e foi assim desde que me trouxeram para cá, ontem à noite.

Thomas se virou e apontou para a porta da área comum.

– Existe uma placa lá fora dizendo que este é o quarto dela. Teresa… Agnes. Não há nenhuma referência a um inútil chamado Aris.

Algo em seu tom de voz deve ter feito o garoto perceber que não se tratava de uma brincadeira. Com expressão séria, Aris ergueu as mãos num gesto conciliador.

– Olhe, cara, não sei do que está falando. Eles me puseram aqui ontem à noite. Dormi nesta cama – apontou para a que estava com o lençol e o cobertor desarrumados –, acordei uns cinco minutos atrás e fui mijar. Nunca ouvi falar de Teresa Agnes em toda a minha vida. Desculpe.

O breve momento de alívio que Thomas sentira ao ouvir a descarga do banheiro definitivamente desaparecera. Ele e Newt se entreolharam, sem saber o que perguntar em seguida.

Newt deu de ombros, indeciso, depois tornou a se voltar para Aris.

– Quem pôs você aqui ontem à noite?

Aris lançou os braços para o ar, em seguida os deixou pender.

– Nem eu mesmo sei, cara. Um monte de pessoas armadas, que nos resgataram e disseram que tudo ficaria bem a partir de agora.

– Resgataram você do quê? – indagou Thomas. Aquela situação estava cada vez mais estranha. Realmente estranha.

O olhar de Aris se perdeu no chão e os ombros caíram. Uma onda

avassaladora de terríveis lembranças parecia tê-lo alcançado. Por fim, suspirou, depois tornou a erguer os olhos para Thomas, e respondeu:

– Do Labirinto, cara. Do Labirinto.

5

Algo se abrandou em Thomas. O garoto não estava mentindo, podia garantir. A expressão de horror em seu rosto era de um tipo que ele conhecia muito bem. Sentira o mesmo e presenciara expressões iguais em muitos outros semblantes. Sabia exatamente que espécie de terríveis lembranças deixava alguém com aquela aparência. Também estava bastante inclinado a acreditar que Aris não fazia a menor ideia do que havia acontecido com Teresa.

– É melhor sentar – sugeriu Thomas. – Acho que temos muito que conversar.

– O que quer dizer com isso? – indagou Aris. – Quem são vocês? De onde vieram?

Thomas deixou escapar um risinho.

– Do Labirinto. Dos Verdugos. Do CRUEL. Chame como quiser.

Tanta coisa havia acontecido! Por onde começar? Embora a preocupação com Teresa fizesse sua mente girar, deixando-o a ponto de sair correndo dali para procurá-la, tentou se conter.

– Estão mentindo – acusou Aris, a voz reduzida a um sussurro, o rosto agora totalmente pálido.

– Não estamos não – respondeu Newt. – Tommy está certo. Precisamos conversar. Parece que viemos de lugares parecidos.

– Quem é aquele cara?

Thomas se virou e, pela porta entreaberta, viu Minho retornando, seguido por um grupo de Clareanos. Vinham com o semblante retorcido de asco pelo cheiro lá fora, os olhos ainda arregalados de terror ao deparar com a cena do salão próximo dali.

– Minho, este é Aris – apresentou Thomas, afastando-se para o lado e

indicando o outro garoto com um gesto. – Aris, este é Minho.

Minho gaguejou algumas palavras ininteligíveis, como se não conseguisse decidir direito por onde começar.

– Olhe – disse Newt –, vamos desmontar as camas de cima do beliche e distribuí-las pelo quarto. Assim poderemos nos sentar e descobrir que palhaçada é essa que está acontecendo.

Thomas balançou a cabeça em discordância.

– Não. Primeiro precisamos achar Teresa. Ela deve estar em algum outro quarto.

– Não tem nenhum outro – disse Minho.

– O que está dizendo?

– Acabei de examinar todo o lugar. Há a grande área comum, mais este quarto, o nosso dormitório e algumas portas que dão para o exterior, onde descemos do ônibus ontem. Estão trancafiadas com correntes. Não faz nenhum sentido, mas não vejo nenhuma outra porta ou saída além destas.

Thomas balançou a cabeça, confuso. Era como se milhões de aranhas tivessem acabado de tecer teias por todo o seu cérebro.

– Mas… e o que aconteceu ontem à noite? De onde veio a comida? Repararam se havia outros salões, uma cozinha, alguma coisa do gênero? – Olhou ao redor, esperando uma resposta, mas ninguém se manifestou.

– Talvez exista uma porta oculta – sugeriu Newt. – Olhe, só podemos fazer uma coisa de cada vez. Precisamos…

– Não! – Thomas gritou. – Temos o dia inteiro pra falar com esse Aris. A placa na porta comprova que Teresa está aqui, em algum lugar… precisamos encontrá-la!

Sem esperar resposta, encaminhou-se à porta, de volta à área comum, abrindo caminho por entre os garotos. O mau cheiro o atingiu como se um balde de puro esgoto houvesse se derramado sobre sua cabeça. Os corpos inchados e roxos pendiam como carcaças de animais dispostas para secar. Thomas sentia os olhos sem vida voltados em sua direção.

Teve náuseas; o asco lhe embrulhava o estômago de maneira familiar e enjoativa. Fechando os olhos por um segundo, forçou as entranhas a se acalmarem. Quando isso enfim aconteceu, iniciou a busca por algum sinal de Teresa, concentrando-se com todas as forças na decisão de não olhar para os cadáveres.

Então, um pensamento horrível lhe ocorreu. E se…

Atravessou o salão às pressas, investigando o rosto de cada cadáver. Nenhum deles era o dela. O alívio dissolveu o rápido momento de pânico, e então pôde se concentrar no espaço propriamente dito.

As paredes que cercavam a área eram do tipo mais comum possível; a argamassa lisa pintada de branco não ostentava decoração de nenhuma espécie. E, por alguma razão, não havia janelas. Percorreu rapidamente todo o lugar, deslizando a mão pela parede ao passar. Chegou à porta do dormitório dos garotos, passou por ela, e em seguida alcançou a grande porta da entrada pela qual haviam passado no dia anterior. Chovia torrencialmente na ocasião, algo que lhe parecia impossível agora, considerando o sol brilhante que entrevira atrás do Crank louco na janela.

A porta de entrada – ou de saída –, constituída de duas grandes folhas de aço, de um prateado brilhante. Exatamente como Minho dissera, uma imensa corrente – com elos de uns três centímetros de espessura – tinha sido passada pelos puxadores das portas e presa com dois grandes cadeados. Thomas estendeu a mão e pegou a corrente, verificando sua resistência. Sentiu a frieza do metal e a corrente maciça, que não cedeu sequer um milímetro.

Thomas esperava ouvir batidas do outro lado – Cranks tentando entrar, como haviam feito nas janelas do dormitório. Mas o salão permanecia silencioso. Os únicos sons, abafados, vinham dos dois quartos – gritos e lamentos distantes dos Cranks e o murmúrio da conversa entre os Clareanos.

Frustrado, Thomas passou mais um tempo ali, junto das paredes. Nada, nem mesmo uma rachadura que indicasse outra saída. O salão nem sequer era quadrado – além de grande, era arredondado, sem cantos.

Completamente perplexo, Thomas pensou na noite anterior, quando todos haviam se sentado e comido pizza, como pessoas famintas que eram. Com certeza não tinham reparado em portas, na cozinha, em nada disso. Quanto mais pensava a respeito, mais tentava recriar a cena na mente, por mais confusa que lhe parecesse. Um alarme soou, entretanto – o cérebro deles já fora manipulado antes. Teria acontecido de novo? Será que suas lembranças haviam sido alteradas, ou apagadas?

E o que acontecera com Teresa?

Desesperado, pensou em engatinhar pelo chão em busca de um alçapão ou algo parecido – tinha de haver alguma pista do que acontecera. Mas não conseguia passar nem mais um minuto ali com todos aqueles corpos em decomposição. Só lhe restava o novo garoto. Suspirando, Thomas voltou ao

quarto onde o haviam encontrado. Aris tinha de saber alguma coisa que o ajudasse.

Exatamente como Newt instruíra, as camas superiores dos beliches haviam sido colocadas ao redor do quarto contra as paredes, criando espaço suficiente para que Aris e os outros dezenove Clareanos se sentassem em círculo, todos de frente um para o outro.

Quando Minho avistou Thomas, indicou com um tapinha um lugar vago a seu lado.

– Eu avisei, cara. Sente-se aqui e vamos conversar. Estávamos esperando você. Mas antes feche aquela mértila de porta… o mau cheiro lá fora está pior que o fedor dos pés do Gally.

Sem responder, Thomas fechou a porta, aproximou-se dele e se sentou. Queria afundar a cabeça nas mãos, mas não o fez. Nada indicava com certeza que Teresa corria perigo. Embora algo estranho estivesse acontecendo, havia um milhão de explicações possíveis para aquilo tudo, e um grande número delas podia indicar que ela estava bem.

Newt estava sentado em uma cama à direita, tão inclinado para a frente que apenas seu traseiro descansava sobre o colchão.

– Muito bem, vamos começar a discutir sobre essa maldita história até chegarmos ao verdadeiro problema… encontrar alguma coisa pra comer.

Como se pudesse ouvir a deixa, o estômago de Thomas roncou, num repentino acesso de fome. Aquele problema não lhe ocorrera até o momento. Quanto à água, tudo bem – tinham os banheiros –, mas não havia nem sinal de comida em lugar nenhum.

– Boa – comentou Minho. – Fale, Aris. Conte tudo pra gente.

O novo garoto estava frente a frente com Thomas, do outro lado do quarto – os Clareanos sentados ao lado do estranho procuravam se afastar dele, empurrando os outros em direção à extremidade da cama. Aris balançou a cabeça.

– De jeito nenhum. Vocês é que começam.

– Ah, é? – retrucou Minho. – Que tal a gente se revezar para lhe dar uma surra até arrancar um plong dessa sua cara de mértila? Depois a gente pergunta de novo.

– Minho – protestou Newt, a expressão séria. – Não há motivo…

Minho levantou a mão, apontando para Aris.

– Faça o favor, cara. Não sabemos nada dele. Esse trolho pode até ser um dos

Criadores, alguém que o CRUEL mandou aqui pra nos espionar. Ele pode ter matado aquelas pessoas lá fora… É o único que não conhecemos, e as portas e janelas estão trancadas! Me dá nojo só em pensar que ele tenha agido assim, todo metido, enquanto somos vinte contra um. Ele fala primeiro!

Thomas se conteve para permanecer em silêncio. Mas tinha certeza de que o garoto jamais se abriria se Minho o assustasse.

Newt suspirou e olhou para Aris.

– Ele tem razão. Agora conte pra gente o que quis dizer com aquela história de ter vindo de um maldito labirinto. Foi de onde escapamos, e com certeza não conhecemos você.

Aris esfregou os olhos, depois encontrou o olhar atento de Newt.

– Certo, então escutem. Fui atirado naquele gigantesco Labirinto feito de imensos muros de pedra… mas antes disso minha memória foi apagada. Não conseguia me lembrar de mais nada sobre minha vida. Só sabia meu nome. Vivi lá com um punhado de garotas. Lá devia ter umas cinquenta, e eu era o único menino. Escapamos alguns dias atrás… As pessoas que nos ajudaram nos mantiveram em um grande ginásio por alguns tempo, depois me trouxeram pra cá ontem à noite. Mas ninguém me explicou nada. Que história é essa de vocês terem ficado em um labirinto também?

Thomas mal conseguiu ouvir as últimas palavras de Aris, tantas eram as exclamações de surpresa dos outros Clareanos. Seu cérebro foi tomado por um redemoinho de pensamentos confusos. Aris narrara tudo o que havia passado de maneira tão simples e rápida que parecia descrever um passeio à praia. Mas aquilo era loucura. Uma loucura monumental, se fosse verdade. Por sorte, alguém expressou exatamente o que Thomas tentava ordenar dentro da cabeça.

– Espere um minuto – disse Newt. – Você viveu em um grande labirinto, numa fazenda, onde as paredes se fechavam todas as noites? Só você e algumas garotas? Havia lá criaturas com nome de Verdugos? Foi o último a entrar, e tudo ficou de pernas pro ar após sua chegada? Você ficou em coma, com um bilhete que dizia ser o último de todos?

– Uou, uou, uou – Aris interrompeu, antes mesmo de Newt terminar. – Como sabe tudo isso? Como…

– É o mesmo experimento de mértila – falou Minho, o tom desafiador de antes esvaindo-se da voz. – Ou o mesmo… seja lá o que for. Só que, no caso dele, eram várias garotas com um garoto, e, no nosso, éramos vários com uma

só garota. O CRUEL deve ter construído dois daqueles labirintos, para dois testes diferentes!

A linha de raciocínio de Thomas chegara a esse ponto também. Enfim conseguiu se acalmar o suficiente para articular algumas palavras. Voltou-se para Aris.

– Chamaram você de Sinal?

Aris confirmou com um gesto de cabeça, obviamente tão perplexo quanto qualquer outro ali.

– E você era capaz de… – Thomas fez menção de falar, mas hesitou. Todas as vezes que tocava nesse assunto, tinha a impressão de admitir ao mundo que era louco. – Era capaz de se comunicar em pensamento com uma daquelas garotas? Você sabe, uma espécie de... telepatia?

Aris arregalou os olhos, fixando-os com intensidade em Thomas, como se entendesse o segredo obscuro que só mais alguém que o partilhasse podia entender.

Você pode me ouvir? A frase surgiu tão nítida na mente de Thomas que ele chegou a pensar que Aris havia falado em voz alta. Mas não... os lábios não tinham se movido.

Pode me ouvir?, insistiu o garoto.

Thomas hesitou, engolindo em seco. Sim.

Eles a mataram, Aris respondeu. Mataram minha melhor amiga.

6

– O que está acontecendo? – quis saber Newt, alternando o olhar entre Thomas e Aris. – Por que vocês dois estão trocando olhares enigmáticos, como se tivessem acabado de se apaixonar?

– Ele também pode – respondeu Thomas, sem desviar o olhar do novo garoto, percebendo os outros apenas pela visão periférica. Aquela declaração final de Aris o deixara aterrorizado; se tinham matado a parceira telepática dele…

– Pode o quê? – quis saber Caçarola.

– O que você acha? – retrucou Minho. – Ele é tão esquisito quanto o Thomas. Os dois conseguem conversar mentalmente.

Newt cravou os olhos em Thomas.

– Está falando sério?

Thomas confirmou, meneando a cabeça, e fez menção de continuar a comunicação telepática com Aris, mas, no último segundo, perguntou em voz alta:

– Quem a matou? O que aconteceu?

– Quem matou quem? – indagou Minho. – Sem esses truques de magia enquanto estivermos por perto.

Thomas, agora com os olhos marejados, desviou o olhar de Aris e o fixou em Minho.

– Ele tinha alguém com quem podia fazer isso, exatamente como eu. Quer dizer… tem alguém. Mas me contou que a mataram. Quero saber quem foi.

Aris tinha abaixado a cabeça; de onde Thomas estava, ele parecia estar de olhos fechados.

– Não sei realmente quem eram. É tudo muito confuso. Não saberia separar

os bandidos dos mocinhos. Mas acho que de algum modo fizeram com que uma das garotas, Beth, apunhalasse… a minha amiga. O nome dela era Rachel. Ela está morta, cara. Está morta. – Aris cobriu o rosto com as mãos.

A confusão que invadiu a mente de Thomas chegava a lhe causar dor física. Tudo indicava que Aris viesse de outra versão do Labirinto, montado no mesmo formato, exceto pela proporção de garotos e garotas. Mas isso faria de Aris uma versão de Teresa. E aquela Beth que Aris mencionara parecia a versão deles de Gally, que matara Chuck. Com uma faca. Será que Gally devia ter matado Thomas em vez de Chuck?

Mas por qual motivo Aris estaria ali naquele momento? E onde se encontrava Teresa? As informações, prestes a se encaixar em sua cabeça, confundiram-se de novo.

– Bem, como você veio parar entre a gente? – quis saber Newt. – Para onde foram todas aquelas garotas que você mencionou? Quantas delas escaparam com você? Trouxeram todos pra cá ou só você?

Thomas não pôde deixar de sentir certa pena de Aris. Ser atormentado com todas aquelas perguntas depois de tudo por que havia passado... Se os papéis estivessem trocados, se Thomas tivesse visto Teresa ser morta… Assistir ao que acontecera com Chuck já havia sido ruim o bastante.

"Ruim o bastante?", pensou. Ver Teresa morrer não teria sido pior? Thomas sentiu vontade de gritar. Naquele momento, o mundo não prestava nem valia a pena.

Aris enfim levantou os olhos e enxugou algumas lágrimas do rosto. Fez esse gesto sem o menor sinal de vergonha, e Thomas se deu conta de que começava a gostar daquele garoto.

– Olhem – falou Aris –, estou tão confuso quanto todos vocês. Cerca de trinta de nós sobreviveram. Eles nos levaram para aquele ginásio, nos deram comida, deixaram que nos limpássemos. Depois me trouxeram pra cá, ontem à noite, dizendo que eu deveria ficar separado por ser um garoto. Só isso. Daí vocês, varões, apareceram.

– Varões? – estranhou Minho.

Aris balançou a cabeça.

– Não importa. Nem eu sei o que significa. Foi apenas a palavra que usaram quando cheguei lá.

Minho e Thomas se entreolharam, sorridentes. Era como se os dois grupos tivessem inventado o próprio vocabulário.

– Ei – um Clareano desconhecido por Thomas chamou a atenção dos outros. Estava inclinado contra a parede, atrás de Aris, apontando para ele. – O que é isso no seu pescoço? Essa marca preta, logo abaixo da gola.

Aris tentou baixar os olhos, mas não conseguiu ver. Por mais que virasse a cabeça, era impossível enxergar aquela parte do corpo.

– O que é?

Quando o garoto mudou de posição, Thomas avistou a mancha escura logo acima da gola da camisa. Era uma espécie de linha grossa, que cortava a lateral do pescoço, indo em direção às costas. Estava interrompida a certa altura, como se houvesse letras naquele espaço.

– Espere, deixe-me dar uma olhada – ofereceu-se Newt. Levantou-se da cama e deu a volta, mancando mais que de costume – aquele era um problema que trazia do passado, cuja história jamais dividira com Thomas. Estendeu a mão e afastou a gola da camisa para examinar melhor a estranha marca.

– É uma tatuagem – informou Newt, olhando de soslaio, como se não acreditasse no que via.

– E o que diz aí? – perguntou Minho, embora já tivesse levantado da cama, aproximando-se para ver por si mesmo.

Como Newt não respondeu de imediato, a curiosidade forçou Thomas a se levantar também. Logo estava à direita de Minho, inclinando-se para observar a tatuagem. O que viu impresso ali em letras grossas descompassou seu coração.

Propriedade: CRUEL. Grupo B, Indivíduo B1. O Parceiro.

– O que será que isso quer dizer? – indagou Minho.

– O que está escrito? – quis saber Aris, afastando a gola da camisa e deslizando a mão sobre a pele do pescoço e do ombro. – Juro que não tinha nada aí ontem à noite!

Newt leu as palavras para ele, acrescentando em seguida:

– Propriedade: CRUEL? Pensei que tivéssemos escapado dele. E que você tivesse escapado também. Não importa. – Afastou-se, visivelmente frustrado, e tornou a se sentar.

– Por que chamariam você de Parceiro? – comentou Minho, ainda apreciando a tatuagem.

Aris balançou a cabeça.

– Não faço a menor ideia. Juro. E esse negócio não estava aí ontem à noite. Eu tomei banho, me olhei no espelho. Teria visto. E alguém também teria notado lá no Labirinto, com certeza.

– Está me dizendo que fizeram essa tatuagem em você no meio da noite? – perguntou Minho. – Sem que percebesse? Corta essa, cara!

– Eu juro! – Aris insistiu. Então se levantou e foi ao banheiro, provavelmente para tentar ver por si próprio as palavras tatuadas.

– Não acredito em uma mértila de palavra do que ele diz – sussurrou Minho para Thomas, enquanto retornava a seu lugar. Mas, ao se recostar na parede, largando-se sobre o colchão, sua camisa se deslocou o suficiente para revelar uma grossa linha preta no pescoço.

– Uou! – exclamou Thomas. Por um segundo, sentiu-se atordoado demais até para se mover.

– O que foi? – quis saber Minho, olhando para Thomas como se acabasse de brotar uma terceira orelha em sua testa.

– Seu… seu pescoço – Thomas enfim murmurou. – Você também está com o mesmo sinal no pescoço!

– De que mértila está falando? – protestou Minho, puxando a camisa, o rosto franzido ao fazer um esforço para ver algo que não conseguia.

Thomas inclinou-se sobre ele, afastou as mãos do garoto, depois puxou a gola da camisa para trás.

– Nossa… Está bem aqui! A mesma coisa, a não ser…

Thomas leu as palavras para si mesmo:

Propriedade: CRUEL. Grupo A, Indivíduo A7. O Líder.

– O que tem aí, cara? – Minho berrou para ele.

A maioria dos outros Clareanos se reuniu atrás de Thomas, acotovelando-se para dar uma olhada. Thomas leu as palavras tatuadas em voz alta, surpreso por fazê-lo sem hesitar.

– Você está me gozando, cara – disse Minho, levantando-se. Abriu caminho em meio ao grupo reunido e repetiu o trajeto feito por Aris até o banheiro.

Iniciou-se o frenesi. Thomas sentiu a própria camisa ser puxada enquanto puxava a dos demais. Os garotos começaram a falar ao mesmo tempo.

– Todas dizem Grupo A.

– Propriedade: CRUEL, assim como a dele.

– Você é Indivíduo A13.

– Indivíduo A19.

– A3.

– A10.

Aos poucos, Thomas se viu em meio a uma onda vertiginosa de Clareanos descobrindo sucessivamente tatuagens uns nos outros. A maioria delas não tinha uma designação adicional como as de Aris e Minho, só o termo de propriedade. Newt ia de garoto em garoto, examinando com os próprios olhos, o rosto impassível como se se concentrasse em memorizar nomes e números. Depois, meio por acaso, os dois ficaram frente a frente.

– O que diz a minha? – indagou Newt.

Thomas puxou para o lado a gola da camisa de Newt, inclinando-se para ler as palavras gravadas na pele.

– Você é o Indivíduo A5 e eles o chamaram de Grude.

Newt lhe lançou um olhar assustado.

– Grude?

Thomas soltou a camisa dele e recuou um passo.

– Pois é. Provavelmente porque você é a liga que nos mantém unidos. Não sei... Leia a minha.

– Já li…

Thomas notou que uma expressão estranha tomara conta das feições de Newt. Uma expressão de hesitação. Ou medo. Como se não quisesse lhe contar o que estava escrito na sua tatuagem.

– E então?

– Você é o Indivíduo A2 – respondeu Newt. Em seguida, baixou os olhos.

– E aí? – insistiu Thomas.

Newt hesitou, depois respondeu sem olhar para ele:

– Não o chamam de nada. Aí só diz… "a ser morto pelo Grupo B".

7

Thomas não teve tempo de refletir sobre o que Newt havia dito. Na verdade, ainda tentava definir se estava confuso ou assustado quando o badalar de um sino tomou conta de todo o aposento. Cobriu as orelhas com as mãos, instintivamente, e olhou ao redor.

Notou a expressão perplexa de reconhecimento no rosto dos presentes, e só então se deu conta. Era o mesmo som que tinham ouvido no Labirinto pouco antes de Teresa aparecer na Caixa. Aquela havia sido a única vez em que o ouvira, e, agora, limitado a um aposento pequeno, era diferente: mais forte, sucedendo-se em ecos sobrepostos. Ainda assim, tinha certeza absoluta de que se tratava da mesma coisa. Era o alarme usado na Clareira para anunciar a chegada de um Calouro.

E não parava de soar. Thomas já sentia o despontar de uma dor de cabeça se formando, pesada, sobre os olhos.

O olhar dos Clareanos oscilava de um lado a outro, o espanto os consumindo, enquanto observavam paredes e teto, todos tentando imaginar a origem daquele ruído. Alguns se sentaram sobre as camas, as mãos pressionadas contra as laterais da cabeça, protegendo os ouvidos. Thomas também tentou descobrir a origem do alarme, mas não conseguiu perceber nada. Não havia alto-falantes nas paredes, nem um duto de aquecedor ou de ar-condicionado, nada mesmo. Apenas um som que parecia vir de todos as direções ao mesmo tempo.

Newt agarrou o braço de Thomas, gritando em seu ouvido:

– É o maldito alarme que anuncia os Calouros!

– Eu sei!

– Por que está soando?

Thomas deu de ombros, esperando que seu rosto não revelasse o quanto se sentia incomodado. Como poderia saber o que estava acontecendo?

Minho e Aris haviam retornado do banheiro, ambos esfregando a nuca com um ar ausente, e, ao depararem com o rebuliço, olharam para os outros com ar de interrogação. Não demorou para perceberem que os demais tinham tatuagens semelhantes. Caçarola havia se aproximado da porta que conduzia ao salão da área comum e estava prestes a tocar o que um dia fora uma maçaneta.

– Espere! – gritou Thomas num impulso. Aproximou-se de Caçarola, sentindo Newt em seu encalço.

– Por quê? – indagou Caçarola, a mão ainda pairando no ar, a alguns centímetros da porta.

– Não sei – replicou Thomas, sem saber ao certo se tinha ouvido algo além do barulho do sino. – Esse ruído é um alarme. Talvez algo muito ruim esteja pra acontecer.

– É isso mesmo! – gritou Caçarola. – Quer dizer que a gente precisa dar o fora daqui!

Sem esperar pela resposta de Thomas, empurrou a porta. Como ela não se moveu, insistiu mais um pouco. Ao ver que nem assim a porta cedia, lançou-se contra ela com todo o seu peso, um dos ombros em primeiro lugar.

Nada. Continuava tão imóvel quanto uma parede.

– Você quebrou a mértila da maçaneta! – berrou Caçarola, dando um murro na porta de pura frustração.

Thomas não aguentava mais gritar acima do som; estava cansado e a garganta doía. Virou-se e se apoiou contra a parede, os braços cruzados. A maioria dos Clareanos parecia tão desanimada quanto Thomas – exaustos pela busca por respostas, por uma saída. Todos agora se encontravam sentados nas camas ou simplesmente parados, uma expressão vazia no rosto.

Motivado mais por desespero que por qualquer outra coisa, Thomas chamou Teresa de novo, várias e várias vezes. Ela não respondeu e, em meio àquele ruído ensurdecedor, não sabia se conseguiria se concentrar o bastante para ouvi-la. Como sentia sua ausência! Era como despertar um dia sem nenhum dente na boca: não era preciso correr ao espelho para constatar que haviam sumido.

Então o alarme parou.

Nunca o silêncio tivera o próprio som. Como um enxame agitado de abelhas, ele se instalou no quarto com ferocidade, levando Thomas a levantar

as mãos e enfiar um dedo em cada orelha. Cada respiração, cada suspiro era como uma explosão se comparados à névoa bizarra do silêncio.

Newt foi o primeiro a se manifestar.

– Não me digam que ainda vão trazer malditos Calouros pra ficar com a gente.

– Onde fica a Caixa nesta mértila de lugar? – perguntou Minho com sarcasmo.

Um ligeiro estalido fez Thomas se voltar, atento, para a porta. O vão era de alguns centímetros – uma porção de trevas que se abria para a área comum, criada pela porta agora entreaberta. Alguém apagara as luzes do outro lado. Caçarola afastou-se.

– Acho que eles querem que a gente vá lá agora – disse Minho.

– Então por que não vai primeiro? – sugeriu Caçarola.

Minho já se adiantava.

– Sem problema. Talvez apareça um novo trolho pra gente zoar e chutar seu traseiro quando não tiver nada melhor pra fazer. – Encaminhou-se para a porta, mas se deteve e olhou de esguelha para Thomas. Sua voz soou surpreendentemente suave. – A gente podia ter outro Chuck.

No fundo, Thomas sabia que não era por mal. Com certeza, Minho tentava – do seu jeito esquisito, é verdade – mostrar que sentia a falta de Chuck tanto quanto todo mundo. Mas a referência ao amigo, e num momento tão estranho quanto aquele, deixou Thomas furioso. O instinto o aconselhou a ignorar a provocação – já tinha dificuldades suficientes no momento. Precisava se separar de seus sentimentos por um tempo e apenas seguir em frente. Um passo depois do outro. Refletir sobre tudo aquilo.

– É mesmo – respondeu por fim. – Você vai lá ou quer que eu vá primeiro?

– O que sua tatuagem dizia? – replicou Minho num sussurro, ignorando a pergunta de Thomas.

– Não importa. Vamos dar o fora daqui.

Minho balançou a cabeça, concordando, ainda sem olhar direto para ele. Depois sorriu, e o que quer que o incomodasse tão profundamente pareceu se desvanecer, uma atitude descontraída substituindo a expressão antes séria.

– Boa. Se alguns zumbis começarem a comer minha perna, por favor, me proteja.

– Combinado. – Thomas o apressou com um gesto, motivando-o a seguir adiante. Era claro que outra grande mudança naquela sua jornada ridícula

estava por vir, e não queria esperar mais.

Minho empurrou a porta. O que era apenas uma faixa de escuridão tornou-se um vasto e tenebroso vácuo negro: a área comum agora estava tão às escuras quanto no momento em que haviam deixado o dormitório dos garotos. Minho passou pela porta e Thomas seguiu em seu encalço.

– Espere aqui – sussurrou Minho. – Não há necessidade de nós dois brincarmos de bate-bate com cadáveres de novo. Vou encontrar o interruptor primeiro.

– Por que será que apagaram as luzes? – indagou Thomas. – Quero dizer... quem apagou?

Minho voltou-se para ele; a luz do quarto de Aris se espalhou por seu rosto, um holofote na careta de desgosto.

– Por que você sempre insiste em fazer perguntas, cara? Nada nunca fez sentido, e provavelmente nunca fará. Agora, me deixe em paz e fique quieto.

Minho foi tragado com rapidez pela escuridão. Thomas ouviu passos suaves sobre o carpete e o som sibilante de sua mão deslizando pela parede enquanto caminhava.

– Achei! – gritou Minho, de um local que parecia estar à direita de Thomas.

Ouviram-se alguns estalidos e depois as luzes piscaram em todo o salão. Por uma brevíssima fração de segundo, Thomas não percebeu a transformação gritante pela qual o local passara. Mas depois se deu conta, e, como se aquilo despertasse também os outros sentidos, notou que o cheiro horrível de corpos em decomposição desaparecera.

E agora sabia por quê.

Os corpos haviam sumido, sem deixar nenhum vestígio de que em algum momento tivessem estado ali.

8

Vários segundos se passaram antes de Thomas perceber que não era mais preciso conter a respiração. Inspirando o ar profundamente, ficou boquiaberto diante do salão vazio. Nem sinal dos corpos inchados de pele arroxeada. Nem sinal do mau cheiro.

Newt passou por ele, o andar ligeiramente claudicante, até parar no centro exato do piso acarpetado do salão.

– Impossível – disse, num lento rodopio, observando o teto de onde, minutos antes, corpos pendiam presos a cordas. – Não houve tempo suficiente para alguém tirar todos daqui. E ninguém mais entrou neste maldito salão. A gente teria percebido a movimentação!

Thomas afastou-se para o lado e se recostou na parede, abrindo espaço para Aris e os outros Clareanos. Espalhou-se um silêncio coletivo de assombro enquanto, um por um, os demais notavam a ausência dos mortos. Quanto a Thomas, sentia uma apatia, como se fosse incapaz de se surpreender com qualquer outra coisa.

– Você estava certo – Minho falou para Newt. – Ficamos lá dentro com a porta fechada por… quanto? Vinte minutos? Não é possível que alguém tenha removido tantos corpos com tamanha rapidez. Além disso, este lugar está trancado por dentro.

– Sem falar que o mau cheiro desapareceu – acrescentou Thomas.

Minho concordou com um gesto de cabeça.

– Bem, seus trolhos, se querem bancar os espertos, tudo bem – disse Caçarola, um tanto ofegante. – Mas olhem ao redor. Eles desapareceram. Portanto, pensem o que quiserem, de algum modo conseguiram se livrar dos corpos.

Thomas não tinha mais ânimo para discutir o assunto – não desejava sequer fazer um comentário a respeito. Bem, os cadáveres tinham desaparecido. Por acaso não tinham visto coisas mais estranhas?

– Ei – disse Winston –, aquela gente louca parou de gritar e gemer.

Thomas se afastou da parede para escutar melhor. Silêncio.

– Pensei que não fosse possível ouvi-los do quarto de Aris. Mas você está certo… eles pararam.

Logo todo mundo correu em direção ao dormitório maior, na outra extremidade da área comum. Thomas os acompanhou, bastante interessado em olhar através das janelas e ver o mundo lá fora. Antes, com os Cranks gritando e pressionando o rosto contra as grades de ferro, ficara horrorizado demais para aproveitar a vista.

– Só pode ser brincadeira! – Minho berrou lá da frente. Então, sem mais explicações, desapareceu salão adentro.

Enquanto avançava naquela direção, Thomas notou que cada garoto hesitava por um segundo, arregalava os olhos, imóvel no batente da porta, depois seguia em frente e entrava no dormitório. Esperou enquanto Aris e todos os Clareanos afunilavam-se à entrada, e então os seguiu.

Ao passar pela porta, sentiu o mesmo choque que percebera na expressão dos outros garotos. No geral, o salão era o mesmo que haviam deixado ao sair dali. Mas havia uma diferença descomunal: em todas as janela, sem exceção, fora erguido um muro de tijolos vermelhos do lado de fora das grades de ferro, bloqueando por completo cada centímetro da vista. A única luz do salão vinha dos painéis no teto.

– Mesmo que tivessem trabalhado rápido com os corpos – Newt falou –, tenho certeza absoluta de que não teriam tempo para construir esses malditos muros de tijolos. O que está acontecendo aqui?

Minho se aproximou de uma das janelas e estendeu o braço por entre as grades, pressionando a mão contra os tijolos.

– Bem sólido – comentou, dando uns tapinhas no muro.

– E a construção nem parece recente – murmurou Thomas, aproximando-se de um dos muros para testá-lo com as próprias mãos. Resistente e frio. – A argamassa está seca. De algum modo, nos enganaram. É isso.

– Enganaram? – indagou Caçarola. – Como?

Thomas deu de ombros, sentindo a apatia voltar. Desejava ainda desesperadamente falar com Teresa.

– Não sei. Lembra-se do Penhasco? A gente saltava no ar e caía dentro de um buraco invisível. Quem sabe o que essa gente é capaz de fazer...

Os trinta minutos seguintes passaram em meio a um torpor mental. Thomas perambulou por ali, a exemplo de todos os demais, inspecionando os muros de tijolos, procurando sinais de que algo mais houvesse mudado. Várias coisas estavam diferentes, e uma mudança parecia mais estranha que a outra. Todas as camas do dormitório dos Clareanos estavam arrumadas e não havia o menor sinal das roupas imundas que usavam antes de trocá-las pelos pijamas fornecidos na noite anterior. Os armários tinham mudado de lugar, embora a diferença fosse sutil, e alguns garotos discordassem de que haviam sido movidos. De qualquer modo, cada um fora abastecido com roupas limpas, tênis e um novo relógio digital para cada um deles.

No entanto, a maior mudança de todas – descoberta por Minho – foi a placa do lado de fora do quarto onde haviam encontrado Aris. Em vez de Teresa Agnes, Grupo A, Indivíduo A1, A Traidora, agora se lia:

Aris Jones. Grupo B, Indivíduo B1.
O Parceiro

Todos observaram a nova placa, depois se afastaram, mas Thomas ficou parado diante dela, incapaz de desviar os olhos. Para ele, era como se o novo rótulo oficializasse o fato: Teresa fora tirada dele e substituída por Aris. Nada disso fazia sentido, mas não importava mais. Voltou ao dormitório dos garotos, encontrou a cama estreita em que dormira durante a noite – ou, pelo menos, a que imaginava ser aquela – e deitou-se, colocando o travesseiro sobre a cabeça, numa tentativa de fazer o mundo desaparecer.

O que havia acontecido com ela? O que havia acontecido com eles? Onde estavam? O que deveriam fazer? Sem mencionar as tatuagens…

Virando a cabeça de lado, o corpo acompanhando depois, fechou bem os olhos e cruzou os braços com força, encolhendo as pernas em posição fetal. Em seguida, decidido a continuar tentando até obter uma resposta dela, chamou-a em pensamento.

Teresa? Pausa. Teresa? Pausa mais longa. Teresa!, gritou mentalmente, o corpo todo retesado com o esforço. Teresa, onde você está? Por favor, responda! Por que não se comunica mais comigo? Te…

Saia da minha cabeça!

As palavras explodiram dentro de sua mente, tão vívidas e estranhamente audíveis que Thomas sentiu uma pontada de dor transpassar seus olhos e chegar aos ouvidos. Sentou-se na cama, depois se levantou. Era ela. Definitivamente, era ela.

Teresa? Apertou dois dedos de cada mão contra as têmporas. Teresa?

Seja quem for, dê o fora da mértila da minha cabeça!

Thomas cambaleou para trás, sentando outra vez na cama. Fechou os olhos enquanto se concentrava.

Teresa, sobre o que está falando? Sou eu, Thomas. Onde você está?

Cale a boca! Era ela, sem dúvida, mas sua voz mental estava carregada de medo e raiva. Faça o favor de calar a boca! Não sei quem você é! Deixe–me em paz!

Mas…, Thomas começou a dizer, completamente perdido. Teresa, o que há de errado com você?

Ela fez uma pausa antes de responder, como se organizasse os pensamentos, e, quando enfim voltou a falar, Thomas sentiu nela uma tranquilidade quase perturbadora.

Deixe–me em paz, ou vou atrás de você e corto sua garganta. Eu juro.

E ela se foi. Apesar da advertência, no entanto, tentou chamá-la de novo, mas o mesmo vazio que sentira naquela manhã retornou – a presença dela lhe fora arrancada.

Thomas se recostou na cama, algo horrível ardendo-lhe pelo corpo todo. Num gesto brusco, enterrou a cabeça no travesseiro e chorou pela primeira vez desde que Chuck fora assassinado. As palavras da placa à porta dela – A Traidora – não o deixavam em paz. Todas as vezes que lhe vieram à mente, no entanto, lutou contra o pensamento.

Ninguém o incomodou, por incrível que parecesse, nem lhe perguntou o que havia de errado. Os soluços abafados foram se acalmando, transformados em uma respiração profunda e amena, até que caiu no sono. Outra vez, sonhou.

Está um pouco mais crescido dessa vez, provavelmente com sete ou oito anos. Uma luz muito brilhante paira sobre sua cabeça como algo mágico.

As pessoas, em estranhos trajes verdes e com óculos esquisitos, o espreitam, bloqueando momentaneamente com a cabeça o brilho da luz que se projeta

para baixo. Apenas os olhos das pessoas são visíveis, nada mais. Bocas e narizes estão cobertos por máscaras. Thomas, de algum modo, é ele mesmo na sua idade e, ainda assim, observa tudo como se fosse alguém de fora. Mas consegue sentir o medo do garoto.

As vozes que soam são abafadas e incompreensíveis. Algumas são de homens, outras de mulheres, mas ele não é capaz de diferenciar uma coisa da outra nem de dizer quem é quem.

Não é capaz de entender muita coisa, afinal.

Apenas relances. Fragmentos de conversa. Tudo é aterrorizante.

– Temos de fazer um corte mais profundo nele e na garota.

– Será que o cérebro deles vai aguentar?

– É tão incrível, não é mesmo? O Fulgor está bem enraizado nele.

– Ele poderia até morrer.

– Ou, pior, poderia até viver.

Thomas ouve uma última fala, finalmente algo que não o faz se arrepiar de desgosto ou pavor:

– Ou ele e os outros poderiam nos salvar. Salvar todos nós.

9

Quando Thomas acordou, a sensação que tinha na cabeça era de que lhe haviam batido estacas de gelo pelas orelhas adentro, os fragmentos pontudos atingindo-lhe o cérebro. Encolhendo-se, ergueu as mãos para esfregar os olhos e sentiu um enjoo que fez o quarto girar. Lembrou-se então das coisas terríveis que Teresa havia dito, depois do sonho breve, e foi tomado por uma onda de angústia. Quem eram aquelas pessoas? Aquilo era real? O que significavam aqueles comentários horríveis a respeito do seu cérebro?

– É bom ver que você ainda sabe como tirar uma soneca.

Thomas espreitou com os olhos semicerrados e viu Newt em pé ao lado da cama, encarando-o.

– Quanto tempo se passou? – perguntou Thomas, afastando os pensamentos sobre Teresa e o sonho – memórias? – para um canto obscuro da mente, só para ter com que se torturar mais tarde.

Newt olhou para o relógio de pulso.

– Umas duas horas. Quando vimos você se deitar, acabamos relaxando também. Não dá pra fazer muita coisa por aqui, a não ser sentar e esperar que aconteça algo novo. Não há como sair deste lugar.

Thomas tentou não gemer com o esforço de se sentar, as costas agora apoiadas na parede, à cabeceira da cama.

– A gente tem pelo menos alguma comida?

– Não. Mas tenho toda a certeza de que não teriam feito tanta coisa pra trazer a gente aqui, nos enganar ou seja lá o que tenham feito, só para deixar a gente morrer de fome, em total desgraça. Alguma coisa vai acontecer. Isso me faz lembrar de quando mandamos nosso primeiro grupo para o Labirinto. O grupo inicial que tinha Alby, Minho e alguns outros, além de mim. Os

Clareanos originais. – Soltou a última frase com um toque de sarcasmo pouco sutil.

Thomas ficou intrigado, surpreso por nunca ter se interessado em saber como havia sido antes.

– Isso faz você lembrar de quê?

Newt pousou o olhar no muro de tijolos da janela mais próxima.

– Todos nós acordamos no meio do dia, deitados no chão ao redor das portas da Caixa. Ela estava fechada. Nossa memória havia sido apagada, exatamente como a sua quando chegou. Ficaria surpreso em saber com que rapidez a gente se reuniu e dominou o pânico. Éramos cerca de trinta. Obviamente, a gente não tinha nenhuma maldita pista do que havia acontecido, como tínhamos chegado ali e o que devíamos fazer. E nos sentíamos aterrorizados, desorientados. Mas, uma vez que todo mundo estava na mesma situação péssima, nos organizamos e tomamos conta do lugar. Em poucos dias, toda a fazenda funcionava, cada um fazendo o próprio trabalho.

Thomas se sentia mais aliviado, pois a dor de cabeça tinha diminuído. E ficava intrigado ao ouvir aquelas informações sobre o início da Clareira – as peças espalhadas do quebra-cabeça, recuperadas durante a Transformação, não haviam sido suficientes para construir lembranças completas.

– Os Criadores já tinham providenciado tudo? Plantações, animais, todas aquelas coisas?

Newt confirmou com um gesto de cabeça, ainda olhando para a janela emparedada.

– Pois é, mas foi preciso trabalhar duro pra fazer as coisas funcionarem sem problemas. Várias tentativas e erros antes de realizarmos qualquer coisa.

– Então… esta situação faz você se lembrar de quê? – Thomas insistiu.

Newt o encarou.

– Acho que, na época, todos tinham a sensação de que devia haver um sentido em nos mandarem para lá. Se alguém quisesse nos matar, por que não o tinha feito ainda? Por que nos mandariam a um lugar imenso com uma casa, um estábulo e animais? E, como a gente não tinha outra escolha, aceitamos aquilo e começamos a trabalhar e a explorar o local.

– Mas já exploramos isto aqui – retrucou Thomas. – Não há sinal de animais, nem de alimentos, nem de um Labirinto.

– É, eu sei, mas pense bem. O conceito é o mesmo. É evidente que há um maldito sentido em estarmos aqui. Vamos acabar descobrindo.

– Se a gente não morrer de fome primeiro.

Newt apontou para o banheiro.

– Temos bastante água; vai demorar alguns dias pra gente morrer. Alguma coisa vai acontecer antes disso.

No fundo, Thomas também acreditava naquilo; só debatia o assunto para organizar os próprios pensamentos.

– Mas… e quanto a todas aquelas pessoas mortas que vimos? Talvez tenham nos resgatado de verdade. Foram mortas, e agora estamos ferrados. Quem sabe não era pra gente ter feito alguma coisa, mas agora está tudo perdido e fomos deixados aqui pra morrer.

Newt soltou uma risada.

– Você é uma porcaria de plong depressivo, cabeção. Não, com todos aqueles corpos desaparecidos e os muros de tijolos, diria que isto aqui está mais para um Labirinto. Estranho e impossível de explicar. Nosso maior e mais recente mistério. Talvez nosso próximo teste, quem sabe. Aconteça o que acontecer, teremos uma chance, assim como tivemos naquele maldito Labirinto. Eu lhe garanto.

– Bem… – Thomas murmurou, imaginando se devia ou não contar o que havia sonhado. Decidindo deixar para depois, acrescentou: – Espero que esteja certo. Desde que não apareça nenhum Verdugo, ficaremos bem.

Newt já balançava a cabeça em discordância antes mesmo de Thomas ter terminado.

– Faça o favor, cara. Cuidado com a porcaria que você deseja. Talvez mandem algo ainda pior.

Nesse instante, a imagem de Teresa surgiu de repente entre os pensamentos de Thomas, e ele perdeu toda a vontade de falar.

– Quem é o otimista agora? – forçou-se a dizer.

– Você me pegou nessa – replicou Newt, levantando-se. – Acho que vou chatear outro até a agitação começar. E é bom que seja o quanto antes, droga. Estou morrendo de fome.

– Cuidado com o que deseja.

– Essa foi boa.

Newt afastou-se, e Thomas deixou-se cair de costas, olhando para a cama de cima. Fechou os olhos depois de um tempo, mas, quando viu o rosto de Teresa nas trevas de seus pensamentos, tornou a abri-los com rapidez. Se fosse para sair dessa, precisava tentar esquecê-la, pelo menos por enquanto.

Fome.

É como um animal aprisionado dentro da gente, pensou Thomas. Depois de três dias inteiros sem comer, parecia que um animal perverso, persistente, com garras grotescas, tentava abrir caminho através de seu estômago. Aquela sensação era constante, a cada segundo de cada minuto de cada hora. Bebia água, sempre que possível, das pias do banheiro, mas não adiantava para afugentar a fera. Ao contrário, sentia que a fortalecia, potencializando sua capacidade de lhe causar um sofrimento maior nas entranhas.

Os demais passavam pela mesma tortura, ainda que a maioria guardasse as queixas para si. Thomas observava-os andando de lá para cá, a cabeça baixa, o queixo caído, como se cada passo queimasse mil calorias. Os garotos não paravam de lamber os lábios. Agarravam o estômago, apertavam-no, como se tentassem acalmar um roedor furioso. Depois de algum tempo, a menos que fossem ao banheiro para usá-lo ou tomar um gole de água, os Clareanos não se moviam mais. Assim como Thomas, ficavam estirados no beliche, exaustos. A pele baça, os olhos fundos.

Thomas via aquela situação como uma espécie de envenenamento coletivo, e presenciar a reação dos outros só piorava as coisas – era um lembrete vívido de que aquilo não era algo que pudesse simplesmente ignorar. Era real, e a morte encontrava-se à espreita.

Sonolência entorpecedora. Banheiro. Água. Arrastar-se de volta à cama. Sonolência entorpecedora... sem mais nenhuma lembrança-sonho que vivenciara antes. Aquilo se tornara um ciclo de horror, interrompido apenas por pensamentos esporádicos a respeito de Teresa. Suas palavras duras contra ele eram a única coisa que aliviava a perspectiva da morte, ainda que só um pouco. Ela fora sua única esperança após o Labirinto e a morte de Chuck. E agora estava desaparecida, não havia comida, e assim se passaram três longos dias.

Fome. Sofrimento.

Havia desistido de se incomodar com as horas – aquilo só fazia o tempo se arrastar, um lembrete vívido ao corpo do longo período sem comer. Mas teve a impressão de que estavam mais ou menos no meio da tarde do terceiro dia quando, abruptamente, um som sibilante chegou até eles, vindo da área comum.

Voltou-se para a porta de comunicação entre os dois aposentos, sabendo que devia se levantar e verificar o que era. Mas sua mente já havia mergulhado em mais um daqueles torpores obscuros e entrecortados, o mundo todo ao redor envolto em neblina.

Talvez tivesse imaginado aquilo. Mas então ouviu de novo.

Disse a si mesmo que era preciso se levantar.

Em vez disso, entregou-se ao sono.

– Thomas.

Era a voz de Minho. Ainda fraca, mas mais forte do que na última vez que a ouvira.

– Thomas... Cara, acorde.

Thomas abriu os olhos, impressionado por ter sobrevivido a outro momento de sonolência. As coisas ficaram fora de foco por um segundo, e a princípio não acreditou que fosse real o que pensava estar a poucos centímetros de seu rosto. Mas a imagem entrou em foco, e o contorno arredondado e vermelho, com manchas esverdeadas espalhadas pela superfície brilhante, deram-lhe a impressão de estar fitando o próprio paraíso.

Uma maçã.

– Onde você… – Não se incomodou em terminar: aquelas duas palavras exauriram toda a sua força.

– Só coma – ouviu a voz de Minho, seguida por um mastigar ruidoso.

Thomas relanceou o olhar para o amigo, que abocanhava outra maçã. Então, recuperando os últimos resquícios de energia de algum recanto perdido dentro de si, apoiou-se no cotovelo e apanhou a fruta deixada sobre a cama. Ergueu-a até a boca e a mordiscou. A explosão de sabor e sumo provocou uma sensação gloriosa.

Gemendo, atacou o resto da fruta. E engoliu tudo, até o miolo cheio de sementes, antes que Minho – mesmo tendo começado a comer antes – terminasse a dele.

– Vá com calma – aconselhou Minho. – Se comer desse jeito, vai acabar vomitando em seguida. Aqui tem outra… desta vez, tente ir mais devagar.

Ele estendeu a segunda maçã para Thomas, que a pegou sem nem sequer mencionar um obrigado, desferindo-lhe uma sonora mordida. Ao mastigar, optando por engolir o conteúdo da boca antes de abrigar outra porção nela,

percebeu que era realmente capaz de sentir os primeiros sinais de energia correndo pelo corpo.

– É tão bom... – murmurou. – É mertilamente bom.

– Você continua parecendo um idiota toda vez que usa o jargão da Clareira – respondeu Minho, antes de dar outra mordida.

Thomas ignorou-o.

– De onde veio isso?

Minho hesitou, interrompendo a mastigação, depois respondeu:

– Encontramos no salão da área comum. Junto com… mais algumas coisinhas. Os trolhos que encontraram disseram que minutos antes haviam acabado de olhar para o local onde essas coisas apareceram, e não tinha nada ali. Mas não interessa; não me importo.

Thomas arrastou as pernas para fora da cama e se sentou.

– O que mais encontraram?

Minho deu uma mordida na maçã, depois inclinou a cabeça em direção à porta.

– Veja você mesmo.

Thomas revirou os olhos e se levantou devagar. A fraqueza doentia continuava, como se a maior parte das entranhas tivesse sido sugada e só restassem alguns ossos e tendões para mantê-lo ereto. Mas conseguiu se firmar, sentindo, depois de alguns segundos, que estava melhor que da última vez em que fizera a longa e penosa caminhada ao banheiro.

Assim que se sentiu capaz de se equilibrar, dirigiu-se à porta e entrou na área comum. Há três dias o salão estivera cheio de cadáveres. Agora estava apinhado de Clareanos pegando coisas de uma grande pilha de alimentos que sem dúvida havia surgido ali sem prévio aviso. Frutas, verduras, pacotes.

No entanto, mal havia percebido isso quando uma visão ainda mais bizarra, no lado oposto do salão, chamou sua atenção. Estendeu a mão para se apoiar na parede.

Uma grande escrivaninha de madeira havia sido colocada junto à porta do outro quarto.

Atrás da escrivaninha, um homem magro de roupa branca, sentado numa cadeira, apoiava os pés cruzados sobre o tampo.

O homem lia um livro.

10

Thomas permaneceu ali, em pé, por um minuto inteiro, observando o homem sentado descontraidamente junto à escrivaninha. Era como se houvesse lido daquele modo e naquele exato lugar todos os dias de sua vida. O cabelo negro e ralo era repartido de lado sobre a careca muito alva; o nariz comprido era torto, ligeiramente voltado para a direita; e os olhos castanhos e inquietos corriam de um lado a outro enquanto lia – de um modo curioso, o homem parecia relaxado e nervoso ao mesmo tempo.

E a roupa branca... Calça, camisa, gravata, paletó. Meias. Sapatos. Tudo branco.

O que seria aquilo?

Thomas olhou para os Clareanos, que mastigavam frutas e porções tiradas de um saco em que havia uma mistura de nozes, castanhas, amêndoas e cereais. Pareciam não perceber o homem na escrivaninha.

– Quem é esse sujeito? – indagou Thomas, a ninguém em particular.

Um dos garotos levantou os olhos, parando de mastigar por um segundo. Depois mastigou rápido e engoliu.

– Ele não vai nos dizer nada. Falou que precisava esperar até estar pronto. – O garoto deu de ombros, como se aquilo não fosse grande coisa, enquanto mordia uma laranja descascada.

Thomas voltou a atenção para o estranho. Ele continuava imperturbável em sua leitura. Virou uma página com um ruído abafado e continuou deslizando os olhos pelas palavras.

Perplexo, e mesmo com o estômago reclamando por mais comida, Thomas não pôde deixar de se aproximar do homem para investigar melhor a situação. Tanta coisa estranha para compreender...

– Cuidado – avisou um dos Clareanos, mas era tarde demais.

A três metros da escrivaninha, Thomas chocou-se contra uma parede invisível. O nariz a atingiu primeiro, esmagando-se contra o que parecia ser uma fria superfície de vidro. O restante do corpo acompanhou o movimento, colidindo contra o obstáculo. O choque fez Thomas cambalear para trás. Instintivamente, levantou a mão para esfregar o nariz, enquanto estreitava os olhos e refletia como era possível não ter notado a barreira de vidro.

No entanto, por mais atento que fosse seu olhar agora, ainda assim não viu nada. O menor brilho ou reflexo, nenhuma marca em lugar algum. Apenas o espaço livre. E, enquanto aquilo acontecia, o homem nem sequer se moveu ou deu a mínima indicação de que havia notado alguma coisa.

Mais devagar desta vez, Thomas aproximou-se, levando as mãos à frente. Logo tocou a parede invisível… Mas como? O material era parecido com vidro: liso, duro e frio ao toque, exceto pelo detalhe de que Thomas não via absolutamente nada que indicasse a presença de algo sólido ali.

Frustrado, ele se afastou para o lado esquerdo, depois para o direito, tocando diversos pontos da parede invisível, porém consistente. Ela abrangia todo o espaço ao redor do homem; não havia como se aproximar do estranho à escrivaninha. Thomas por fim deu-lhe umas pancadinhas, provocando uma série de ruídos abafados, mas nada aconteceu de fato. Alguns dos Clareanos atrás dele, entre eles Aris, comentaram que já haviam tentado a mesma coisa.

Apenas uns três metros à frente, o homem estranhamente vestido soltou um suspiro exagerado enquanto encolhia os pés cruzados sobre a escrivaninha e os pousava no chão. Colocou um dedo no livro para marcar o lugar onde havia parado e desviou o olhar para Thomas, sem fazer nenhum esforço para disfarçar seu aborrecimento.

– Quantas vezes terei de repetir? – exclamou, a voz nasal combinando perfeitamente com a pele clara, o cabelo ralo e o corpo descarnado. E ainda aquela roupa... Aquela ridícula roupa branca. Estranhamente, as palavras dele não foram de maneira nenhuma abafadas pela barreira. – Ainda temos quarenta e sete minutos antes de eu ser autorizado a implementar a Segunda Fase dos Experimentos. Por favor, tenham paciência e me deixem em paz. Deram-lhes esse tempo para comer e se recompor, e sugiro enfaticamente que o aproveitem, rapazes. Agora, se não se importam…

Sem esperar pela resposta, reclinou-se contra o encosto da cadeira e recolocou os pés sobre o tampo da escrivaninha. Então, abrindo o livro no

ponto marcado, retomou a leitura.

Thomas estava sem fala. Dando as costas para o homem, apoiou-se na parede invisível, pressionando a superfície resistente com o corpo. O que significava aquilo tudo? Com certeza ainda estava dormindo, sonhando. Por alguma razão, só de pensar nisso a fome pareceu aumentar. Lançou então um olhar ávido para o monte de comida. Viu Minho à porta do dormitório, encostado no batente, os braços cruzados.

Thomas apontou o polegar por cima do ombro e arqueou uma das sobrancelhas.

– Conheceu nosso novo amigo? – disse Minho, um sorriso irônico iluminando-lhe o semblante. – Verdadeira figura, esse cara. Vou ver se consigo um desses trajes de mértila. Coisinha linda.

– Estou acordado? – indagou Thomas.

– Está. Agora coma… está com uma aparência horrível. Quase tão acabado quanto o Homem-Rato ali atrás, lendo seu livro.

Thomas se surpreendeu com a própria rapidez em afastar o choque diante da presença de um sujeito todo de branco, surgido do nada, e de uma muralha invisível bem diante do nariz. De novo aquela apatia, já familiar, o invadiu. Depois do susto inicial, nada mais era estranho. Nunca aconteceria nada normal mesmo. Afastando todos esses pensamentos, arrastou-se como pôde até onde estava a comida e passou a se alimentar. Outra maçã. Uma laranja. Um pouco de nozes, castanhas, amêndoas etc. Depois, uma mordida em uma barra de granola com uvas-passas. O corpo implorou por água, mas não podia parar agora.

– Precisa ir com calma, cara – avisou Minho atrás dele. – Alguns trolhos nossos devolveram tudo no chão por terem comido demais. Acho que já chega.

Thomas se levantou, satisfeito com a sensação de saciedade. Não sentia saudade nenhuma do monstruoso roedor que havia habitado suas entranhas por tempo demais. Minho estava certo; era preciso maneirar. Inclinou a cabeça na direção do amigo em um cumprimento gentil, antes de dar meia-volta e se encaminhar ao banheiro para tomar um gole de água, o tempo todo imaginando o que estaria à espera deles quando o homem de roupa branca estivesse pronto para implementar a "Segunda Fase dos Experimentos".

O que quer que aquilo significasse.

Meia hora depois, Thomas estava sentado no chão com o restante dos Clareanos, Minho à direita e Newt à esquerda, todos de frente para a parede invisível e o cara de fuinha acomodado atrás da escrivaninha. Os pés dele continuavam levantados, os olhos correndo pelas páginas do livro. Thomas sentia a maravilhosa sensação de energia e força retornando a seu corpo, lentamente armazenando-se dentro dele.

O novo garoto, Aris, tinha lhe lançado um olhar estranho no banheiro, como se quisesse falar telepaticamente com ele, mas tivesse receio de fazê-lo. Thomas o ignorou e avançou com rapidez para a pia, onde engoliu o máximo de água que conseguiu, considerando que o estômago estava já bem cheio. Ao terminar, secando a boca na manga, notou que Aris já havia saído. Agora, o garoto se encostara na parede, olhando para o chão. Thomas sentiu pena dele – por piores que as coisas fossem para os Clareanos, estavam ainda mais complicadas para Aris. Especialmente se fosse tão próximo da garota assassinada quanto Thomas era de Teresa.

Minho foi o primeiro a romper o silêncio.

– Acho que estamos ficando doidões como aqueles… como era mesmo o nome deles? Cranks. Os Cranks das janelas. Estamos aqui sentados esperando uma palestra do Homem-Rato como se fosse algo totalmente normal, como se estivéssemos em uma espécie de escola. Vou dizer uma coisa… Se ele tivesse alguma coisa boa pra dizer, não precisaria dessa parede mágica esquisita aí para protegê-lo de nós, precisaria?

– Tenha paciência, cara – repreendeu Newt. – Talvez isso tudo esteja pra acabar.

– Ah, certo – retrucou Minho. – E o Caçarola vai começar a ter bebezinhos, o Winston vai se livrar da acne monstruosa e o Thomas aqui vai sorrir de verdade o tempo todo.

Thomas se virou para Minho e caprichou num sorriso falso.

– Está contente?

– Cara – respondeu ele –, você é um trolho horrível.

– Você é quem está dizendo.

– Fechem as malditas matracas – sussurrou Newt. – Acho que chegou a hora.

Thomas levantou a cabeça e viu que o estranho – o Homem-Rato, como Minho tão carinhosamente o apelidara – havia pousado os pés no chão de novo e deixado o livro sobre a escrivaninha. Arrastou a cadeira um pouco para

trás, para ter melhor visão de uma das gavetas, abriu-a e vasculhou alguns objetos que Thomas não conseguiu identificar. Por fim, o homem tirou dali uma pasta de cor parda, cheia de papéis misturados, muitos deles amassados e se projetando pasta afora em ângulos estranhos.

– Ah, aqui está – disse o Homem-Rato com sua voz nasal. Colocou a pasta sobre a escrivaninha, abriu-a e olhou para os garotos.

– Obrigado por se reunirem de modo tão ordenado para me permitir dizer o que fui… instruído a dizer. Por favor, ouçam com atenção.

– Por que precisa dessa parede? – gritou Minho.

Newt estendeu o braço sobre Thomas e alcançou o ombro de Minho, esmurrando-o.

– Cale a boca!

O Homem-Rato continuou como se não tivesse escutado nada.

– Vocês todos ainda estão aqui por terem uma vontade excepcional de sobreviver apesar das probabilidades, entre… outras razões. Cerca de sessenta pessoas foram enviadas para viver na Clareira, como vocês dizem. Outras sessenta estavam no Grupo B, mas por ora vamos esquecê-las.

Os olhos do homem concentraram-se em Aris, e em seguida se desviaram para percorrer vagarosamente todo o grupo. Thomas não sabia se alguém tinha notado, mas não teve dúvidas de que havia um ar de familiaridade naquele rápido olhar. O que significaria aquilo?

– De todas aquelas pessoas, apenas uma fração sobreviveu para estar aqui hoje. Suponho que já devam ter entendido isso até o momento, mas muitas das coisas que aconteceram tiveram o único propósito de julgar e analisar a reação de vocês. Ainda não se trata realmente de um experimento. Por enquanto, digamos que seja... o desenvolvimento de um projeto que estimula a zona de conflito letal e coleta os padrões resultantes, além de juntar todas essas informações para alcançar maior avanço na história da ciência e da medicina. Essas situações apresentadas a vocês são chamadas de Variáveis, e cada uma delas foi meticulosamente elaborada. Explicarei melhor adiante. E, embora não possa lhes contar tudo neste momento, é imprescindível que saibam o seguinte: esses experimentos pelos quais estão passando acontecem por um motivo muito importante. Continuem a reagir bem às Variáveis; lutem para sobreviver, e serão recompensados com o reconhecimento de terem desempenhado um papel importante na tentativa de salvar a raça humana. E salvar a si próprios, é claro.

O Homem-Rato fez uma pausa, aparentemente para causar grande impressão. Thomas e Minho se entreolharam, franzindo o cenho.

– Esse cara tem mértila na cabeça – sussurrou Minho. – Desde quando escapar de um labirinto absurdo pode salvar a raça humana?

– Represento um grupo chamado CRUEL – continuou o Homem-Rato. – Sei que parece um título ameaçador, mas é a sigla de Catástrofe e Ruína Universal: Experimento Letal. Não há nada de ameaçador nisso, apesar do que possam imaginar. Existimos com um propósito: salvar o mundo da catástrofe total. Vocês aqui nesta sala são parte essencial do que planejamos fazer. Possuímos recursos jamais concedidos a nenhum outro grupo de nenhuma espécie na história da civilização. Dinheiro praticamente ilimitado, capital humano à disposição e tecnologia avançada em quantidade além do que até mesmo o homem mais inteligente possa ter desejado.

– Ao passar pelos Experimentos, vocês viram, e continuarão a ver, evidências dessa tecnologia e dos recursos implícitos. Se posso lhes contar alguma coisa hoje, é que nunca, em momento algum, devem acreditar em seus olhos. Aliás, nem na sua mente. Foi por isso que fizemos a demonstração com os corpos pendurados e as janelas emparedadas. Tudo o que fui autorizado a dizer é que às vezes o que veem não é real, e às vezes o que não veem é. Podemos manipular o cérebro de vocês e seus receptores nervosos, quando necessário. Sei que tudo isso talvez pareça confuso e um pouco assustador.

Na opinião de Thomas, ninguém seria capaz de atenuar melhor a verdade que aquele homem. E as palavras "zona de conflito letal" continuavam ecoando em sua mente. As escassas lembranças recuperadas não davam conta do significado desse conceito, mas havia começado a se preocupar com a ideia assim que vira a placa de metal no Labirinto explicando o significado da sigla CRUEL.

O homem correu lentamente o olhar pelo salão, detendo-se em cada um dos Clareanos presentes. Acima de seu lábio superior, brilhavam gotículas de suor.

– O Labirinto foi uma parte dos Experimentos. Não se impôs sequer uma Variável a vocês que não servisse a um propósito para a nossa coleta de padrões da zona de conflito letal. A fuga fazia parte dos Experimentos. A batalha contra os Verdugos também. Ainda o assassinato do garoto Chuck, bem como o suposto resgate e a subsequente viagem de ônibus. Tudo aquilo foi parte dos Experimentos.

A raiva fez o peito de Thomas acelerar quando ouviu o nome de Chuck ser

mencionado. Fez menção de se levantar, mas algo o impediu: era Newt, que o puxou de volta para o chão.

Como se motivado por aquela ação, o Homem-Rato se levantou abruptamente da cadeira, empurrando-a contra a parede invisível atrás de si. Depois pousou as mãos sobre a escrivaninha e se inclinou na direção dos Clareanos.

– Tudo aquilo fez parte dos Experimentos, entenderam? Da Primeira Fase, para ser mais exato. Mas o artigo de que necessitamos ainda está perigosamente em falta. Portanto, tivemos de aumentar as apostas, e este é o momento da Segunda Fase. É hora de as coisas ficarem realmente difíceis.

11

O salão mergulhou em silêncio. Thomas sabia que devia revoltar-se contra a noção absurda de que até aquele momento as coisas tinham sido fáceis para eles. Na verdade, a ideia devia tê-lo aterrorizado. Sem mencionar aquele negócio de manipularem o cérebro deles. Mas, em vez disso, estava tão curioso para descobrir o que o homem ia lhes dizer que as palavras se apagaram dentro de sua mente, sem seguir adiante.

O Homem-Rato esperou uma eternidade, depois foi se abaixando lentamente, de volta à cadeira, e a puxou para se colocar de novo atrás da escrivaninha.

– Vocês podem pensar, ou pode parecer, que estamos meramente testando a capacidade de sobrevivência de vocês. Se considerado de modo superficial, o Experimento Labirinto poderia ser erroneamente classificado dessa maneira. Mas eu lhes asseguro… não se trata apenas de sobrevivência e de vontade de viver. Essa é apenas uma parte do Experimento. O panorama dessa situação é algo que só entenderão no final. Clarões solares devastaram muitas regiões da Terra. Além disso, uma doença diferente de todas as anteriormente conhecidas pela humanidade tem aniquilado os povos... uma doença chamada Fulgor. Pela primeira vez, os governos de todos os países… os que sobreviveram… estão trabalhando juntos. Somaram esforços para criar o CRUEL, um grupo destinado a lutar contra os novos problemas deste mundo. Vocês constituem uma parte importante dessa luta. E terão todo o incentivo para trabalhar conosco, porque, é triste dizer, cada um de vocês já contraiu o vírus.

Ele ergueu rapidamente as mãos para amenizar o burburinho que já havia começado.

– Atenção, atenção! Não há necessidade de se preocupar: o Fulgor demora

um tempo para se desenvolver e manifestar os sintomas. No entanto, ao fim destes Experimentos, a cura será a recompensa, e vocês jamais experimentarão os… efeitos debilitantes. Não são muitos os que podem pagar pela cura, vocês sabem.

A mão de Thomas subiu instintivamente e pousou na garganta, como se a dor ali fosse o primeiro indício do Fulgor. Lembrava-se muito bem do que aquela mulher no ônibus de resgate lhe dissera. O Fulgor destruía o cérebro, levando a pessoa lentamente à loucura e privando-a da capacidade de sentir emoções humanas elementares como a compaixão e a empatia. Reduzia a pessoa a uma besta humana.

Pensou nos Cranks que vira do outro lado das janelas do dormitório e de repente quis correr para o banheiro e lavar bem as mãos e a boca. O sujeito estava certo: tinham todo o incentivo de que precisavam para passar pela fase seguinte.

– Mas chega dessa aula de história e de perder tempo – continuou o Homem-Rato. – Agora nós os conhecemos. Todos vocês. Não importa o que eu diga ou o que esteja por trás da missão do CRUEL. Vocês farão o que for preciso. Disso não temos a menor dúvida. E, ao fazer o que pedimos, se salvarão, obtendo a própria cura, algo que tantas pessoas almejam desesperadamente.

Thomas ouviu Minho gemer a seu lado e temeu que o amigo deixasse escapar outro de seus comentários engraçadinhos. Fez sinal para que se calasse antes mesmo de ele abrir a boca.

O Homem-Rato baixou os olhos para a pilha bagunçada de papéis esparramada sobre a pasta aberta, pegou uma folha solta e a virou do outro lado, mal olhando para seu conteúdo. Limpou a garganta.

– Segunda Fase: Experimentos no Deserto. Essa fase começa oficialmente amanhã de manhã, às seis horas em ponto. Vocês vão entrar neste salão e na parede atrás de mim encontrarão um Transportal. A seus olhos, o Transportal vai parecer uma parede bruxuleante acinzentada. Cada um deverá atravessá-la até cinco minutos depois do horário marcado. Portanto, de novo: ela abre às seis horas em ponto e fecha cinco minutos depois. Entenderam?

Thomas olhava petrificado para o Homem-Rato. Era quase como se assistisse a uma gravação, como se o estranho não estivesse de fato ali. Os outros Clareanos deviam sentir a mesma coisa, porque ninguém respondeu à pergunta. O que era um Transportal, afinal?

– Estou bem certo de que todos podem ouvir – prosseguiu o Homem-Rato. – Vocês… en... ten… de... ram?

Thomas concordou com um movimento de cabeça; alguns garotos perto dele murmuraram "claro" ou "sim".

– Ótimo. – Com ar distante, o Homem-Rato pegou outra folha de papel e a virou. – A essa altura, os Experimentos no Deserto terão começado. As regras são muito simples. Encontrem a saída para o exterior, depois sigam direto para o norte por cento e sessenta quilômetros. Cheguem ao Refúgio Seguro dentro do prazo de duas semanas e terão completado a Segunda Fase. Nesse momento, e só quando ele acontecer, serão curados do Fulgor. São exatamente duas semanas, a contar do segundo em que passarem pelo Transportal. Se não conseguirem, estão condenados.

O salão deveria irromper em discussões, perguntas, pânico. Mas ninguém disse uma palavra sequer. Thomas sentia a língua seca, como uma velha raiz cascuda.

O Homem-Rato fechou ruidosamente a pasta, amassando ainda mais o conteúdo, e em seguida guardou-a de volta na gaveta de onde a havia retirado. Levantou-se, afastou-se da mesa e empurrou a cadeira para debaixo da escrivaninha. Enfim, cruzou as mãos à frente do corpo e voltou a atenção para os Clareanos.

– É bem simples – informou, o tom de voz tão impessoal que se poderia pensar que estivesse dando instruções sobre como ligar os chuveiros no banheiro. – Não há regras. Não há orientações. Vocês têm poucos suprimentos e não há nada para ajudá-los ao longo do caminho. Atravessem o Transportal no horário indicado. Encontrem uma saída. Percorram cento e sessenta quilômetros na direção norte, rumo ao Refúgio Seguro. É chegar ou morrer.

A última palavra pareceu arrancar todos eles de um profundo estupor. De repente, falavam todos ao mesmo tempo.

– O que é o Transportal?

– Como contraímos o Fulgor?

– Quanto tempo demora pra perceber os sintomas?

– O que há no fim dos cento e sessenta quilômetros?

– O que aconteceu com os cadáveres?

Uma pergunta foi sucedendo a outra, formando um coro, e todas se fundiram em um clamoroso burburinho. Só Thomas permaneceu

imperturbável. O estranho não lhes diria nada. Será que não conseguiam perceber isso?

O Homem-Rato esperou com paciência, ignorando-os, os olhos escuros esquadrinhando cada um dos Clareanos enquanto falavam. Seu olhar pousou em Thomas, que permanecia sentado, encarando-o, odiando-o. Odiava o CRUEL. Odiava o mundo.

– Seus trolhos, calem a boca! – Minho gritou após certo tempo. As perguntas cessaram de imediato. – Esse cara de mértila não vai responder; parem de desperdiçar tempo.

O Homem-Rato inclinou a cabeça na direção de Minho, como se lhe agradecesse. Quem sabe era um reconhecimento por sua perspicácia.

– Cento e sessenta quilômetros. Norte. Espero que consigam. Lembrem-se: vocês todos contraíram o Fulgor. Nós os contaminamos com a doença para lhes dar um incentivo, no caso de não terem nenhum. E chegar ao Refúgio Seguro significa receber a cura. – Deu meia-volta e caminhou rumo à parede, como se planejasse atravessá-la. Mas então estacou e tornou a encará-los.

– Ah, uma última coisa – disse. – Não pensem que evitarão os Experimentos no Deserto se decidirem não entrar pelo Transportal entre seis horas e seis e cinco amanhã de manhã. Os que ficarem para trás serão executados imediatamente do modo mais… desagradável possível. É melhor arriscar lá fora. Boa sorte a todos vocês.

Com essas palavras finais, virou-se e começou a caminhar inexplicavelmente na direção da parede.

Mas, antes que Thomas pudesse ver o que acontecia, a parede invisível que os isolava transformou-se em névoa esbranquiçada, até se tornar um borrão opaco em questão de segundos. Aí a coisa toda desapareceu, liberando caminho para o outro lado da área comum.

No entanto, não havia ali o menor sinal da escrivaninha ou da cadeira. Nem vestígio do Homem-Rato.

– Ora, que mértila – Minho sussurrou para Thomas.

12

Uma vez mais, as perguntas e as discussões dos Clareanos invadiram o ambiente, mas Thomas decidiu sair dali. Precisava de privacidade, e sabia que o banheiro era sua única opção. Por isso, em vez de se encaminhar ao dormitório dos garotos, foi para o de Teresa – ou de Aris – e se fechou no banheiro. Apoiando as costas na pia, os braços cruzados, seu olhar se perdeu no chão. Por sorte, ninguém o havia seguido.

Não sabia nem como começar a interpretar todas aquelas informações. Corpos pendendo do teto, um mau cheiro pestilento e a decomposição da morte banidos por completo em questão de minutos. Um estranho – e sua escrivaninha! – apareciam do nada, com um inacreditável escudo de proteção. Depois desapareciam.

E aquilo não era nem de longe o que mais o preocupava. Era evidente agora que o resgate do Labirinto tinha sido uma fraude. Mas quem eram os laranjas que o CRUEL havia usado para tirar os Clareanos da câmara dos Criadores, colocá-los naquele ônibus e levá-los até ali? Será que aquelas pessoas sabiam que seriam mortas? Será que estavam realmente mortas? O Homem-Rato dissera para não confiar nos olhos nem na mente. Como poderiam voltar a acreditar em alguma coisa?

E, o pior de tudo, aquele negócio de terem contraído a tal doença, o Fulgor, e de os Experimentos representarem a cura para eles…

Thomas fechou bem os olhos e esfregou a testa. Haviam lhe tirado Teresa. Nenhum deles tinha família. Na manhã seguinte, deveriam dar início àquela coisa estúpida chamada Segunda Fase, que, ao que tudo indicava, seria pior do que o Labirinto. E todas aquelas pessoas malucas lá fora, os Cranks? Como poderiam enfrentá-los? Num relance, pensou em Chuck e no que diria se

estivesse ali.

Algo simples, provavelmente. Algo como "Que coisa mais podre".

Você tem razão, Chuck, pensou Thomas. O mundo inteiro está podre.

Fazia apenas alguns dias desde que vira o amigo ser apunhalado no coração; o pobre Chuck morrera em seus braços. E agora Thomas não conseguia deixar de pensar, por mais horrível que fosse, que talvez morrer tivesse sido o melhor para Chuck. Talvez a morte fosse melhor do que o que viria pela frente. Seus pensamentos vagaram, até chegarem à tatuagem no pescoço…

– Cara, quanto tempo vai levar pra encerrar o serviço aí? – Era Minho.

Thomas ergueu os olhos e o viu parado à porta do banheiro.

– Não consigo ficar lá fora. Todo mundo falando, um mais alto que o outro, como um bando de bebês. Digam o que quiserem, todos sabem o que têm de fazer.

Minho aproximou-se dele e apoiou o ombro contra a parede.

– Você não era o senhor Felicidade? Olhe, cara, aqueles trolhos lá fora são tão valentes quanto você. Cada um de nós vai conseguir atravessar aquele… seja lá como ele o chamou… amanhã de manhã. Quem se importa se vão estourar a goela de tanto falar sobre o assunto?

Thomas levantou a cabeça e revirou os olhos.

– Nunca falei absolutamente nada quanto a ser mais valente que ninguém. Só estou cansado de ouvir a voz das pessoas. Incluindo a sua.

Minho abafou um risinho.

– Cabeção, quando você tenta ser rude, vira uma piada.

– Obrigado. – Thomas fez uma pausa. – Transportal.

– Hã?

– Foi assim que aquele trolho de roupa branca chamou a coisa que precisamos atravessar. Transportal.

– Ah, sei. Deve ser um tipo de portão.

Thomas o encarou.

– É o que estou achando. Algo parecido com o Penhasco. É um portal plano, e transporta a gente para algum lugar. Transportal.

– Você é um gênio de mértila.

Newt aproximou-se deles.

– O que vocês dois estão escondendo?

Minho estendeu a mão e deu um tapinha no ombro de Thomas.

– Não estamos escondendo nada. Thomas apenas se queixava sobre a vida,

imaginando se podia voltar para os braços da mamãe.

– Tommy – disse Newt, sem nenhum traço de divertimento na voz –, você passou pela Transformação, recuperou algumas lembranças. Até que ponto se lembra desse negócio?

Thomas já havia tentado lembrar. Grande parte do que recordara após ser picado pelo Verdugo parecia nebuloso.

– Não sei. Realmente não consigo imaginar o mundo exterior atual ou como era estar envolvido com as pessoas com quem ajudei a projetar o Labirinto. A maior parte daquelas lembranças ou voltou a desaparecer ou simplesmente acabou para sempre. Tive uns sonhos estranhos, mas nada que ajude.

Entraram em discussão sobre algumas das coisas que tinham ouvido do estranho visitante. Sobre os clarões solares, o Fulgor e como as coisas poderiam ser diferentes agora que sabiam estar sendo testados e fazendo parte de um Experimento. Falaram, sem obter nenhuma resposta, a respeito de uma porção de coisas – todas elas ligadas ao medo inexprimível do vírus com que supostamente teriam sido contaminados. Acalmaram-se, afinal, e ficaram em silêncio.

– Bem, já temos muita coisa em que pensar – disse Newt. – E preciso de ajuda pra assegurar que a maldita comida não acabe antes de partirmos amanhã. Alguma coisa me diz que vamos precisar dela.

Thomas não tinha pensado nisso.

– Você tem razão. As pessoas ainda estão comendo por lá?

Newt balançou a cabeça.

– Não, o Caçarola tomou conta de tudo. Aquele trolho considera o alimento um sacerdócio… acho que está contente por poder dar ordens de novo. Mas estou com medo de que as pessoas entrem em pânico e tentem comer tudo de qualquer maneira.

– Ah, corta essa – respondeu Minho. – Os que chegaram até aqui conosco conseguiram isso por um motivo. Os idiotas estão mortos agora. – Ele olhou de esguelha para Thomas. Parecia preocupado com a possibilidade de Thomas achar que incluíra Chuck naquela lista. Quem sabe até mesmo Teresa.

– Pode ser – respondeu Newt. – Espero que sim. De qualquer modo, estive pensando que precisamos nos organizar, voltar ao que éramos antes. Agir como fazíamos na maldita Clareira. Os últimos dias foram um sofrimento, todo mundo gemendo e se lamentando, sem estrutura nenhuma, nenhum

plano. Isso me dá nos nervos.

– Como espera que a gente aja? – indagou Minho. – Que entremos em forma e façamos flexões? Estamos encalhados numa estúpida prisão de três cômodos.

Newt estapeou o ar como se as palavras de Minho fossem moscas e precisassem ser afastadas.

– Não interessa. Só estou dizendo que a situação vai ser bem diferente amanhã e precisamos estar prontos para enfrentá-la.

Apesar de toda a conversa, Thomas não achava que Newt conseguira convencer nenhum deles.

– Aonde quer chegar?

Newt fez uma pausa, o olhar alternando entre Thomas e Minho.

– Precisamos nos certificar de que temos um Líder firme quando chegar amanhã. Não deve haver dúvida sobre quem está no comando.

– Essa foi a coisa mais furada e mertilenta que você já desembuchou – disse Minho. – Você é o Líder, e sabe disso. Todos sabemos.

Newt balançou a cabeça, irredutível.

– Será que a fome os fez esquecer as malditas tatuagens? Acham que são apenas enfeites?

– Ah, sem essa – retrucou Minho. – Você acha realmente que significam alguma coisa? Estão só tirando uma com a nossa cara!

Em vez de responder, Newt aproximou-se ainda mais de Minho e puxou a gola da camisa dele para revelar sua tatuagem. Thomas não precisava olhar – ele se lembrava. Minho estava marcado como o Líder.

Minho repeliu a mão de Newt com um movimento de ombros e passou a desfiar a costumeira série de comentários sarcásticos. Mas Thomas já estava distante, o ritmo do coração descompassado por batimentos tão rápidos que se tornaram dolorosos. A única coisa em que conseguia pensar era no que estava tatuado no próprio pescoço.

Seria morto por alguém.

13

Thomas achou que estava ficando tarde e sabia que precisavam dormir naquela noite para estarem descansados no dia seguinte. Pelo resto da tarde, juntou-se aos demais Clareanos na tarefa de preparar fardos grosseiros com os lençóis para transportar a comida e as roupas sobressalentes que haviam aparecido nos armários. Parte dos alimentos tinha vindo em sacolas plásticas que, agora vazias, serviriam para o transporte de água, amarradas com tecido rasgado das cortinas. Ninguém esperava que essas precárias versões de cantis durassem muito tempo sem vazar, mas fora a melhor ideia que haviam tido.

Newt convenceu Minho a ser o Líder. Thomas sabia, tanto quanto qualquer outro, que precisariam de alguém no comando. E se sentiu aliviado quando Minho concordou, mesmo contra a vontade.

Por volta de nove da noite, Thomas já estava deitado, olhando para a cama acima dele de novo. O quarto se encontrava estranhamente silencioso, muito embora ele soubesse que ninguém havia conseguido dormir ainda. Com certeza, os outros estavam tão temerosos quanto ele. Tinham passado pelo Labirinto e seus horrores. Haviam visto de perto o que o CRUEL era capaz de fazer. Se o Homem-Rato estivesse certo, e tudo o que havia acontecido fizesse parte de um plano completo, então aquelas pessoas tinham forçado Gally a matar Chuck, tinham atirado em uma mulher à queima-roupa, tinham contratado pessoas para resgatá-los apenas para matá-las quando a missão fosse concluída… a lista de coisas horripilantes era infinita.

Mas ainda havia o pior: eles os tinham contaminado com aquela doença hedionda, oferecendo-lhes a cura como uma nojenta barganha para induzi-los a prosseguir. Quem poderia saber o que era verdade e o que era mentira? As evidências sugeriam que de algum modo haviam isolado Thomas. Era um

pensamento triste – Chuck perdera a vida. Teresa desaparecera. Mas ser privado do contato com os dois…

A vida de Thomas parecia um buraco negro. Ele não fazia ideia de como reuniria forças para continuar pela manhã. Para encarar o que quer que o CRUEL tivesse lhe reservado. Mas chegaria até o fim – e não só para obter a cura. Nunca mais o deteriam, em particular agora. Não depois do que tinham feito a ele e a seus amigos. Se o único modo de revê-los era passar por todo tipo de testes e experimentos, e sobreviver, que assim fosse.

Que assim fosse.

Com esse reconfortante pensamento de vingança, doentio e enganoso, adormeceu finalmente.

Cada Clareano ajustara o alarme no relógio digital para as cinco da manhã. Thomas havia acordado bem antes, e não conseguira mais dormir. Quando o barulho dos bipes passou a encher o quarto, atirou as pernas para fora da cama e esfregou os olhos. Alguém acendera as luzes e um clarão amarelado inundou sua visão. Semicerrando os olhos, levantou-se e seguiu para os chuveiros. Quem saberia dizer quanto tempo se passaria antes de poderem se lavar de novo?

Faltando dez minutos para o horário determinado pelo Homem-Rato, todos os Clareanos estavam sentados em expectativa, a maioria segurando uma sacola plástica cheia de água, os fardos de lençóis ao lado. Thomas, a exemplo dos outros, havia decidido que carregaria a sacola de água na mão para ter certeza de que não arrebentaria. O escudo invisível reaparecera da noite para o dia em plena área comum, impedindo a passagem deles. Acomodaram-se então em frente à parede invisível, os olhos cravados onde o estranho de roupa branca havia dito que o Transportal apareceria.

Sentado ao lado de Thomas, Aris falou pela primeira vez desde… bem, Thomas não conseguia se lembrar da última vez que ouvira a voz do garoto.

– Pensou que estivesse louco? – indagou o novo garoto. – Quando ouviu pela primeira vez a voz dela na sua cabeça, quero dizer.

Thomas olhou-o de relance, mas não respondeu nada. Por alguma razão, até aquele momento fizera questão de se distanciar daquele garoto. No entanto, de repente o sentimento se desvaneceu por completo. Aris não era culpado pelo desaparecimento de Teresa.

– Sim, pensei. Mas continuou a acontecer, então superei… Só que passei a me preocupar com a possibilidade de os outros me acharem louco. Por isso não contamos a ninguém sobre aquilo por um bom tempo.

– Foi estranho pra mim também – respondeu Aris. Parecia mergulhado em pensamentos, o olhar perdido no chão. – Fiquei em coma por alguns dias e, quando acordei, me comunicar mentalmente com Rachel foi a coisa mais natural do mundo. Se ela não tivesse correspondido, tenho toda a certeza de que perderia a razão. As outras garotas do grupo me odiavam… algumas delas queriam me matar. Rachel foi a única que…

Sua voz falhou. Minho agora se levantava para falar com eles, e Aris não pôde terminar seu relato. Thomas agradeceu em pensamento, pois ouvir aquela incrível versão alternativa daquilo que ele próprio vivenciara só faria a saudade de Teresa machucá-lo ainda mais. Não queria mais pensar nela. Por ora, precisava se concentrar em sobreviver.

– Temos três minutos – Minho dizia, pela primeira vez sem nenhum resquício de humor ou ironia. – Todo mundo tem certeza de que ainda quer ir?

Thomas confirmou com um movimento de cabeça, notando que os outros faziam o mesmo.

– Alguém mudou de ideia durante a noite? – quis saber Minho. – Fale agora ou se cale para sempre. Depois que a gente partir pra onde quer que seja, se algum trolho decidir que é um maricas e tentar voltar atrás, vamos dar um jeito de fazer com que volte de nariz quebrado e o traseiro quente.

Thomas olhou para Newt, que segurava a cabeça entre as mãos e se lamentava em voz alta.

– Newt, está com algum problema? – perguntou Minho, a voz surpreendentemente séria. Thomas, ansioso, esperou pela resposta de Newt.

O garoto mais velho pareceu tão surpreso quanto ele.

– Hã… não. Só estava admirando seus malditos conhecimentos de liderança.

Minho afastou a camisa do pescoço e se inclinou para mostrar a tatuagem.

– O que diz aqui, cabeção?

Newt relanceou o olhar à esquerda e à direita, o rosto tingindo-se de vermelho.

– Sabemos que você é o chefe, Minho. Pega leve.

– Não, pega leve você – retrucou o outro, o dedo em riste para Newt. – Não temos tempo pra esse tipo de plong. Então feche a matraca.

Thomas desconfiava de que Minho estivesse fazendo uma encenação para fortalecer a decisão que ambos haviam tomado quanto a ele ser o novo Líder. Se Minho estivesse mesmo representando, estava fazendo um ótimo trabalho.

– São seis horas em ponto – um dos Clareanos gritou.

Como se essa proclamação tivesse sido um sinal, o escudo invisível ficou opaco de novo, enevoando-se até se tornar uma grande mancha esbranquiçada. Uma fração de segundo depois, desapareceu completamente. Thomas observou a mudança instantânea na parede à frente deles: uma grande parte dela havia se transformado em uma superfície plana e faiscante de um cinza funesto e sombrio.

– Vamos nessa! – Minho berrou, enquanto puxava a alça do seu fardo para o ombro e segurava a sacola de água com a outra mão. – Não façam bagunça… temos apenas cinco minutos para atravessar. Vou na frente. – Ele apontou para Thomas. – Você vai por último… certifique-se de que todos estão me seguindo antes de vir.

Thomas meneou a cabeça em concordância, tentando lutar contra o ardor que consumia todos os seus nervos; levantando a mão, limpou gotículas de suor da testa.

Minho se adiantou para a parte acinzentada da parede e se deteve diante dela. O Transportal parecia bem instável. Thomas não conseguia distingui-lo com nitidez. Sombras e redemoinhos nebulosos de diversas tonalidades fulguravam ao longo de toda a superfície fluida. Aquela coisa pulsava em meio a névoa, como se pudesse desaparecer a qualquer instante.

Minho se virou para encará-los.

– Ei, trolhos, vejo vocês do outro lado.

E atravessou, a parede cinzenta e esbranquiçada tragando-o por completo.

14

Ninguém se queixou quando Thomas arrebanhou os restantes para conduzi-los atrás de Minho. Nenhum deles disse uma palavra sequer. Apenas trocaram olhares rápidos e assustadiços enquanto se aproximavam do Transportal e o atravessavam. Sem exceção, cada Clareano hesitava um segundo antes de dar o passo final para dentro do espaço envolto em densa névoa. Thomas acompanhou a entrada de cada um deles, dando-lhes um tapinha nas costas um instante antes de desaparecerem.

Depois de dois minutos, restavam apenas Aris, Newt e Thomas.

Tem certeza que devemos fazer isso?, indagou Aris em pensamento.

Thomas tossiu, chocado e surpreso pelo fluxo de palavras em sua consciência – aquela fala inaudível, mas tão fácil de escutar. Achou – e esperara – que Aris houvesse entendido a dica de que não queria se comunicar daquele modo. Aquilo era algo que fazia com Teresa e com ninguém mais.

– Ande logo – murmurou em voz alta, recusando-se a responder telepaticamente. – Precisamos nos apressar.

Aris atravessou o Transportal hesitante, uma expressão de angústia no rosto. Newt seguiu logo atrás dele. Foi então que Thomas se viu sozinho no grande salão comum.

Olhou ao redor pela última vez, lembrando-se dos mortos, os corpos inchados que pendiam do teto apenas alguns dias antes. Pensou no Labirinto e em tudo por que tinham passado. Suspirando o mais alto que pôde, esperando que alguém, em algum lugar, pudesse ouvi-lo, segurou com mais força a sacola de água e o fardo de lençol cheio de comida, e entrou no Transportal.

Uma linha gélida invisível, porém consistente, atravessou seu corpo desde a frente até as costas, como se houvesse ali uma cachoeira de água geladíssima.

Fechou os olhos no último segundo e agora os abria, sem enxergar nada além da escuridão absoluta. No entanto, ouviu vozes.

– Ei! – chamou, ignorando o súbito acesso de pânico na própria voz. – Vocês aí…

Antes de terminar, tropeçou em alguma coisa e caiu sobre ela, chocando-se com um corpo trêmulo.

– Oh! – O garoto berrou, empurrando Thomas. Era o ataque mais violento que podia desferir, tendo em vista a sacola de água que tinha nas mãos.

– Ei, todo mundo quieto! Calem a boca! – Agora era Minho quem falava, e o alívio que tomou conta de Thomas quase o fez gritar de alegria. – Thomas, é você? Já está aqui?

– Estou! – Thomas conseguiu levantar e procurou tatear o local às cegas para não tropeçar em mais ninguém. Não percebia nada além das trevas que o envolviam. – Fui o último a atravessar. Todo mundo conseguiu?

– Estávamos nos organizando e contando os presentes sem problema nenhum, até você chegar tropeçando como um touro dopado – respondeu Minho. – Vamos começar de novo. Um!

Como ninguém disse nada, Thomas berrou:

– Dois!

Daí por diante, os Clareanos foram se somando, até o último, Aris, que gritou:

– Vinte.

– Boa – comentou Minho. – Estamos todos aqui, onde quer que seja. Não consigo ver uma mértila de nada.

Thomas permanecia imóvel, sentindo a presença e ouvindo a respiração dos outros garotos, mas amedrontado demais para se mover.

– Pena a gente não ter uma lanterna.

– Obrigado por nos informar o óbvio, senhor Thomas – replicou Minho. – Muito bem, escutem. Estamos em uma espécie de corredor… Posso sentir paredes dos dois lados e, pelo meu senso de localização, a maioria de vocês parece estar à minha direita. Thomas, o lugar em que está é de onde viemos. Melhor não correr o risco de voltar acidentalmente por essa engenhoca, o chamado Transportal. Portanto, sigam minha voz e caminhem em minha direção. Não temos muita escolha, a não ser seguir adiante nesse percurso e ver no que vai dar.

A voz dele já se afastava de Thomas ao dizer aquelas últimas palavras. Os

ruído desencontrado de passos e o roçar dos fardos contra as roupas davam a Thomas a certeza de que os outros acompanhavam o Líder. Quando sentiu que era o único que ainda não se movimentara, e que não tropeçaria em mais ninguém, caminhou devagar para a esquerda, estendendo a mão até sentir a parede dura e fria. Depois, seguiu atrás do restante do grupo, deslizando a mão pela parede para se direcionar melhor.

Ninguém disse nada enquanto avançavam. Thomas detestou a dificuldade de seus olhos em se adaptar à escuridão – não havia o menor resquício de luz. O ar estava frio, mas recendia a couro velho e poeira. Ele tropeçou algumas vezes na pessoa imediatamente à frente; não sabia nem mesmo quem era, pois o garoto não dissera nada quando colidiram.

Mantiveram-se seguindo adiante, o túnel estendendo-se sem nunca virar à esquerda nem à direita. A mão de Thomas contra a parede e o chão abaixo dos pés eram as únicas coisas que o conectavam à realidade ou lhe conferiam uma sensação de movimento. Caso contrário, se imaginaria flutuando no espaço vazio, sem fazer progresso nenhum.

Os únicos sons eram o arranhar dos tênis sobre o concreto duro do chão e os sussurros, ocasionais e entrecortados, entre os Clareanos. Thomas era capaz de sentir cada batida do coração ao marchar pela escuridão interminável. Não pôde evitar a lembrança da Caixa, aquele cubo sem luz, de ar rançoso, no qual o haviam levado à Clareira; a sensação era praticamente a mesma. Pelo menos agora tinha uma porção de memórias definidas, amigos, e sabia quem eles eram. Entendia o que estava em jogo: precisavam da cura, e era provável que passariam por coisas horríveis para consegui-la.

Um súbito rompante de sussurros tomou conta do túnel, parecendo vir de cima. Thomas estacou onde estava. Aquilo não partira de nenhum dos Clareanos, disso tinha certeza.

Lá da frente, Minho gritou para que os outros parassem. Depois acrescentou:

– Ouviram isso?

Enquanto diversos Clareanos murmuravam que sim e começavam a fazer perguntas, Thomas inclinou a cabeça para cima, esforçando-se para ouvir algo acima do burburinho. O rompante de sussurros fora rápido, breves palavras que pareciam ter partido de um homem muito velho e doente, cuja mensagem se revelara completamente indecifrável.

Minho pediu mais uma vez que todos se calassem para ouvir.

Muito embora não fizesse sentido, tendo em vista a total escuridão, Thomas

fechou os olhos, concentrando-se no sentido auditivo. Se a voz se manifestasse de novo, tentaria captar o que fosse dito.

Menos de um minuto transcorreu antes que a mesma voz sussurrante se manifestasse outra vez em tom áspero, ecoando pelo ar como se imensos alto-falantes instalados no teto a amplificassem. Thomas ouviu várias pessoas ofegando, como se daquela vez houvessem entendido e ficassem chocadas com o que lhes fora dito. Ele, porém, ainda não fora capaz de interpretar nem mesmo uma ou duas palavras. Abriu os olhos de novo, embora nada mudasse à frente. Trevas. Tudo negro.

– Alguém entendeu o que foi dito? – gritou Newt.

– Algumas palavras – replicou Winston. – No meio da frase, pareceu um "voltem".

– Foi isso mesmo – alguém concordou.

Thomas tentou lembrar o que ouvira e, recapitulando, aquela palavra parecia, de fato, ter sido incluída em algum momento. Voltem.

– Vamos relaxar, pessoal, e escutar com toda a atenção desta vez – anunciou Minho.

O corredor escuro mergulhou em silêncio. Quando a voz se manifestou de novo, Thomas entendeu cada sílaba do que foi dito: Vocês só têm uma chance. Voltem agora e não serão despedaçados.

A julgar pela reação geral, todos haviam entendido.

– Não serão despedaçados?

– O que será que isso quer dizer?

– Ele disse que podemos voltar!

– Não podemos confiar em qualquer trolho que sussurra na escuridão.

Thomas tentou não pensar em quanto as últimas palavras eram sinistras. E não serão despedaçados. Aquilo não soava nada bem. E o fato de não ser capaz de ver nada piorava ainda mais as coisas, deixando-o à beira da loucura.

– Continuem andando! – gritou para Minho. – Não vou aguentar isso por muito mais tempo. Vamos de uma vez!

– Esperem um minuto. – Era Caçarola. – A voz disse que só tínhamos uma chance. Precisamos ao menos refletir um instante.

– É mesmo – acrescentou alguém. – Talvez devêssemos voltar.

Thomas balançou a cabeça, discordando, muito embora soubesse que ninguém podia vê-lo.

– De maneira nenhuma. Lembrem-se do que o sujeito da escrivaninha disse:

que a gente teria uma morte horrível se voltasse.

Caçarola insistiu:

– E o que faz dele alguém mais importante que esse cara da voz sussurrante? Como saber quem escutar e quem ignorar?

Aquela era uma boa pergunta, Thomas não podia deixar de admitir, mas voltar não lhe parecia certo.

– A voz é só um teste, aposto. Precisamos continuar.

– Ele está certo. – Dessa vez fora a voz de Minho lá da frente. – Vamos nessa.

Mal acabara de pronunciar a última palavra, quando a voz cortou o ar de novo, carregada de um ódio quase infantil:

– Estão todos mortos. Vocês todos serão despedaçados. Mortos e despedaçados.

Todos os pelos da nuca de Thomas se eriçaram na hora, e um calafrio percorreu suas costas. Aguardou protestos de Clareanos, pedindo que voltassem, mas se surpreendeu mais uma vez: ninguém disse nada, e logo haviam retomado a marcha. Minho pelo jeito atingira seu objetivo ao dizer que os maricas seriam expulsos.

Enquanto o grupo se embrenhava cada vez mais na escuridão, a temperatura subiu um pouco, o ar parecendo mais denso de poeira. Thomas tossiu várias vezes. Daria qualquer coisa por um gole de água, mas não queria se arriscar a desamarrar a sacola sem vê-la. Seria o pior dos pesadelos: desperdiçar toda a água no chão.

Adiante.

Calor.

Sede.

Trevas.

Caminhar.

O tempo passava assim, sempre lentamente.

Thomas perdera totalmente a noção de espaço dentro daquele corredor. Tinham percorrido no mínimo uns três ou quatro quilômetros desde a última vez que haviam ouvido os arrepiantes sussurros de advertência. Onde estariam? Num local subterrâneo? Dentro de um prédio imenso? O Homem-Rato dissera que era preciso encontrar o lado de fora. Como…

Um garoto berrou, cerca de dez metros à frente dele.

O grito havia surgido como um grunhido, uma simples expressão de

surpresa, mas depois ganhara força, até se transformar em manifestação do mais puro terror. O garoto agora berrava com toda a força, guinchando e ganindo como um animal no velho Sangradouro da Clareira. Thomas ouviu o som de um corpo se debatendo no chão.

Por instinto, correu para a frente, empurrando vários Clareanos imobilizados pelo medo, e seguiu na direção dos gritos selvagens. Não entendia por que se achava mais capaz de prestar auxílio que os outros, mas não hesitou, nem sequer para tomar mais cuidado com onde pisava ao disparar rumo à escuridão. Depois da longa e insana caminhada às cegas até ali, era como se seu corpo ansiasse por ação.

Ao chegar, pôde perceber que o garoto jazia à direita, movendo com violência braços e pernas de maneira descontrolada sobre o piso de concreto, enquanto lutava contra sabe-se lá o quê. Cauteloso, Thomas deixou bem longe a sacola de água e o fardo que levava no ombro. Estendeu as mãos à frente, devagar, para tentar tocar um braço ou uma perna. Sentiu os outros Clareanos se aglomerarem atrás de si, num ruidoso e caótico amontoado de gritos e perguntas, que se forçou a ignorar.

– Ei! – Thomas gritou para o garoto que se debatia. – O que há de errado com você? – Correu os dedos por sua calça jeans, depois pela camisa, mas se deu conta de que era impossível controlar o corpo em convulsão ou acabar com os ganidos, tão penetrantes que pareciam perfurar o túnel.

Por fim, Thomas resolveu partir para o tudo ou nada. Mergulhando à frente, atirou-se de corpo inteiro sobre o garoto que se debatia. Com um solavanco que lhe tirou a respiração, caiu, sentindo o corpo convulsivo do garoto; um cotovelo cravou-se em suas costelas, depois uma das mãos estapeou-lhe o rosto. Um joelho subiu e quase o atingiu em cheio na virilha.

– Pare com isso! – Thomas gritou. – O que há de errado?

Os gritos foram sumindo gradativamente, como se acabassem de mergulhar o garoto sob a água. Mas as convulsões estavam longe de ser controladas.

Thomas colocou um dos cotovelos e o antebraço sobre o peito do Clareano para se apoiar, e em seguida se esticou para segurá-lo pelo cabelo ou pelo rosto. Mas, quando as mãos escorregaram sobre o que havia lá, a confusão tomou todo seu ser.

Não havia cabeça. Nem cabelo, nem rosto. Nem mesmo um pescoço. Nada do que deveria estava ali.

Em vez disso, Thomas sentiu uma bola grande e perfeitamente lisa de metal

frio.

15

Os primeiros segundos seguintes foram pra lá de estranhos. Assim que a mão de Thomas fez contato com aquela bola esquisita de metal, o garoto parou de se mexer. Braços e pernas se aquietaram, e a rigidez do corpo retorcido desapareceu num instante. Thomas sentiu uma umidade viscosa na esfera dura, parecendo brotar do lugar onde deveria haver um pescoço. Sabia que era sangue; sentia o odor metálico que recendia dele.

Então os dedos de Thomas sentiram a bola rolar para longe, provocando um som áspero até bater na parede mais próxima e parar. O garoto deitado embaixo dele não se moveu nem emitiu nenhum som. Os outros Clareanos continuavam com seu burburinho, trocando perguntas na escuridão, mas Thomas os ignorou.

Seu peito foi assaltado pelo horror enquanto tentava imaginar qual seria a aparência do garoto agora. Nada fazia muito sentido, mas o garoto obviamente estava morto, a cabeça decepada ou algo semelhante. Quem sabe... convertida em metal? O que será que havia acontecido? Os pensamentos de Thomas giravam num turbilhão, e demorou um tempo até perceber o líquido quente que escorria sobre a mão, apoiada no chão assim que a bola rolara para o lado. Sua reação foi instintiva.

Afastando-se quase com violência do corpo no chão, esfregou vigorosamente a mão na calça enquanto gritava, incapaz de articular uma palavra. Alguns Clareanos o agarraram por trás e o ajudaram a se levantar. Ele os empurrou num gesto instintivo, cambaleando até se encostar na parede. Alguém o agarrou pelo ombro da camisa, atraindo-o para si.

– Thomas! – Era a voz de Minho. – Thomas! O que aconteceu?

Ele tentou se acalmar, retomar o controle da situação. O estômago revirava;

o peito estava oprimido.

– Eu… não sei. Quem era aquele? Quem era o garoto que estava gritando?

Winston respondeu num fio de voz:

– Frankie. Ele estava bem do meu lado; tinha acabado de contar uma piada, e no instante seguinte foi como se algo o arrancasse dali de supetão. É… era ele. Sem dúvida nenhuma, era ele.

– O que aconteceu? – repetiu Minho.

Thomas se deu conta de que ainda limpava a mão na calça.

– Bem... – começou, antes de inspirar profundamente. Fazer tudo aquilo no escuro era de enlouquecer. – Eu o ouvi gritar e corri pra ajudar. Pulei em cima dele e tentei segurar os braços, descobrir o que estava errado. Então estendi a mão pra cabeça. Queria segurá-lo pelo rosto… não sei nem por que… e tudo o que senti foi…

Não conseguiu prosseguir. Nada poderia ser mais absurdo que a verdade.

– O quê? – Minho gritou.

Thomas soltou um gemido, depois falou:

– A cabeça dele não era uma cabeça. Era como uma… uma enorme… bola metálica. Não sei, cara, foi isso que senti. Como se a cabeça de mértila tivesse sido engolida por… por uma bola metálica!

– O que é que você está dizendo? – indagou Minho.

Thomas não sabia como convencê-lo, ou a qualquer outro.

– Não ouviram quando ela rolou, logo depois que ele parou de gritar? Sei que…

– Está aqui! – alguém gritou. Newt. Thomas ouviu o som de alguma coisa pesada sendo arrastada, depois o grunhido de Newt por causa do esforço. – Ouvi quando ela rolou pra cá. E está toda úmida e pegajosa… parece que é sangue.

– Mas que plong – sussurrou Minho. – Qual é o tamanho?

Os outros Clareanos o acompanharam num coro de perguntas.

– Todo mundo quieto! – gritou Newt. Depois de se acalmarem, respondeu, sem graça: – Não sei. – Thomas o ouviu manusear a bola com cuidado para fazer uma ideia do seu tamanho. – Maior do que uma maldita cabeça, com certeza. É redondinha… uma esfera perfeita.

Thomas estava perplexo e angustiado, e só conseguia pensar em sair daquele lugar o mais rápido possível. Sair da escuridão.

– Precisamos correr – disse. – Precisamos cair fora daqui. Agora.

– Talvez devêssemos voltar. – Thomas não reconheceu aquela voz. – O que quer que seja essa bola, despedaçou a cabeça do Frankie, exatamente como aquele trolho velho avisou.

– De maneira nenhuma – respondeu Minho, um traço de raiva vibrando em sua voz. – De maneira nenhuma. Thomas está certo. Chega de enrolação. Espalhem-se, deixando um espaço de alguns passos entre um e outro, depois corram. Devemos seguir curvados. Se algo se aproximar da cabeça de vocês, esmurrem a criatura até se livrarem dela.

Ninguém protestou. Thomas se apressou em pegar sua comida e a água; depois, um sinal tácito percorreu o grupo e todos começaram a correr, separados o bastante para não tropeçar uns nos outros. Thomas não permaneceu na retaguarda; não quis desperdiçar tempo retornando à antiga formação. Correu, tão incansavelmente quanto se lembrava de ter feito no Labirinto.

Cheirava a suor. Respirava poeira e ar abafado. As mãos tinham ficado pegajosas e grudentas por causa do sangue. Escuridão completa.

Correu, sem se deter.

A bola mortal atingiu mais um. Aconteceu mais próximo de Thomas dessa vez – foi um garoto com quem nunca trocara uma palavra sequer. Thomas ouviu o som distinto de metal deslizando e alguns estalidos secos. Então os gritos deram fim à trégua, anunciando a morte.

Ninguém parou. Uma coisa terrível, talvez. Provavelmente. Mas ninguém parou.

Quando os gritos enfim cessaram, com uma pausa gorgolejante, Thomas ouviu o ruído pesado da bola se chocando contra o chão duro. Escutou-a rolar, trombar contra a parede e rolar um pouco mais.

Continuou correndo. Não diminuiu a marcha.

O coração latejava e o peito ardia, a respiração dolorosamente irregular ao engolir em desespero o ar poeirento. Perdeu a noção do tempo; não fazia ideia de quanto haviam avançado. Mas, quando Minho ordenou que todos parassem, o alívio foi evidente. A exaustão tinha vencido o terror pela coisa que exterminara dois dos Clareanos.

O som de pessoas arquejando enchia o ambiente limitado, que recendia a mau hálito. Caçarola foi o primeiro a se recuperar o bastante para perguntar:

– Por que paramos?

– Porque quase quebrei o tornozelo em alguma coisa aqui! – gritou Minho em resposta. – Acho que é uma escada.

Thomas sentiu o humor melhorar, mas reprimiu o contentamento com rapidez. Permitir-se ter esperança era algo que jurara nunca mais repetir. Pelo menos enquanto aquilo não tivesse acabado.

– Bem, então vamos subir! – sugeriu Caçarola, todo animado.

– Tem certeza? – retrucou Minho com ironia. – O que faríamos sem você, Caçarola? É sério, cara.

Thomas ouviu os passos decididos de Minho ao subir os degraus: produziam um rangido agudo, como se a escada fosse de metal. Passaram-se alguns segundos até que outros passos o seguiram, e logo todos iam atrás do Líder.

Quando Thomas atingiu o primeiro degrau, tropeçou e caiu, batendo o joelho no seguinte. Abaixou as mãos para recuperar o equilíbrio – quase arrebentando a sacola de água –, e então impulsionou o corpo para voltar a subir, pulando um degrau de vez em quando. Quem poderia dizer quando outra daquelas coisas metálicas atacariam? Com ou sem esperança, estava mais do que pronto para chegar a um lugar que não fosse só trevas.

Um ruído ecoou, vindo de cima – um som mais forte que os passos nos degraus, mas ainda parecia metal.

– Ai! – Minho berrou. Ouviram-se alguns grunhidos e gemidos enquanto os Clareanos se amontoavam uns contra os outros até conseguirem parar.

– Você está bem? – indagou Newt.

– No que foi… que bateu? – gritou Thomas, a respiração entrecortada.

Minho estava irritado.

– Nessa mértila em cima, foi isso. Batemos no teto, sem chegar a lugar nenhum… – A voz dele falhou, e Thomas o ouviu deslizar as mãos ao longo das paredes e do teto, tateando-as. – Esperem! Acho que encontrei…

Um estalido peculiar sobrepôs-se à voz dele, e o mundo ao redor de Thomas pareceu se incendiar em chamas fulgurantes. Soltou um grito, cobrindo os olhos com as mãos para se proteger da luz, ofuscante e cáustica, que se projetava acima deles. Deixou cair a sacola de água, um gesto incontrolável. Depois de tanto tempo na maior escuridão, o surgimento repentino da luz o subjugava – apesar da proteção das mãos. Uma explosão alaranjada e brilhante atravessou seus dedos e pálpebras, e uma onda de calor – como um bafo quente – arrasou tudo pelo caminho.

Thomas ouviu um rangido pesado, depois um baque surdo, e a escuridão retornou. Com todo o cuidado, abaixou as mãos e estreitou os olhos. Pontos de luz dançavam em seu campo de visão.

– Mértila – exclamou Minho. – Parece que encontramos uma saída, mas acho que é para o maldito sol! Cara, aquilo brilha. E está quente.

– Vamos abrir só uma fresta e deixar que os olhos se acostumem – sugeriu Newt. –Thomas o ouviu subir pela escada para se aproximar de Minho. – Tome esta camisa… encaixe ali. Fechem os olhos, todo mundo!

Thomas obedeceu, cobrindo os olhos com as mãos. O brilho alaranjado retornou, e o processo recomeçou. Depois de um minuto mais ou menos, abaixou as mãos e lentamente abriu os olhos. Ainda precisou fechá-los um pouco, pois parecia estar diante de um milhão de faróis, até que a claridade se tornou suportável. Alguns minutos mais e todos haviam se acostumado à luz.

Agora podia distinguir que estava cerca de vinte degraus abaixo de onde Minho e Newt se encolhiam, próximos à saída. Ali, linhas brilhantes assinalavam o contorno da porta, interrompidas apenas pela camisa que haviam enfiado no canto direito, mantendo-a aberta. Tudo ao redor deles – paredes, degraus, a própria porta – era feito de um metal cinzento e opaco. Thomas virou para trás, olhando o caminho que tinham percorrido: viu que a escada desaparecia na escuridão ao longe. Haviam subido muito mais degraus do que imaginara.

– Alguém ainda está com dificuldade de abrir os olhos? – indagou Minho. – Os meus estão como carne de churrasco.

Thomas sentia o mesmo. Seus olhos ardiam e coçavam, sem parar de lacrimejar. Todos os Clareanos ao redor esfregavam os olhos.

– O que tem lá fora? – alguém perguntou.

Minho deu de ombros, enquanto espiava pelo vão da porta, a mão ainda protegendo os olhos.

– Não sei afirmar com certeza. A única coisa que vejo é uma luz muito brilhante… talvez estejamos mesmo apenas sob a mértila do sol. Não acho que haja alguém lá fora. – Fez uma pausa. – Nem mesmo Cranks.

– Vamos sair então – disse Winston, dois degraus abaixo de Thomas. – Prefiro pegar uma insolação a ter minha cabeça despedaçada por uma bola de aço. Vamos!

– Tudo bem, Winston – respondeu Minho. – Aguente firme aí, cara… Só queria deixar nossos olhos se acostumarem primeiro. Vou abrir a porta de uma

vez para ter certeza de que está tudo bem. Preparem-se! – Subiu mais um degrau para empurrar com o ombro a porta de metal. – Um. Dois. Três!

Esticou as pernas com um grunhido e se lançou contra a porta. A luz e o calor explodiram escada abaixo quando a porta se abriu com um terrível chiado de metal em movimento. Thomas rapidamente desviou o olhar para o chão e estreitou os olhos. A claridade era inacreditável – mesmo considerando a escuridão em que tinham estado durante horas.

Acima dele, ouviu uma agitação de pés acompanhada de gemidos causados pelo esforço, e ergueu os olhos no exato momento em que Newt e Minho começavam a sair pelo quadrado ofuscante de luz solar. A escada inteira queimava como um forno.

– Uau, cara! – falou Minho, uma careta contorcendo seu rosto. – Tem alguma coisa errada. Isso aqui já está queimando minha pele.

– Tem razão – concordou Newt, esfregando a nuca. – Não sei se podemos ficar aqui fora. Talvez fosse o caso de esperar até que o sol se ponha.

Protestos soaram entre os Clareanos, mas foram silenciados pela explosão súbita da voz de Winston:

– Uou! Cuidado! Cuidado!

Thomas se virou para ele. Winston apontava para algo acima, enquanto recuava alguns degraus. No teto, a apenas alguns metros da cabeça deles, um grande globo de prata líquida coagulava, minando do metal, aparentemente em processo de derretimento, como uma grande lágrima. Ela foi crescendo, crescendo, e, sob o olhar de Thomas, transformou-se em questão de segundos numa bola de líquido viscoso, fundido, que enrugava lentamente e oscilava. Então, antes que alguém pudesse reagir, soltou-se do teto e caiu.

Mas, em vez de se espatifar nos degraus, a esfera de prata desafiou a gravidade e voou na horizontal, direto ao encontro do rosto de Winston.

Os gritos de horror do garoto inundaram o ambiente, e ele tombou e rolou pelos degraus.

16

Um pensamento doentio atravessou a mente de Thomas enquanto abria caminho escada abaixo atrás de Winston. Não sabia se queria ajudá-lo de fato ou se não podia controlar a curiosidade sobre aquela monstruosa bola de prata.

Winston aterrissou com um baque surdo, as costas pousadas displicentemente sobre um dos degraus. O grupo encontrava-se ainda em algum ponto distante do final da escada. A luz brilhante proveniente da porta aberta no alto permitia distinguir Winston com perfeição. Ele estava com as duas mãos no rosto, tentando se livrar do líquido prateado, embora uma porção dele já tivesse se fundido no topo da cabeça. Agora o processo avançava, o espesso xarope prata se solidificando acima das orelhas, rumo às sobrancelhas.

Thomas saltou sobre o corpo do garoto, ajoelhando-se no degrau diretamente abaixo dele. Winston tentava arrancar a meleca prateada, afastando-a dos olhos. Para surpresa de Thomas, parecia estar funcionando. Mas o garoto gritava a plenos pulmões, debatendo-se, os pés chutando a parede.

– Tire essa coisa de mim! – berrava, a voz tão estrangulada que Thomas quase desistiu e fugiu. Se a coisa doía tanto...

Era semelhante a um gel prateado, bastante denso. Além de ser persistente e obstinada, como se tivesse vida própria. Assim que Winston conseguia se livrar de uma porção do líquido, afastando-o dos olhos, outra parte escorregava imediatamente entre os dedos dele e tentava de novo voltar ao lugar. Alguns nacos de pele eram arrancados do rosto nesse esforço de Winston – algo nada bonito de se apreciar. Sua face estava vermelha e ulcerada.

Winston berrou algo incompreensível. Se não o conhecesse, Thomas podia jurar que os gritos angustiados eram em outro idioma. Precisava fazer alguma

coisa. O tempo estava acabando.

Arrancou o fardo dos ombros e esvaziou o conteúdo; frutas e pacotes espalharam-se e caíram, chocando-se contra os degraus. Pegou o lençol, envolveu as mãos nele para se proteger, e então avançou. Quando Winston se estapeou com violência, tentando tirar a prata já fundida diante dos olhos outra vez, Thomas agarrou pelas laterais a parte que acabara de cobrir as orelhas do garoto. Sentindo o calor através do tecido, imaginou se não morreria queimado. Firmou os pés, apertou a coisa o mais que pôde e puxou com toda força.

Com um perturbador ruído de sucção, as laterais do agressivo metal ergueram-se vários centímetros antes de escorregar de suas mãos e envolver de novo as orelhas de Winston. Embora não parecesse possível, Winston berrou ainda mais alto. Outros Clareanos tentaram se aproximar, mas Thomas gritou para que se afastassem, constatando que só atrapalhariam.

– Precisamos fazer isso juntos! – Thomas gritou para Winston, decidido a segurar com mais força daquela vez. – Escute, Winston! Temos que fazer isso juntos! Tente agarrar bem essa coisa e tirá-la da cabeça!

O outro garoto não fez menção de ter compreendido, o corpo todo se batendo sem parar. Se Thomas não estivesse um degrau abaixo dele, com certeza teria sido arremessado para longe da escada naquele momento.

– Vou contar até três! – Thomas gritou. – Winston! Vou contar até três!

Nenhum sinal de que houvesse escutado. Sacudidelas. Chutes. Tapas contra o próprio rosto.

Lágrimas brotaram dos olhos de Thomas, ou talvez fosse o suor que escorrera da testa.. Mas aquilo ardia. Sentiu como se a temperatura tivesse subido um milhão de graus. Os músculos tensos; fisgadas de dor espalhando-se pelas pernas. Cãibras.

– Faça o que estou dizendo! – berrou, ignorando o próprio mal-estar e se inclinando para tentar de novo. – Um! Dois! Agora!

Agarrou pelas laterais o capacete de prata líquida que avançava, sentindo uma estranha mistura de rigidez e suavidade, e deu um novo solavanco para cima, tentando afastá-lo da cabeça de Winston. Como se houvesse escutado de alguma maneira, ou talvez por pura sorte, ao mesmo tempo Winston o empurrou com as mãos. Toda aquela meleca prateada desgrudou, uma placa pesada, grossa e oscilante. Thomas não hesitou; levantando os braços, lançou a gosma escada abaixo. Em seguida, voltou-se para ver o que acontecera.

Enquanto voava pelo ar, a prata rapidamente voltou a se moldar na forma de esfera, a superfície se enrugando por um momento, depois se solidificando. Aterrissou a alguns degraus abaixo deles, antes de pairar por um segundo, como se contemplasse longa e intensamente sua vítima, talvez refletindo sobre o que dera errado. Depois disparou para longe, sobrevoando mais alguns degraus, até desaparecer nas trevas.

A esfera de metal, por alguma razão desconhecida, não voltou a atacar.

Thomas inspirou várias vezes, cada centímetro do corpo empapado de suor. Apoiou o ombro contra a parede, com receio de tornar a olhar para Winston, que choramingava próximo dali. Pelo menos os gritos haviam cessado.

Por fim, Thomas criou coragem e o encarou.

O garoto estava arrasado. Encolhido como um caracol, tremia. O cabelo desaparecera e o couro cabeludo estava em carne viva, sangrando em vários pontos. As orelhas estavam feridas e também sanguinolentas, mas inteiras. Ele soluçava, com certeza de dor, mas provavelmente também pelo trauma que acabara de vivenciar. A pele com acne parecia fresca e limpa em comparação com os ferimentos ulcerosos por toda a cabeça.

– Tudo bem com você, cara? – perguntou Thomas, sabendo que essa era a pergunta mais idiota que já tinha feito na vida.

Winston balançou a cabeça numa rápida sacudidela, o corpo ainda tremendo.

Thomas ergueu os olhos e avistou Minho, Newt, Aris e os outros Clareanos a apenas alguns degraus acima deles, completamente chocados. O clarão brilhante acima perturbava sua visão, mas Thomas conseguia distinguir os olhos – muito abertos, como os de um gato surpreendido por um farol.

– O que era aquela mértila? – murmurou Minho.

Thomas não encontrou forças para responder; apenas abanou a cabeça, dominado pelo cansaço.

Foi Newt quem respondeu.

– Uma meleca mágica que come a cabeça das pessoas, é isso o que aquela maldita coisa é.

– Deve ser um tipo novo de tecnologia. – Agora era a voz de Aris, na primeira vez que Thomas o via participar de uma conversa. O garoto olhava para os lados, obviamente notando a surpresa estampada nos rostos. Deu de ombros, como se estivesse embaraçado, e continuou: – Recuperei alguns fragmentos de memória. Sei que o mundo tem equipamentos tecnológicos

bem avançados… mas não me lembro de nada parecido com metal fundido alado que tenta arrancar partes do corpo.

Thomas pensou nos próprios fragmentos de memória. Certamente nada parecido com aquilo lhe ocorrera em nenhum momento.

Com ar distante, Minho apontou, por sobre o ombro de Thomas, escada abaixo.

– Aquela porcaria vai se fundindo em torno da cabeça, depois devora a carne toda até cortar seu pescoço. Legal. Muito legal mesmo.

– Vocês viram? A coisa saiu direto do teto! – falou Caçarola. – Melhor a gente dar o fora daqui. Agora mesmo.

– Também acho – acrescentou Newt.

Minho olhou para Winston com uma expressão de desgosto. O garoto tinha parado de tremer, e os soluços haviam se acalmado, agora reduzidos a um choro abafado. Mas o rosto estava desfigurado, e ele carregaria cicatrizes pelo resto da vida. Thomas não conseguia imaginar o cabelo voltando a crescer naquela cabeça em carne viva.

– Caçarola, Jack! – chamou Minho. – Ajudem Winston a se levantar e sair daqui. Aris, você junta as porcarias que ele deixou cair. Pegue outros dois se precisar de ajuda para carregar. Vamos embora. Não quero nem saber o quanto aquela luz lá em cima é brilhante e insuportável… não estou com vontade de ver minha cabeça transformada em uma bola de boliche hoje.

Virou-se, sem esperar que as pessoas cumprissem suas ordens – atitude que, por alguma razão, fez Thomas pensar que, no final das contas, o sujeito acabaria dando um bom Líder.

– Thomas, Newt. Venham – chamou por cima do ombro. – Nós três vamos sair primeiro.

Thomas relanceou o olhar para Newt, que o encarou com uma expressão mais curiosa que temerosa. Havia uma ânsia de seguir em frente. Thomas sentia o mesmo, e odiou admitir que qualquer coisa seria melhor que enfrentar as consequências do que acontecera com Winston.

– Vamos logo – disse Newt, a voz se elevando na segunda palavra, como se não tivessem escolha a não ser fazer o que lhes tinha sido ordenado. No entanto, seu semblante revelava a verdade: queria se afastar do pobre Winston tanto quanto Thomas.

Concordando com um movimento de cabeça, Thomas desviou cuidadosamente de Winston, tentando não olhar mais para o couro cabeludo

sanguinolento. Aquilo lhe dava enjoo. Afastou-se para o lado, deixando Caçarola, Jack e Aris passarem para fazer seu trabalho, depois retomou a subida, dois degraus de cada vez. Acompanhou Newt e Minho até o alto, onde o sol causticante os aguardava do outro lado da porta.

17

Os outros Clareanos abriram caminho, aparentemente satisfeitos em deixar que os três fossem os primeiros a ver como era o lado de fora. Thomas semicerrou os olhos e depois os protegeu com a mão ao se aproximarem da porta. Quanto mais perto chegavam, mais difícil ficava acreditar que de fato seriam capazes de sair para aquela claridade horrível e sobreviver.

Minho estacou no último degrau, pouco antes de sair para o sol aberto. Lentamente, ergueu a mão, até ganhar o lado de fora. Apesar da pele morena, a mão de Minho pareceu reluzir sob um fogo esbranquiçado.

Depois de apenas alguns segundos, ele encolheu a mão e a abanou ao lado do corpo, como se tivesse amassado o dedo com um martelo.

– É quente mesmo. Muito quente. – Voltou-se para encarar Thomas e Newt. – Se vamos fazer isso, temos de nos proteger com alguma coisa ou vamos ter uma queimadura de segundo grau em cinco minutos.

– Vamos esvaziar os fardos – sugeriu Newt, já tirando o próprio do ombro. – Usaremos esses lençóis como túnicas para dar uma olhada nas coisas. Se funcionar bem, podemos guardar a comida e a água em metade dos lençóis e usar a outra metade como proteção.

Thomas já esvaziara o seu quando descera a escada para ajudar Winston.

– Estamos parecendo fantasmas… assim assustaremos qualquer bandido lá fora.

Minho não teve o mesmo cuidado de Newt; simplesmente levantou o fardo e deixou cair tudo. Os Clareanos mais próximos movimentaram-se por instinto, a fim de impedir que as coisas rolassem pela escada.

– Engraçadinho esse Thomas. Tomara que os belezocas dos Cranks não venham nos receber – disse, começando a desfazer cada um dos nós do lençol.

– Não vejo como alguém poderia ficar zanzando aí fora nesse calor. Espero que existam árvores ou algum tipo de abrigo.

– Não sei não – disse Newt. – Talvez fosse pior. Os desgraçados poderiam se esconder, esperando pra pegar a gente ou coisa pior.

Thomas sentia uma ansiedade louca para conhecer o lado de fora. Desejava parar com suposições e ver por si mesmo o que encontrariam.

– Só vamos saber quando investigarmos. Vamos logo. – Sacudiu várias vezes o lençol, depois o passou em volta do corpo e o enrolou bem apertado ao redor do rosto, a exemplo do que uma mulher faria com um xale. – Que tal estou?

– Parecendo a mais horrorosa garota trolhenta que já vi na vida – respondeu Minho. – Melhor agradecer aos deuses lá do alto por ter nascido macho.

– Obrigado.

Minho e Newt imitaram Thomas, embora tomando mais cuidado ao prender o lençol com as mãos por baixo para se protegerem por completo. Também o esticaram acima da cabeça, para se assegurar que o rosto estivesse protegido. Thomas fez o mesmo.

– Estão prontos, seus trolhos? – indagou Minho, desviando o olhar de Newt para Thomas.

– Bastante animado, pra falar a verdade – respondeu Newt.

Thomas não sabia se essa era bem a palavra, mas sentia a mesma urgência de ação.

– Eu também. Vamos indo.

Os degraus acima deles conduziam direto à superfície, como a saída de um alçapão, e mesmo os Clareanos nos últimos degraus já recebiam reflexos da luz do sol. Minho hesitou, depois avançou e desapareceu, como se tragado pela luz.

– Vá! – gritou Newt, dando um tapinha nas costas de Thomas.

Thomas sentiu a adrenalina correr pelo corpo. Dando um longo suspiro, partiu na direção de Minho, ouvindo Newt subir em seu encalço.

Tão logo saiu para a luminosidade, concluiu que teria o mesmo efeito terem se enrolado em plástico transparente. O lençol não adiantava nada para bloquear a luz ofuscante, e o calor fustigante os atingiu em cheio. Fez menção de falar alguma coisa, mas uma nuvem de ar quente lhe desceu pela garganta, eliminando todo ar ou umidade pelo caminho. Tentou desesperadamente inspirar oxigênio, mas em vez disso sentiu como se um maçarico se acendesse

dentro dele.

Embora suas lembranças fossem poucas e dispersas, não imaginava o mundo assim.

Com os olhos totalmente fechados devido ao brilho fulgurante, deu um encontrão em Minho e quase caiu. Recuperando o equilíbrio, dobrou os joelhos e se agachou, cobrindo o corpo todo com o lençol, como se fosse uma tenda, ao mesmo tempo que continuava a luta por um pouco de oxigênio. Enfim conseguiu, inspirando o ar e o expelindo em uma respiração entrecortada, tentando se recuperar. Aquele primeiro instante após ter deixado a escada o deixara em pânico. Os outros dois Clareanos também respiravam com dificuldade.

– Vocês aí, estão bem? – perguntou Minho depois de um tempo.

Thomas grunhiu um sim, e Newt respondeu:

– Não há dúvida de que chegamos ao maldito inferno. Sempre pensei que você acabaria aqui, Minho, mas eu não.

– Boa – replicou Minho. – Meus olhos ainda doem, mas acho que estou começando a me acostumar com a luz.

Thomas estreitou os olhos com esforço e olhou para o chão, a pouco mais de meio metro de seu rosto. Seco e poeirento. Algumas rochas castanho-acinzentadas. O lençol caía inteiramente ao redor dele, como um manto, mas tinha um brilho tão esbranquiçado que parecia mais um abajur futurista.

– Do que estão se escondendo? – indagou Minho. – Levantem já, seus trolhos… não tem ninguém aqui.

Thomas envergonhou-se por pensarem que se acovardara. Devia estar parecendo um bebezinho chorão sob as cobertas, tentando não ser visto. Levantou-se e, bem devagar, ergueu o lençol até conseguir dar uma olhada ao redor.

Era uma terra devastada.

À frente dele, uma planície de terra seca e sem vida estendia-se a perder de vista. Nenhuma árvore. Nenhum arbusto. Nem colinas, tampouco vales. Só um mar amarelo-alaranjado de poeira e rochas. Correntes oscilantes de ar quente fervilhavam no horizonte, flutuando para o alto, como se toda a vida ali evaporasse na direção do céu azul-claro e sem nuvens.

Thomas foi girando, olhando ao redor, sem ver grandes mudanças até deparar com um ponto na direção oposta. Uma linha de montanhas pontiagudas e estéreis erguia-se ao longe. Diante das montanhas, talvez a meio

caminho entre aquele ponto e o local onde se encontravam agora, um grupo de prédios escorados uns nos outros se amontoava como uma pilha de caixas abandonadas. Devia ser uma cidade, mas era impossível arriscar seu tamanho àquela distância. Um vapor quente vibrava à frente dela, impedindo uma visão mais apurada.

O sol quente pendia ao longe, à esquerda de Thomas, e parecia mergulhar em direção ao horizonte. A cidade à frente e a cordilheira de rochas negras e vermelhas atrás dela ficavam no extremo norte, para onde deveriam seguir. Seu senso de direção o surpreendeu – era uma parte do passado que ressurgia das cinzas.

– A que distância você acha que ficam aqueles prédios? – indagou Newt. Depois do eco vazio produzido no comprido túnel às escuras e na escada, a voz de Thomas soou como um murmúrio surdo:

– Talvez uns cento e sessenta quilômetros? – sugeriu Thomas, a ninguém em particular. – Lá, sem dúvida nenhuma, é o norte. É para lá que precisamos ir?

Minho balançou a cabeça sob seu manto feito de lençol.

– De maneira nenhuma, cara. Quer dizer, devemos seguir naquela direção, mas não chega nem perto de cento e sessenta quilômetros. Uns cinquenta no máximo. E as montanhas talvez estejam a uns cem ou cento e vinte.

– Não sabia que era capaz de medir tão bem as distâncias contando apenas com seus olhos – disse Newt.

– Sou um Corredor, cara de mértila. Você teve um gostinho disso no Labirinto, mesmo a escala sendo bem menor.

– O Homem-Rato não estava brincando quando mencionou os clarões do sol – disse Thomas, tentando não desanimar demais. – Isto aqui está parecendo um holocausto nuclear. Imagino que o mundo todo esteja assim.

– Espero que não – respondeu Minho. – Me daria por satisfeito em ver uma árvore agora mesmo. Quem sabe um riacho.

– Eu me contentaria com um pequeno gramado – disse Newt, entre um suspiro e outro.

Quanto mais Thomas olhava, mais a cidade parecia próxima. Até cinquenta quilômetros talvez fossem uma estimativa exagerada. Desviando o olhar, virou-se para os outros.

– Será que isto aqui é muito diferente do que nos fizeram enfrentar no Labirinto? Lá, a gente ficava preso dentro de paredes, com tudo o que a gente precisava pra sobreviver. Agora, não temos nada nos prendendo, mas nenhum

modo de sobreviver, a não ser se formos para onde nos disseram. Não é uma ironia, ou algo parecido?

– É algo parecido realmente – concordou Minho. – Você é a própria filosofia ambulante. – Apontou a cabeça para a saída da escada. – Vamos. Vamos tirar aqueles trolhos de lá e começar a caminhar. Não temos tempo para desperdiçar, deixando o sol sugar toda a nossa água.

– Talvez devêssemos esperar até ele se pôr – sugeriu Newt.

– E ficar à mercê daquelas bolas de metal de mértila? De jeito nenhum.

Thomas concordava que deviam avançar.

– Vamos ficar bem. Parece que o pôr do sol será daqui a apenas algumas horas. Podemos descansar por algum tempo, fazendo uma parada, e depois ir o mais rápido possível durante a noite. Não consigo suportar mais nem um minuto lá embaixo.

Minho moveu a cabeça com energia, concordando.

– Parece um bom plano – comentou Newt. – Por ora, vamos ver se pelo menos chegamos à velha cidade empoeirada e esperar que não esteja cheia de Cranks.

Thomas sentiu um nó no peito ante aquele comentário.

Minho retornou à porta e se inclinou para dentro da saída.

– Ei, seu bando de maricas, trolhos inúteis! Recolham toda a comida e venham logo pra cá!

Nenhum Clareano queixou-se do plano.

Thomas observou-os fazer as mesmas coisas que havia feito pouco depois de sair da escada. Engasgo ofegante em vez de inspiração, olhos semicerrados, expressões de desamparo. Seria capaz de apostar que esperavam, no fundo, que o Homem-Rato tivesse mentido. Que os piores momentos tivessem ficado para trás, no Labirinto. Mas podia afirmar que, depois daquelas coisas metálicas malucas que devoravam cabeças e após a visão daquela terra devastada, ninguém nunca mais teria esse tipo de esperança de novo.

Fizeram alguns ajustes enquanto se aprontavam para a jornada – a comida e as sacolas de água foram acondicionadas em metade dos fardos originais, e o que sobrou dos lençóis foi usado para cobrir dois dos garotos enquanto caminhavam. Considerando tudo, o plano funcionou muito bem – mesmo para Jack e o pobre Winston –, e logo marchavam pelo terreno esturricado e

rochoso. Thomas dividiu seu lençol com Aris, embora não soubesse afirmar como a situação acabara daquele jeito. Talvez simplesmente se recusasse a admitir que queria ficar na companhia do garoto, que poderia ser a única conexão possível para descobrir o que acontecera com Teresa.

Thomas segurava uma das extremidades do lençol com a mão esquerda e levava o fardo preso ao redor do ombro direito. Aris ia à direita; haviam concordado em se revezar para carregar o fardo, agora muito mais pesado, a cada trinta minutos. Passo a passo na poeira, seguiram em direção à cidade, o calor parecendo sugar um dia inteiro da vida deles a cada cem metros.

Por muito tempo, só houve silêncio, até que Thomas o rompeu:

– Então nunca ouviu falar no nome de Teresa antes?

Aris lançou-lhe um olhar penetrante, e Thomas concluiu que, mesmo sem querer, imprimira uma insinuação pouco sutil de acusação na voz. Mas não recuou.

– E aí? Ouviu falar ou não?

Aris cravou os olhos no horizonte à frente, mas havia algo suspeito nessa atitude.

– Não. Nunca. Não sei quem ela é nem pra onde foi. Bem, pelo menos você não a viu morrer na sua frente.

Aquilo foi um soco no estômago, mas, por alguma razão, fez Thomas gostar mais do garoto.

– Eu sei, desculpe. – Pensou por um segundo antes de continuar com as perguntas. – Até que ponto eram próximos? Qual era mesmo o nome dela?

– Rachel. – Aris fez uma pausa e, por um segundo, Thomas pensou que a conversa tinha chegado ao fim. Porém, ele prosseguiu: – Éramos muito mais que próximos. Aconteceram coisas. Nós nos lembramos do passado. Criamos novas recordações.

Thomas sabia que Minho teria rido de sua cara ante aquele último comentário, mas para ele soava como as três palavras mais tristes que já ouvira. Sentiu-se na obrigação de dizer alguma coisa, de lhe oferecer algo.

– É. Mas vi um amigo verdadeiro morrer. Toda vez que penso em Chuck, sinto a mesma onda de raiva me invadir. Se fizeram a mesma coisa com Teresa, não serão capazes de me deter. Nada será. Todos eles vão morrer.

Thomas parou – forçando Aris a fazer o mesmo –, chocado com as palavras que tinham acabado de sair de sua boca. Era como se alguma outra entidade houvesse se apossado dele e dito aquilo em seu lugar. Mas era o que sentia.

Com muita intensidade.

– O que você acha…

Mas, antes que pudesse completar o pensamento, Caçarola começou a gritar. Apontava alguma coisa.

Não foi preciso mais que um segundo para Thomas perceber o que deixara o cozinheiro todo agitado.

A distância, vindas da cidade, duas pessoas se aproximavam correndo, os corpos apenas linhas fantasmagóricas no calor da miragem, pequenas nuvens de areia lhes subindo dos pés.

18

Thomas observou as pessoas correndo ao longe. Percebeu que outros Clareanos também haviam parado, como se obedecessem a um comando silencioso. Sentiu calafrios, algo totalmente improvável em meio ao calor sufocante. Não entendia o motivo do arrepio que lhe percorrera as costas – os Clareanos eram dez vezes mais numerosos que os estranhos que se aproximavam –, mas a sensação era incontestável.

– Agrupem-se todos – instruiu Minho. – E estejam prontos para lutar contra aqueles trolhos ao primeiro sinal de encrenca.

A miragem borrada pelo calor escaldante obscurecia as duas imagens, indistinguíveis até a apenas uns cem metros de distância. Os músculos de Thomas se retesaram quando entraram em foco. Lembrava-se muito bem do que haviam visto através das grades das janelas, algumas manhãs atrás. Os Cranks. Mas aquelas pessoas o amedrontavam de um modo diferente.

Pararam a menos de dez metros dos Clareanos. Tratava-se de um homem e uma mulher, embora Thomas só pudesse ter certeza desse detalhe pela silhueta ligeiramente sinuosa de uma delas. A não ser por essa característica, exibiam a mesma compleição – altos e magros. A cabeça e o rosto estavam quase totalmente envoltos em trapos sujos de um tecido bege encardido, com pequenas fendas cortadas grosseiramente para que pudessem ver e respirar através delas. A calça e a camisa eram um amontoado de remendos, tiras de tecido azul desbotado costuradas em alguns pontos. Nada ficava exposto à violência do sol, a não ser as mãos, e estas eram vermelhas, rachadas e escamosas.

Os dois permaneceram parados ali, arquejando, enquanto recuperavam o fôlego, um ruído semelhante ao lamento de cães doentes.

– Quem são vocês? – gritou Minho.

Os estranhos não responderam, nem sequer se moveram. Os dois arfavam. Thomas os observou através do capuz improvisado – não podia imaginar como alguém fosse capaz de correr de tão longe e não morrer de exaustão pelo calor.

– Quem são vocês? – Minho repetiu.

Em vez de responder, os dois estranhos se separaram e passaram a andar em um círculo amplo ao redor dos Clareanos agrupados. Os olhos, ocultos pelas fendas daqueles estranhos envoltórios que os tornavam semelhantes a múmias, permaneciam fixos nos garotos, enquanto continuavam desenhando um grande arco, como se avaliassem as vítimas antes da matança. Thomas sentiu a tensão aumentar, maldizendo o momento em que não pôde mais ver os dois ao mesmo tempo. Virou-se de lado e viu que se reencontravam atrás do grupo, de novo encarando os garotos e permanecendo imóveis.

– Somos muito mais numerosos que vocês – continuou Minho, deixando escapar um traço de frustração na voz. Ameaçá-los cedo demais parecia precipitado. – Vamos, desembuchem. Digam quem são.

– Somos Cranks.

As duas palavras partiram da mulher, uma breve explosão contrariada de som gutural. Sem nenhuma razão plausível, ela apontou por sobre os Clareanos, em direção à cidade de onde procediam.

– Cranks? – repetiu Minho. Abriu caminho através do grupo para se aproximar dos estranhos. – Como aqueles que tentaram invadir nosso prédio alguns dias atrás?

Thomas franziu o cenho – aquelas pessoas não faziam a menor ideia do que Minho falava. De alguma maneira, os Clareanos haviam percorrido um longo caminho através do Transportal.

– Somos Cranks. – Dessa vez a fala partiu do homem. Para surpresa deles, a voz era mais suave que a da mulher. Mas não havia bondade nela. Apontou por cima dos Clareanos, do mesmo modo que a companheira fizera. – Viemos ver se vocês são Cranks. Se contraíram o Fulgor.

Minho voltou-se para Thomas e depois para mais alguns outros, as sobrancelhas arqueadas. Ninguém disse nada. Ele retornou à posição inicial.

– Alguns sujeitos disseram que estamos com o Fulgor, sim. O que podem nos dizer a respeito?

– Não importa – retrucou o homem; as faixas de tecido retorcidas sobre o

rosto moviam-se a cada palavra. – Se contraíram a doença, logo vão descobrir.

– Bem, o que desejam, afinal? – indagou Newt, adiantando-se até parar ao lado de Minho. – Que importa se somos Cranks ou não?

A mulher respondeu, dessa vez agindo como se não houvesse escutado as perguntas:

– Como chegaram ao Deserto? De onde saíram? Como vieram parar aqui?

Thomas estava surpreso com a evidente inteligência das palavras dela. Os Cranks que tinham visto no dormitório pareciam totalmente insanos, semelhantes a animais. Essas pessoas não; estavam conscientes o bastante para perceber que o grupo surgira do nada. Não existia coisa nenhuma na direção oposta à cidade.

Minho inclinou-se para consultar Newt, depois se virou e aproximou-se de Thomas.

– O que devemos dizer a eles?

Thomas não fazia ideia.

– Não sei. A verdade? Mal não pode fazer.

– A verdade? – retrucou Minho com sarcasmo. – Que ideia, Thomas. Você foi brilhantemente genial, como sempre. – Tornou a encarar os Cranks. – Fomos enviados aqui pelo CRUEL. Saímos de um buraco não muito longe, naquela direção, de dentro de um túnel. Devemos seguir por cento e sessenta quilômetros na direção norte, através do Deserto. Alguma dessas palavras faz sentido para vocês?

Mais uma vez, foi como se não tivessem escutado uma palavra do que haviam dito.

– Nem todos os Cranks se perderam – disse o homem. – Nem todos passaram à Insanidade. – Falou aquela última palavra como se fosse o nome de um lugar. – Cada um no seu nível. O melhor é aprenderem com quem fazer amizade e quem evitar. Ou quem matar. Melhor aprenderem logo se estão seguindo mesmo nosso caminho.

– Qual é o seu caminho? – indagou Minho. – Vocês vieram daquela cidade, certo? É lá que vivem todos os Cranks? Lá tem comida e água?

Thomas sentia a mesma ansiedade de Minho – uma ânsia de fazer milhões de perguntas. Estava tentado a sugerir que capturassem aqueles dois Cranks e os obrigassem a responder. Mas no momento a dupla não parecia ter nenhuma intenção de ajudar. Os dois se separaram de novo para circular o grupo de Clareanos.

Pouco depois, reuniram-se no ponto em que haviam parado pela primeira vez. Com a cidade ao longe parecendo flutuar entre eles sob o fustigante calor, a mulher deu um último aviso:

– Se não contraíram a doença ainda, vão contrair em breve. O mesmo aconteceu com o outro grupo. Aquele que deve matar você.

Então os dois estranhos deram meia-volta e regressaram correndo rumo ao amontoado de prédios no horizonte, deixando Thomas e os outros Clareanos em um silêncio atordoante. Pouco depois, quaisquer evidências dos Cranks corredores tinham se perdido em um borrão de calor e poeira.

– Outro grupo? – repetiu alguém, talvez Caçarola. Thomas mergulhara em um transe profundo demais para notar, vendo os Cranks desaparecerem e preocupado com o Fulgor.

– Imagino que tenham falado do meu grupo. – Este era, sem dúvida, Aris. Thomas enfim se forçou a desviar o olhar.

– O Grupo B? – perguntou ao garoto. – Acha que já conseguiram chegar à cidade?

– Uou! – bradou Minho. – O que importa? Se pensam que esse negócio de nos matarem era só pra chamar atenção, o que me dizem sobre o que falaram do Fulgor?

Thomas pensou na tatuagem em sua nuca. Aquelas simples palavras que o apavoravam desde então.

– Quem sabe, quando ela disse "a gente", não quis dizer todos nós. – Thomas apontou o polegar, imitando o sinal ameaçador feito antes pela mulher. – Talvez se referisse vagamente a alguém e ela, ou apenas a mim especificamente. Não sei dizer para quem ela olhava.

– Como ela poderia saber quem você é? – retrucou Minho. – Além disso, não interessa. Se alguém tentar matar você, ou a mim, ou qualquer um de nós, terá de enfrentar o grupo todo. Certo?

– Você é muito engraçadinho – bufou Caçarola. – Vá em frente e morra com Thomas. Acho que consigo escapar e conviver com a culpa. – Lançou um olhar de esguelha para sublinhar que estava apenas brincando, mas Thomas imaginou se por trás daquelas palavras não havia um tanto de verdade.

– Bem, o que faremos agora? – indagou Jack. Estava com o braço de Winston passado ao redor dos ombros, mas o ex-encarregado do Sangradouro parecia ter recobrado parte da vitalidade. Felizmente, o lençol cobria as partes hediondas de sua cabeça.

– O que você acha? – indagou Newt, mas depois indicou Minho com um movimento de cabeça.

Minho levantou a cabeça e revirou os olhos.

– Vamos continuar em frente, é isso aí. Olhem, não temos escolha. Se não formos para aquela cidade, morreremos de insolação ou de fome aqui. Se formos, teremos uma chance de abrigo por certo tempo, quem sabe até comida. Com ou sem Cranks, é pra lá que a gente vai.

– E quanto ao Grupo B? – indagou Thomas, relanceando o olhar para Aris. – Ou seja lá a quem se referiram. E se realmente quiserem nos matar? Só temos nossas mãos para enfrentá-los.

Minho flexionou o braço direito.

– Se esse tal grupo são as garotas com que Aris andou, vou mostrar a elas essas minhas armas, e com certeza sairão correndo.

Thomas insistiu.

– E se as garotas tiverem armas? Ou souberem lutar? Ou se não forem elas, afinal, mas um bando de brutamontes de mais de dois metros de altura que gostam de carne humana? Ou milhares de Cranks?

– Thomas… pare. Gente... – Minho soltou um suspiro exasperado. – Dá pra todo mundo fechar a matraca e se acalmar? Chega de perguntas. A menos que tenham uma ideia que não envolva a morte absolutamente certa, engulam o apito e vamos aproveitar a única chance que temos. Sacaram?

Thomas sorriu, embora não soubesse de onde viera o impulso para esse gesto. De algum modo, em poucas palavras, Minho o animara, ou pelo menos lhe dera uma pequena esperança. Tudo que precisavam era seguir em frente, continuar a fazer alguma coisa. Só isso.

– Melhor assim – disse Minho com um aceno de satisfação. – Alguém mais quer molhar as calças e chamar a mamãe?

Ouviram-se alguns risinhos, mas ninguém se manifestou.

– Certo. Newt, você vai na frente desta vez, mesmo mancando. Thomas, você fica na retaguarda. Jack, consiga alguém pra ajudar o Winston, assim você ganha um descanso. Vamos embora.

E assim prosseguiram. Aris carregava o fardo desta vez, e Thomas se sentiu flutuando pelo caminho. Aquilo era tão bom. A única dificuldade era segurar o lençol levantado, o braço perdendo a força e formigando. Mas continuaram sem parar, às vezes caminhando mais devagar, outras acelerando o passo.

Por sorte, o sol parecia prestes a se pôr enquanto se aproximava ainda mais

do horizonte. Pelo relógio de pulso de Thomas, apenas uma hora após a partida dos Cranks, o céu se tornara laranja-avermelhado, e o clarão intenso de seus raios começou a se desvanecer em um brilho mais agradável. Não muito tempo depois, desapareceu por completo sob o horizonte, trazendo a noite e as estrelas do céu como uma cortina de mansidão.

Os Clareanos continuaram em frente, encaminhando-se rumo ao fraco cintilar de luzes provenientes da cidade. Thomas quase sentia prazer agora que não carregava mais o fardo e podiam dispensar o lençol.

Enfim, quando o último traço do crepúsculo se foi, instalou-se a plena escuridão sobre a terra poeirenta, tal qual uma neblina negra.

19

Pouco tempo depois de escurecer, Thomas ouviu o grito de uma garota.

A princípio, não compreendeu direito o que ouvia; por um momento, pensou ser apenas fruto de sua imaginação. Com o ruído de passos abafados, o farfalhar dos fardos no chão, as conversas sussurradas em meio a respirações entrecortadas, era difícil ter certeza. Mas o que havia começado quase como um murmúrio dentro de sua cabeça logo se tornou inconfundível. Em algum ponto à frente deles, quem sabe perto da cidade, embora parecendo mais próximo, os berros de uma garota rasgaram a noite.

Os outros tinham notado também, e logo os Clareanos suspenderam a marcha. Praticamente retiveram a respiração, a fim de ouvir com mais clareza o som inquietante.

Era parecido com um miado. De um gato ferido. O tipo de lamento que fazia a pele se arrepiar, levava a colocar as mãos nos ouvidos com força e rezar para que parasse. Havia algo inumano naquilo, algo que arrepiou Thomas por dentro e por fora. A escuridão só contribuía para aumentar ainda mais o horror. Qualquer que fosse a origem, não estava tão próxima ainda, mas os gritos estridentes reverberavam aqui e ali como ecos dotados de vida e desejosos de esmagar contra a poeira do chão uma angústia indescritível, para só então abandonar para sempre a existência neste mundo.

– Sabe o que isso me faz lembrar? – comentou Minho. A voz era um sussurro no limiar do medo.

Thomas sabia.

– Sei... Alby. Eu, talvez? Gritando após a picada do Verdugo?

– Acertou.

– Não, não, não – lamentou-se Caçarola. – Não me digam que vamos

encontrar aqueles desgraçados por aqui também. Não vou aguentar!

A apenas meio metro à esquerda de Thomas e Aris, Newt respondeu:

– Duvido. Lembra como a pele deles era úmida e melequenta? Virariam uma grande bola de poeira se rolassem neste chão.

– Bem – disse Thomas –, se o CRUEL é capaz de criar Verdugos, é capaz de criar uma porção de outras esquisitices da natureza que poderiam ser bem piores. Odeio admitir, mas aquele sujeito com cara de rato disse que as coisas ficariam ainda mais difíceis.

– Mais uma vez, Thomas nos vem com uma palestra animadora – anunciou Caçarola. Tentou fazer o comentário parecer jovial, mas acabou saindo mais como uma alfinetada malévola.

– Estava só comentando como as coisas são.

Caçarola exibiu uma expressão magoada.

– Eu sei. E como as coisas são me enche o saco.

– E agora? – indagou Thomas, tentando mudar de assunto.

– Acho que devíamos dar um tempo – sugeriu Minho. – Encher o bucho e beber um pouco de água. Depois a gente segue o mais rápido que puder, pelo tempo que a gente aguentar, enquanto o sol continua escondido. Talvez devêssemos também dormir algumas horas antes do amanhecer.

– E quanto à dama gritando que nem louca lá na frente? – perguntou Caçarola.

– Ela parece estar bem ocupada com os próprios problemas.

Por alguma razão, aquela afirmação aterrorizou Thomas. Talvez os demais sentissem o mesmo, porque ninguém disse uma palavra enquanto desciam os fardos dos ombros, sentavam-se e passavam a comer.

– Cara, gostaria que ela calasse a boca. – Era mais ou menos a quinta vez que Aris dizia aquilo ao apressarem o passo na noite trevosa. A pobre garota, em algum lugar nos arredores, que ficava cada vez mais próximo, ainda soltava seus lamentos em altos brados.

A refeição deles havia sido silenciosa e sombria, e a conversa acabou se encaminhando para o que o Homem-Rato tinha dito sobre as Variáveis e como a reação deles a elas era tudo o que importava; sobre a criação de um "projeto" e a identificação dos padrões da "zona de conflito letal". Ninguém tinha resposta para nada, é claro, apenas especulações sem o menor sentido.

Era estranho, pensou Thomas. Agora sabiam que estavam sendo testados e que faziam parte dos experimentos do CRUEL. De certo modo, era como se devessem se comportar de maneira diferente por causa disso, mas ainda assim apenas seguiam em frente, sobrevivendo até conseguir a cura prometida. E era o que continuariam fazendo. Thomas estava certo disso.

Demorou para que as pernas e as articulações dele relaxassem um pouco depois que Minho fez todo mundo se mexer de novo. Acima deles, a lua era apenas uma lasca, mal fornecendo a mesma luz que as estrelas. Mas não era preciso enxergar muito para avançar naquela terra plana e árida. Além do mais, a menos que fosse influência de sua imaginação, começavam a se aproximar das luzes da cidade. Dava para vê-las oscilando agora, o que significava a probabilidade de serem fogueiras. E fazia sentido: as chances de terem eletricidade naquela vastidão abandonada giravam em torno de zero.

Não soube afirmar quando aconteceu exatamente, mas, de súbito, o amontoado de prédios para o qual vinham marchando pareceu bem mais próximo. E havia muito mais deles do que qualquer um do grupo havia pensado. Eram mais altos também. Maiores. Espalhados e organizados em fileiras de modo ordenado. Pelo visto, o lugar poderia ter sido uma cidade importante, devastada pelo que quer que houvesse atingido a região. Será que os clarões solares realmente eram capazes de causar tanto dano? Ou será que outras coisas tinham se somado a eles depois?

Thomas estimava que chegariam aos primeiros prédios no dia seguinte.

Muito embora não precisassem da cobertura dos lençóis no momento, Aris ainda seguia com rapidez bem próximo dele, e Thomas sentiu vontade de conversar.

– Conte-me mais sobre toda aquela sua coisa no Labirinto.

A respiração de Aris era regular; ele parecia estar em tão boa forma quanto Thomas.

– Toda aquela minha coisa no Labirinto? O que quer dizer com isso?

– Você nunca nos contou os detalhes. Como foi a experiência pra você? Quanto tempo passou lá? Como saíram?

Aris respondeu em meio ao "crunch, crunch, crunch" dos passos rápidos sobre o solo desértico.

– Andei conversando com alguns dos seus amigos e parece que muita coisa foi exatamente igual. Só que… eram garotas em vez de garotos. Algumas delas já estavam lá há dois anos; o resto apareceu devagar, uma por vez, a cada mês.

Então Rachel chegou. Depois eu, no dia seguinte, em estado de coma. Não consigo me lembrar de muita coisa, só daqueles últimos dias frenéticos depois que acordei.

Continuou explicando o que havia acontecido e grande parte coincidia com o que Thomas e os Clareanos tinham vivido. Era muito estranho. Quase impossível de acreditar. Aris saíra do coma, contara alguma coisa sobre o Término, os muros pararam de se fechar à noite, a Caixa deles parou de chegar, descobriram que o Labirinto tinha um código, sempre, sempre, sempre, sem parar, a mesma coisa até a fuga. Que se desenrolou quase do mesmo modo que a experiência aterrorizante dos Clareanos, com a diferença de que menos garotas do grupo haviam morrido – Thomas não se surpreendeu nem um pouco, considerando a resistência de Teresa.

No fim, quando Aris e o grupo estavam na câmara final, uma garota chamada Beth – que desaparecera dias antes, exatamente como Gally – matara Rachel pouco antes de os salvadores chegarem e os conduzirem ao ginásio, que Aris mencionara antes. Então os salvadores os levaram ao lugar onde os Clareanos enfim o tinham descoberto, no quarto que havia sido de Teresa.

Se é que aquilo acontecera de verdade. Quem poderia saber com certeza como as coisas funcionavam, afinal, depois de ver o que ocorrera no Penhasco e no Transportal, que os tinha conduzido ao túnel? Sem mencionar as paredes de tijolos e a mudança de nome na porta de Aris.

Pensar em tudo aquilo deixava Thomas com uma enorme dor de cabeça.

Quando tentou refletir sobre o Grupo B e imaginar o papel de seus integrantes – como ele e Aris tinham sido praticamente trocados, e como Aris estava no lugar de Teresa –, aí é que a cabeça doeu de verdade. E havia o fato de Chuck ter sido morto em seu lugar… essa era a única diferença relevante que restava das correspondências. Será que as situações eram organizadas para instigar determinados conflitos ou provocar reações específicas para os estudos do CRUEL?

– É tudo bem esquisito, não é? – comentou Aris, depois de deixar Thomas digerir sua história por um tempo.

– Não encontro palavras pra isso. Mas fico impressionado como dois grupos possam ter passado pelos mesmos incríveis testes em paralelo. Ou experimentos, seja lá como os chamem. Quer dizer, se estavam testando nossas reações, acho que faz sentido termos passado pelas mesmas coisas. Embora seja estranho.

No exato momento em que Thomas parou de falar, a garota a distância deu um grito penetrante, ainda mais alto que os anteriores, aos quais já haviam se acostumado, e Thomas sentiu um renovado acesso de horror.

– Acho que sei – disse Aris, tão baixinho que Thomas não teve certeza se tinha ouvido corretamente.

– Hã?

– Acho que sei porque foram dois grupos. São dois grupos.

Thomas o encarou, mal podendo entrever a curiosa expressão de calma em seu rosto.

– Sabe? Por que, então?

Aris ainda não parecia muito à vontade.

– Bem, na verdade eu tenho duas hipóteses. Uma é que eu acho que aquelas pessoas… do CRUEL, ou quem quer que sejam… estão tentando selecionar os melhores dos dois grupos pra nos usar de algum modo. Talvez até mesmo nos reproduzir, ou algo do gênero.

– O quê? – Thomas ficou tão admirado que chegou a se esquecer dos gritos por alguns instantes. Não podia acreditar que alguém pudesse ser tão louco. – Reproduzir a gente? Corta essa!

– Depois de passar pelo Labirinto e pelo que acabamos de ver acontecer naquele túnel, você acha tão difícil assim acreditar em reprodução artificial? Dá um tempo.

– Verdade. – Thomas precisava admitir que o garoto tinha razão. – Muito bem, e qual seria sua outra hipótese? – Enquanto perguntava, Thomas podia sentir o cansaço trazido pelo final da marcha; a garganta estava seca, como se lhe houvessem despejado um copo cheio de areia goela adentro.

– Mais ou menos o oposto – respondeu Aris. – Que, em vez de querer sobreviventes dos dois grupos, só querem que um grupo sobreviva no final. Assim, ou querem eliminar garotos e garotas, ou um grupo inteiro em conjunto. É a única explicação que consigo encontrar.

Thomas refletiu sobre o que Aris havia dito um bom tempo, antes de responder:

– E quanto ao negócio que o Homem-Rato disse? Que estão testando nossas reações e desenvolvendo uma espécie de projeto? Talvez seja um experimento. Talvez não esteja nos planos deles que algum de nós sobreviva. Talvez estejam estudando nosso cérebro e reações, genes e tudo mais. Depois que esse negócio terminar, estaremos mortos, e eles terão uma porção de

relatórios pra ler.

– Hum – Aris resmungou, considerando o comentário. – Pode ser. Mas ainda não tenho explicação para o fato de deixarem um integrante do sexo oposto em cada grupo.

– Quem sabe não querem ver que tipo de brigas ou problemas isso causaria? Estudar a reação das pessoas… é um tipo de situação bem específica. – Thomas quase esboçou um sorriso. – Veja como estamos falando sobre isso… como se decidíssemos quando parar pra um plong.

Aris riu de verdade, um riso seco que fez Thomas se sentir melhor – na verdade, fez com que gostasse ainda mais do novo garoto.

– Cara, não diga isso. Estou apertado faz quase uma hora.

Foi a vez de Thomas rir e, por coincidência, como se Aris tivesse pedido, Minho gritou para que parassem de fato.

– Intervalo para o penico – falou, as mãos nos quadris enquanto controlava a respiração. – Enterrem os plongs e não façam isso muito perto daqui. Vamos descansar por quinze minutos, depois só caminharemos mais um pouco. Sei que a maioria não se equipara a Corredores como eu e Thomas.

Thomas assumiu um ar distante – não precisava de instruções sobre como usar o banheiro –, e virou-se para dar uma olhada no lugar onde tinham parado. Respirou a plenos pulmões e, ao relaxar, seus olhos deram com alguma coisa. Uma sombra indistinta a algumas centenas de metros à frente deles, mas não diretamente no caminho da jornada. Era um quadrado escuro contra o brilho fraco da cidade mais ao longe. Erguia-se com tanta nitidez que não conseguiu acreditar como não o havia notado até o momento.

– Ei! – gritou, apontando naquela direção. – Parece um prédio pequeno logo ali, a poucos minutos, à direita. Algum de vocês está vendo?

– É, sim, estou vendo – respondeu Minho, aproximando-se e parando ao lado dele. – Imagino o que seja.

Antes que Thomas pudesse responder, duas coisas aconteceram quase ao mesmo tempo.

Primeiro, os gritos fantasmagóricos da garota misteriosa pararam instantaneamente, interrompidos como se uma porta de proteção acústica houvesse se fechado em algum lugar. Depois, saindo de trás do prédio escuro, desenhou-se a silhueta de uma garota, o longo cabelo descendo-lhe pelos ombros como seda negra.

20

Thomas não pôde evitar. Seu primeiro instinto foi esperar que fosse ela, chamar por ela. Foi pensar, contra todas as expectativas, que ela estivesse ali, a apenas uma centena de metros, aguardando-o.

Teresa?

Nada.

Teresa? Teresa!

Nada. O abscesso deixado quando ela desaparecera ainda estava em sua cabeça – como um poço vazio. Mas… poderia ser ela. Sim, poderia. Talvez algo tivesse acontecido com sua capacidade de comunicação telepática.

Assim que saiu de trás do prédio – ou, o que era mais provável, de dentro do prédio –, simplesmente parou. Apesar de estar indistinta por completo em meio às sombras, algo em sua postura tornava óbvio que estava de frente para ele, encarando-o de braços cruzados.

– Você acha que é Teresa? – perguntou Newt, como se lesse os pensamentos de Thomas.

Thomas concordou com a cabeça, sem se dar conta disso. Rapidamente, olhou ao redor para ver se alguém tinha notado. Não parecia.

– Não faço ideia, na verdade – disse por fim.

– Acha que era ela quem estava gritando? – perguntou Caçarola. – Os gritos pararam bem na hora em que ela saiu.

Minho retrucou:

– Melhor apostar que era ela torturando alguém. Provavelmente, matou a pessoa e acabou com o sofrimento dela quando percebeu nossa chegada. – Depois, sem motivo aparente, bateu palmas uma vez. – Muito bem, quem quer conhecer essa bela dama?

A capacidade de descontração de Minho em ocasiões como aquela sempre deixava Thomas perplexo.

– Eu vou – respondeu ele, alto demais. Não queria tornar tão óbvio que esperava ser Teresa.

– Estava só brincando, seu cara de mértila – retrucou Minho. – Vamos todos até lá. Ela pode ter um exército de garotas ninjas iradas escondidas naquele barraco.

– Garotas ninjas iradas? – repetiu Newt, a voz demonstrando surpresa, se não aborrecimento, diante da atitude de Minho.

– É isso aí. Vamos. – Minho se pôs a caminhar naquela direção.

Thomas agiu tomado por um súbito e inesperado impulso.

– Não! – Baixou a voz. – Não. Esperem aqui… vou lá conversar com ela. Talvez seja uma armadilha ou algo parecido. Seríamos idiotas de irmos todos e sermos pegos.

– E você não é um idiota por querer ir sozinho? – devolveu Minho.

– Bem, não podemos ir lá sem verificar antes. Eu vou. Se alguma coisa acontecer ou parecer suspeita, grito pedindo ajuda.

Minho refletiu por um longo momento.

– Tudo bem. Vá, nosso bravo trolhinho – falou, dando um tapa ardido nas costas de Thomas.

– Isso é uma enorme idiotice – interrompeu Newt, adiantando-se. – Vou lá com ele.

– Não! – soltou Thomas. – Só… me deixem fazer isso. Algo me diz que precisamos ser cuidadosos. Se começar a gemer como um bebê, corram até lá pra me salvar. – E, antes que alguém pudesse protestar, disparou em rápidas passadas na direção da garota e do prédio.

Não demorou para vencer a distância. Seus tênis rompiam o silêncio, rangendo contra a poeira áspera e o chão rochoso. Sentia o aroma do Deserto misturado a um odor distante de algo queimando, e, quando olhou para a silhueta da garota próxima ao prédio, num rompante, teve certeza. Talvez fosse o formato da cabeça ou do corpo. Talvez a postura, a maneira como mantinha os braços cruzados, inclinada para o lado, o quadril deslocado na direção contrária. Certeza absoluta.

Era ela.

Era Teresa.

Quando chegou a apenas alguns metros dela, antes que a luz fraca revelasse

sua face, ela deu meia-volta e passou pela porta aberta, desaparecendo prédio adentro. De formas retangulares, a construção tinha o teto ligeiramente elevado no meio, como uma barraca. Pelo que Thomas percebeu, não havia janelas. Grandes cubos pretos pendiam dos cantos – alto-falantes, talvez. Quem sabe o som fosse uma gravação. Isso explicaria por que o tinham ouvido de tão longe.

A porta, uma grande folha de madeira, permanecia totalmente aberta, encostada na parede. Estava ainda mais escuro lá dentro do que fora.

Thomas se aproximou. Passou pela porta, percebendo no exato momento em que o fazia o quanto aquela atitude era imprudente e estúpida. Mas era ela. Não importava o que acontecesse, não importava qual fosse a explicação para seu desaparecimento e para a recusa em falar com ele telepaticamente, sabia que Teresa não lhe faria mal. De maneira nenhuma.

O ar estava sensivelmente mais frio ali dentro, quase úmido, provocando uma sensação maravilhosa. Três passos depois, parou e tentou ouvir algo na mais completa escuridão. Podia ouvi-la respirar.

– Teresa? – chamou em voz alta, afastando a tentação de se comunicar mentalmente outra vez. – Teresa, o que está acontecendo?

Ela não respondeu, mas ele a ouviu inspirar o ar levemente, depois fungar baixinho, como se chorasse, mas tentando ocultar isso dele.

– Teresa, por favor. Não sei o que aconteceu ou o que fizeram com você, mas estou aqui agora. Isso é loucura. Apenas fale co…

Ele se interrompeu quando uma luz brilhou vivamente com um rápido clarão, que então se reduziu a um brilho fraco. Naturalmente, os olhos foram atraídos para o fogo, para a mão que segurava o fósforo. Observou enquanto acendia, lenta e cuidadosamente, uma vela sobre uma mesinha. Depois de ela acendê-la, e de a mão agitar o fósforo até que se apagasse, Thomas enfim levantou os olhos. Viu que estava certo, afinal. Mas a breve e quase sufocante emoção de ver Teresa com vida logo foi interrompida, substituída por confusão e dor.

Estava limpa; todo o corpo estava. Esperava vê-la imunda, como era de se esperar após todo aquele tempo na poeira do Deserto. Pensava que as roupas dela estivessem estropiadas e rasgadas; um cabelo seboso e um rosto borrado e queimado do sol. Mas, em vez disso, ela usava roupas limpas; o cabelo recém-lavado cascateava sobre os ombros. Nada desfigurava a pele clara do rosto ou dos braços. Estava mais linda que nunca, desde que a tinha visto no Labirinto,

mais do que em todas as lembranças que era capaz de ter desde a meleca nojenta da qual se recuperara após a Transformação.

Mas os olhos dela brilhavam devido às lágrimas; o lábio superior palpitava de medo; as mãos tremiam ao lado do corpo. Percebeu reconhecimento em seu olhar, viu que ela não o esquecera, mas por trás disso havia o mais puro e absoluto terror.

– Teresa – sussurrou com um nó na garganta. – O que há de errado?

Ela não respondeu, mas o olhar relanceou para o lado, antes de voltar a fitá-lo. Algumas lágrimas despontaram, escorrendo pelas maçãs do rosto. Os lábios dela tremeram ainda mais, o peito inflou com o que só poderia ser um soluço incontrolável.

Thomas avançou, estendendo as mãos para ela.

– Não! – ela gritou. – Fique longe de mim!

Thomas estacou, como se um golpe tremendo lhe houvesse acertado as entranhas. Mas manteve as mãos estendidas.

– Tudo bem, tudo bem. Teresa, o que…

Não sabia o que dizer ou perguntar. Não sabia o que fazer. Mas aquela sensação terrível de algo desmoronando se intensificou intimamente, ameaçando sufocá-lo quando chegasse à garganta.

Ele se aquietou, com medo de perturbá-la de novo. A única coisa que podia fazer era olhá-la fixamente, tentar lhe contar como se sentia, implorar para que dissesse alguma coisa. Qualquer coisa.

Um momento muito longo se passou em silêncio. A maneira como o corpo dela tremia, o modo como parecia lutar contra algo invisível… fazia com que se lembrasse de…

Fazia com que se lembrasse de como Gally agira, logo depois de terem escapado da Clareira e entrado no salão com a mulher de vestido branco. Pouco antes de tudo se transformar em loucura completa. Pouco antes de Gally matar Chuck.

Thomas precisava falar, ou explodiria.

– Teresa, tenho pensado em você a cada segundo desde que a levaram. Você…

Ela não o deixou terminar. Avançando, colocou-se à frente dele após dois passos longos. E, estendendo os braços, pegou-o pelos ombros e o abraçou. Sem fôlego, Thomas passou os braços em torno dela e a apertou, retribuindo o abraço com tanta força que preocupou-se com a possibilidade de sufocá-la. As

mãos dela encontraram sua nuca, depois seu rosto, estreitando-o entre as mãos e fazendo-o fitá-la.

Então se beijaram. Alguma coisa explodiu dentro do peito dele, fazendo evaporar a tensão, a confusão, o medo. A dor de de segundos atrás. Por um momento, nada mais pareceu importar.

Mas ela se afastou. Recuou com tanta força que se chocou contra a parede. O terror lhe retornou ao rosto, possuindo-a como um demônio. E ela falou, a voz num sussurro, porém vibrante:

– Fique longe de mim, Tom – avisou. – A única coisa que você precisa fazer é ficar… longe… de mim. Não discuta. Só saia. Corra. – Seu queixo tremia pelo esforço de pronunciar as últimas palavras.

Thomas jamais fora tão magoado. Mas ficou ainda mais chocado com o que fez em seguida.

Agora a reconhecia, lembrava–se dela. E sabia que ela falava a verdade – algo não estava certo ali. Havia alguma coisa terrivelmente errada – muito pior do que havia imaginado. Ficar, discutir com ela, tentar forçá-la a acompanhá-lo seria uma ofensa diante da incrível força de vontade que ela devia ter tido que usar para romper com tudo e adverti-lo. Precisava fazer o que ela dizia.

– Teresa – disse ele. – Vou encontrar você.

Com as lágrimas agora inundando-lhe os olhos, afastou-se e saiu do prédio.

21

Thomas saiu cambaleante do prédio, agora às escuras, mal conseguindo enxergar com os olhos embaçados pelas lágrimas. De volta para junto dos Clareanos, recusou-se a responder perguntas. Disse aos outros que precisavam partir, afastar-se dali o mais rápido possível. Explicaria depois. A vida deles corria perigo.

Não esperou pelos outros. Não se ofereceu para pegar o fardo de Aris. Simplesmente partiu rumo à cidade, isolando-se dos outros, isolando-se do mundo. Correu intensamente até que enfim se viu obrigado a diminuir a marcha para um passo mais razoável. Correr para longe de Teresa fora a coisa mais difícil que já havia feito, não tinha a menor dúvida a respeito. Aparecer na Clareira com as lembranças apagadas, adaptar-se à vida ali, perder-se nas armadilhas do Labirinto, enfrentar os Verdugos, ver Chuck morrer... nada disso se comparava ao que sentia agora.

Ela estava lá. Estivera nos braços dele. Haviam se encontrado de novo.

Tinham se beijado, e ele sentira algo que jamais imaginara ser possível.

E agora fugia dela, deixando-a para trás.

Soluços sufocantes brotaram de seu peito. Gemeu e ouviu o som angustiante da própria voz explodir. Seu coração sentia tanta dor que quase se obrigou a parar, desmoronar no chão e desistir de tudo. O sofrimento o consumia e mais de uma vez viu-se tentado a voltar. Mas, de algum modo, foi fiel ao que ela havia ordenado que fizesse, e se apegou à promessa de encontrá-la outra vez.

Pelo menos ela estava viva. Pelo menos ela estava viva.

Era o que repetia a si mesmo. Era o que o mantinha em marcha.

Ela estava viva.

Aquilo era o máximo que seu corpo conseguia suportar. A certa altura,

talvez duas, três horas depois de deixá-la para trás, parou, certo de que seu coração explodiria se desse mais um passo. Virou-se e viu uma sombra se movendo muito longe: os outros Clareanos, lá atrás. Inspirando grandes doses de ar seco, Thomas ajoelhou-se, apoiou os antebraços sobre os joelhos, depois fechou os olhos para descansar até que o alcançassem.

Minho foi o primeiro a chegar, e o Líder não estava nem um pouco feliz. Mesmo à luz fraca – o amanhecer começava a dar sinal de vida –, fungou ostensivamente e caminhou ao redor de Thomas três vezes antes de dizer alguma coisa.

– O que… por que… que tipo de trolha idiota é você, Thomas?

Thomas não se sentia disposto a conversar. Sobre nada.

Como que não obteve resposta, Minho se ajoelhou ao lado dele.

– Como pôde fazer isso? Como pôde sair de lá e desaparecer dessa maneira? Sem explicar nada? Desde quando é assim que fazemos as coisas, cabeção? – Soltou um longo suspiro e tombou para trás, para apoiar o traseiro, balançando a cabeça.

– Sinto muito – Thomas murmurou por fim. – Estava meio traumatizado.

Os outros Clareanos os alcançavam naquele momento, metade deles se dobrando para recuperar o fôlego, a outra metade se apressando em escutar o que Thomas e Minho conversavam. Newt estava ali, mas pareceu se contentar em deixar a cargo de Minho descobrir o que havia acontecido.

– Traumatizado? – repetiu Minho. – Quem você viu lá? O que disseram?

Thomas sabia que não tinha escolha – aquilo não era algo que devesse manter fora do conhecimento dos outros.

– Foi… foi Teresa.

Esperava sobressaltos, exclamações de surpresa, acusações de ser um maldito mentiroso. Mas, no silêncio que se seguiu, era possível ouvir o vento matutino varrer a poeira ao redor deles.

– O quê? – Minho reagiu. – Está falando sério?

Thomas simplesmente inclinou a cabeça, olhando para uma pedra de formato triangular no chão. O local tinha se iluminado consideravelmente nos últimos minutos.

Era compreensível o choque de Minho.

– E você a deixou lá? Cara, você precisa desembuchar e nos contar o que aconteceu.

Por mais que lhe doesse, por mais que a lembrança dilacerasse seu coração,

Thomas contou a história. Como a vira, como ela tremera e chorara, como agira igual a Gally – quase possuída – antes de matar Chuck, e a advertência que lhe fizera. Contou tudo; a única coisa que deixou de fora foi o beijo.

– Uou! – Minho usou um tom enfastiado, encerrando o episódio inteiro com aquela única palavra.

Vários minutos se passaram. O vento seco se espalhava pelo chão, enchendo o ar de poeira à medida que o sol, alaranjando e brilhante, incendiava o horizonte e oficialmente inaugurava o dia. Ninguém comentou nada. Thomas ouviu fungadas, respirações ofegantes e algumas tosses. Ruído de pessoas bebendo das sacolas de água. A cidade parecia ter crescido durante a noite, os prédios estendendo-se de encontro ao céu azul-arroxeado e sem nuvens. Mais um dia ou dois e a alcançariam.

– Era algum tipo de armadilha – disse ele depois de um tempo. – Não sei o que teria acontecido, ou quantos de nós teríamos morrido. Talvez todos. Mas pude ver que não havia nenhuma dúvida nos olhos dela quando se libertou do que quer que a reprimisse. Ela nos salvou, e aposto que eles a farão… – Engoliu em seco. – Aposto que a farão pagar por isso.

Minho estendeu a mão e apertou o ombro de Thomas.

– Cara, se aquela gente de mértila do CRUEL a quisesse morta, ela já estaria acabada embaixo de uma grande pilha de pedras. Ela é forte como todos nós; talvez até mais forte. Ela vai sobreviver.

Thomas inspirou uma grande porção de ar e soltou tudo de uma vez. Sentia-se melhor. Parecia impossível, mas se sentia melhor. Minho estava certo.

– Eu sei. De algum modo, eu sei.

Minho se levantou.

– Devíamos ter parado algumas horas atrás para dormir um pouco. Mas, graças ao Grande Corredor do Deserto aqui – ele deu um tapa na cabeça de Thomas –, corremos feito loucos até o maldito sol se apresentar. Ainda acho que precisamos descansar um pouco. Façam isso sob os lençóis, do jeito que der, mas vamos descansar.

Acabou não sendo um problema para Thomas, afinal. Com o sol brilhante tingindo a visão de pálpebras fechadas com um carmesim carregado de manchas escuras, pegou no sono de imediato, o lençol puxado completamente sobre a cabeça para protegê-lo de uma insolação – e de seus problemas.

22

Minho os deixou dormir por quase quatro horas. Não que tivesse precisado acordar muita gente. O sol alto e cada vez mais forte assolava a terra com um calor que se tornava insuportável – impossível de ignorar. Quando Thomas se levantou, após ter feito uma refeição e guardado a comida, o suor já empapava suas roupas. Aquele odor corporal característico pairava sobre eles como uma névoa fedorenta, e tudo que Thomas desejava era não ser o principal culpado. Os chuveiros do dormitório pareciam puro luxo agora.

Os Clareanos permaneceram carrancudos e quietos enquanto se aprontavam para continuar a jornada. Quanto mais Thomas pensava a respeito, mais concluía que não havia muito por que se entusiasmarem. Ainda assim, duas coisas o motivavam a seguir em frente, e ele esperava que tivessem o mesmo efeito sobre os outros. A primeira, uma imensa curiosidade em descobrir o que havia naquela cidade idiota – ela se parecia cada vez mais com uma cidade à medida que se aproximavam. E, a segunda, a esperança de que Teresa estivesse bem. Talvez ela houvesse atravessado um daqueles Transportais. Talvez estivesse adiantada em relação a eles no momento. Poderia estar na própria cidade. Thomas sentiu uma onda de ânimo invadi-lo.

– Vamos indo – disse Minho, depois que todo mundo se aprontou, e então partiram.

Caminharam pela terra esturricada. Ninguém precisava dizer em voz alta, mas Thomas sabia que todos pensavam na mesma coisa: não tinham mais energia para correr enquanto o sol estivesse alto. E, mesmo que o fizessem, não havia água suficiente para mantê-los vivos em um ritmo mais rápido.

Portanto, caminharam, os lençóis sobre a cabeça. À medida que a comida e a água escasseavam, uma parte maior dos fardos sobrava para usar como proteção

contra o sol, e menos Clareanos precisavam caminhar em pares. Thomas foi um dos que primeiro ficou sozinho, provavelmente porque ninguém desejava conversar com ele após ter ouvido a história sobre Teresa. Ele, com certeza, não se queixaria – a solidão era uma bênção no momento.

Caminhada. Parada para comer e beber. Caminhada. Calor, como um oceano seco no qual precisavam nadar. Aquele vento, soprando mais forte agora, trazia mais poeira e areia do que alívio do calor. Chicoteava os lençóis, tornando difícil mantê-los no lugar. Thomas tossia e tentava limpar porções de sujeira acumulada no canto dos olhos. Sentia que cada gole de água só o fazia querer mais, mas seus suprimentos vinham atingindo níveis perigosamente baixos. Se não houvesse água fresca na cidade quando chegassem lá…

Para ele, não havia uma maneira agradável de finalizar aquela linha de pensamento.

Seguiram em frente, a cada passo a caminhada se tornando mais e mais insuportável, embora todos permanecessem quietos. Ninguém conversava. Thomas sabia por quê. Pronunciar até mesmo poucas palavras seria um gasto muito grande de energia. Tudo o que podia fazer era se concentrar em pôr um pé na frente do outro, inúmeras vezes seguidas, contemplando impotente seu objetivo: a cidade cada vez mais próxima.

Era como se os prédios houvessem ganhado vida, crescendo bem diante dos olhos deles à medida que se aproximavam. Em pouco tempo, Thomas pôde avistar o que deviam ser pedras... talvez janelas brilhando à luz do sol. Algumas pareciam quebradas. De seu ponto de vista privilegiado, as ruas pareciam vazias. Não havia fogueiras durante o dia. Pelo que podia ver, no lugar não existia nenhuma árvore ou outra espécie de planta. Também, como poderia, num clima daqueles? Como as pessoas conseguiam viver ali? Como obtinham alimento? O que encontrariam?

Amanhã. Demorara mais tempo do que havia imaginado, mas Thomas não tinha dúvidas de que chegariam à cidade no dia seguinte. E, embora provavelmente fosse melhor que desviassem dela, não havia escolha. Precisavam repor os suprimentos.

Caminhada. Intervalo. Calor.

Quando o crepúsculo vespertino enfim chegou, o sol desaparecendo sob o distante horizonte a uma velocidade enlouquecedoramente lenta, a brisa se fortaleceu um pouco mais, e assim o ar refrescou. Thomas agradeceu em silêncio, feliz por qualquer alívio do calor causticante.

À meia-noite, quando Minho gritou para que parassem e dormissem mais um pouco, com a cidade e as fogueiras, agora acesas e ainda mais próximas, à frente, o vento tinha se fortalecido. Soprava em rajadas, chicoteando e formando redemoinhos com uma força crescente.

Logo após pararem, quando já havia se deitado de costas, o lençol preso em volta do corpo e puxado até o queixo, Thomas fitou o céu. O vento se acalmava agora, pronto para embalar seu sono. Assim que sua mente se tornou nebulosa devido à exaustão, as estrelas pareceram se apagar, e o sono lhe trouxe um sonho.

Está sentado em uma cadeira. Tem dez ou onze anos de idade. Teresa – ela está com uma aparência tão diferente, muito mais nova, embora ainda seja ela, sem dúvida – está sentada à sua frente, uma mesa entre os dois. Ela tem mais ou menos a idade dele. Não há mais ninguém no aposento, um lugar escuro com apenas um ponto de luz: um insípido quadrado amarelo no teto diretamente acima.

– Tom, você precisa se esforçar mais – diz ela. Está de braços cruzados e, mesmo sendo ainda mais jovem, aquela é uma visão que não o surpreende. Ao contrário, é muito familiar. Como se ele já a conhecesse há muito tempo.

– Estou tentando. – De novo é ele falando, mas não ele de verdade. Não parece fazer sentido.

– Provavelmente vão nos matar se a gente não conseguir fazer isso.

– Eu sei.

– Então tente!

– Estou tentando!

– Ótimo – ela responde. – Sabe de uma coisa? Nunca mais vou falar com você em voz alta. Nunca mais, em momento algum, enquanto não conseguir fazer isso.

– Mas…

Nem mentalmente, a voz dela irrompe em seu pensamento. Aquele truque o deixa louco, pois ainda não consegue fazer o mesmo. Não perca tempo.

– Teresa, me dê só mais alguns dias. Vou conseguir.

Ela não responde.

– Tudo bem, só mais um dia.

Ela apenas o olha. Depois, nem mesmo isso. Desvia o olhar para a mesa,

estende a mão e começa a arranhar com a unha um ponto aleatório na madeira.

– Não tem como você deixar de conversar comigo.

Nenhuma resposta. E ele a conhece, apesar do que acabou de dizer. Ah, ele a conhece mesmo.

– Ótimo – responde. Fecha os olhos, faz o que o instrutor lhe ensinou. Imagina um mar de escuridão, interrompido apenas pela imagem do rosto de Teresa. Então, com o último resquício de força de vontade, forma as palavras e as envia para ela.

Você está cheirando merda.

Teresa sorri, depois responde mentalmente:

Você também.

23

Thomas acordou com o vento fustigando seu rosto, cabelo e roupas. Era como se mãos invisíveis tentassem despi-lo. Estava frio também, o que fazia todo o seu corpo se arrepiar. Apoiando-se nos cotovelos, olhou ao redor, mal conseguindo distinguir as formas amontoadas dormindo ali perto, os lençóis arranjados firmemente sobre os corpos.

Lençóis.

Soltou um gemido de frustração, depois se pôs de pé em um salto – em algum momento, durante a noite, havia deixado o lençol afrouxar e sair voando. Com aquele vento dilacerante, poderia estar a uns dez quilômetros de distância àquela altura.

– Mértila – resmungou baixinho. O sonho voltou aos seus pensamentos – ou seria uma lembrança? Tinha de ser. Aquele breve lampejo no tempo em que ele e Teresa eram mais novos, aprendendo como praticar o truque telepático. O coração se oprimiu um pouco, a saudade dela aumentava. Sentia-se culpado por ter mais uma prova de que fazia parte do CRUEL antes de ir para o Labirinto. Balançou a cabeça para afastar a lembrança; não queria pensar nela. Seria capaz de bloquear aquele pensamento se fizesse o esforço necessário.

Fitou o céu negro, depois inspirou o ar com uma sofreguidão precipitada, e a lembrança do sol desaparecendo da Clareira voltou de repente. Aquele havia sido o princípio do fim. O início do terror.

Mas seu senso prático acalmou o coração. Vento. Ar frio. Tempestade. Tinha de ser uma tempestade.

Nuvens.

Inquieto, sentou-se de novo, depois deitou de lado e se encolheu até formar um caracol com o corpo, os braços envolvendo a si mesmo. O frio não era

insuportável, apenas uma mudança brusca em relação ao calor horrível. Sondou os próprios pensamentos e recordou as lembranças que tivera nos últimos tempos. Seria um efeito posterior da Transformação? Será que sua memória estava voltando?

O pensamento lhe causou sensações desencontradas. Queria que o bloqueio da memória se fosse para sempre – desejava saber quem era, de onde vinha. Mas esse desejo era influenciado pelo medo do que poderia descobrir a respeito de si mesmo. A respeito de seu papel nas diversas situações que o haviam conduzido àquele ponto – situações tenebrosas que tinham resultado em consequências horríveis para seus amigos.

Precisava desesperadamente dormir.

O vento, como um rugido constante nos ouvidos, por fim apagou, dessa vez sem sonho nenhum.

A luminosidade o despertou para um amanhecer sem graça, cinzento, que revelou uma grossa camada de nuvens cobrindo o céu. Também tornou a extensão interminável do Deserto ao redor ainda mais lúgubre. A cidade estava bem perto agora, a poucas horas de distância. Os prédios eram mesmo altos; um deles se elevava e desaparecia em meio à baixa neblina. E os vidros de todas aquelas janelas quebradas eram como dentes pontiagudos e salientes em bocas abertas, prontas para abocanhar o alimento que se encontrasse voando ao sabor do vento.

O ar indócil ainda o fustigava, e uma grossa camada de poeira lhe ardia sobre o rosto. Passou as mãos na cabeça, e o cabelo pareceu uma forma sólida devido à sujeira seca trazida pelo vento.

A maioria dos outros Clareanos parecia restabelecida, em bom estado físico, assimilando a mudança inesperada do tempo com conversas animadas que ele não conseguia ouvir. Havia apenas um zunido constante nas orelhas.

Minho notou que ele havia acordado e se aproximou. O garoto se inclinou contra o vento ao caminhar, as roupas esvoaçantes.

– Já era hora! – Minho gritou a plenos pulmões.

Thomas limpou as crostas dos olhos e levantou.

– De onde vem tudo isso? – gritou em resposta. – Pensei que estivéssemos no meio de um deserto!

Minho olhou para a massa cinzenta de nuvens lá no alto, depois desviou o

olhar para Thomas. Inclinou o corpo, aproximando-se, para falar direto na orelha do outro.

– Bem, acho que precisa chover no deserto de vez em quando. Ande logo, vá comer… Precisamos continuar. Quem sabe chegamos na cidade e encontramos um lugar para nos esconder antes de sermos encharcados pela tempestade.

– E se chegarmos lá e um bando de Cranks tentar nos matar?

– Lutaremos contra eles! – Minho franziu o cenho, desapontado por Thomas fazer uma pergunta tão idiota. – O que mais podemos fazer? Estamos quase sem comida e sem água.

Minho tinha razão. Além disso, se haviam lutado contra dezenas de Verdugos, um punhado de desvairados asquerosos e mortos de fome não seriam um grande problema.

– Tudo bem, então. Vamos indo. Vou comendo uma daquelas coisas de granola enquanto caminhamos.

Alguns minutos depois, estavam outra vez rumando para a cidade, o céu cinzento acima deles pronto para se romper e despejar água a qualquer momento.

Estavam a apenas algumas quilômetros de distância dos prédios mais próximos quando depararam com um velho deitado de costas na areia, envolvido em vários cobertores. Jack foi quem o avistou primeiro, e logo Thomas e os outros se aglomeravam em um círculo ao redor do sujeito, observando-o.

O estômago de Thomas revirou ao examinar o homem mais de perto, mas não conseguiu desviar o olhar. O estranho devia ter uns cem anos de idade, embora fosse difícil de precisar – era possível que tivesse aquela aparência devido à pele castigada pelo sol. O rosto era enrugado e grosso como um pedaço de couro. No lugar do cabelo, crostas de feridas e chagas purulentas. Uma pele escura, muito escura.

Estava vivo, respirava profundamente, mas fitava o céu com os olhos vazios. Como se esperasse a descida de algum deus que pudesse levá-lo dali, pondo fim a uma existência miserável. Não dava sinal de sequer haver notado a aproximação dos Clareanos.

– Ei, velho! – Minho gritou, sempre o mais comunicativo. – O que está fazendo aí?

Thomas teve muita dificuldade em ouvir as palavras acima do vento

cortante; não conseguia imaginar o ancião respondendo alguma coisa. Estaria cego também? Talvez.

Thomas deu uma cotovelada em Minho para afastá-lo do caminho e se ajoelhou ao lado do homem. A melancolia em seu semblante era de partir o coração. Thomas estendeu a mão e a abanou acima dos olhos do velho. Nada. Nenhuma piscada, nenhum movimento. Só depois que Thomas abaixou a mão foi que as pálpebras do homem se fecharam devagar, depois abriram de novo. Apenas uma vez.

– Senhor? – indagou Thomas. – Senhor? – As palavras lhe soaram estranhas, parecendo evocar memórias obscuras do passado. Certamente não as usara desde que fora enviado à Clareira e ao Labirinto. – Consegue me ouvir? Pode falar?

O homem piscou daquele jeito lento de novo, mas não disse nada.

Newt ajoelhou-se ao lado de Thomas e falou em voz alta, acima do ruído do vento.

– Este cara é uma danada de uma mina de ouro se conseguirmos que nos conte alguma coisa sobre a cidade. Parece inofensivo, e provavelmente sabe o que nos espera quando chegarmos lá.

Thomas suspirou.

– É, mas ele não parece capaz de sequer ouvir, quanto mais conversar sobre algum assunto.

– Continue tentando – disse Minho atrás deles. – Você é oficialmente nosso embaixador de relações exteriores, Thomas. Faça o cara se abrir e falar pra gente sobre os bons e velhos tempos.

Por alguma estranha razão, Thomas quis retrucar com algo engraçado, mas não conseguiu pensar em nada. Se alguma vez tivesse sido um cara divertido na antiga vida, cada traço de humor desaparecera ao apagarem sua memória.

– Tudo bem – respondeu por fim.

Examinou cuidadosamente a cabeça do homem, depois se posicionou de modo que os olhos deles se encontrassem a apenas meio metro de distância.

– Senhor? Precisamos muito da sua ajuda! – Sentiu-se um pouco culpado por gritar, preocupado que o homem interpretasse mal aquele comportamento, mas não tinha escolha. O vento soprava forte, incansável. – Precisamos que nos diga se é seguro entrar na cidade! Podemos carregá-lo até lá se precisar de ajuda. Senhor? Senhor!

Os olhos escuros do homem olhavam por sobre seu ombro, em direção ao

céu, mas lentamente mudaram de rumo, até se concentrarem nos dele. A consciência era como um líquido escuro despejado lentamente para dentro de um copo. Os lábios se entreabriram, mas nada saiu, a não ser uma tosse abafada.

As esperanças de Thomas cresceram.

– Meu nome é Thomas. Estes são os meus amigos. Viemos atravessando o Deserto há alguns dias e precisamos de mais água e comida. O que o senhor…

Sua voz morreu na garganta quando os olhos do homem se agitaram de um lado a outro, uma indicação repentina de pânico neles.

– Está tudo bem, não vamos machucar o senhor – explicou Thomas rapidamente. – Somos… somos os mocinhos. Mas seria muito bom se…

A mão esquerda do homem saiu de sob os cobertores enrolados ao redor dele e agarrou o pulso de Thomas, prendendo-o com uma força muito maior do que parecia possível. Thomas soltou um grito de surpresa e instintivamente tentou libertar o braço, mas não conseguiu. Estava chocado com a força do homem. Mal conseguia se mover diante da algema que era a pressão daquele punho.

– Ei! – gritou. – Me solte!

O homem balançou a cabeça, os olhos negros mais tomados pelo medo que por instinto de violência. Os lábios se entreabriram mais uma vez, e um sussurro áspero, indecifrável, brotou-lhe da boca. Ele não afrouxou a mão.

Thomas desistiu de lutar para se desvencilhar. Em vez disso, relaxou e se inclinou para a frente, a fim de aproximar a orelha da boca do estranho.

– O que foi que disse? – gritou.

O homem falou de novo, um dissonante ruído seco que era inquietante, assustador. Thomas captou as palavras tempestade, terror e gente ruim. Nenhuma delas parecia muito inspiradora.

– Pode repetir? – berrou Thomas, a cabeça ainda inclinada para que a orelha ficasse a poucos centímetros acima do rosto do homem.

Dessa vez Thomas entendeu a maior parte do que ele dissera, faltando apenas algumas palavras para o sentido completo.

– Vem uma tempestade… cheia de terror… saia… fique longe… gente ruim.

O homem se sentou de repente, os olhos muito arregalados.

– Tempestade! Tempestade! Tempestade!

Não parava, repetindo a palavra vezes sem conta, até que um fio viscoso de

saliva lhe cobriu o lábio inferior, e ele oscilou de um lado para o outro como um pêndulo hipnótico.

Soltou o braço de Thomas, que tombou para trás, afastando-se. O vento se intensificou, parecendo evoluir de rajadas fortes para um vendaval descontrolado com a força de um furacão, aterrorizante, exatamente como o homem dissera. O mundo se perdia no clamor do ar que bramia e rugia. O cabelo e as roupas de Thomas pareciam prestes a ser arrancados do corpo a qualquer segundo. Os lençóis dos Clareanos se agitavam, esvoaçando sobre o chão e no ar como um exército de fantasmas. A comida se espalhou em todas as direções.

Thomas se levantou – tarefa quase impossível com o vento a ponto de derrubá-lo. Cambaleou várias vezes para a frente, até conseguir se equilibrar de novo contra as rajadas. Mãos invisíveis o mantinham ereto.

Minho estava parado ali perto, acenando em um frenesi de braços ao tentar chamar a atenção do grupo. A maioria percebeu e se reuniu ao redor dele, entre eles Thomas, que lutava contra o pânico que crescia dentro dele. Era apenas uma tempestade. Muito melhor que Verdugos ou Cranks com facas. Ou com cordas.

O vento havia roubado os cobertores do velho homem, e agora ele se encolhia em posição fetal, as pernas ossudas e descarnadas apertadas contra o peito, os olhos fechados. Um fugaz pensamento perpassou a mente de Thomas: poderiam carregá-lo para um lugar seguro, salvá-lo para uma última tentativa de poder adverti-los sobre a tempestade. Mas algo lhe dizia que, se tentassem tocá-lo ou carregá-lo, o homem resistiria com unhas e dentes.

Os Clareanos agora se encontravam amontoados, bem próximos uns dos outros. Minho apontou para a cidade. O prédio mais próximo estava a meia hora dali se seguissem em um bom ritmo. A maneira como o vento os fustigava, como as nuvens acima se adensavam, atritavam-se e se aglomeravam, mudando de um tom arroxeado para um quase negro absoluto, além do modo como a poeira e os detritos voavam pelo ar... chegar àquele prédio parecia a única decisão sensata.

Minho começou a correr. Os outros o seguiram, e Thomas esperou para assumir a retaguarda, sabendo que aquela seria a ordem de Minho, se tivesse dito alguma coisa. Enfim, partiu numa corrida enérgica, feliz por não estarem direto contra o vento. Só então algumas das palavras que o velho havia dito lhe voltaram à mente. Aquela recordação o fez transpirar, um suor que

evaporava com rapidez, deixando na pele um resquício de aridez e sal.

Fique longe. Gente ruim.

24

À medida que se aproximavam da cidade, tornou-se mais difícil para Thomas distingui-la. A poeira no ar tornara-se uma espessa neblina marrom, e podia senti-la a cada inspiração. A massa árida lhe irritava os olhos, fazendo-os lacrimejar, e se transformava numa mistura pegajosa que ele precisava sempre ficar limpando para conseguir enxergar. O prédio grande ao qual se dirigiam tornou-se uma sombra que se entrevia por trás da nuvem de poeira, erguendo-se cada vez mais alto, como um gigante em constante crescimento.

O vento chegara a um limite insuportável, pinicando seu corpo com areia e cascalho num processo doloroso. De vez em quando, um objeto maior passava voando, pegando-o de surpresa. Um galho. Algo semelhante a um camundongo. Um fragmento de telha. E incontáveis pedaços de papel, todos rodopiando no ar como flocos de neve.

Então veio o relâmpago.

Haviam vencido metade da distância até o prédio – talvez um pouco mais – quando os raios surgiram do nada, e o mundo ao redor irrompeu em luminosidade e trovões.

Os raios caíam do céu em descargas sinuosas, como barras ziguezagueantes de luz branca, chocando-se contra o solo e levantando quantidades imensas de terra. O estrondo era alto demais para suportar, e os ouvidos de Thomas começaram a se entorpecer – o ruído assustador diminuiu enquanto a pressão o ensurdecia.

Continuou correndo, quase às cegas agora, incapaz de ouvir, mal distinguindo o prédio. Garotos caíam e se levantavam. Thomas cambaleou, mas recuperou o equilíbrio. Ajudou Newt a se levantar, depois Caçarola.
Empurrava-os para a frente enquanto continuava. Era apenas uma questão de

tempo até que uma daquelas adagas luminosas acertasse alguém e o fritasse, carbonizando-o ao ponto de torresmo. Seu cabelo continuava em posição vertical, apesar do vento arrebatador, a estática no ar furiosa e afiada como agulhas voadoras.

Thomas teve vontade de gritar; queria ouvir a própria voz, mesmo que soasse como vibrações apagadas dentro de sua cabeça. Mas sabia que o ar carregado de poeira o sufocaria. Já era difícil o bastante manter a respiração curta e rápida, ainda mais com a tempestade de raios chocando-se contra o solo por toda parte ao redor, chamuscando o ar e defumando o ambiente com odor de cobre e cinzas.

O céu escureceu ainda mais, a nuvem de poeira tomou corpo. Thomas percebeu que não conseguia ver mais ninguém. Distinguia apenas os que estavam imediatamente à frente. A luz dos raios projetava clarões sobre eles, uma explosão curta, esbranquiçada e reluzente, iluminando-os por um instante fugidio. Toda essa composição só colaborava para cegar Thomas ainda mais. Precisavam chegar ao prédio. Precisavam chegar lá, ou não durariam muito mais tempo.

E onde está a chuva?, pensou. Onde estaria? Que tipo de tempestade era aquela?

Uma descarga de um clarão branco ziguezagueou do céu e explodiu no chão bem à frente dele. Thomas gritou, mas não conseguiu ouvir a própria voz. Fechou os olhos com força quando alguma coisa – uma explosão de energia ou a vibração do ar – o atirou para o lado. Caiu de costas, o ar suprimido do peito, enquanto um jato de poeira e rochas chovia sobre seu corpo. Cuspindo e limpando o rosto, engoliu um pouco de ar enquanto se arrastava de quatro, levantando-se em seguida. O ar enfim fluiu, e ele o inspirou com força para dentro dos pulmões.

Ouviu então um zumbido, um assovio constante e agudo que atingiu seus tímpanos como pregos. O vento tentava devorar suas roupas, a pele pinicando, e a escuridão caiu ao redor como uma noite dotada de vida própria, interrompida apenas pelos clarões dos raios. Foi quando viu aquilo, aquela imagem aterradora cujo potencial de horror, se é que era possível, aumentava ainda mais pela ação da luminosidade, revelando-a e a ocultando.

Era Jack. Ele jazia no chão, dentro de uma pequena cratera, contorcendo-se,enquanto abraçava os joelhos. Não havia nada abaixo deles – pernas, tornozelos e pés desaparecidos pela descarga de pura eletricidade vinda do céu.

O sangue, parecendo negro, jorrava da parte amputada, compondo uma massa de horror com a poeira. As roupas dele tinham se carbonizado, deixando-o nu, e havia ferimentos espalhados por todo o corpo. Não havia mais cabelo. E, segundo entreviu, os globos oculares tinham sido…

Thomas tombou para o lado e desmoronou no chão, tossindo, enquanto devolvia tudo o que tinha no estômago. Não havia nada que pudessem fazer por Jack. De maneira alguma. Nada. Mas ele continuava vivo. Embora o pensamento o envergonhasse, Thomas ficou feliz por não poder ouvir seus gritos. Não tinha certeza se poderia suportá-los, ou até mesmo olhá-lo de novo.

Então alguém o agarrou, pondo-o de pé. Minho. Disse alguma coisa, e Thomas se concentrou o bastante para ler seus lábios. Precisamos continuar. Não podemos fazer nada.

Jack, ele pensou. Puxa, cara.

Cambaleando, os músculos do abdômen doendo de tanto vomitar, as orelhas zumbindo terrivelmente, em choque por causa da terrível visão de Jack em frangalhos, seguiu Minho apressadamente. Viu sombras esmaecidas à esquerda e à direita – outros Clareanos, mas já não eram tantos. Estava muito escuro para divisar alguma coisa ao longe, e os raios iam e vinham rápido demais para revelar qualquer coisa. Só poeira e detritos, e o prédio mais e mais se revelando, quase em cima deles agora. Haviam perdido qualquer esperança de organização que os mantivesse juntos. Agora era cada Clareano por si – só podiam torcer para que todos fossem capazes de chegar.

Vento. Explosões de luz. Vento. Poeira sufocante. Vento. Zumbido fustigante, dor. Vento. Thomas seguia em frente, os olhos cravados em Minho, apenas alguns passos à frente. Não sentia nada ao pensar em Jack. Não se preocupava com sua aparente surdez. Nem com os outros. O caos ao redor parecia ter sugado toda a sua humanidade, transformando-o em um animal. Tudo o que desejava era sobreviver, chegar ao prédio, entrar. Viver. Ganhar mais um dia.

Uma luz branca e ofuscante explodiu à frente, lançando-o de novo ao ar. Soltou um grito enquanto voava sob a força do impacto, tentando recuperar o equilíbrio – a explosão ocorrera exatamente onde estava Minho. Minho! Thomas caiu no chão com um baque seco, dando a impressão de que cada articulação do corpo havia se soltado e depois voltado ao lugar novamente. Ignorou a dor, levantou-se, correu adiante. A visão prejudicada pela escuridão

misturava-se a imagens sombreadas e borradas, amebas de luz púrpura. Então viu as chamas.

Demorou um segundo para que o cérebro tomasse consciência do que via ao certo. Varetas de fogo dançavam ao redor como num ritual mágico, fagulhas quentes vindo pela direita, trazidas pelo vento. Então aquilo tudo se precipitou no solo, um aglomerado de chamas fustigantes. Thomas ajustou o foco e compreendeu.

Era Minho. As roupas dele estavam em chamas.

Com um guincho selvagem que enviou pontadas de dor à própria cabeça, tombou ao lado do amigo. Cavou a terra – felizmente fofa devido à explosão de eletricidade que a atingira – e a derramou sobre Minho com as duas mãos, escavando mais porções freneticamente. Visando os pontos mais flamejantes, fez progressos, e Minho o ajudava rolando de um lado a outro e estapeando a parte superior do corpo com ambas as mãos.

Em questão de segundos, o fogo se extinguiu, deixando as roupas carbonizadas e incontáveis ferimentos em carne viva. Thomas estava contente por não poder ouvir os gritos de agonia que pareciam partir da boca de Minho. Sabia que não tinham tempo para parar. Thomas agarrou o Líder pelos ombros e o colocou de pé.

– Vamos! – Thomas gritou, embora as palavras parecessem vibrações mudas ressoando na mente.

Minho tossiu, encolheu-se de novo, mas depois inclinou a cabeça em um gesto de concordância, colocando um dos braços em volta do pescoço de Thomas. Juntos, avançaram o mais rápido que puderam em direção ao prédio, Thomas fazendo a maior parte do esforço.

Por todos os lados, os relâmpagos continuavam a cair como flechas de fogo branco. Thomas podia sentir o impacto silencioso das explosões, cada uma fazendo seu crânio vibrar, abalando o corpo até os ossos. Clarões de luz por toda parte. Além do prédio rumo ao qual cambaleavam, em direção ao qual se obrigavam a seguir, jorravam ainda mais raios. Por duas ou três vezes, viu os clarões fazerem contato direto com a extremidade superior de uma construção, causando uma chuva de tijolos e vidro abaixo.

A escuridão passou a ganhar um tom diferente, mais acinzentada que marrom, e Thomas concluiu que as nuvens da tempestade deviam ter ganhado força total, empurrando a poeira e a neblina para fora do caminho. O vento abrandara ligeiramente, mas os relâmpagos pareciam mais poderosos do que

nunca.

Havia Clareanos à direita e à esquerda, todos se encaminhando para a mesma direção. Eram menos numerosos agora, mas Thomas ainda não conseguia enxergar bem o bastante para precisar o número. Avistou Newt, depois Caçarola. E Aris. Todos parecendo tão aterrorizados quanto ele, correndo também, os olhos cravados na meta, a apenas uma curta distância deles naquele momento.

Minho perdeu o apoio e caiu, desvencilhando-se de Thomas. Este parou, virou-se, puxou o corpo ferido do garoto, forçando-o a ficar de pé, e tornou a passar o braço dele ao redor de seu pescoço. Segurando-o pelo tronco, agora com os dois braços, um pouco o carregava, outro tanto o arrastava. A trajetória ofuscante de um relâmpago passou rente à cabeça deles, mergulhando na terra logo atrás. Thomas não se virou, avançando sem se deter. Um Clareano caiu à esquerda; não soube dizer quem era, pois não ouviu os lamentos angustiantes que sabia terem começado. Outro garoto caiu à direita, mas este voltou a se levantar. Outra explosão luminosa à frente, mais uma à direita. E à esquerda. À frente de novo. Thomas precisou parar, piscando insistentemente até recuperar a visão. Retomou a marcha, arrastando Minho consigo.

Então chegaram. No primeiro prédio da cidade.

Na escuridão opressiva da tempestade, a construção parecia acinzentada. Blocos imensos de pedra, um arco de tijolos menores, janelas parcialmente quebradas. Aris alcançou a porta primeiro, sem se preocupar em abri-la. Era feita de vidro e estava quase toda destruída, por isso, com cuidado, quebrou os cacos restantes com o cotovelo. Acenou algumas vezes para os Clareanos passarem, depois foi em frente, tragado pelo interior.

Thomas chegou lá junto com Newt e gesticulou pedindo ajuda. Newt e outro garoto seguraram Minho, arrastando-o cautelosamente de costas pelo vão da entrada aberta, os pés dele batendo na soleira ao entrarem.

Em seguida, Thomas, ainda em choque diante da potência incontrolável das explosões de relâmpagos, seguiu os amigos, entrando na obscuridade.

Virou-se bem a tempo de ver a chuva começar a cair do lado de fora, como se a tempestade enfim houvesse decidido chorar, envergonhada, pelo que tinha lhes causado.

25

A chuva caía em torrentes, como se Deus houvesse sugado o oceano e o cuspisse em fúria sobre a cabeça deles.

Thomas permaneceu sentado exatamente no mesmo lugar por pelo menos duas horas enquanto a observava. Largou-se contra a parede, exausto e dolorido, e desejou que a audição voltasse. Pareceu funcionar – a pressão que tinha sido até então uma total palpitação silenciosa diminuiu, e o zumbido foi embora. Quando tossiu, sentiu algo mais que apenas uma vibração. Ouviu um resquício de tosse. E da distância, como se vindo de dentro de um sonho, surgia o burburinho constante da chuva. Talvez não estivesse surdo, afinal.

A monótona luz cinzenta proveniente das janelas pouco ajudava contra a escuridão fria do interior do prédio. Havia Clareanos sentados, encolhidos, ou jogados pelo chão de todo o aposento. Minho estava encolhido em posição fetal, aos pés de Thomas, mal conseguindo se mover; cada mudança de movimento parecia lhe enviar ondas de dor incandescente através dos nervos. Newt também estava ali, próximo, bem como Caçarola. No entanto, ninguém fez menção de falar nem organizar nada. Ninguém contou os Clareanos nem tentou descobrir quem faltava. Permaneciam todos sentados ou deitados, tão inanimados quanto Thomas, provavelmente ponderando sobre a mesma coisa: que tipo de mundo desordenado era capaz de criar uma tempestade como aquela?

O burburinho suave da chuva aumentou de volume até que Thomas não teve mais dúvidas – de fato voltara a escutar. Era um som mansinho, apesar de tudo, e ele por fim adormeceu.

Depois de um tempo, quando acordou, seu corpo estava dolorido e enrijecido, parecendo ter tido veias e músculos imobilizados por uma cola

potente, embora todos os mecanismos do ouvido e da cabeça funcionassem com perfeição. Ouviu a respiração pesada dos outros Clareanos adormecidos, os gemidos lamuriantes de Minho, o dilúvio que ora se abatia com estrondo sobre o pavimento do lado de fora.

No entanto, a escuridão imperava. Totalmente. A certa altura, a noite caiu.

Ignorando o desconforto, deixando a exaustão dominá-lo por completo, mudou de posição, até ficar de costas, a cabeça apoiada na perna de alguém. E adormeceu de novo.

Duas coisas fizeram Thomas acordar: o brilho do nascer do sol e uma repentina impressão de silêncio. A tempestade havia acabado, e ele tinha dormido a noite inteira. Mas, mesmo antes de sentir a rigidez e a dor pelas quais já aguardava, outra sensação, mais irresistível, tomou conta dele.

Fome.

A luz chegava através das janelas quebradas e salpicava o piso ao redor. Examinou o prédio em ruínas, com rombos imensos abertos em cada pavimento, atravessando seus dez andares em direção ao céu; só a estrutura de aço parecia ter impedido que a coisa toda desmoronasse. Não podia imaginar o que havia causado algo tão monstruoso. Mas frestas de um azul vivo pairavam no alto, uma visão que parecia impossível da última vez que havia estado lá fora. Por mais horripilante que tivesse sido a tempestade, por mais que distorções no clima da Terra pudessem produzir catástrofes como aquela, ela parecia mesmo ter desaparecido, pelo menos por enquanto.

Dores agudas apunhalaram seu estômago, que se contraiu, ansiando por comida. Olhou ao redor, constatando que a maioria dos outros Clareanos ainda dormia. Não Newt, que tinha as costas apoiadas contra a parede e um olhar tristonho, perdido em algum ponto vazio no meio do salão.

– E aí, tudo bem? – quis saber Thomas. Até seu maxilar parecia enrijecido.

Newt voltou-se lentamente para ele; tinha os olhos distantes, e demorou um pouco para se desligar dos pensamentos e se concentrar em Thomas.

– Tudo bem? – repetiu ele. – Ah, sim, acho que estou bem. Estamos vivos… essa droga é a única coisa que ainda importa. – O amargor em sua voz não poderia ser mais intenso.

– Às vezes penso nisso – murmurou Thomas.

– Pensa no quê?

– Se importa estar vivo. Se estar morto não seria muito mais fácil.

– Corta essa! Não acredito nem por um segundo que realmente pense assim.

Thomas baixou o olhar, tentando se livrar do sentimento depressivo e considerar seriamente a resposta de Newt. Então sorriu e se sentiu bem.

– Você está certo. Só queria parecer tão angustiado quanto você. – Quase se convenceu de que era verdade; que não achava que morrer seria de longe a alternativa mais fácil.

Newt fez um gesto cansado na direção de Minho.

– Que porcaria aconteceu com ele?

– A queda de um raio pôs fogo nas roupas dele. Como pôde fazer isso sem tostar seu cérebro, não faço a menor ideia. Mas conseguimos abafar as chamas antes que causassem mais dano, eu acho.

– Antes que causassem mais dano? Odeio pensar no que você considera um dano de verdade.

Thomas fechou os olhos por um segundo e descansou a cabeça contra a parede.

– Ei, é como você falou… ele está vivo, certo? E ainda está com as roupas, o que significa que não deve ter queimado a pele tanto assim. Ele vai ficar bem.

– É, boa – Newt replicou com um riso sarcástico. – Me lembre de não contratar você como meu médico tão cedo.

– Ahhhhh. – O som partiu de Minho, um gemido longo e abafado. Os olhos se abriram, alvoroçados, e ele os estreitou ao perceber o olhar de Thomas.

– Ah, cara. Estou uma mértila. Estou uma mértila de verdade.

– Está muito mal? – indagou Newt.

Em vez de responder, Minho ergueu-se bem devagar, até conseguir sentar, grunhindo e se contraindo a cada movimento. Mas conseguiu, as pernas cruzadas à frente. Suas roupas estavam enegrecidas e esfarrapadas. Em alguns pontos, onde se entrevia a pele, bolhas vermelhas lacerantes despontavam como ameaçadores olhos alienígenas. Mas, muito embora Thomas não fosse médico nem tivesse ideia alguma sobre essas coisas, os instintos lhe diziam que as queimaduras eram controláveis e iriam sarar bem rápido. A maior parte do rosto de Minho fora poupada, e ele ainda tinha o cabelo intacto – por mais imundo que se encontrasse no momento.

– Não pode ser tão ruim se consegue se sentar – disse Thomas com um meio sorriso.

– Mértila pra você – Minho respondeu. – Sou mais resistente do que pareço. Seria capaz de levantar daqui e chutar o seu traseiro quente de montar em pôneis com o dobro desta dor.

Thomas deu de ombros.

– Realmente adoro pôneis. Adoraria poder comer um agora mesmo. – O estômago dele roncava e gorgolejava.

– Foi uma piada? – perguntou Minho. – Thomas, o cabeção aborrecido, realmente fez uma piada?

– Acho que fez – foi a resposta de Newt.

– Sou um cara engraçado – respondeu Thomas encolhendo os ombros.

– É, com certeza é, sim. – Mas Minho já tinha perdido o interesse na conversa-fiada. Olhou ao redor, observando o restante dos Clareanos, a maioria dormindo ou deitada em silêncio, o semblante inexpressivo. – Quantos?

Thomas os contou. Onze. Depois de tudo o que tinham passado, só restavam onze. E a contagem incluía o novo garoto, Aris. Quarenta ou cinquenta viviam na Clareira quando Thomas havia chegado, apenas algumas semanas antes. Agora restavam onze.

Onze.

Não conseguiu dizer nada em voz alta depois dessa constatação, e o momento descontraído de segundos atrás repentinamente pareceu pura blasfêmia. Abominável.

Como pude fazer parte do CRUEL?, pensou. Como pude ter alguma participação nisto?

Sabia que deveria lhes contar sobre recordações que tinha tido através de sonhos, mas não conseguiu.

– Somos apenas onze agora – Newt comentou depois de algum tempo. Pronto. Falara em voz alta.

– Então, o que... Seis morreram na tempestade? Sete? – Minho mantinha um tom de voz totalmente distante, como se contasse quantas maçãs haviam perdido quando os fardos se desfizeram em meio à tempestade.

– Sete – fuzilou Newt, mostrando desaprovação quanto à atitude desdenhosa de Minho. Depois, em tom mais brando, repetiu: – Sete. A menos que alguém tenha corrido para outro prédio.

– Cara – começou Minho –, como vamos sobreviver nesta cidade com apenas onze pessoas? Deve haver centenas de Cranks neste lugar, pelo que

sabemos. Milhares. E não fazemos ideia do que esperar deles!

Newt soltou um longo suspiro.

– E isso é tudo o que consegue arrancar desses seus miolos moles? E quanto às pessoas que morreram, Minho? Jack não está aqui. Nem Winston… Este não tinha chance mesmo. E… – olhou ao redor – não vejo o Stan nem o Tim. O que me diz disso?

– Uou, uou, uou. – Minho ergueu as mãos, as palmas viradas para Newt. – Calma aí, irmão. Não pedi para ser o Líder de mértila. Quer choramingar o dia inteiro pelo que aconteceu, ótimo. Mas não é isso o que um Líder faz. Um Líder descobre aonde ir e o que fazer depois de toda a bagunça.

– Bem, acho que é por isso que você conseguiu o posto, então – disse Newt. Mas depois seu semblante se abrandou. – Que seja. Sério, sinto muito. Desculpe mesmo. Eu só...

– Sinto muito também. – Mas Minho revirou os olhos, e Thomas aguardou, quase sem esperança, que Newt não tivesse notado, pois seu olhar se perdera no chão novamente.

Por sorte, Aris se encaminhou até onde estavam. Thomas desejava que a conversa tomasse outro rumo.

– Já viram algo parecido com aquela tempestade de raios? – o novo garoto perguntou.

Thomas balançou a cabeça, porque Aris o encarava.

– Não pareceu natural. Mesmo nas minhas porcarias de lembranças, estou bem certo de que aquilo não acontece normalmente.

– Mas lembre-se do que o Homem-Rato disse e do que a mulher falou no ônibus – disse Minho. – O sol lança seu brilho intenso e o mundo inteiro queima como o próprio inferno. Isso ferrou muito o clima, a ponto de criar tempestades malucas como essa. Tenho a impressão de que foi sorte nossa não ter sido pior.

– Não estou bem certo se sorte seria a primeira palavra em que pensaria – disse Aris.

– Tá, que seja.

Newt apontou para o vidro quebrado da porta, onde a luz do sol nascente resplandecia com o mesmo brilho esbranquiçado com que haviam se acostumado nos dois primeiros dias no Deserto.

– Pelo menos acabou. Melhor começarmos a pensar no que faremos agora.

– Ahn... Você é tão insensível quanto eu. E está certo – comentou Minho.

Thomas se lembrou da imagem dos Cranks nas janelas do dormitório. Eram pesadelos ambulantes, faltando apenas um atestado de óbito para declará-los oficialmente zumbis.

– Tem razão – concordou Thomas. – É melhor resolvermos isso antes que apareça um punhado daqueles alucinados. Mas vou dizer uma coisa: precisamos comer antes. Temos de encontrar comida. – A última palavra quase doeu; sua fome o estava levando ao desespero.

– Comida?

Thomas se controlou para não ofegar de tanta surpresa. A voz tinha vindo de cima. Olhou naquela direção, exatamente como os outros fizeram. Um rosto os encarava em meio aos destroços remanescentes do terceiro andar, com traços jovens de origem hispânica, os olhos ligeiramente amendoados. Thomas sentiu o corpo se retesar.

– Quem é você? – gritou Minho.

Então, para total descrença de Thomas, o homem saltou pela fenda existente ao longo dos pavimentos e caiu na frente deles. No último segundo, agachou-se na forma de uma bola humana e rolou três vezes, depois saltou e pousou de pé.

– Meu nome é Jorge – falou, os braços abertos como se esperasse aplausos pela acrobacia. – Sou o Crank que toma conta deste lugar.

26

Por um instante, Thomas teve dificuldade em acreditar que o sujeito que havia caído – literalmente – diante deles fosse real. A cena era muito inesperada, e o que ele falou, e a maneira como falou, pareciam um disparate. Mas o jovem de traços hispânicos era de carne e osso, sem dúvida nenhuma. E, muito embora não parecesse tão acabado como alguns dos outros que tinham visto, já havia confessado ser um Crank.

– Por acaso esqueceram de como se fala? – perguntou Jorge, um sorriso no rosto sugerindo um traço de humor completamente sem sentido naquele prédio destroçado. – Ou estão com medo dos Cranks? Têm medo que os atiremos no chão para depois comer os olhos de vocês? Humm, que gostoso. Adoro um bom olho quando acaba o rango. Tem gosto de ovo malcozido.

Minho assumiu a responsabilidade da resposta, fazendo o máximo possível para disfarçar a dor no corpo.

– Então admite que é um Crank? Que é um doido alucinado?

– Ele acabou de dizer que gosta de comer olhos – interrompeu Caçarola. – Acho que é o suficiente para se qualificar como louco.

Jorge soltou uma risada, e era inegável o tom ameaçador desse gesto.

– Venham, venham, meus novos amigos. Só comeria os olhos de vocês se já estivessem mortos. Claro, poderia dar uma ajudinha para que isso acontecesse, se precisasse. Entendem o que quero dizer? – Todo o júbilo desapareceu de seu semblante, substituído por uma expressão de severa advertência. Quase como se os desafiasse a confrontá-lo.

Houve um longo silêncio. Então Newt perguntou:

– Em quantos vocês são?

O olhar de Jorge cravou-se em Newt.

– Quantos? Quantos Cranks? Somos todos Cranks por aqui, hermano.

– Não foi isso o que quis dizer, e você sabe muito bem – replicou Newt, imperturbável.

Jorge começou a andar de um lado para o outro no salão, aproximando-se e afastando-se dos Clareanos, e a resposta que deu dizia respeito a todos:

– Vocês precisam entender uma porção de coisas sobre o funcionamento desta cidade. Sobre os Cranks e o CRUEL, sobre o governo, sobre por que nos deixaram aqui para apodrecer com nossa doença, para que nos matássemos e nos tornássemos total e inteiramente insanos. Precisam conhecer os diferentes níveis do Fulgor, e compreender que é tarde demais para vocês… a doença vai pegá-los, se já não o fez.

Thomas acompanhou o estranho com o olhar enquanto caminhava pelo salão professando aquelas horríveis afirmações. O Fulgor. Pensou que tivesse superado o medo de ter contraído a doença, mas, com aquele Crank em pé bem na frente dele, estava mais assustado que nunca. E desamparado demais para fazer qualquer coisa a respeito.

Jorge se aproximou de Thomas e de seus amigos, quase tocando Minho com os pés. Continuou a falar.

– Mas não é assim que vai funcionar, sabe? Os que estão em desvantagem são os que falam primeiro. Quero saber tudo sobre vocês. De onde vieram, por que estão aqui, e qual, em nome de Deus, é o propósito de vocês. Desembuchem.

Minho soltou uma risadinha baixa e ameaçadora.

– Nós é que estamos em desvantagem? – Minho olhou ao redor, como se caçoasse de Jorge. – A menos que aquela tempestade de raios tenha fritado minha retina, diria que somos onze, e você, apenas um. Talvez seja você quem tenha de começar a desembuchar.

Thomas ficou contrariado com aquelas palavras de Minho. Dizer aquilo fora algo tolo e arrogante, e poderia muito bem causar a morte deles. Era óbvio que o sujeito não estava sozinho. Devia haver uma centena de Cranks escondidos em meio aos escombros dos andares superiores, à espreita, aguardando sabe-se lá com que tipo de armas horripilantes. Ou pior, com as próprias mãos selvagens, dentes rangendo e completo desvario.

Jorge e Minho se entreolharam longamente, o rosto de ambos crispado.

– Você não acabou de soltar essas palavras, não é? Por favor, diga-me que não acabou de se dirigir a mim como se eu fosse um cachorro! Tem dez

segundos para se desculpar.

Minho trocou um olhar com Thomas, um sorriso afetado no rosto.

– Um – disse Jorge. – Dois. Três. Quatro.

Thomas tentou responder com um olhar de advertência, inclinando a cabeça significativamente. Peça desculpas.

– Cinco. Seis.

– Peça – Thomas deixou escapar em voz alta.

– Sete. Oito.

O volume da voz ia aumentando a cada número. Thomas pensou ter visto um rápido movimento acima deles, um borrão de uma sombra se mexendo. Talvez Minho o tivesse notado também; qualquer sinal de arrogância esvaiu-se de seu semblante.

– Nove.

– Desculpe – soltou Minho, sem muita convicção.

– Não acho que tenha sido sincero – retrucou Jorge. Em seguida, deu um chute na perna de Minho.

Thomas cerrou os punhos quando o amigo gritou de dor. O Crank devia ter acertado em uma das feridas em carne viva.

– Diga com sinceridade, hermano.

Thomas olhou para o Crank, odiando-o. Pensamentos irracionais cruzaram-lhe a mente – desejava partir para o ataque, bater nele como fizera com Gally após escapar do Labirinto.

Jorge encolheu a perna e chutou Minho outra vez, mais forte desta vez, no mesmo lugar.

– Diga com sinceridade! – gritou a última palavra com uma aspereza que beirava a loucura.

Minho berrou, agarrando o ferimento com as duas mãos.

– Me… desculpe – disse entre baforadas ofegantes, a voz esganiçada pela dor. Mas, assim que Jorge sorriu e relaxou, satisfeito com a humilhação que infligira, Minho arremessou um dos braços para a frente e acertou com força o queixo do Crank. Este se apoiou sobre um dos pés, depois tombou, espatifando-se no chão com um ganido que era metade surpresa, metade dor.

Não satisfeito, Minho se lançou sobre ele, desfilando uma série de obscenidades que Thomas jamais o tinha ouvido dizer em nenhum momento antes. O Líder comprimia as pernas contra o corpo de Jorge para imobilizá-lo, e depois passou a desferir violentos murros no outro.

– Minho! – Thomas gritou. – Pare!

Levantou-se, ignorando o enrijecimento quase total das articulações e a sensibilidade dos músculos. Relanceou rapidamente o olhar para cima ao se aproximar de Minho, pronto para arrancá-lo de cima de Jorge. Houve movimentação lá no alto, em vários lugares. Depois viu pessoas olhando para baixo, prestes a saltar. Cordas agora pendiam nas laterais do rombo que atravessa os pavimentos.

Thomas se atirou sobre Minho, afastando-o por completo do corpo de Jorge. Ambos caíram ao chão. Thomas se movimentou com rapidez para agarrar o amigo, passando os braços ao redor de seu peito e o apertando como podia para imobilizá-lo.

– Tem mais deles lá em cima! – gritou Thomas no ouvido dele. – Você precisa se controlar! Vão matá-lo! Vão matar todos nós!

Jorge se levantou, equilibrando-se, e limpou lentamente um fio de sangue que lhe escorria da boca. A expressão distorcida de seu rosto pareceu cravar uma estaca de medo bem no coração de Thomas. Não era preciso ser um gênio para adivinhar o que o sujeito faria.

– Espere! – gritou Thomas. – Por favor, espere!

Jorge relanceou o olhar para ele no instante em que mais Cranks desciam lá do alto. Alguns repetiram o salto no estilo de Jorge; outros escorregaram pelas cordas e pousaram direto no chão. Formaram com rapidez um pelotão organizado atrás do Líder, talvez uns quinze entre homens e mulheres. Alguns eram adolescentes, todos imundos e trajando roupas em farrapos, a maioria magra e de aparência frágil.

Minho desistiu de lutar, e Thomas enfim afrouxou os braços. Ao que parecia, só tinha alguns segundos antes que a situação, já terrível, se transformasse em uma carnificina. Pressionou uma das mãos contra as costas de Minho, depois levantou a outra na direção de Jorge, em um gesto conciliador.

– Por favor, me dê um minuto – pediu, desejando ardentemente que o coração e a voz se acalmassem. – Não vai trazer nenhuma vantagem pra vocês... machucar a gente.

– Nenhuma vantagem? – repetiu o Crank; uma cusparada de meleca avermelhada projetou-se de sua boca. – Vai trazer bastante vantagem pra mim. Isso eu garanto, hermano. – Os punhos estavam fechados ao lado do corpo.

Com uma leve inclinação de cabeça, embora evidente o suficiente para ser notado, Jorge fez os Cranks atrás dele sacarem todo tipo de coisas torpes dos

esconderijos mais imundos de suas roupas estropiadas. Facas. Facões enferrujados. Pregos grandes, pontiagudos e enegrecidos, que talvez houvessem pertencido a alguma ferrovia em algum momento distante no tempo. Cacos de vidro com manchas vermelhas nas extremidades afiadas. Uma garota, que não poderia ter mais que treze anos, segurava uma pá lascada, o que restava da concha de metal acabando em uma extremidade tão afiada quanto o dente de uma serra.

Thomas teve a súbita e absoluta certeza de que agora teria de implorar pela vida deles. Os Clareanos não venceriam aquela gente. De maneira nenhuma. Não eram Verdugos, mas também não havia um código que os derrubaria como num passe de mágica.

– Escute – propôs Thomas, levantando-se devagar e esperando que Minho não fosse estúpido o bastante para tentar algum revide. – Tem uma coisa sobre nós. Não somos meros trolhos que apareceram por acaso na sua porta. Somos valiosos. Vivos, não mortos.

A raiva no rosto de Jorge abrandou-se muito ligeiramente. Talvez uma centelha de curiosidade. Mas sua resposta foi:

– O que é um trolho?

Thomas quase – quase – soltou uma risada. Uma resposta irracional que de algum modo lhe parecera adequada.

– Eu e você. Dez minutos. Sozinhos. É tudo que peço. Leve quantas armas precisar.

Jorge riu do comentário, mais um soluço que uma risada.

– Sinto desapontá-lo, garoto, mas não acho que precise de nenhuma.

Fez uma pausa, e os segundos posteriores pareceram durar uma eternidade.

– Dez minutos – o Crank concordou por fim. – O resto de vocês permanece aqui, de olho nesses capetas. Se eu der a ordem, que o massacre comece.

Acenou com uma das mãos, indicando um corredor escuro.

– Dez minutos – repetiu o Crank.

Thomas balançou a cabeça em concordância. Vendo que Jorge não se movia, foi primeiro, caminhando em direção ao local onde se daria a reunião e provavelmente a conversa mais importante de sua vida.

E talvez a última.

27

Thomas sentiu Jorge em seu encalço ao adentrar o corredor escuro. O lugar recendia a bolor e podridão; água respingava do teto, espalhando ecos arrepiantes por todo o ambiente e, por algum razão, fazendo-o pensar em sangue.

– Continue andando – disse Jorge atrás dele. – Há uma sala com cadeiras no final. O menor movimento contra mim e seus amigos morrem.

Thomas sentiu vontade de se virar e berrar bem na cara do sujeito, mas continuou andando.

– Não sou idiota. Pode parar com essa encenação de durão pra cima de mim.

O Crank riu baixinho em resposta.

Depois de vários minutos de silêncio, Thomas chegou a uma porta de madeira de maçaneta redonda e prateada. Estendeu a mão e abriu sem hesitar, tentando mostrar a Jorge que ainda tinha alguma dignidade. Lá dentro, porém, não soube o que fazer. Estava completamente escuro.

Sentiu Jorge andar perto dele. Ouviu, então, o ruído abafado de um tecido pesado ser puxado no ar. Uma luz quente e ofuscante irradiou, e Thomas precisou proteger os olhos com o antebraço. No começo mal conseguia semicerrar os olhos, mas depois acabou abaixando os braços e foi capaz de ver bem. Percebeu que o Crank havia puxado um grande painel de lona de uma janela. Uma janela intacta. Do lado de fora, apenas a luz do sol e concreto.

– Sente-se – falou Jorge, a voz menos rude do que Thomas esperava. Imaginou ser porque o Crank chegara à conclusão de que o novo visitante daria um tratamento calmo e racional à situação. Talvez houvesse realmente alguma coisa nessa conversa que acabasse beneficiando os atuais moradores do

prédio dilapidado. Bem, o sujeito era um Crank, portanto Thomas não fazia a mínima ideia de como reagiria.

A sala não tinha outra mobília a não ser duas modestas cadeiras de madeira e uma mesa entre elas. Thomas puxou uma para perto de si e se sentou. Jorge ficou do outro lado, depois inclinou-se para a frente e apoiou os cotovelos sobre a mesa, as mãos entrelaçadas. Seu semblante era inexpressivo, os olhos cravados em Thomas.

– Fale.

Thomas gostaria de ter um segundo para avaliar com cuidado todas as ideias que haviam atravessado sua mente na outra sala, mas reconhecia que não havia tempo para isso.

– Certo. – Hesitou. Uma palavra. Até então, nada bom. Inspirou profundamente. – Olhe, ouvi você mencionar o CRUEL lá na outra sala. Sabemos tudo sobre aqueles caras. Seria muito interessante ouvir o que você tem a dizer sobre eles.

Jorge não se moveu, a expressão ainda impassível.

– Não sou eu quem deve falar aqui.

– É, eu sei. – Thomas aproximou a cadeira da mesa. Depois, empurrou-a de volta para trás e passou a perna sobre o joelho. Precisava se acalmar e deixar as palavras fluírem. – Bem, isso é difícil, porque não sei o que você já sabe. Portanto, vou fingir que é um tapado e não sabe de nada.

– Aconselho enfaticamente a não usar a palavra tapado outra vez quando se referir a mim.

Thomas teve de fazer um esforço para engolir, a garganta contraída de puro medo.

– Foi só força de expressão.

– Ande logo com isso.

Thomas respirou fundo de novo.

– Éramos um grupo de cerca de cinquenta caras. E… uma garota. – Uma alfinetada de dor atingiu seu peito naquele momento. – Agora caímos para onze. Não sei de todos os detalhes, mas o CRUEL é algum tipo de organização que está fazendo um monte de coisas nojentas com a gente por alguma razão. Começamos num lugar chamado Clareira, dentro de um labirinto de pedra, cercado por criaturas chamadas Verdugos.

Thomas se deteve, buscando no rosto de Jorge alguma reação à explosão de informações estranhas. Mas o Crank não mostrou sinais de confusão nem de

reconhecimento. Absolutamente nada.

Thomas prosseguiu, contando-lhe tudo. Como era passar pelo Labirinto, como tinham fugido e pensado que agora estavam em segurança, como aquilo tudo se revelara apenas outra faceta do plano do CRUEL. Falou também sobre o Homem-Rato e a missão à qual tinham sido enviados: sobreviver o bastante para seguir por 160 quilômetros rumo ao norte, até um lugar a que o homem se referiu como Refúgio Seguro. E relatou como fora percorrer o túnel, falando sobre a meleca prateada voadora, e a travessia a pé até chegarem ali.

Contou a Jorge a história toda. E, quanto mais falava, mais louco parecia compartilhar aquilo com alguém. Ainda assim, prosseguiu falando, pelo simples fato de não conseguir pensar em outra alternativa. Fazia aquilo com a esperança de que o CRUEL fosse tão inimigo dos Cranks quanto deles.

Não mencionou Teresa, porém – foi o único detalhe deixado de fora.

– Portanto, deve haver alguma coisa especial em relação a nós – disse Thomas, tentando dar um fim à narrativa. – Não podem estar fazendo isso só porque querem ser desagradáveis. Qual seria o motivo?

– Por falar em motivos – respondeu Jorge, as primeiras palavras dentro de no mínimo dez minutos, o tempo concedido e já esgotado –, quais são os seus?

Thomas esperou. Ali estava sua única chance.

– E então? – insistiu Jorge.

Thomas apostou tudo o que tinha.

– Se... nos ajudar… quero dizer, se você, ou quem sabe apenas alguns de vocês, forem conosco e nos ajudarem a chegar ao Refúgio Seguro…

– Sério?

– Talvez fiquem seguros também… – E isso era o que Thomas havia planejado o tempo todo, o ponto aonde queria chegar: a esperança dada pelo Homem-Rato. – Eles nos disseram que estávamos contaminados pelo Fulgor. E que, se conseguíssemos chegar ao Refúgio Seguro, todos seríamos curados. Disseram que tinham a cura. Se nos ajudar a chegar lá, talvez possa obtê-la também. – Thomas silenciou e encarou Jorge, a expressão séria.

Alguma coisa mudou – quase imperceptivelmente – na expressão do Crank ante as últimas palavras, e Thomas soube que havia vencido. Foi um relance, mas era, sem sombra de dúvida, de esperança, logo substituída por total indiferença. Ainda assim, Thomas tinha certeza do que havia visto.

– A cura – repetiu o Crank.

– A cura. – Thomas estava determinado a dizer o mínimo possível dali por diante: havia feito o máximo que podia.

Jorge se reclinou na cadeira, a madeira estalando como se estivesse prestes a quebrar, e cruzou os braços. Relaxou as sobrancelhas numa expressão contemplativa.

– Qual é o seu nome?

Thomas se surpreendeu com a pergunta. Tinha certeza, na verdade, de que já lhe dissera. Ou pelo menos a impressão de tê-lo feito em algum momento. Mas não naquele cenário, que era estranho para ele.

– Seu nome? – repetiu Jorge. – Suponho que tenha um, hermano.

– Ah, sim, desculpe. É Thomas.

Outro lampejo perpassou o semblante de Jorge – desta vez, algo parecido com… reconhecimento. Acompanhado de surpresa.

– Thomas, hein? Chamam você de Tommy? Tom, talvez?

A última menção lhe causou dor; fez com que recordasse do sonho com Teresa.

– Não – apressou-se em responder, talvez um pouco rápido demais. – Só Thomas.

– Certo, Thomas. Deixe-me perguntar uma coisa. Você tem a mínima ideia nesse seu cérebro melequento do que o Fulgor faz às pessoas? Acaso pareço com alguém que tenha essa doença horrenda?

Aquela parecia uma pergunta impossível de responder sem ser esmurrado, por isso Thomas optou pela opção mais segura.

– Não.

– Não? Não às duas perguntas?

– Sim. Quero dizer, não. Digo… sim, a resposta às duas perguntas é não.

Jorge sorriu. Nada além de uma curva mínima elevando o canto direito da boca. E Thomas se deu conta de que ele devia estar curtindo cada segundo daquela reunião.

– O Fulgor ataca em etapas, muchacho. Todo mundo nesta cidade tem a doença, e não estou chocado por ouvir que você e seus amiguinhos maricas também têm. Eu estou no começo; sou Crank apenas no nome por enquanto. Contraí a doença algumas semanas atrás. O meu teste deu positivo no setor de quarentena… o governo tenta desesperadamente manter separados os contaminados dos sadios. Não está adiantando. Vi meu mundo inteiro ir pelo ralo. Fui mandado pra cá. Lutei pra capturar este prédio com um punhado de

outros calouros.

Diante daquela palavra, Thomas prendeu a respiração na garganta como uma porção indesejável de poeira. Ela lhe evocava inúmeras lembranças da Clareira.

– Meus amigos armados lá fora estão no mesmo barco que eu. Mas dê uma caminhada pela cidade e verá o que acontece com o passar do tempo. Vai perceber as etapas, ver o que é passar à Insanidade, embora possa não viver tanto tempo para se lembrar. E não temos sequer algum tipo de entorpecente aqui. A Bênção. Nada.

– Quem mandou vocês pra cá? – Thomas perguntou, guardando a curiosidade sobre o entorpecente para mais tarde.

– O CRUEL… assim como aconteceu com vocês. Só que não somos especiais como você diz que são. O CRUEL foi criado pelos governos sobreviventes para enfrentar a doença. Alegam que esta cidade tem algo a ver com ela. É tudo que sei.

Thomas sentiu um misto de surpresa e confusão, depois uma oportunidade para obter respostas.

– Quem é o CRUEL? O que é o CRUEL?

Jorge parecia tão confuso quanto Thomas.

– Já disse tudo o que sei. Por que está me perguntando isso, afinal? Pensei que a questão principal aqui era que fossem especiais pra eles, que o CRUEL estivesse por trás de tudo que me contou.

– Olhe, o que contei é a mais pura verdade. Prometeram coisas, mas ainda não sabemos muito sobre elas. Não nos deram detalhes. É como se nos testassem pra ver se conseguimos aguentar toda essa porcaria, muito embora não façamos ideia do que esteja acontecendo.

– E o que o faz pensar que eles têm a cura?

Thomas precisou controlar a voz, refletindo ao mesmo tempo sobre o que tinha ouvido do Homem-Rato.

– O cara de roupa branca de quem falei. Ele nos disse que é por isso que temos de conseguir chegar ao Refúgio Seguro.

– Hum-hum – respondeu Jorge, um daqueles ruídos que soavam como um sim, mas que significavam exatamente o contrário. – E por que cargas d'água você acha que vão nos deixar pegar carona e conseguir a cura também?

Thomas precisava dar sequência ao papel de garoto calmo.

– Obviamente, não conheço todos os fatos. Mas por que não tentar, ao menos? Se nos ajudarem a chegar lá, terão uma pequena chance. Se nos

matarem, não terão chance nenhuma. Só um Crank completamente sem miolos escolheria a segunda opção.

Jorge soltou seu meio sorriso de novo, que se ampliou e tinha tudo para se transformar em uma risada.

– Tem algo em você, Thomas. Minutos atrás, queria furar os olhos do seu amigo e depois fazer o mesmo com o resto de vocês. Mas quero levar uma surra a paulada se você não me convenceu, pelo menos um pouco.

Thomas deu de ombros, tentando manter a expressão tranquila.

– Só estou preocupado em sobreviver mais um dia. Tudo o que quero é conseguir atravessar esta cidade rumo ao norte, depois vou me preocupar com o que virá em seguida. E sabe de mais uma coisa? – Cruzou os braços com firmeza, forçando uma pose de durão.

Jorge arqueou uma das sobrancelhas.

– O que seria?

– Se furar seus olhos me garantisse o dia de amanhã, eu faria isso agora mesmo. Mas preciso de você. Todos precisamos. – Enquanto falava, Thomas imaginou se realmente seria capaz de fazer aquilo.

Não importava; suas palavras tinham funcionado.

O Crank encarou Thomas por um momento que pareceu longo demais, em seguida estendeu uma das mãos por sobre a mesa.

– Acho que temos um acordo, hermano. Por muitas razões.

Thomas estendeu o braço e apertou a mão dele. E, muito embora se sentisse tremendamente aliviado, não demonstrá-lo custou todas as forças que lhe restavam.

Foi então que Jorge jogou tudo por terra.

– Só tenho uma condição. O diabo daquele garoto traiçoeiro que me atirou no chão? Parece que ouvi você chamá-lo de Minho?

– Sim? – Thomas respondeu com voz fraca, o coração pulsando forte de novo.

– Ele tem de morrer.

28

– Não.

Thomas disse aquela palavra com toda firmeza e convicção que foi capaz de aparentar.

– Não? – Jorge repetiu com um olhar de surpresa. – Eu lhe ofereço uma chance de conseguir passar pela cidade cheia de Cranks depravados, prontos pra comê-lo vivo, e você diz não? Ao meu pequeno e insignificante pedido? Isso não me deixa nada contente.

– Não seria inteligente – esclareceu Thomas. Não tinha ideia de como seria capaz de manter a expressão calma; de onde vinha sua bravura. Mas algo lhe dizia que era a única maneira de sobreviver a esse Crank.

Jorge se inclinou para a frente de novo, pousando os cotovelos sobre a mesa. Mas dessa vez não cruzou as mãos; em vez disso, cerrou os punhos. Os nós dos dedos estalaram.

– Será que seu objetivo na vida é me encher o saco até que eu corte suas artérias, uma por uma?

– Você viu o que ele aprontou com você – retrucou Thomas. – Sabe a coragem que é preciso pra isso. Se matá-lo, vai perder todas as habilidades que ele tem. Minho é nosso melhor lutador, e não tem medo de nada. Talvez seja um pouco louco, mas precisamos dele.

Thomas tentava se mostrar prático. Objetivo. Mas, se havia uma pessoa no planeta, além de Teresa, que podia verdadeiramente chamar de amigo, esse alguém era Minho. Não suportaria perdê-lo também.

– Mas ele me irritou demais – retrucou Jorge, os dentes rangendo. Os punhos não tinham relaxado sequer um milímetro. – Ele me fez parecer uma mocinha na frente do meu pessoal. Isso não é nem um pouco… aceitável.

Thomas deu de ombros como se não se importasse, como se aquela fosse uma questão menor e insignificante.

– Então lhe dê uma punição. Faça-o parecer uma mocinha também. Mas matá-lo não vai nos ajudar em nada. Quanto mais gente conseguirmos juntar, maiores serão nossas chances. Você mora aqui. Será que preciso lhe dizer isso?

Enfim, Jorge relaxou os dedos das mãos, cujos nós haviam ficado brancos. Também expirou lentamente, sem que Thomas houvesse percebido, antes, o quanto havia retido o fôlego.

– Certo – concordou o Crank. – Certo. Mas isso não tem nada a ver com a sua tentativa furada de me convencer. Vou poupá-lo porque mudei de ideia sobre uma coisa. Por causa de duas razões, na verdade. Uma delas você já deve ter imaginado.

– Como assim? – Thomas não se preocupava mais em esconder o alívio; o esforço para dissimular seus sentimentos o estava cansando. Além disso, agora ficara intrigado demais com o que Jorge tinha a dizer.

– Em primeiro lugar, você realmente não conhece todos os detalhes desse tal teste ou experimento, ou seja lá o nome que o CRUEL queira dar a esse negócio pelo qual estão passando. Talvez, quanto mais de vocês conseguirem ir para o Refúgio Seguro, melhores sejam as chances de obter a cura. Chegou a pensar que esse Grupo B que mencionou talvez seja o adversário de vocês? Acho que é do meu maior interesse assegurar que todos vocês sejam bem-sucedidos.

Thomas concordou com um gesto de cabeça, mas não disse nada. Não queria dar a menor chance de arruinar a vitória ali: Jorge acreditara nele quanto ao Homem-Rato e à cura.

– O que me leva à segunda razão – continuou. – O que me fez mudar de ideia.

– E qual seria ela? – indagou Thomas.

– Não pretendo levar todos aqueles Cranks comigo. Conosco.

– Hã? Por quê? Pensei que a questão era que poderiam nos ajudar a lutar o quanto fosse preciso para atravessar a cidade.

Jorge balançou resolutamente a cabeça enquanto se reclinava para trás na cadeira e assumia uma posição menos ameaçadora, cruzando os braços sobre o peito.

– Não. Se vamos fazer isso, a camuflagem vai funcionar muito mais que a força bruta. Vivemos nos esgueirando pelos cantos deste buraco dos infernos

desde o momento em que chegamos aqui, e acho que nossas chances de passar… e conseguir toda a comida e todos os suprimentos de que precisamos… são de longe maiores se colocarmos em prática o que aprendemos. Vamos passar pelos desgraçados dos Cranks nas pontas dos pés, em vez de cair matando sobre eles como um bando de candidatos a guerreiros.

– Você é difícil de entender – comentou Thomas. – Não quero ser indelicado, mas parece que a única coisa que vocês querem é justamente se transformar em guerreiros. Você sabe, tendo em vista todo aquele figurino horrível e armas pontiagudas...

Transcorreu um longo momento de silêncio, e Thomas começava a considerar que havia acabado de estragar tudo, quando Jorge caiu na risada.

– Ora, muchacho, você é um filho da mãe sortudo por eu gostar de você. Não sei bem por que, mas gosto. Caso contrário, já o teria matado três vezes.

– Consegue fazer isso? – Thomas indagou.

– Hã?

– Matar alguém três vezes.

– Daria um jeito.

– Então vou tentar me comportar.

Jorge deu um tapa na mesa e levantou.

– Muito bem. O negócio é o seguinte. Precisamos conseguir que onze inúteis cheguem em segurança ao refúgio. Para isso, só vou levar mais uma pessoa… O nome dela é Brenda, e ela é um gênio. Precisamos de sua genialidade. E, se conseguirmos e no final não houver nenhuma cura pra nós, nem preciso dizer quais serão as consequências.

– Ora, vamos – disse Thomas em tom sarcástico. – Pensei que a gente fosse amigo.

– Shiu! Não somos amigos, hermano. Somos parceiros. Vou entregar vocês ao CRUEL. Vocês me arranjam a cura. O acordo é este, ou vamos ter uma carnificina.

Thomas se levantou também; sua cadeira tombou para trás com o solavanco.

– Já concordamos quanto a esse detalhe, não foi?

– É, concordamos. Agora escute: não ouse dizer uma só palavra lá fora. Sair de perto daqueles outros Cranks vai ser… complicado.

– Qual é o plano?

Jorge pensou um minuto, os olhos cravados em Thomas enquanto maquinava. Então rompeu o silêncio.

– Fique de boca fechada e deixe que eu cuido disso. – Fez menção de se dirigir para a porta, mas parou de repente. – Ah, e não pense que seu hermano Minho vai gostar muito da minha ideia.

Enquanto seguiam pelo corredor em direção aos demais, Thomas percebeu como era dolorosa sua fome. As cãibras no estômago haviam se espalhado para o resto do corpo, como se os órgãos internos e os músculos começassem a se devorar.

– Muito bem, todo mundo, escutem! – Jorge anunciou quando tornaram a entrar no salão semidestruído. – Eu e o cara de maricas aqui encontramos uma solução.

Cara de maricas?, Thomas repetiu mentalmente.

Os Cranks ainda continuavam em estado de alerta, as armas horripilantes apertadas com firmeza nas mãos e miradas contra os Clareanos. Estavam sentados nos cantos do aposento, as costas apoiadas na parede. Através de janelas estilhaçadas e fendas no alto, fluía a luminosidade solar.

Jorge parou no meio da sala e lentamente se virou para encarar seu grupo. Thomas considerou o quanto o Líder dos Cranks parecia ridículo com aquele gesto afetado.

– Primeiro, precisamos conseguir alimento pra essas pessoas. Sei que parece loucura dividir o rango obtido a duras penas com um bando de forasteiros, mas acho que podemos contar com ajuda da parte deles. Deem-lhes a carne de porco e o feijão… estou enjoado daquela porcaria. – Um dos Cranks riu baixinho, um garoto franzino e nanico cujos olhos oscilavam de um lado para o outro. – Segundo, sendo o grande cavalheiro bondoso que sou, decidi não matar aquele inútil que me atacou.

Thomas ouviu gemidos de desapontamento e imaginou por quanto tempo aquelas pessoas já estariam com o Fulgor. Uma garota, uma adolescente bonita e um pouco mais velha, de cabelo comprido surpreendentemente limpo, revirou os olhos e balançou a cabeça, como se pensasse que os protestos fossem idiotice. Aquela devia ser Brenda, a quem Jorge se referira, pensou Thomas.

Jorge apontou para Minho, que, como sempre, sorria e acenava para todos os presentes.

– Está bem contente, não está? – grunhiu Jorge. – É bom saber. Significa que vai receber bem a notícia.

– Que notícia? – Minho indagou asperamente.

Thomas trocou um olhar rápido com Jorge, imaginando o que sairia pela boca do sujeito.

O Crank falou de modo indiferente:

– Depois de todos esses perdidos estarem alimentados, para que não morram de fome na nossa frente, você vai receber a punição por ter me atacado.

– Ah, é? – Se Minho estava com medo, não deu sinal nenhum disso. – E o que vai ser?

Jorge apenas o encarou – uma expressão impassível, cada vez mais dura e assustadora no rosto.

– Você me esmurrou com os dois punhos. Então vamos cortar um dedo de cada uma das suas mãos.

29

Thomas não entendeu como a ameaça de cortar os dedos de Minho prepararia o terreno para escaparem do resto dos Cranks. E com certeza não era idiota a ponto de confiar tanto em Jorge só por causa de uma breve reunião. Começou a entrar em pânico, pensando que as coisas estavam prestes a dar terrivelmente errado.

Mas então Jorge o encarou. Mesmo quando seus amigos Cranks passaram a rir e a festejar, percebeu algo no outro, no seu olhar. Algo que deixou Thomas mais à vontade.

Com Minho, por outro lado, a história era diferente. Levantou-se assim que Jorge anunciou a punição e o teria atacado se a garota bonita não o impedisse na mesma hora, a lâmina da arma sob o queixo dele. Ela lhe extraiu uma gota de sangue vermelho vivo à luz do dia que se infiltrava através das portas destroçadas. Minho não era capaz de sequer articular uma palavra sem o risco de um ferimento grave.

– O plano é o seguinte – Jorge anunciou calmamente. – Brenda e eu vamos escoltar esses vagabundos até o esconderijo para que comam. Depois vamos nos encontrar na Torre, digamos, daqui a uma hora. – Consultou o relógio. – Isso quer dizer meio-dia em ponto. Traremos o almoço de vocês.

– Por que só você e Brenda? – alguém perguntou. De início, Thomas não conseguiu ver quem era, mas depois percebeu que havia sido um homem, provavelmente a pessoa mais velha da sala. – E se resolverem atacar? São onze contra vocês dois.

Jorge estreitou os olhos – um olhar de zombaria.

– Obrigado pela aula de matemática, Barkley. Da próxima vez que me esquecer de quantos dedos tenho no pé, vou passar um tempo aprendendo a

contar com você. Por enquanto, feche essa boca mole e conduza todos à Torre. Se esses inúteis tentarem alguma coisa, Brenda vai cortar o senhor Minho em pedaços enquanto acabo com os outros de uma vez por todas. Mal conseguem parar em pé de tão fracos. Agora, vão!

O alívio tomou conta de Thomas. Depois de separados dos outros, Jorge ia querer se apressar. Com certeza não pretendia ir adiante com a punição de Minho.

O homem chamado Barkley era velho, mas parecia em ótima forma, os músculos desenvolvidos mal cabendo nas mangas da camisa. Carregava uma adaga assustadora em uma das mãos e um grande martelo na outra.

– Tudo bem – ele respondeu, depois de lançar um olhar demorado ao Líder. – Mas, se o atacarem e cortarem sua garganta, vamos passar muito bem sem você.

– Obrigado pelo carinho, hermano. Agora vá, ou teremos diversão dobrada na Torre.

Barkley riu, como para resguardar certa dignidade, depois partiu pelo mesmo corredor que Thomas e Jorge haviam percorrido. Ele acenou com o braço em um gesto de "sigam-me" e logo depois todos os Cranks se espremiam atrás dele, com exceção de Jorge e a garota bonita de longo cabelo castanho. Ela ainda pressionava a faca contra o pescoço de Minho, mas Thomas encarava a situação com otimismo: ela era a genial Brenda.

Depois que o grupo principal de pessoas infectadas com o Fulgor deixou a sala, Jorge trocou um olhar quase de alívio com Thomas. Então balançou sutilmente a cabeça, como se os outros ainda pudessem ouvi-los.

O movimento de Brenda chamou a atenção de Thomas, que a observou enquanto afastava a faca de Minho e recuava, limpando distraída, na calça, o pequeno filete de sangue.

– Realmente teria matado você, pode crer – disse em uma voz ligeiramente forçada, quase rouca. – Ataque Jorge de novo e vou cortar uma artéria sua.

Minho limpou o ferimento minúsculo com um polegar e olhou para a mancha vermelha.

– É uma faca afiada. Isso me faz gostar mais de você.

Newt e Caçarola gemeram ao mesmo tempo.

– Parece que não sou o único Crank aqui – respondeu Brenda. – Vocês estão mais avançados do que eu.

– Nenhum de nós está louco ainda – acrescentou Jorge, aproximando-se e

postando-se ao lado dela. – Mas não vai demorar. Vamos indo. Precisamos chegar ao esconderijo e lhes arranjar alguma comida. Estão parecendo um bando de zumbis famintos.

Minho não pareceu gostar da comparação.

– Acha que estou pulando de alegria por acompanhar vocês, seus malucos, e depois esperar que cortem meus malditos dedos?

– Cale a boca pelo menos uma vez – bradou Thomas, tentando lhe enviar uma mensagem implícita com o olhar. – Vamos comer. Não me importo com o que vá acontecer com suas belas mãos depois disso.

Minho piscou sem entender, mas pareceu perceber que havia alguma coisa estranha por trás daquele comentário.

– Seja como for, vamos.

Brenda postou-se à frente de Thomas de modo inesperado, o rosto a apenas alguns centímetros do dele. Seus olhos eram tão escuros que a parte branca do olho parecia cintilar.

– É você o Líder?

Thomas balançou a cabeça.

– Não… é o cara que você acabou de furar com a faca.

Brenda olhou para Minho, depois de novo para Thomas. Sorriu com ironia.

– Bem, então é uma idiotice. Sei que estou prestes a ficar louca, mas teria escolhido você. É quem mais tem tipo de Líder.

– Hum, obrigado. – Thomas ficou desconcertado, depois se lembrou da tatuagem de Minho. Recordou da própria, uma sentença de morte. Esforçou-se para dizer algo que ocultasse a repentina mudança de humor. – Eu, hã... teria escolhido você também, em vez do Jorge ali.

A garota se inclinou para a frente e beijou Thomas na bochecha.

– Você é uma gracinha. Espero mesmo que a gente não precise matar você.

– Muito bem. – Jorge já indicava a todos as portas quebradas que conduziam ao exterior. – Chega desse namoro. Brenda, temos uma porção de coisas pra conversar quando chegarmos ao esconderijo. Vamos indo, andem logo.

Brenda não tirou os olhos de Thomas. Quanto a ele, ainda sentia o ardor que havia percorrido todo o seu corpo quando ela o tocara com os lábios.

– Gosto de você – ela afirmou.

Thomas engoliu em seco, a mente vazia incapaz de encontrar uma resposta. A garota tocou o canto da boca com a língua e sorriu de lado, depois lhe deu as costas e se afastou rumo à porta, enfiando a faca no bolso da calça.

– Vamos indo! – gritou sem olhar para trás.

Thomas sabia que cada Clareano o observava agora, mas se recusou a trocar olhares com qualquer um deles. Em vez disso, ajeitou a camisa e saiu andando, sem se preocupar com o ligeiro sorriso no rosto. Logo os outros o seguiam em fila. O grupo deixou o prédio e saiu para o calor esbranquiçado do sol, que castigava o prédio destroçado do lado de fora.

Brenda liderava, e Jorge seguia na retaguarda. Thomas demorou para se adaptar à claridade, estreitando os olhos ao caminhar próximo da parede, procurando aproveitar a sombra escassa. Os outros prédios e ruas ao redor pareciam cintilar sob uma luminescência artificial, como se construídos com algum tipo de pedra mágica.

Brenda seguiu junto às paredes da construção, da qual haviam acabado de sair, até chegarem ao que Thomas pensou ser a parte de trás. Lá, um conjunto de degraus desaparecia pavimento adentro, lembrando-lhe algo de sua vida passada. Era uma passagem para algum tipo de sistema de trens subterrâneos, talvez.

Ela não hesitou. Sem esperar para se assegurar de que os outros a seguiam, desceu a escada. Mas Thomas notou que a faca reaparecera em sua mão direita, mantida com firmeza e a alguns centímetros do corpo – uma tentativa dissimulada de mostrar que estava pronta para atacar, ou se defender, a qualquer momento.

Ele a seguiu, ansioso para escapar do sol e, ainda mais importante, chegar à comida. Por dentro, ansiava a cada passo por obter qualquer tipo de alimento. Na verdade, estava surpreso por ainda conseguir se mover; a fraqueza era como um fantasma venenoso em suas entranhas, substituindo as partes vitais por um tumor de vácuo doloroso.

A escuridão enfim os tragou, bem-vinda e fresca. Thomas seguiu o som dos passos de Brenda até uma passagem estreita, através da qual brilhava uma luz alaranjada. Ela entrou, e Thomas hesitou na soleira. Era um quartinho úmido, repleto de caixas e latas, com uma única lâmpada pendendo no centro do teto. Parecia abarrotado demais para que todos coubessem.

Brenda deve ter adivinhado seus pensamentos.

– Você e os outros podem esperar lá na entrada, encontrar uma parede para se proteger do sol e se sentar. Vou começar a distribuir guloseimas deliciosas

pra vocês num segundo.

Thomas concordou com um movimento de cabeça, muito embora ela não o olhasse mais, e recuou, cambaleante, para a entrada. Deixou-se cair próximo a uma parede um pouco adiante dos Clareanos, introduzindo-se na escuridão do túnel. Sabia com certeza que nunca mais levantaria se não comesse alguma coisa.

As "guloseimas deliciosas" eram feijão em lata e algum tipo de linguiça – de acordo com Brenda, as palavras no rótulo estavam em espanhol, e eles falavam inglês. Comeram tudo frio mesmo, mas, para Thomas, aquela era a melhor refeição de sua vida: devorou cada pedaço. Já haviam aprendido que não era muito inteligente comer rápido após um período muito longo de jejum, mas não se importou. Se vomitasse, teria o maior prazer em renovar o estoque outra vez. De preferência, mais comida fresca.

Depois de distribuir a comida entre os famintos Clareanos, Brenda se aproximou para se sentar ao lado de Thomas; o brilho suave do quartinho iluminava os cachos delicados que lhe pendiam do cabelo escuro. Colocou ao lado algumas mochilas cheias com mais daquelas latas.

– Uma destas é pra você – disse.

– Obrigado. – Thomas já havia chegado à metade de sua lata, comendo uma porção depois da outra. Ninguém falava na entrada adiante deles; os únicos sons eram os de mastigar e engolir.

– O gosto é bom? – perguntou ela, enquanto mexia na própria comida.

– Por favor... Jogaria minha própria mãe escada abaixo pra comer esta coisa. Quer dizer, se ainda tivesse uma... – Recordou-se de seu sonho, e do breve momento em que a vira, mas fez o melhor que pôde para esquecê-lo; era deprimente demais.

– Vai enjoar logo – disse Brenda, arrancando Thomas dos próprios pensamentos. Ele notou a maneira como ela se sentara, o joelho direito pressionando a sua canela esquerda, e os pensamentos saltaram para a ridícula ideia de que ela movera a perna daquele jeito de propósito. – Temos apenas umas quatro ou cinco opções.

Thomas se concentrou em clarear a mente, e conduziu suas reflexões para o presente.

– Onde conseguiram esta comida? Tem bastante ainda?

– Antes de esta região ser atingida pelos clarões, a cidade tinha várias fábricas de alimentos e uma porção de armazéns para guardar mantimentos. Às vezes, acho que é por isso que o CRUEL envia os Cranks pra cá. Pelo menos podem dizer que não morreremos de fome enquanto piramos aos poucos e matamos uns aos outros.

Thomas raspou o resto do molho no fundo da lata e lambeu a colher.

– Se tem tanta comida, por que há poucas opções? – Um pensamento atravessou sua mente: talvez tivessem confiado naquela garota rápido demais; podiam estar comendo veneno. Mas ela ingeria a mesma comida, portanto suas preocupações provavelmente eram infundadas.

Brenda apontou o teto com o polegar.

– Tivemos acesso só às mais próximas. Uma empresa especializada, sem muita variedade. Seria capaz de matar sua mãe também por uma comida fresca da horta. Uma bela salada.

– Acho que minha mãe não teria muita chance se estivesse entre nós e um supermercado.

– Também acho.

Ela sorriu, embora a sombra encobrisse a maior parte de seu rosto. O sorriso ainda brilhava, e Thomas percebeu que gostava da garota. Ela havia tirado sangue de seu melhor amigo, mas gostava dela. Talvez, em parte, por causa disso.

– Será que ainda existem supermercados no mundo? – indagou ele. – Quero dizer, como será lá fora depois de todo esse negócio do Fulgor? Realmente quente, com um monte de gente louca correndo pelas ruas?

– Não. Bem, não sei. Os clarões do sol mataram uma porção de gente antes de escaparem para o norte ou para o sul. A minha família morava no norte do Canadá. Meus pais estavam entre os primeiros a conseguir chegar aos acampamentos montados pela coalizão entre os governos, as pessoas que acabaram formando o CRUEL depois.

Thomas a encarou por um segundo, boquiaberto. Ela havia acabado de revelar mais sobre o estado do mundo naquelas poucas frases do que tudo o que ouvira desde que tivera a memória apagada.

– Espere um pouco – pediu. – Preciso ouvir tudo de novo. Pode começar do início?

Brenda deu de ombros.

– Não há muito o que dizer… aconteceu muito tempo atrás. Os clarões do

sol foram completamente inesperados e imprevisíveis, e na época os cientistas tentaram advertir a população, mas era tarde demais. Eliminaram metade do planeta, secaram tudo ao redor das regiões equatoriais. Mudaram o clima em todos os outros lugares. Os sobreviventes se reuniram, alguns governos se uniram. Não demorou muito pra descobrirem que um vírus nojento tinha se disseminado de um centro de controle de doenças. Chamaram-no de Fulgor desde o princípio.

– Cara… – Thomas murmurou. Olhou para a entrada onde estavam os outros Clareanos, imaginando se tinham ouvido algo do que Brenda dissera, mas nenhum deles parecia escutar, tão absorvidos se encontravam na própria comida. E estavam longe deles, também. – Quando foi que…

Ela fez sinal para que ele se calasse, erguendo a mão.

– Espere – disse. – Tem algo errado. Acho que temos visitas.

Thomas não havia escutado nada, e os outros Clareanos também não pareciam ter notado. Mas Jorge já estava ao lado de Brenda, sussurrando algo no ouvido dela. A garota se preparava para levantar quando algo explodiu no saguão de entrada. Foi um estrondo forte, como se uma construção desmoronasse com um grande estampido, o cimento se partindo, o metal se retorcendo. Uma nuvem de poeira avançou na direção deles, obscurecendo a pouca luz do quartinho de comida.

Thomas estreitou os olhos para ver melhor, paralisado pelo medo. Conseguiu avistar Minho e Newt, e todos os outros, correndo pelas escadas, depois saindo por um corredor que não tinham notado antes. Brenda agarrou-o pela camisa e o obrigou a se levantar.

– Corra! – berrou. E começou a arrastá-lo dali, para longe da destruição, rumo ao interior da parte subterrânea.

Thomas despertou do torpor e tentou se desvencilhar da mão dela, embora ela não o soltasse.

– Não! Precisamos ir atrás dos meus ami…

Antes que pudesse terminar, uma boa parte do teto desabou à frente dele. Isso o impedia de seguir na direção tomada pelos amigos. Ouviu mais um barulho de algo se rompendo acima, e concluiu que não tinha mais escolha – nem tempo.

Relutante, virou-se e correu com Brenda, que continuou puxando-o pela camisa enquanto corriam em louca disparada pela escuridão.

30

Thomas não percebia o coração bater, nem teve tempo para refletir sobre o que poderia ter causado a explosão. A única coisa em que pensava era nos outros Clareanos, agora separados dele. Sem enxergar, correu junto de Brenda, forçado a entregar a própria vida inteiramente nas mãos dela.

– Por aqui! – ela gritou. Viraram numa curva fechada à direita; ele quase tropeçou e caiu, mas Brenda o ajudou a retomar o equilíbrio. Depois que recobrou o ritmo, ela enfim soltou sua camisa. – Fique perto de mim.

Os sons de destruição atrás deles iam ficando mais distantes à medida que seguiam pelo novo caminho, e o pânico tomou forma dentro de Thomas.

– E quanto aos meus amigos? E se…

– Siga em frente! A separação é melhor pra todo mundo, afinal.

O ar esfriava à medida que seguiam pelo comprido corredor. A escuridão se adensava. Pouco a pouco, Thomas sentia as forças voltarem, e recuperou rapidamente o fôlego. Atrás dele, os ruídos tinham quase cessado. Ele se preocupava com os Clareanos, mas o instinto lhe dizia que estava certo em ficar com Brenda, que os amigos seriam capazes de se virar se tivessem escapado. Mas e se algum deles fosse capturado por quem quer que tivesse provocado a explosão? Ou morto? Quem os atacara? As preocupações pareciam sugar seu coração até que se tornasse um órgão seco e esturricado.

Brenda o conduziu por mais três curvas ao longo do caminho. Thomas não fazia ideia de como ela podia saber aonde iam. Estava a ponto de perguntar quando ela parou, pondo uma mão no peito dele para detê-lo.

– Está ouvindo alguma coisa? – perguntou ela, a respiração pesada.

Thomas prestou atenção, mas tudo o que escutou foi a respiração deles. Fora isso, o ambiente estava silencioso e escuro.

– Não – ele respondeu. – Onde estamos?

– Vários túneis e passagens secretas dão nos prédios deste lado da cidade. Talvez isso aconteça na cidade inteira… não exploramos tanto até o momento. Chamam isso aqui de Subsolo.

Thomas não conseguia distinguir o rosto dela, mas Brenda estava próxima o bastante para que sentisse seu hálito. Não cheirava mal, o que o surpreendeu, considerando as condições em que ela vivia. Era inodoro e, de certo modo, agradável.

– Subsolo? – repetiu ele. – Parece um nome idiota.

– Bem, não fui eu que nomeei o lugar.

– Quanto dele já exploraram? – Ele não gostava da ideia de correr por ali sem saber o que havia pela frente.

– Não muito. Normalmente encontramos Cranks. Os realmente ruins. Muito além da Insanidade.

A informação fez Thomas dar um giro completo, procurando, sem saber, algo na escuridão. Todo o seu corpo estava enrijecido pelo medo, como se tivesse saltado em um rio de água gelada.

– Bem… estamos seguros? O que foi aquela explosão, afinal? Precisamos voltar e encontrar meus amigos.

– E quanto a Jorge?

– Hã?

– Não deveríamos encontrar Jorge também?

Thomas não pretendera ofendê-la.

– É, o Jorge, os meus amigos, todos aqueles trolhos. Não podemos deixá-los para trás.

– O que é um trolho?

– Não importa. Apenas… O que você acha que aconteceu lá atrás?

Ela suspirou e se aproximou ainda mais, pressionando o peito contra o dele. Thomas sentiu os lábios dela roçarem sua orelha enquanto falava:

– Quero que me prometa uma coisa – disse baixinho, pouco mais que um sussurro.

Thomas sentiu o corpo todo arrepiar.

– Hum… o quê?

Ela não recuou; continuou falando junto à orelha dele:

– Não importa o que aconteça, mesmo que precisemos seguir sozinhos, leve-me sempre com você. O tempo todo, até chegarmos ao CRUEL. Quero

aquela cura que prometeu ao Jorge… Ele me contou sobre ela no quartinho de comida. Não posso ficar aqui e enlouquecer pouco a pouco. Não vou suportar. Prefiro morrer.

Ela segurou as mãos dele e as apertou. Depois, descansou a cabeça em seu ombro, o nariz aninhado contra o pescoço dele. Provavelmente, estava na ponta dos pés. A cada respiração de Brenda, uma nova onda de calafrios arrepiava a pele dele.

Thomas gostava daquela proximidade, mas aquilo parecia tão estranho e sem explicação! Então teve um acesso de culpa, pensando em Teresa. Tudo aquilo era uma estupidez. Estava no meio de uma tentativa brutal e desumana de atravessar uma terra arrasada, a vida em risco, os amigos talvez mortos. Teresa podia estar morta, até. Ficar ali abraçado com uma garota estranha no escuro era a coisa mais absurda em que podia pensar.

– Ei – disse. Soltou as mãos que ela apertava e a segurou pelos braços para afastá-la. Ainda não conseguia ver nada, mas imaginou-a em algum ponto, olhando-o fixamente. – Não acha que precisamos resolver as coisas?

– Você ainda não me prometeu – ela retrucou.

Thomas teve vontade de gritar; não podia acreditar que Brenda pudesse insistir naquilo numa situação de emergência como aquela.

– Tudo bem, prometo. O Jorge lhe contou tudo?

– A maior parte, eu acho. Embora já tivesse adivinhado no instante em que ele disse ao nosso grupo que seguisse sem nós e se reunisse na Torre.

– Adivinhado o quê?

– Que íamos ajudá-los a atravessar a cidade em troca de nos levarem de volta à civilização.

Thomas se preocupou com aquela informação.

– Se você concluiu tão depressa, não acha que os outros tenham feito o mesmo?

– Justamente.

– O que quer dizer com justamente? Parece ter descoberto alguma coisa.

– Acho que foi isso o que aconteceu. No início me preocupei que fosse um grupo de Cranks já consumados há muito tempo, mas, uma vez que ninguém nos perseguiu, acredito que Barkley e alguns de seus amigos provocaram a explosão na entrada do Subsolo, tentando nos matar – ela esclareceu, esticando os braços e pousando as mãos no peito de Thomas. Ele ainda não compreendia por que Brenda o tratava com tanto carinho. – Eles sabem que podem

conseguir bastante comida em qualquer outro lugar, e há outras maneiras de chegar aqui.

– Não faz sentido. Quero dizer, matar a gente. Não iam querer nos usar também, vir conosco?

– Não, não. Barkley e os outros estão contentes aqui. Acho que estão um pouco mais avançados na doença, e já começaram a perder o lado racional. Duvido que a ideia tenha sequer ocorrido a eles. Aposto que só pensaram que íamos nos reunir em outro grupo e… eliminá-los. Que estávamos aqui embaixo pra planejar isso.

Thomas se afastou dela, apoiando a cabeça contra a parede. Ela se aproximou de novo e passou os braços ao redor de sua cintura.

– Hã… Brenda? – Thomas chamou. Havia algo errado com aquela garota.

– Que foi? – ela murmurou contra seu peito.

– O que está fazendo?

– O que quer dizer?

– Não acha que é um pouco estranho o modo como está agindo?

Ela riu, um som tão inesperado que Thomas considerou por um instante se a garota não havia sucumbido ao Fulgor. Talvez seu lado Crank tivesse amadurecido de uma hora para outra, ou algo do gênero. Ela se afastou dele, ainda rindo.

– O que foi? – Thomas quis saber.

– Nada – ela respondeu, em meio a um risinho de colegial. – Acho que viemos de lugares diferentes, só isso. Desculpe.

– O que quer dizer? – De repente, pegou-se desejando que ela o abraçasse outra vez.

– Não se preocupe com isso – Brenda falou, parando com a zombaria. – Desculpe por ser tão ousada. É só que… é muito normal de onde eu venho.

– Não… tudo bem. Quer dizer... não é nada ruim. Estou bem. – Sentia-se contente por Brenda não poder enxergar seu rosto. Devia estar tão vermelho que por certo ela teria um novo acesso de riso se o visse.

Pensou em Teresa mais uma vez. Também em Minho e nos outros. Precisava recuperar o controle. Já.

– Olhe, você mesma falou – disse ele, tentando retomar o tom confiante de voz. – Ninguém nos perseguiu. Precisamos voltar.

– Tem certeza? – Ela parecia desconfiada.

– O que quer dizer?

– Poderia ajudá-lo a atravessar a cidade. Encontraria comida suficiente pra levar conosco. Por que não nos esquecemos deles? Que tal irmos a esse Refúgio Seguro por nossa conta?

Thomas não queria nem começar a ouvir aquela proposta.

– Se não quiser voltar comigo, ótimo. Mas eu vou. – Apoiou a mão na parede para se guiar e passou a caminhar na direção de onde tinham fugido.

– Espere! – chamou ela, alcançando-o em seguida. Segurou sua mão e entrelaçou os dedos, caminhando agora ao lado dele de mãos dadas, como se ambos fossem bastante íntimos. – Sinto muito. Realmente. É só que... acho que seria mais fácil conseguir com menos pessoas. Não tenho muita amizade com aqueles Cranks. Não como você e seus… Clareanos.

Teria dito aquela palavra perto dela? Não se lembrava, mas alguém poderia tê-lo feito sem que percebesse.

– Acho mesmo que todos nós precisamos chegar ao Refúgio Seguro. Mesmo que a gente atravesse a cidade, quem sabe o que pode acontecer? Talvez seja necessário um bom número de pessoas.

Thomas refletiu sobre o que acabara de dizer. Será que só se preocupava com números, afinal, para terem mais chances de se safar? Era assim tão frio?

– Certo – foi tudo o que Brenda disse em resposta. Alguma coisa mudara nela. Parecia menos confiante. Menos no controle da situação.

Thomas se desvencilhou da mão dela, tossindo para justificar o gesto. Não tornou a procurar sua mão quando parou de tossir.

Ambos ficaram em silêncio nos minutos seguintes. Ele a seguia, sentindo sua presença, embora não pudesse vê-la. Depois de virarem para um lado e para o outro diversas vezes, uma luz surgiu acima, aumentando de intensidade à medida que avançavam.

Após um tempo, acabou se revelando ser a luz solar, os raios penetrando pelas frestas do teto – uma das consequências da explosão. Grandes blocos de pedra e pedaços de aço retorcido, além de canos quebrados, bloqueavam a passagem para as escadas. E escalar os destroços parecia bem perigoso. Uma névoa de poeira cobria tudo, tornando os raios de sol espessos e vívidos, grãos de poeira dançando no ar como moscas. O ar recendia a argamassa e alguma coisa queimada.

O acesso ao quartinho do esconderijo, com toda aquela comida dentro, também estava bloqueado, mas Brenda encontrou as duas mochilas que havia enchido antes.

– Ninguém parece ter passado por aqui – disse ela. – Eles não voltaram. De alguma maneira, Jorge e seus amigos devem ter conseguido escapar.

Thomas não sabia o que esperava encontrar, mas pelo menos uma boa notícia era óbvia.

– Não há corpos, certo? Ninguém morreu na explosão?

Brenda deu de ombros.

– Os Cranks podem ter levado os corpos. Mas eu duvido. Não faria sentido.

Thomas concordou, como se reafirmasse as palavras dela a si mesmo, querendo acreditar nelas. Mas não fazia ideia do que aconteceria em seguida. Deveriam seguir pelos túneis – pelo Subsolo – em busca dos outros Clareanos? Ou sair para as ruas? Ou, ainda, voltar ao prédio onde se entrincheiravam Barkley e os outros? Nenhuma das alternativas era agradável.

– Precisamos ir pelo Subsolo – anunciou Brenda após um longo momento. Provavelmente, estivera refletindo sobre as opções, como Thomas. – Se os outros foram para cima, já deve fazer tempo que partiram. Além disso, vão estar mais preocupados consigo que conosco.

– E se estiverem aqui embaixo vamos encontrá-los, certo? – indagou Thomas. – Esses túneis todos acabam dando no mesmo lugar, não é?

– É. Seja como for, sei que Jorge os levará para o outro lado da cidade, para as montanhas. Devemos fazer o mesmo pra nos encontrarmos e seguir em frente.

Thomas encarou Brenda, pensativo. Talvez apenas fingisse pensar, uma vez que não havia outra opção a não ser continuar com ela. Com certeza, Brenda era sua melhor – e talvez única – alternativa para conseguir qualquer coisa diferente de uma morte rápida e horrível nas mãos dos Cranks já dominados pelo Fulgor. O que mais poderia fazer?

– Certo – disse. – Vamos indo.

Ela lhe lançou um sorriso meigo, apesar da fuligem que lhe recobria o rosto, e Thomas foi tomado por uma onda inesperada de saudade do momento que haviam dividido no escuro. Quase tão rápido como se formou, porém, esse pensamento se foi. Brenda lhe estendeu uma das mochilas, depois pegou outra, de onde tirou uma lanterna, acendendo-a em seguida. O feixe de luz cortou a poeira do ar enquanto ela fazia o facho de luz oscilar de um lado a outro, enfim fixando-o na direção do túnel pelo qual já haviam passado duas vezes.

– Será que devemos? – perguntou ela.

– Devemos, sim – Thomas murmurou. Ainda se sentia mal em relação aos

amigos, mas continuava a acreditar que fazia a coisa certa ao ficar com Brenda.

Quando ela começou a andar, ele a seguiu.

31

O Subsolo era um lugar úmido e desagradável. Thomas quase preferia a total escuridão a ser capaz de ver o que havia ao redor. As paredes e os pisos exibiam um inóspito tom acinzentado, nada além de concreto pintado e filetes de água escorrendo aqui e ali. Passavam por uma porta a cada três metros, a maioria trancafiada quando tentavam abrir. A poeira cobria as extensas instalações elétricas no teto, ao menos metade delas ainda presa, embora os vidros estivessem quebrados e grandes rombos revelassem metal enferrujado.

Considerando tudo, o lugar dava a sensação de um sepulcro assombrado. Subsolo era o melhor nome que aquele local podia ter. Imaginou com que finalidade as instalações subterrâneas haviam sido originalmente construídas. Passarelas e escritórios para sabe-se lá que tipos de trabalhos? Passagem entre os prédios em dias de chuva? Rotas de emergência? Rotas de fuga para longas irradiações solares e ataques de pessoas alucinadas?

Não falaram muito enquanto Thomas seguia Brenda, túnel após túnel, às vezes virando à esquerda, em interseções ou cruzamentos, outras vezes dobrando à direita. O corpo dele rapidamente consumiu toda a energia fornecida pelo recente banquete e, depois de caminhar pelo que pareceram várias horas, convenceu-a a parar para outra refeição.

– Imagino que saiba aonde estamos indo – disse a ela, quando retomaram a marcha. Todos os lugares pelos quais passavam pareciam a mesma coisa para ele. Monótonos e escuros. Poeira, onde não havia umidade. Túneis silenciosos, a não ser por goteiras distantes, e o farfalhar das roupas enquanto caminhavam. Os passos eram pancadas surdas sobre o concreto.

De repente, ela parou e se virou para ele, iluminando o próprio rosto com a lanterna sob ele.

– Bu! – Sussurrou.

Thomas deu um pulo, depois a empurrou para o lado.

– Apague essa porcaria – gritou. Sentia-se um idiota: o coração a ponto de explodir de medo. – Isso deixa você parecendo um…

Ela desviou o facho de luz, mas os olhos permaneceram cravados nele.

– Parecendo um o quê?

– Nada.

– Um Crank?

A palavra atingiu Thomas em cheio. Não queria pensar nela dessa maneira.

– Bem… é isso aí – ele murmurou. – Desculpe.

Ela lhe deu as costas e retomou a caminhada, a luz iluminando o caminho à frente.

– Eu sou uma Crank, Thomas. Contraí o Fulgor, sou um deles. E você também é.

Ele precisou correr um pouco para alcançá-la.

– É, mas você ainda não está completamente dominada. Nem eu, certo? Vamos conseguir a cura antes de ficarmos doidos. – Torcia para que o Homem-Rato houvesse dito a verdade.

Continuaram, curva após curva, túnel interminável após túnel interminável. O exercício lento, mas constante, desviou os pensamentos de Thomas, e ele se sentiu melhor do que estivera em todos os últimos dias. A mente mergulhou em uma espécie de torpor, refletindo sobre o Labirinto, suas vagas lembranças e Teresa. A maior parte do tempo pensava em Teresa.

Entravam agora em um salão com saídas que se ramificavam à esquerda e à direita. Assemelhava-se a uma interligação de túneis provenientes de todos os prédios.

– Isto aqui é o centro da cidade ou algo parecido? – Thomas indagou.

Brenda se deteve para descansar um pouco. Sentou-se no chão, as costas apoiadas na parede. Thomas a imitou.

– Mais ou menos – respondeu ela. – Viu? Já andamos metade do caminho até o outro lado da cidade.

Thomas gostou muito do que ouviu, mas odiava pensar nos outros: Minho, Newt, os demais Clareanos. Onde estariam? Sentiu-se um cara de mértila por não procurá-los, ignorando se estariam com problemas. Será que já haviam atravessado a cidade em segurança?

Um estalo alto, como o estouro de uma lâmpada, assustou Thomas.

Brenda imediatamente direcionou a luz para o local de onde o som tinha vindo, mas o corredor desaparecia nas sombras, vazio, a não ser por filetes úmidos nas paredes, negros sobre o concreto acinzentado.

– O que foi aquilo? – Thomas sussurrou.

– Uma lâmpada velha estourando, acho. – A voz dela não sugeria preocupação. Brenda largou a lanterna no chão, e a parede diante deles se iluminou.

– Por que uma lâmpada velha estouraria assim, do nada?

– Sei lá. Um rato?

– Não vi nenhum rato. Além disso, como um rato poderia andar pelo teto?

Ela o encarou com uma expressão irônica no rosto.

– Você está certo. Deve ter sido um rato voador. Devemos dar o fora daqui o quanto antes.

Thomas deixou escapar um risinho nervoso sem que tivesse tempo de impedir.

– Hilário.

Outro estalo, dessa vez seguido pelo tilintar do vidro se estilhaçando pelo chão. Sem dúvida nenhuma, vinha de trás – Thomas tinha certeza dessa vez. Alguém devia estar no encalço deles. Não podiam ser os Clareanos; parecia mais gente tentando assustá-los. Intimidá-los.

Nem mesmo Brenda conseguiu esconder sua reação. Seus olhos encontraram os dele, e estavam cheios de preocupação.

– Levante – ela sussurrou.

Levantaram-se ao mesmo tempo e pegaram as mochilas em silêncio. Brenda dirigiu a luz outra vez para trás, por onde tinham vindo. Não havia nada lá.

– Será que devo ir lá pra ver o que é? – indagou, a voz baixa. A garota sussurrava, mas, no silêncio do túnel, parecia falar alto até demais. Se houvesse alguém por perto, conseguiria ouvir cada palavra que ela e Thomas trocavam.

– Ver o que é? – Aquela era a pior ideia que já tinha ouvido. – Não, devemos sair daqui, exatamente como você disse antes.

– Quer apenas ignorar quem quer que esteja nos seguindo? Talvez pra se juntar com alguns dos seus companheiros, ou companheiras, pra nos emboscar? Melhor cuidar disso agora.

Thomas prendeu a mão que segurava a lanterna e a obrigou a apontá-la para o chão. Depois, inclinou-se, a ponto de lhe sussurrar junto à orelha:

– Com certeza, é uma armadilha. Não havia nenhum vidro no chão lá

atrás… Devem ter esticado o braço e quebrado uma das lâmpadas velhas. Por que alguém faria isso? Alguém quer que voltemos lá.

Ela retrucou:

– Se tivessem gente suficiente para um ataque, por que nos atrairiam com uma isca? Isso é bobagem. Por que não viriam aqui e acabariam logo com a história?

Thomas refletiu por alguns instantes. Ela até que tinha razão.

– Bem, é ainda mais bobagem ficar aqui parado falando sobre isso o dia inteiro. O que vamos fazer?

– Vamos… – Ela fez menção de levantar a lanterna enquanto falava, mas silenciou as palavras, arregalando os olhos de puro terror.

Thomas girou a cabeça para ver o motivo.

Havia um homem lá, exatamente ao alcance do facho da lanterna.

Era como uma aparição – havia algo de irreal nele. Estava inclinado para a direita, o pé e a perna esquerdos tremendo ligeiramente, como se fosse vítima de um tique nervoso. O braço direito também tremia, a mão abria e se fechava involuntariamente. Usava um terno escuro que alguma dia fora bonito, mas agora apresentava-se imundo e esfarrapado. Água, ou algum outro líquido nojento, escorria pela calça, na altura dos joelhos.

Mas Thomas levou só uma fração de segundo para captar tudo isso. A maior parte de sua atenção fora atraída para a cabeça do homem. Não conseguia deixar de olhar, hipnotizado. O cabelo parecia ter sido arrancado do couro cabeludo, deixando crostas de feridas sanguinolentas no lugar. O rosto era pálido, de pele viscosa, com cicatrizes e feridas por toda parte. Um olho já não existia; havia apenas uma massa vermelha e pegajosa no lugar. Também não tinha nariz, mas Thomas podia entrever com clareza os resquícios de orifícios nasais sob a pele terrivelmente deformada.

E a boca. Os lábios contraíam-se, repuxados num esgar de ódio, deixando à mostra dentes brancos e reluzentes cerrados com firmeza. O olho bom fulgurava, um brilho malicioso, enquanto oscilava entre Brenda e Thomas.

Então o homem disse uma coisa, e a voz entrecortada e pigarrenta fez Thomas se arrepiar. Pronunciou poucas palavras, mas eram tão absurdas e fora de contexto que tornavam a coisa toda ainda mais aterrorizante:

– Laís levou meu nariz, eu acho.

32

Um gemido escapou das profundezas de seu ser, e Thomas não soube dizer se tinha sido audível ou apenas algo que havia se manifestado dentro dele, fruto de sua imaginação. Brenda permaneceu ao lado, em silêncio – em choque, talvez –, a luz ainda fixa no estranho horroroso.

O homem deu um passo vacilante na direção deles, precisando arquear um dos braços para manter o equilíbrio sobre a perna boa.

– Laís levou meu nariz, eu acho – ele repetiu; a bolha de muco na garganta estalava com um ruído desagradável. – E ele realmente funga.

Thomas prendeu a respiração, esperando que Brenda tomasse a iniciativa.

– Entenderam? – perguntou o homem, o rosnado tentando se transformar em um riso irônico. Parecia um animal prestes a abater a presa. – Ele realmente funga. O meu nariz. Levado pela Laís. Acho. – Então deu uma risada, uma gargalhada gorgolejante que fez Thomas se preocupar com o fato de se algum dia poderia dormir em paz outra vez.

– Entendi – respondeu Brenda. – É mesmo engraçado.

Thomas sentiu um movimento e voltou-se para ela. Brenda havia tirado uma lata da mochila, lentamente, e a segurava na mão direita. Antes de ele imaginar se era uma boa ideia ou se deveria tentar detê-la, ela atirou a lata no Crank. Thomas viu a lata voar, observando-a se chocar contra o rosto do homem.

O homem soltou um guincho que gelou Thomas completamente.

Depois, apareceram outros. Um grupo de dois. Depois três. Então mais quatro. Homens e mulheres. Todos se arrastando da escuridão para se posicionar atrás do primeiro Crank. Todos inteiramente possuídos. Igualmente horrorosos, consumidos por completo pelo Fulgor, assolados pela loucura e pelos ferimentos da cabeça aos pés. E, conforme Thomas notou, todos sem

nariz.

– Essa não doeu tanto – disse o Crank da frente. – Você tem um belo nariz. Quero mesmo um novo nariz. – Ele parou de rosnar por um tempo suficiente para passar a língua sobre os lábios, em seguida passou outra vez. A língua era uma coisa pavorosamente coberta de cicatrizes, como se a mastigasse quando se sentisse entediado. – E meus amigos também.

O medo oprimiu o peito de Thomas, como um gás tóxico que o corpo houvesse rejeitado. Podia compreender melhor do que nunca o que o Fulgor fazia às pessoas. Já tinha visto aquilo antes nas janelas do dormitório, mas agora enxergava a coisa de modo mais claro. Bem diante dele, sem grades para mantê-los afastados. Aqueles rostos eram primitivos e selvagens. O Líder ensaiou mais um passo desequilibrado, depois outro.

Era hora de partir.

Brenda não disse nada. Nem precisava. Depois de pegar outra lata e atirá-la nos Cranks, Thomas se virou com ela e os dois correram. O ruído psicótico dos perseguidores se avolumava atrás deles como o grito de guerra de um exército de demônios.

A lanterna de Brenda iluminava o caminho, oscilando, zigue zagueante, enquanto disparavam à direita e à esquerda ao longo do trajeto sinuoso. Tinham uma vantagem: os Cranks pareciam um tanto desengonçados, carcomidos pelos ferimentos. Com certeza, não seriam capazes de aguentar o ritmo deles. Mas o pensamento de que poderia haver ainda mais Cranks à frente, talvez preparados para uma emboscada...

Brenda se deteve e virou à direita, agarrando o braço de Thomas para arrastá-lo junto. Ele tropeçou nos primeiros passos, mas recobrou o equilíbrio, voltando a ganhar velocidade total. Os gritos de raiva e os guinchos diminuíram um pouco.

Então Brenda virou à esquerda. Depois de novo à direita. Após essa segunda guinada, ela desligou a lanterna, mas não diminuiu a marcha.

– O que está fazendo? – indagou Thomas. Ele mantinha uma das mãos elevada à frente, certo de que se chocaria contra uma parede a qualquer instante.

Tudo que obteve dela foi um sinal para se calar. Pensou em quanto confiara em Brenda. Pusera a vida nas mãos dela. Mas não via outras opções além daquela, especialmente agora.

Ela se deteve de novo, alguns segundos depois, e parou por completo.

Permaneceram na escuridão, recuperando o fôlego. Os Cranks estavam longe, mas ainda eram bastante audíveis, o ruído distante se aproximando.

– Certo – sussurrou ela. – Exatamente… aqui.

– O quê?

– Apenas me siga pra dentro desta sala. Existe um esconderijo perfeito aqui… encontrei-o uma vez quando explorava o lugar. Não há como encontrarem. Venha comigo.

Ela apertou a mão dele, conduzindo-o para a direita. Ele sentiu que atravessava uma porta estreita, e Brenda o puxou para dentro.

– Tem uma mesa velha aqui – disse ela. – Pode senti-la?

Ela guiou a mão dele até sentir a madeira rígida e lisa.

– Sim… – respondeu Thomas.

– Cuidado com a cabeça. Vamos ter de nos arrastar por baixo dela e depois entrar numa pequena passagem que leva ao compartimento secreto. Ninguém sabe o que pode acontecer, mas não há como os Cranks nos encontrarem. Mesmo que tenham uma lanterna, o que duvido.

Thomas imaginou como circulavam por aquele lugar sem ter luz, mas guardou a pergunta para mais tarde – Brenda já avançava, e não queria se distanciar. Permanecendo próximo, os dedos roçando os pés dela, ele a seguiu enquanto engatinhava por baixo da mesa na direção da parede. Em seguida, arrastaram-se por uma passagem quadrada para dentro de um compartimento comprido e estreito. Thomas tateou o lugar, batendo nas superfícies para ter uma ideia de onde estava. O teto ficava a cerca de sessenta centímetros do chão, concluiu, enquanto continuava a entrar na fenda.

Brenda estava com as costas apoiadas na parede da outra extremidade do esconderijo, enquanto Thomas tentava se ajeitar. Não tinham escolha, a não ser permanecer deitados de lado, um bem próximo do outro. O lugar era apertado, mas acharam uma posição, de lado os dois, as costas dele pressionadas contra a parte da frente do corpo de Brenda, cuja respiração sentia no pescoço.

– Que lugarzinho mais confortável esse – sussurrou ele.

– Fique quieto.

Thomas conseguiu se ajeitar um pouco de modo a descansar a cabeça contra a parede. Depois, relaxou. Acomodou-se, inspirando profundamente e devagar, enquanto apurava os ouvidos à espera de algum sinal dos Cranks.

No começo, o silêncio foi tão profundo que era possível sentir sua vibração, um zumbido oco nas orelhas. Mas depois ouviram os primeiros indícios dos

ruídos dos Cranks. Tosses, gritos ao acaso, risos enlouquecidos. Chegaram perto por um segundo, e Thomas experimentou um momento de pânico, pensando se não tinha sido uma idiotice ficarem ilhados num lugar como aquele. Mas depois refletiu melhor. As chances de os Cranks encontrarem aquele buraco eram mínimas, ainda mais no escuro. Seguiriam em frente, com certeza, para bem longe dali. Talvez até mesmo se esquecessem por completo dele e de Brenda. Aquela estratégia era melhor que uma perseguição prolongada.

E, se o pior acontecesse, ele e Brenda poderiam se defender com facilidade, tendo em vista a minúscula entrada do compartimento. Talvez.

Os Cranks estavam próximos agora. Thomas precisou lutar contra o impulso de soltar a respiração. A última coisa que podia acontecer naquele momento era serem percebidos, mesmo que por um suspiro qualquer. Apesar da escuridão, fechou os olhos e se concentrou apenas em ouvir.

Passos arrastados e desordenados. Grunhidos e respiração pesada. Alguém bateu numa parede, uma série de batidas abafadas contra o concreto. Discussões em voz alta, uma sobreposição frenética de sons sem nexo. Escutou: "Por aqui!", e depois "Por ali!" Mais tosses. Um deles engasgou e cuspiu com violência, como se tentasse se livrar de um ou mais órgãos. Uma mulher riu, tão tomada de loucura que o som fez Thomas estremecer.

Brenda encontrou sua mão e a apertou. De novo, Thomas sentiu um ridículo acesso de culpa, como se traísse Teresa. Não podia impedir que a garota fosse tão carinhosa e sensível com ele. E que coisa mais idiota para se pensar quando era preciso...

Um Crank se postou à frente do compartimento onde estavam. Depois outro. Thomas ouvia a respiração entrecortada e pigarrenta, o ruído de pés arrastados contra o chão. Outro também entrou, os passos mais longos e seguidos de um baque – um passo e um baque, um passo e um baque... Thomas imaginou que talvez fosse o primeiro homem que haviam visto, o único a ter falado com eles – o que era inválido de um dos braços e de uma das pernas.

– Meniniiiiinho – chamou o homem, a voz sarcástica e arrepiante. Sem dúvida nenhuma era ele; Thomas jamais esqueceria aquela voz. – Meniniiiiinha. Saiam, saiam, façam algum barulho, façam algum barulho. Quero o nariz de vocês.

– Não tem nada aqui. – Uma mulher cuspiu. – Nada a não ser uma mesa

velha.

O ruído de madeira arranhando o chão tomou o ambiente, depois foi interrompido abruptamente.

– Quem sabe não estão escondendo o nariz embaixo da mesa – respondeu o homem. – Quem sabe ele ainda não esteja grudado naqueles lindos rostinhos.

Thomas se encolheu contra Brenda ao ouvir uma mão, ou sapato, se arrastar pelo chão bem diante da entrada para o esconderijo, a apenas uns trinta ou sessenta centímetros de distância.

– Nada aqui embaixo! – disse a mesma mulher.

Ouviu o ruído de algo arrastando de novo. Seu corpo estava como uma tábua, rígido, como se mumificado por fios apertados. Forçou-se a relaxar, ainda que com cuidado, para controlar a respiração.

Mais passos arrastados. Então um assombroso conjunto de sussurros, como se houvessem se reunido no meio da sala para planejar. Thomas imaginou se os pensamentos deles possuíam articulação suficiente para esse tipo de coisa. Fez um esforço para ouvir, captar alguma palavra, mas o bafejo áspero de sussurros permaneceu indecifrável.

– Não! – gritou um deles. Um homem, mas Thomas não saberia dizer se tinha sido o mesmo. – Não! Não, não, não, não, não, não, não, não. – As palavras silenciaram num último murmúrio gaguejado.

A mulher o interrompeu:

– Sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim.

– Calem a boca! – disse o líder. Sem dúvida era o Líder. – Calem a boca, calem a boca, calem a boca!

Thomas sentiu um frio por dentro, embora a pele estivesse banhada em suor. Não sabia se essa conversa tinha algum significado, ou se era apenas mais uma evidência de loucura.

– Vou embora – disse a mulher, as palavras interrompidas por um soluço. Parecia uma criança dispensada de uma brincadeira.

– Eu também, eu também. – Dessa vez foi outro homem.

– Calem a boca, calem a boca, calem a boca, calem a boca! – berrou o Líder, agora mais alto. – Vão embora, vão embora, vão embora!

A intempestiva repetição de palavras produzia calafrios em Thomas. Era como se o controle da linguagem já tivesse se deteriorado no cérebro deles.

Brenda apertava sua mão com tanta força que doía. A respiração dela era fria contra o suor de sua nuca.

Passos arrastados e o farfalhar de roupas do lado de fora. Teriam decidido ir embora?

Os sons diminuíram repentinamente de volume ao entrarem no corredor, no túnel, seja lá para onde houvessem se dirigido. Os Cranks do grupo pareciam de fato ter ido embora. Logo tudo ficou silencioso outra vez. Thomas ouvia apenas o ruído, quase imperceptível, da respiração deles.

Aguardaram no escuro, estendidos sobre o chão duro. Suavam, comprimidos um contra o outro, ainda olhando para a entrada. O silêncio se prolongou, retornando ao zumbido de ausência de som. Thomas continuou alerta, para terem certeza absoluta da saída dos Cranks. Queria tanto sair daquele minúsculo compartimento, mas, por mais desconfortável que fosse, precisavam esperar.

Passaram-se vários minutos. Muitos mais. Nada além de silêncio e escuridão.

– Acho que eles se foram – sussurrou Brenda por fim. Em seguida, acendeu a lanterna.

– Olá, narizes! – uma voz hedionda gritou da sala.

Então uma mão sanguinolenta passou pela entrada e agarrou Thomas pela camisa.

33

Thomas soltou um grito agudo e começou a estapear a mão coberta de ferimentos e cicatrizes. Seus olhos ainda se ajustavam à claridade produzida pela lanterna de Brenda, e os estreitou para observar melhor a mão do homem que agarrava com firmeza sua camisa. O Crank o puxava, fazendo o corpo de Thomas se chocar contra a parede. O rosto dele bateu no concreto duro em um desses solavancos, e uma explosão de dor lhe invadiu o nariz. Sentiu o sangue escorrer.

O homem empurrou-o para trás alguns centímetros, depois para a frente de novo. E mais uma vez fez o rosto de Thomas ir de encontro à parede. O garoto não conseguia acreditar na força do Crank. Parecia impossível, tendo em vista sua aparência: fraco e terrivelmente mutilado.

Brenda tinha sacado a faca, tentando se arrastar por cima dele e se colocar em posição para acertar a mão do homem.

– Cuidado! – Thomas gritou. A faca estava assustadoramente próxima. Ele agarrou o pulso do homem e o agitou para a frente e para trás, tentando afrouxar a garra de ferro. Não funcionou. O Crank continuava puxando e empurrando, fazendo o corpo de Thomas colidir contra a parede.

Brenda gritou e partiu para cima dele. Arrastou-se sobre Thomas, e a lâmina brilhou ao se dirigir, certeira, ao braço do Crank. O homem soltou um uivo demoníaco e largou a camisa de Thomas. A mão desapareceu passagem afora, deixando um rastro de sangue no chão. Os guinchos de dor continuaram, potencializados pelo eco.

– Não podemos deixá-lo sair! – Brenda gritou. – Depressa, saia!

Ela tinha razão. Todo dolorido, Thomas já se contorcia para se colocar em posição. Se o homem alcançasse os outros Cranks, todos voltariam. Talvez já

tivessem até ouvido a agitação e estivessem a caminho.

Thomas passou os braços e a cabeça pela entrada, então tudo ficou mais fácil. Usando a parede como alavanca, empurrou o resto do corpo para fora, os olhos cravados no Crank, à espera de outro ataque. O homem estava a menos de um metro de distância, no chão, embalando o braço lacerado de encontro ao peito como se fosse um bebê. Ambos se entreolharam, e o Crank rosnou como um animal ferido, rangendo os dentes.

Thomas se preparou para levantar, mas bateu a cabeça no fundo da mesa.

– Mértila! – gritou, depois deu um jeito de sair do antigo móvel de madeira.

Brenda vinha em seu encalço e, logo, eram dois em pé sobre o Crank, que jazia no chão em posição fetal, choramingando. Vertia sangue do ferimento, e já havia se formado uma pequena poça no chão.

Brenda segurava a lanterna numa das mãos, na outra a faca, a ponta voltada ameaçadoramente para o Crank.

– Devia ter seguido com seus amigos desvairados, velho. Teria sido melhor do que mexer com a gente.

Em vez de responder, o homem, em um gesto repentino, rolou o corpo, chutando com a perna boa a uma velocidade e força inesperadas. Atingiu Brenda primeiro, atirando-a contra Thomas, e os dois caíram em uma bola de gente no chão. Thomas ouviu a faca e a lanterna se chocarem contra o cimento. Sombras dançavam pelas paredes.

O Crank se levantou, desengonçado, e se dirigiu correndo para a faca, caída perto da porta do corredor. Thomas também se levantou e, de um só ímpeto, mergulhou para a frente, chocando-se contra a parte de trás dos joelhos do homem e atirando-o ao chão. O Crank girou, levantando um dos cotovelos. A parte ossuda bateu contra o queixo de Thomas, que sentiu outra explosão de dor ao cair, conduzindo as mãos ao rosto.

Mas Brenda entrou em cena. Saltando sobre o Crank, atingiu-o duas vezes no rosto, deixando-o atordoado, a julgar por sua atitude. Aproveitando a vantagem do breve momento de hesitação, de alguma maneira golpeou o homem no flanco, e ele caiu de barriga, esparramado no chão. Brenda agarrou os braços dele e os puxou para trás, num golpe aparentemente muito doloroso. O Crank se contorceu e se debateu, mas Brenda também o imobilizara com as pernas. Ele passou a gritar, um lamento horroroso e penetrante de puro terror.

– Temos de matá-lo! – ela gritou acima da voz dele.

Thomas havia conseguido se ajoelhar e a encarava num estupor de inércia.

– O quê? – perguntou, nauseado pela exaustão, atordoado demais para interpretar as palavras dela.

– Pegue a faca! Temos de matá-lo!

O Crank continuava gritando, um som que fazia Thomas desejar correr para longe dali o mais rápido possível. Era antinatural. Inumano.

– Thomas! – Brenda berrou.

Thomas se arrastou até a faca e a pegou, fitando a mancha vermelha na lâmina afiada. Voltou para junto de Brenda.

– Depressa! – ela comandou, os olhos cintilantes de raiva. Algo lhe dizia que a raiva dela não era mais só por causa do Crank; estava louca com ele por demorar tanto.

Mas será que conseguiria fazer aquilo? Seria capaz de matar um homem? Mesmo um lunático, um desvairado que o queria morto? Mesmo um desgraçado que queria a mértila de seu nariz?

Cambaleou até ela, segurando a faca como se estivesse envenenada; como se o simples fato de segurá-la o fizesse contrair uma centena de doenças e morrer de maneira lenta e dolorosa.

O Crank, os braços puxados para trás, ainda se debatia no chão, sem parar de gritar.

Thomas olhou fixamente para Brenda e ela falou com determinação:

– Vou virá-lo… você precisa apunhalar o coração!

Thomas fez menção de balançar a cabeça, mas estacou. Não tinha escolha. Precisava fazer aquilo. Inclinou a cabeça, então, num gesto de concordância.

Brenda soltou um grito, causado pelo esforço, e tombou para o lado direito do Crank, usando o corpo e a pressão sobre os braços dele para obrigar o homem a se virar de lado. Embora parecesse impossível, os guinchos ficaram ainda mais altos. O peito dele estava pronto para ser atingido, arqueado e esticado bem à frente de Thomas, a poucos centímetros de distância.

– Agora! – gritou Brenda.

Thomas apertou mais a mão em torno da faca. Pôs a outra mão sobre ela, para dar apoio, os dez dedos crispados fortemente ao redor do cabo, a lâmina apontada para o chão. Tinha de fazer aquilo. Tinha de fazê-lo.

– Agora! – Brenda gritou de novo.

O Crank berrava.

O suor escorria pelo rosto de Thomas.

Seu coração batia, agitado, pulsando, disparado.

O suor cobriu seus olhos. Todo o corpo doía. Os gritos terríveis, inumanos, ao fundo.

– Agora!

Com toda a força que conseguiu reunir, Thomas enterrou a faca no peito do Crank.

34

Os trinta segundos seguintes foram uma coisa horrível para Thomas.

O Crank resistia. Tinha espasmos. Sufocava e cuspia. Brenda o segurava enquanto Thomas girava a faca. Enterrou-a mais fundo. Mas a vida não teve pressa de se esvair do homem, até que o brilho do único olho ensandecido se apagou, até que os grunhidos e o esforço físico para segurá-lo lentamente se abrandaram e se acalmaram.

Enfim, o homem infectado com o Fulgor morreu, e Thomas tombou para trás, o corpo todo parecendo uma mola retesada de arame enferrujado. Respirava com dificuldade, lutando contra uma onda de náusea.

Havia acabado de matar um homem. De tirar a vida de outra pessoa. Suas entranhas pareciam lutar contra um veneno cruel.

– Temos de dar o fora daqui – disse Brenda levantando. – É impossível não terem escutado toda essa algazarra. Vamos.

Thomas mal podia acreditar em seu estado de espírito, como superara com tanta rapidez o que haviam feito. Mas, de novo, não tinham outra escolha. O primeiro sinal de outros Cranks a caminho ecoou pela sala, sons de hienas irrompendo rumo a um desfiladeiro.

Thomas levantou com dificuldade, afastando a culpa que ameaçava consumi-lo.

– Muito bem, chega disso. – Primeiro as bolas prateadas devoradoras de cabeças. Agora enfrentar os Cranks no escuro.

– O que quer dizer?

Estava cansado de túneis intermináveis, escuros e sombrios. Cansado para o resto da vida.

– Quero a luz do dia. Custe o que custar. Quero a luz do dia. Agora.

Brenda não discutiu. Guiou-o por vários desvios e curvas, e logo encontraram uma comprida escada de ferro que conduzia à luminosidade do lado de fora do Subsolo. Os ruídos perturbadores dos Cranks perdiam-se ao longe. Risos, gargalhadas, grunhidos. De vez em quando, um grito.

Afastar a tampa redonda do bueiro exigiu esforço considerável, mas ela cedeu e conseguiram subir. Foram envolvidos por um lusco-fusco acinzentado; estavam cercados por prédios enormes, que se esgueiravam em todas as direções. Janelas quebradas. Lixo espalhado pelas ruas. Vários cadáveres abandonados. Um cheiro de podridão e sujeira. Calor.

Mas nada de pessoas. Nenhum ser vivo. Thomas ficou alarmado por um instante, pensando que alguns dos mortos poderiam ser seus amigos, mas não era o caso. Os corpos espalhados eram de homens e mulheres que já apresentavam sinais de velhice avançada.

Brenda girou, completando um círculo inteiro ao redor de si mesma, procurando se orientar.

– Muito bem, as montanhas devem ser no sentido daquela rua. – Ela apontou, mas era impossível ter certeza, porque não tinham uma visão clara, e os prédios escondiam o sol que se punha.

– Tem certeza? – indagou Thomas.

– Claro, vamos.

Quando seguiram pela longa e solitária rua, Thomas manteve os olhos bem abertos, examinando cada janela quebrada, cada passagem, cada porta desmoronada. Esperava ver algum sinal de Minho e dos Clareanos. E nenhum Crank, de preferência.

Prosseguiram até escurecer, evitando contato com quem quer que fosse. Ouviam um grito de vez em quando, ao longe, ou os sons de coisas se quebrando em um prédio aqui e ali. Em certo momento, Thomas avistou um grupo de pessoas em debandada do outro lado da rua, a vários blocos de distância, mas não pareceram notar a sua presença nem a de Brenda.

Pouco antes de o sol desaparecer por completo naquele dia, dobraram uma esquina e tiveram plena visão dos limites da cidade, mais ou menos a um quilômetro e meio de distância. Os prédios terminavam abruptamente e atrás deles as montanhas se erguiam em toda a sua majestade. Eram muito maiores do que Thomas havia imaginado da primeira vez que as avistara ao longe, dias

atrás, e mostravam-se secas e rochosas. Nada dos belos picos recobertos de neve – uma lembrança nebulosa do passado – nesta parte do mundo.

– Devemos percorrer a distância que falta? – perguntou Thomas.

Brenda estava ocupada em procurar um lugar para se esconderem.

– É tentador, mas não. Em primeiro lugar, é perigoso demais passar por aqui à noite. Segundo, mesmo que a gente conseguisse, não haveria onde nos escondermos, a menos que a gente chegasse às montanhas. O que não acho que seríamos capazes de fazer.

Por mais que temesse passar outra noite naquela cidade destroçada, Thomas concordou. Mas a frustração e a preocupação com os outros Clareanos consumiam suas entranhas.

– Certo. Para onde vamos, então? – perguntou ele, a voz quase sumida de cansaço.

– Siga-me.

Seguiram por um beco que dava em uma extensa parede de tijolos. A princípio, Thomas pensou que era uma péssima ideia dormir em um lugar que só tinha uma saída, mas Brenda o convenceu do contrário: os Cranks não teriam motivo para entrar no beco, uma vez que não levava a lugar nenhum. Além disso, esclareceu, havia ali diversos caminhões grandes e enferrujados onde poderiam se esconder.

Terminaram dentro de um que parecia ter sido desmontado para que as partes fossem reaproveitadas. Os bancos estavam rasgados, mas eram macios e, a cabine, bem grande. Thomas se sentou atrás da direção, empurrando o banco o máximo que pôde para trás. Para sua surpresa, sentiu-se confortável depois que se acomodou. Brenda estava a menos de sessenta centímetros à direita, acomodando-se também. Do lado de fora, a escuridão era completa, e os sons distantes de Cranks em atividade chegavam através das janelas quebradas.

Thomas estava exausto. Dolorido. Sofrido. Tinha sangue seco por toda a roupa. Havia limpado as mãos antes, esfregando-as até Brenda gritar que não desperdiçasse a única água que tinham. Mas ficar com o sangue daquele Crank nos dedos, nas palmas das mãos… não podia suportar. O coração apertava toda vez que pensava a respeito, mas não conseguia mais negar: se já não houvesse contraído o Fulgor – uma esperança vaga de que o Homem-Rato tivesse mentido –, certamente agora o fizera.

E naquele momento, sentado na escuridão, a cabeça apoiada contra a porta do caminhão, os pensamentos sobre os últimos atos lhe tumultuavam a mente.

– Matei aquele cara – sussurrou.

– É, matou – respondeu Brenda, a voz suave. – Caso contrário, ele teria matado você. Sem dúvida nenhuma, foi a coisa certa a fazer.

Queria acreditar naquilo. O sujeito já estava perdido, consumido pelo Fulgor. Provavelmente, acabaria morrendo logo. Sem mencionar que faria todo o possível para machucá-los. Para destroçá-los. Thomas tinha feito a coisa certa. Mas a culpa ainda o atormentava, corroia até os ossos. Matara outro ser humano. Não era fácil de admitir.

– Eu sei – respondeu enfim. – Mas foi tão… perverso. Tão brutal. Preferiria ter acertado nele de longe com uma arma ou coisa parecida.

– Entendo. Lamento por ter sido dessa maneira.

– E se eu continuar a ver a cara nojenta dele todas as noites quando for dormir? E se ele sempre aparecer nos meus sonhos? – Sentiu o despontar da raiva, culpando Brenda por obrigá-lo a apunhalar o Crank. Talvez não fundamentada, quando considerou o quanto ambos estavam desesperados.

Brenda mudou de posição para encará-lo. A luz da lua iluminou-a o bastante para que se delineassem seus olhos escuros, o rosto sujo, porém muito bonito. Talvez fosse mau; talvez fosse um babaca. Mas olhar para ela lhe deu vontade de ver Teresa de novo.

Brenda estendeu a mão, pegou a dele entre as suas e a apertou. Ele permitiu que o fizesse, mas não correspondeu ao gesto.

– Thomas? – Ela pronunciou seu nome, embora ele olhasse direto para ela.

– Que foi?

– Não salvou só você, sabe? Você salvou minha vida também. Não sei se conseguiria dar conta daquele Crank sozinha.

Thomas inclinou a cabeça em concordância, mas não disse nada. Sofria interiormente, por diversas razões. Todos os seus amigos estavam desaparecidos. Mortos, até onde podia dizer. Chuck estava morto, sem dúvida nenhuma. Teresa estava perdida para ele. Encontrava-se apenas a meio caminho do Refúgio Seguro, dormindo em um caminhão com uma garota que acabaria ficando louca, ambos cercados por uma cidade repleta de Cranks sedentos de sangue.

– Você dorme com os olhos abertos? – perguntou Brenda.

Thomas tentou esboçar um sorriso.

– Não. Só estava pensando em quanto a minha vida está uma porcaria.

– A minha também. Uma grande porcaria. Mas estou feliz por estar com você.

A afirmação tinha sido tão simples e tão pura que fez Thomas fechar os olhos, cerrando-os com força. Toda a dor que havia dentro de si se transformou em uma espécie de sentimento por Brenda, quase como o que tinha por Chuck. Odiava as pessoas que haviam lhe causado tanto mal, odiava a doença que fazia aquilo tudo acontecer, e queria endireitar as coisas.

Voltou-se para ela.

– Estou feliz também. Se estivesse sozinho, seria uma porcaria ainda pior.

– Mataram o meu pai.

Thomas ergueu a cabeça, surpreso com a mudança súbita da conversa.

– O quê?

Brenda inclinou a cabeça lentamente.

– O CRUEL. Ele tentou impedi-los de me levar, gritou como um louco enquanto os atacava com… acho que era um cabo de vassoura. – Soltou uma risadinha. – Então, deram-lhe um tiro na cabeça. – As lágrimas brilharam nos olhos dela, reluzindo à luz fraca.

– Está falando sério?

– Estou. Vi acontecer. Vi a vida dele se extinguir antes que caísse no chão.

– Puxa, cara. – Thomas procurava as palavras. – Realmente… sinto muito. Vi meu amigo, talvez meu melhor amigo no mundo, ser apunhalado. Ele morreu nos meus braços. – Fez outra pausa. – E quanto à sua mãe?

– Não estava mais com a gente já fazia um bom tempo. – Não se preocupou em lhe dar detalhes, e Thomas não insistiu. Na verdade, não queria saber.

– Estou com tanto medo de ficar louca – disse ela após um longo minuto de silêncio. – Posso sentir algo acontecendo dentro de mim. As coisas parecem estranhas, soam estranhas. Sem mais nem menos, começo a pensar em coisas que não fazem nenhum sentido. Às vezes, o ar ao meu redor parece… duro. Não sei sequer o que isso significa, mas é assustador. Sem dúvida nenhuma, está começando. O Fulgor está levando meu cérebro para o inferno.

Thomas não conseguiu encará-la; desviou o olhar para o chão.

– Não desista ainda. Vamos chegar ao Refúgio Seguro, conseguiremos a cura.

– Falsas esperanças – ela falou. – Mas acho que é melhor que esperança nenhuma.

Brenda apertou a mão dele. Dessa vez, Thomas retribuiu, apertando a dela também.

E então, por mais difícil que fosse conciliar o sono, adormeceram.

35

Thomas acordou em meio a um pesadelo – algo sobre Minho e Newt serem encurralados por um bando de Cranks insanos. Cranks com facas. Cranks furiosos. A imagem do sangue jorrando despertou Thomas com violência.

Olhou ao redor, receando ter gritado ou dito alguma coisa. A cabine do caminhão continuava envolvida pela escuridão da noite – mal conseguia distinguir Brenda; nem sequer poderia dizer se estava ou não de olhos abertos. Mas então ela se manifestou.

– Pesadelo?

Thomas se acomodou, fechando os olhos.

– É… não consigo parar de me preocupar com meus amigos. Ainda não acredito que estamos separados.

– Sinto muito que isso tenha acontecido. Sinceramente. – Ela mudou de posição no banco. – Mas acredito de verdade que não precisa se preocupar. Seus parceiros Clareanos pareciam bem capazes, mas, mesmo que não fossem… Jorge é osso duro de roer. Ele os levará em segurança pra fora da cidade. Não desperdice seu tempo com toda essa tensão. Devia estar mais preocupado com a gente.

– Se sua ideia era me fazer sentir melhor, poxa...

Brenda riu.

– Desculpe… estava rindo quando disse a última frase, mas você não pôde ver, aposto.

Thomas olhou para o visor iluminado do relógio.

– Ainda temos algumas horas antes do nascer do sol – disse.

Breve silêncio.

– Conte um pouco mais sobre como é a vida – pediu ele. – Tiraram a

maioria das nossas lembranças… algumas das minhas voltaram, mas são imprecisas e não sei se posso confiar nelas. Não lembro muita coisa sobre o mundo lá fora também.

Brenda suspirou profundamente.

– O mundo lá fora? Bem, é uma porcaria. A temperatura começou a baixar, mas vai demorar uma eternidade para que aconteça o mesmo com o nível do mar. Faz muito tempo desde que os clarões começaram, mas morreu muita gente, Thomas. Muita gente mesmo. Na verdade, é incrível como todo mundo que sobreviveu se estabilizou e se organizou tão rapidamente. Não fosse por esse Fulgor imbecil, acho que o mundo voltaria ao normal com o tempo. Quem não tem mão, caça com... Ah, não consigo me lembrar do restante. Era uma coisa que meu pai costumava dizer, uma versão do ditado oficial: "Quem não tem cão, caça com gato".

Thomas mal continha a curiosidade que agora fervilhava dentro dele.

– O que aconteceu de verdade? Existem novos países ou apenas um grande governo? E como o CRUEL se encaixa nisso tudo? Eles são o governo agora?

– Ainda existem países, mas estão mais… unificados. Depois que o Fulgor se espalhou como uma praga, uniram forças, tecnologias, recursos, tudo o que puderam para montar o CRUEL. Criaram um sistema de testes terrivelmente complicado e se esforçaram muito pra manter áreas de quarentena. Conseguiram amenizar o Fulgor, mas não detê-lo. Acho que a única esperança é encontrar um tratamento. Espero que esteja certo sobre terem conseguido isso. Mas, se conseguiram, com certeza não divulgaram nada ainda para a população.

– Onde estamos? – perguntou Thomas. – Onde estamos neste momento?

– Em um caminhão. – Vendo que Thomas não ria, ela continuou: – Desculpe, não é hora pra piadas. A julgar pelos rótulos dos alimentos, acredito que estamos no México. Ou o que costumava ser o México. Faz mais sentido. Agora é chamado Deserto. Basicamente, hoje toda a região entre os dois trópicos, Câncer e Capricórnio, é uma vastidão desértica. As Américas Central e do Sul, a maior parte da África, o Oriente Médio e o Sudeste Asiático. Um sem-fim de terras estéreis, populações inteiras mortas. Portanto, bem-vindo ao Deserto. Não é uma bondade da parte deles mandar os amáveis Cranks para cá?

– Cara... – Os pensamentos se sucediam na mente de Thomas, a maioria relacionada a fazer parte do CRUEL… a ter um papel significativo nele… e

como o Labirinto e os Grupos A e B, e todo o lixo pelo qual passavam, faziam parte disso também. Mas não conseguia recordar o bastante para encontrar algum sentido nesses fragmentos.

– Cara? – repetiu Brenda. – É o melhor que consegue dizer?

– Tenho perguntas demais… não consigo me concentrar em apenas uma.

– Sabe sobre o entorpecente?

Thomas se voltou para ela, desejando enxergar melhor seu rosto.

– Acho que Jorge falou algo a respeito. O que é?

– Sabe como é o mundo. Nova doença, novas drogas. Mesmo que não façam bulhufas contra a doença, ainda vêm com aquele negócio.

– Qual é o efeito? Você tem um pouco?

– Rá! – Brenda exclamou com desdém. – Acha que nos dariam? Só pessoas importantes, os ricos, podem pôr as mãos nessa porcaria. Eles o chamam de Bênção. Entorpece as emoções, os processos mentais, reduzindo suas sensações a um torpor como o da embriaguez, e você não sente quase nada. A Bênção mantém o Fulgor acuado, porque o vírus se desenvolve no cérebro. Devora, destrói o cérebro. Se não houver muita atividade mental, o vírus enfraquece.

Thomas cruzou os braços. Havia algo importante ali, mas não conseguia dizer o quê.

– Então… não é uma cura? Muito embora atenue o vírus?

– Não chega nem perto de uma cura. Só adia o inevitável. O Fulgor sempre vence no fim. Você perde todas as chances de ser racional, de ter bom-senso, compaixão... Você perde sua parte humana.

Thomas ficou em silêncio. Talvez como em nenhum outro momento, sentia que uma lembrança – uma lembrança importante – tentava se infiltrar por entre as fendas da parede que lhe impedia o acesso ao passado. O Fulgor. O cérebro. Loucura. O entorpecente, a Bênção. CRUEL. Experimentos. O que o Homem-Rato havia dito – que a reação às Variáveis era o principal em jogo, tudo o que importava.

– Você dormiu? – Brenda perguntou, depois de vários minutos de silêncio.

– Não. Informação demais. – Sentia-se um pouco alarmado com o que ela havia dito, mas ainda não conseguia concatenar as ideias. – É difícil organizar os pensamentos.

– Bem, então vou calar a boca. – Virou-se de lado, apoiando a cabeça na porta. – Tire esses pensamentos da cabeça. Não vão lhe fazer nenhum bem. Você precisa descansar.

– Hã-hã – murmurou Thomas, frustrado por ter tantas pistas, mas nenhuma resposta de verdade. No entanto, Brenda estava certa: era melhor aproveitar a noite de sono. Acomodou-se melhor e fez o máximo que pôde, mas demorou bastante para adormecer. E sonhar.

Está mais velho. Provavelmente, com catorze anos. Ele e Teresa estão ajoelhados no chão, as orelhas pressionadas contra a porta, escutando. Entreouvindo. Um homem e uma mulher conversam do outro lado, e Thomas pode ouvi-los bem.

O homem primeiro.

– Conseguiu os acréscimos à lista de Variáveis?

– Ontem à noite – responde a mulher. – Gostei do que o Trent acrescentou para o fim dos Experimentos do Labirinto. Brutal, mas é preciso acontecer. Com certeza, vai criar padrões interessantes.

– Concordo. O mesmo com relação à cena da traição, se chegar a acontecer.

A mulher emite um ruído que deve ser uma risada, mas soa tensa e insossa.

– É, pensei a mesma coisa. Quer dizer, santo Deus, quanto esses garotos podem aguentar antes de enlouquecerem de vez?

– Não é só isso; também é arriscado. E se ele morrer? Concordamos que, quando chegar a hora, certamente ele será um dos principais Candidatos.

– Ele não vai morrer. Não vamos deixar que isso aconteça.

– Espere aí. Não somos Deus. Ele pode morrer sim.

Há uma longa pausa. Depois, o homem diz:

– Talvez não chegue a esse ponto. Mas duvido. Os Psis dizem que isso vai estimular uma porção de padrões necessários.

– Bem, são muitas emoções envolvidas numa coisa dessas – responde a mulher. – E, de acordo com Trent, alguns padrões são mais difíceis de criar. Acho que o plano sobre essas Variáveis é a única coisa que vai funcionar.

– Acha mesmo que os Experimentos vão dar resultado? – questiona o homem. – Sério, a escala e a logística disso tudo são inacreditáveis. Pense em quanta coisa pode dar errado!

– Pode mesmo, concordo. Mas não temos outra alternativa. Temos de experimentar. E, se falhar, voltamos ao ponto inicial, como se não tivéssemos feito nada.

– Imagino.

Teresa puxa a camisa de Thomas; ele se vira e a vê apontando para a entrada. Precisam sair dali. Ele concorda com um gesto de cabeça, mas volta a se inclinar para ver se pode captar uma última frase ou duas. E consegue. É a mulher quem fala.

– Pena que nunca chegaremos a ver o fim dos Experimentos.

– Eu sei – o homem responde. – Mas o futuro nos agradecerá.

Os primeiros traços arroxeados do amanhecer despertaram Thomas pela segunda vez. Não se lembrava de ter acordado no meio da noite desde a conversa com Brenda – nem mesmo após o sonho.

O sonho. Tinha sido o mais estranho de todos até o momento. Uma porção de coisas ditas, quase totalmente esquecidas, dificultavam demais unir as peças soltas do passado, que aos poucos, bem devagar, começava a ganhar forma outra vez. Permitiu-se ter uma pequena esperança de que talvez não estivesse tão envolvido com os Experimentos como havia chegado a pensar. Embora não entendesse muito bem o sonho, o fato de ele e Teresa espionarem significava que não estavam envolvidos em todos os aspectos dos Experimentos.

Mas qual seria, afinal, o propósito de tudo aquilo? Por que o futuro agradeceria àquelas pessoas?

Esfregou os olhos e se espreguiçou, depois olhou para Brenda – os olhos ainda fechados, o peito se movendo com a respiração suave e constante, a boca ligeiramente entreaberta. Embora seu corpo parecesse ainda mais rijo que no dia anterior, o sono repousante tivera um efeito maravilhoso sobre seu espírito. Sentia-se descansado. Revigorado. Um tanto perplexo e confuso com relação ao sonho e a todas as coisas que Brenda lhe contara, mas revigorado ao mesmo tempo.

Espreguiçou-se de novo e estava prestes a soltar um bocejo, quando avistou algo na parede do beco. Uma grande placa de metal afixada – algo muito familiar.

Abriu a porta do caminhão, saltou para a rua e foi até lá. Era praticamente idêntica à placa do Labirinto em que se lia Catástrofe e Ruína Universal: Experimento Letal. O mesmo metal opaco, o mesmo tipo de letra. Exceto pelo fato de esta placa informar algo muito diferente. Olhou-a fixamente por pelo menos cinco minutos seguidos antes de fazer qualquer tipo de

movimento.

Nela, lia-se:

THOMAS, VOCÊ É O VERDADEIRO LÍDER

36

Thomas teria olhado para a placa o dia inteiro se Brenda não houvesse saído do caminhão.

– Estava esperando o momento certo pra contar – disse ela enfim, arrancando-o inesperadamente de seu assombro.

Ele virou a cabeça num gesto brusco para encará-la.

– O quê? Do que está falando?

Ela não retribuiu o olhar; apenas continuou olhando a placa.

– Desde que descobri seu nome, quero dizer. O mesmo aconteceu com Jorge. Provavelmente, foi por isso que decidiu arriscar e atravessar a cidade com você até o Refúgio Seguro.

– Brenda, do que está falando? – repetiu Thomas.

Ela o encarou.

– Há placas como esta por toda a cidade. Todas dizem a mesma coisa. Exatamente a mesma coisa.

Thomas sentiu os joelhos fraquejarem. Afundou no chão, apoiando as costas contra a parede.

– Como… como pode ter acontecido uma coisa dessas? Parece que já está aí há algum tempo… – Realmente não sabia mais o que dizer.

– Sei lá – respondeu Brenda, sentando-se ao lado dele no chão. – Nenhum de nós sabia o que significavam essas placas. Mas, quando você e sua turma apareceram, e você falou seu nome… bem, imaginamos que não era uma coincidência.

Thomas lançou um olhar penetrante para ela, a raiva se avolumando dentro dele.

– Por que não me falou sobre isso? Segurou minha mão, contou sobre a

morte do seu pai, mas nada sobre as placas?

– Não lhe contei porque não sabia como reagiria. Pensei que poderia sair correndo pra querer ver todas as placas, e fosse se esquecer de mim.

Thomas suspirou. Estava enjoado de tudo aquilo. Esperou a raiva passar enquanto inspirava profundamente.

– Imagino que esta seja apenas outra parte de todo esse pesadelo que não faz nenhum sentido.

Brenda se virou para olhar a placa acima deles.

– Como pode não saber o que significa? Não poderia ser mais simples. Você deve ser o Líder; assuma. Vou ajudá-lo, fazer valer minha participação. Quero conquistar meu lugar no Refúgio Seguro.

Thomas riu.

– Aqui estou eu, numa cidade cheia de Cranks doidos da cabeça, onde um bando de garotas quer me matar, e devo me preocupar com quem é o verdadeiro Líder do meu grupo? Isso é ridículo.

Brenda franziu a testa, sem entender.

– Garotas que querem matar você? Do que está falando?

Thomas não respondeu, imaginando se devia contar a ela toda a história do começo ao fim, e pensando se teria ânimo para reviver tudo aquilo.

– E aí? – ela insistiu.

Concluindo que seria bom tirar aquela opressão do peito, e considerando que ela havia ganho sua confiança, resolveu contar tudo. Havia lhe dado fragmentos e detalhes a esmo, mas dessa vez relatou tudo em detalhes. Sobre o Labirinto, o resgate, como acordaram e descobriram que tinham voltado à estaca zero. Sobre Aris e o Grupo B. Não se demorou para falar de Teresa, mas podia afirmar que Brenda notara algo ao mencioná-la. Talvez um brilho a mais no olhar.

– Quer dizer que você e essa garota, Teresa, têm alguma ligação? – perguntou, quando ele terminou o relato.

Thomas não sabia como responder. Será que tinham mesmo algo em comum? Eram íntimos, amigos, isso ele podia afirmar. Embora, buscando um pouco nas lembranças, sentisse que ambos haviam mesmo sido mais que meros amigos antes do Labirinto – durante aquele tempo horrível em que de fato tinham ajudado a criar aquela coisa estúpida.

E então acontecera aquele beijo…

– Tom? – chamou Brenda.

Ele a fuzilou com o olhar.

– Não me chame assim.

– Hã? – indagou ela, obviamente assustada, talvez até um pouco magoada. – Por quê?

– Só… não me chame desse jeito. – Sentia-se péssimo por ter falado daquela maneira, mas não podia voltar atrás. Era assim que Teresa o chamava.

– Muito bem. Devo chamá-lo de senhor Thomas? Ou quem sabe rei Thomas? Ou, melhor ainda, Sua Majestade?

Thomas suspirou.

– Desculpe. Me chame como quiser.

Brenda soltou uma risadinha sarcástica e, depois disso, os dois ficaram em silêncio.

Ambos permaneceram sentados, as costas na parede, e os minutos se alongaram. Vivenciavam uma quietude quase pacífica, até que Thomas ouviu um estranho baque surdo que o alarmou.

– Ouviu isso? – perguntou, agora totalmente alerta.

Brenda se inquietou, a cabeça inclinada para o lado, enquanto ouvia atentamente.

– Sim… Parece alguém tocando um tambor.

– Acho que a calmaria acabou. – Levantou-se, depois ajudou Brenda a fazer o mesmo. – O que será?

– Não deve ser nada bom.

– E se forem nossos amigos?

O sutil "tum, tum, tum" de súbito pareceu vir de todos os lados ao mesmo tempo, os ecos se refletindo entre uma parede e outra do beco. Mas, depois de longos segundos, Thomas poderia afirmar que o som vinha de uma esquina no fim da rua. Apesar do risco, correu naquela direção para dar uma olhada.

– O que está fazendo? – Brenda o censurou, mas, ao ver que ele a ignorava, resolveu acompanhá-lo.

Bem no final do beco, Thomas chegou a uma parede de tijolos rachados e desgastados, onde quatro degraus conduziam a uma porta de madeira arranhada e envelhecida. Imediatamente acima da porta, havia uma minúscula janela retangular na qual faltava o vidro. Um caco ainda pendia do alto, como um dente quebrado.

Thomas ouviu a música soando, bem mais alta agora. Era intensa e rápida: a bateria vibrante, o baixo potente e a guitarra aos gritos. Mesclados à música, sons de pessoas rindo, gritando e cantando juntas. Nada daquilo parecia muito… sensato. Havia algo de arrepiante e perturbador naquela movimentação.

Os Cranks não pareciam se ocupar apenas em procurar narizes, e o barulho causou uma má impressão muito intensa em Thomas – aquilo não tinha nada a ver com seus amigos.

– Melhor a gente dar o fora daqui – disse Thomas.

– Tem certeza? – perguntou Brenda, em tom sarcástico, parada próxima dele.

– Vamos. – Thomas se virou, assim como ela, mas os dois estacaram, imóveis. Haviam aparecido três pessoas no beco enquanto estavam distraídos. Dois homens e uma mulher, agora parados a poucos metros de distância.

O estômago de Thomas se contraiu ao passar os olhos pelos recém-chegados. As roupas estavam esfarrapadas, o cabelo desgrenhado, o rosto sujo. Mas, quando os observou com mais atenção, notou que não apresentavam ferimentos nem deformações, e os olhos exibiam certo traço de inteligência. Cranks, mas não Cranks insanos.

– Oi, pessoal – cumprimentou a mulher. O cabelo avermelhado encontrava-se preso num rabo de cavalo. A camisa dela era tão curta, que Thomas precisou fazer um esforço para manter os olhos concentrados em seu rosto. – Vão participar da festa? Muita dança. Muito amor. Muita bebida.

A voz dela tinha um tom exageradamente agudo, que deixou Thomas nervoso. Não sabia explicar, mas aquela moça não estava sendo nem um pouco amistosa. Ao contrário, caçoava deles.

– Hum, não, obrigado – disse Thomas. – Nós, hã... só estávamos...

Brenda o interrompeu.

– Tentávamos encontrar nossos amigos. Somos novos aqui; ainda estamos nos instalando.

– Bem-vindos à verdadeira Cranklândia do CRUEL. – Dessa vez foi um dos homens que falou, um sujeito alto, feio, de cabelo ensebado. – Não se preocupem; a maioria das pessoas lá dentro – indicou a escada com a cabeça – ainda não está totalmente insana. Pode ser que ganhe uma cotovelada na cara, ou mesmo um chute nas bolas, mas ninguém vai tentar te comer.

– Bolas? – repetiu Brenda. – Como assim?

O homem apontou para Thomas.

– Estava falando com o garoto. As coisas podem ficar um pouco piores pra você se não permanecer perto de nós. Sendo mulher e tal…

Aquela conversa estava deixando Thomas enojado.

– Parece divertido, mas precisamos ir. Temos de encontrar nossos amigos. Talvez a gente volte depois.

O outro homem avançou um passo. Esse era baixo, porém bonito, o cabelo loiro cortado bem rente à cabeça, em estilo militar.

– Não passam de crianças. Já é hora de aprenderem alguma coisa sobre a vida. É hora de se divertirem um pouco. Estamos oficialmente convidando vocês pra festa. – Pronunciou cada palavra da última frase pausadamente, sem nenhuma amabilidade.

– Obrigado, mas não podemos – respondeu Brenda.

O Loiro sacou uma arma do bolso do comprido paletó. Era uma pistola prateada, porém opaca, parecendo desgastada. Ainda assim, era ameaçadora e letal o suficiente para impressionar Thomas.

O Feio de Cabelo Ensebado puxou uma faca. A Rabo de Cavalo sacou uma chave de fenda, a ponta negra tingida com o que parecia ser sangue envelhecido.

– O que me dizem? – indagou o Loiro. – Gostariam de ir à festa?

Thomas relanceou o olhar para Brenda, mas ela não retribuiu. Seus olhos estavam cravados no Loiro, e a expressão dela evidenciava estar prestes a fazer algo realmente estúpido.

– Muito bem – Thomas apressou-se em responder. – Vamos nessa.

Brenda virou a cabeça num movimento abrupto.

– O quê?

– Ele tem uma arma. O outro tem uma faca. Ela tem uma chave de fenda de mértila! Não estou com vontade de ter um olho esmagado crânio adentro.

– Seu namorado parece bastante inteligente – considerou o Loiro. – Agora, vamos nos divertir um pouco. – Apontou a pistola para a escada e sorriu. – Sinta-se à vontade para ir na frente.

A irritação de Brenda era flagrante, mas o olhar também revelava certa resignação; sabia que não tinham outra escolha.

– Certo.

O Loiro sorriu de novo, e sua expressão teria sido perfeitamente natural em uma cobra.

– Esse é o espírito da coisa. Agradável e elegante, nada com que se preocupar.

– Ninguém vai machucar vocês – acrescentou o Feio de Cabelo Ensebado. – A menos que criem problemas e ajam como bebezinhos. No fim da festa, vão querer entrar para o grupo. Confiem em mim.

Thomas precisou fazer um grande esforço para controlar o pânico.

– Vamos de uma vez – disse ao Loiro.

– Estou esperando por você. – O homem apontou de novo os degraus com a arma.

Thomas estendeu o braço e segurou a mão de Brenda, atraindo-a para perto de si.

– Vamos à festa, querida – falou com o máximo de sarcasmo possível. – Vai ser muito divertido!

– Isso é lindo – comentou a Rabo de Cavalo. – Dá vontade de chorar quando vejo duas pessoas se amando. – Fingiu enxugar uma lágrima no rosto.

Com Brenda a seu lado, Thomas se virou para a escada, consciente o tempo todo da arma apontada para as suas costas. Avançaram pelos degraus até a soleira da velha porta, um espaço largo o bastante para irem lado a lado. Quando se aproximaram da entrada, Thomas não viu nenhuma maçaneta. Arqueando uma das sobrancelhas, voltou-se para o Loiro, a dois degraus de distância.

– Precisa bater conforme nosso código – informou o homem. – Três batidas lentas com o punho fechado, três rápidas, depois duas batidas com os nós dos dedos.

Thomas odiava aquelas pessoas. Odiava a maneira como falavam tão calmamente e diziam palavras gentis, todas carregadas de ironia. Em certo sentido, estes Cranks eram piores do que o sujeito sem nariz que havia apunhalado no dia anterior – pelo menos com ele sabiam exatamente com quem lidavam.

– Faça o que ele mandou – sussurrou Brenda.

Thomas fechou a mão e deu os murros lentos, depois os rápidos. Então bateu na madeira duas vezes com os nós dos dedos. A porta se abriu de imediato, a música vibrante escapando como uma rajada de vento.

O sujeito que os recebeu era enorme, com vários piercings nas orelhas e no rosto, além de tatuagens por todo o corpo. O cabelo era longo e grisalho, caindo-lhe bem abaixo dos ombros. Mas Thomas mal teve tempo de registrar

isso antes que o homem falasse:

– Ei, Thomas, esperávamos por você.

37

O minuto seguinte ou pouco mais que isso foi de um entorpecimento estonteante dos cinco sentidos.

A declaração de boas-vindas havia deixado Thomas chocado, mas, antes que pudesse responder, o homem de cabelo grisalho praticamente o puxou, e a Brenda, para dentro, depois passou a empurrá-los em meio à uma multidão compacta de corpos dançantes, saltitantes e rodopiantes. A música era ensurdecedora; cada batida da bateria era uma martelada na cabeça de Thomas. Vários refletores pendiam do teto; agitavam-se de um lado para o outro, enquanto as pessoas colidiam com eles, projetando feixes de luz em todas as direções.

O Grisalho se inclinou e falou com Thomas enquanto abriam caminho por entre os dançarinos; Thomas quase não podia ouvi-lo, mesmo que gritasse.

– Graças a Deus pelas baterias! A vida vai perder toda a graça quando não existirem mais!

– Como sabia meu nome? – berrou Thomas em resposta. – Por que esperavam por mim?

O homem riu.

– Observamos você a noite toda! De manhã, vimos sua reação com a placa pela janela… Você só podia ser o famoso Thomas!

Brenda abraçou a cintura de Thomas com os dois braços, agarrando-se a ele, provavelmente para ninguém pensar em separá-los. E, ao ouvir isso, agarrou-se ainda mais.

Thomas olhou para trás, e viu o Loiro e os dois amigos em seu encalço. A arma tinha sido guardada, mas Thomas sabia que poderia reaparecer a qualquer momento.

A música retumbava. O baixo golpeava e estremecia o salão. Pessoas dançavam e saltavam por toda parte. Ao redor, feixes de luz entrecruzavam-se no ambiente sombrio. Os Cranks estavam gordurosos e luzidios com o suor, os corpos quentes tornando o salão desconfortavelmente aquecido.

Em algum lugar, bem ao centro, o Grisalho se deteve e virou-se para encará-los, a estranha cabeleira balançando com o vento.

– Queremos de verdade que se junte a nós! – gritou. – Deve haver alguma coisa especial em você! Vamos protegê-lo dos Cranks ruins!

Thomas ficou feliz por não saberem mais. Talvez aquilo não fosse tão desagradável, afinal. Se interpretasse bem o papel, fingindo ser um Crank especial, talvez ele e Brenda passassem por aquilo a tempo de sair, sem serem notados, no momento certo.

– Vou buscar uma bebida! – gritou o Grisalho. – Divirtam-se! – Em seguida, se afastou, apressado, desaparecendo em meio à multidão consistente e ululante.

Thomas se virou e viu o Loiro e os dois amigos ainda lá, sem dançar – só os observando. A Rabo de Cavalo chamou sua atenção com um aceno.

– É bom dançar! – gritou. Mas não seguiu o próprio conselho.

Thomas deu meia-volta, até ficar de frente para Brenda. Precisavam conversar.

Como se lesse seus pensamentos, ela levantou os braços e os passou ao redor do pescoço dele, atraindo-o para perto, até que a boca ficasse próxima à sua orelha, a respiração quente e acariciante.

– Como viemos parar nesta porcaria de situação? – indagou ela.

Sem ter onde pôr as mãos, Thomas enrodilhou sua cintura com os braços. Sentia o calor emanar do corpo dela através das roupas úmidas de suor. Algo se contraiu dentro dele, talvez uma mescla de culpa e saudade de Teresa.

– Jamais teria imaginado que acabaríamos assim uma hora atrás – respondeu ele, a boca colada no cabelo dela. Foi a única coisa em que conseguiu pensar para dizer.

A música mudou, tornando-se um tanto soturna e assustadora. O ritmo abrandara um pouco, a bateria cada vez mais marcante. Thomas não conseguia decifrar nenhuma das palavras da letra – a cantora parecia se lamentar de uma tragédia horrível, a voz como um pranto agudo e angustiado.

– Talvez a gente deva ficar com esse pessoal por um tempo – sugeriu Brenda.

Thomas notou que ambos dançavam, mesmo sem querer. Movendo-se com a música, girando lentamente, os corpos bem próximos e enlaçados.

– Do que está falando? – Thomas quis saber, surpreso. – Já está desistindo?

– Não. Só estou cansada. Talvez seja mais seguro aqui.

Desejava acreditar nas palavras de Brenda. Mas algo em tudo aquilo o preocupava – será que o tinham levado ali de propósito? Parecia uma prisão.

– Brenda, não desista ainda. A única opção que temos é chegar ao Refúgio Seguro. Existe uma cura para isso.

Brenda balançou a cabeça ligeiramente.

– Só que é tão difícil acreditar que seja mesmo verdade… É quase impossível ter esperança.

– Não diga isso. – Não queria nem mesmo cogitar que ela tivesse razão.

– Por que enviariam todos esses Cranks pra cá se existisse uma cura? Não faz sentido.

Thomas recuou para encará-la, preocupado com a repentina mudança de atitude. Os olhos dela estavam marejados de lágrimas.

– Está falando de um jeito diferente – falou, então fez uma pausa. Tinha as próprias dúvidas, é claro, mas não queria desencorajá-la. – A cura é real. Precisamos… – Parou de falar e desviou o olhar para o Loiro, que ainda os observava. Dificilmente o sujeito poderia ouvir suas palavras, mas era melhor não dar chance ao azar. Inclinou-se para sussurrar bem perto da orelha de Brenda. – Precisamos sair daqui. Quer ficar com pessoas que apontam armas e chaves de fenda pra você?

Antes que ela respondesse, o Grisalho voltou, uma taça em cada mão, o líquido castanho respingando enquanto era empurrado e arremessado em todas as direções pelos dançarinos.

– Bebam! – falou.

Um alarme soou na cabeça de Thomas. Aceitar uma bebida daqueles estranhos de repente pareceu uma ideia muito, mas muito ruim. Por mais impossível que fosse, tudo em relação àquele lugar e àquela situação havia se tornado ainda mais desagradável.

Brenda, porém, já fazia menção de aceitar a bebida.

– Não! – Thomas gritou, antes de conseguir se conter, apressando-se depois em disfarçar suas palavras. – Quero dizer, não, não acho que devemos beber essa coisa. Estamos há muito tempo sem beber água… precisamos de água primeiro. Nós, hum... só queremos dançar por enquanto. – Tentou parecer

descontraído, mas desmoronava por dentro, tendo mais consciência que nunca do quanto parecia um idiota, especialmente porque Brenda lhe dirigia agora um olhar estranho.

Sentiu algo rígido e pequeno pressionar seu corpo. Não precisou se virar para ver o que era: a pistola do Loiro.

– Estou oferecendo uma bebida – disse o Grisalho, agora sem nenhum sinal de cortesia no rosto tatuado. – Seria muito grosseiro recusar uma oferta dessas. – Estendeu as taças de novo.

O pânico revirou as entranhas de Thomas. Se havia a mínima dúvida, ela tinha se dissipado. Havia algo errado com as bebidas.

O Loiro pressionou a arma com mais força.

– Vou contar até um – sussurrou o homem na sua orelha. – Só até um.

Thomas não precisou pensar. Estendeu a mão e pegou a taça, despejou o líquido na boca e engoliu tudo de uma vez. Aquilo queimou como fogo, fazendo a garganta e o peito arderem ao descer; em seguida, ele engasgou e tossiu sem parar.

– Agora você – convidou o Grisalho, estendendo a outra taça a Brenda.

Ela e Thomas se entreolharam, depois Brenda pegou a taça e sorveu o líquido. Não pareceu sentir o menor efeito; apenas os olhos se estreitaram um pouco enquanto engolia.

O Grisalho pegou as taças, um sorriso enorme abrindo-se no rosto.

– Ótimo! Agora, voltem a dançar!

Thomas já sentia algo estranho dentro de si. Um calor tranquilizante, uma calmaria aumentando e se espalhando por todo o corpo. Pegou Brenda nos braços e a segurou com firmeza enquanto acompanhavam a música. A boca dela estava encostada em seu pescoço. Cada vez que os lábios dela tocavam sua pele, uma onda de prazer o percorria por inteiro.

– O que foi isso? – quis saber ele. Sentiu, mais do que ouviu, as palavras dela.

– Algo bem estranho – disse ela; Thomas mal a ouvia. – Algum tipo de droga. Está produzindo coisas estranhas em mim.

É, pensou Thomas. Alguma coisa estranha. O salão havia começado a girar ao redor, muito mais rápido que o rodopio lento da dança poderia provocar. O rosto das pessoas parecia se alongar quando riam, se abrindo como cavidades negras. A música ficou mais lenta e densa, e a voz que cantava engrossou, tornando-se mais longínqua.

Brenda afastou a cabeça do pescoço de Thomas e estreitou seu rosto entre as mãos. Encarou-o, embora o olhar parecesse oscilar. Ela era linda. Mais bonita que tudo que havia visto antes. Ao redor deles, o ambiente desapareceu na escuridão. Lentamente, a consciência de Thomas se apagava.

– Talvez seja melhor assim – disse ela. As palavras não condiziam com o movimento dos lábios. O rosto dela se movia em círculos, aparentemente separado do pescoço. – Talvez a gente deva ficar com eles. Talvez possamos ser felizes enquanto não alcançamos a Insanidade. – Abriu um sorriso enjoativo, perturbador. – Daí você pode me matar.

– Não, Brenda – respondeu, mas a voz pareceu soar a milhões de quilômetros de distância, como se viesse de um túnel interminável. – Não…

– Beije-me – ela pediu. – Tom, me beije. – As mãos dela apertaram seu rosto. Brenda o atraiu ainda mais para perto de si.

– Não – respondeu, resistindo.

Ela se deteve, uma expressão de mágoa marcando seu semblante. O rosto ainda estava em movimento, todo borrado.

– Por quê? – perguntou Brenda.

A inconsciência quase o havia dominado por completo.

– Você não é… ela. – A voz soou distante. Um mero eco. – Jamais poderá ser ela.

Então ela desapareceu, e a mente dele também.

38

Thomas acordou na escuridão, sentindo-se como em um instrumento de tortura, onde pregos eram lentamente cravados em seu crânio, em todas as direções.

Gemeu, um som vacilante, terrível, que só intensificou a dor de cabeça. Obrigou-se a ficar em silêncio, tentando alcançar a cabeça para...

As mãos não se moveram. Algo as mantinha abaixadas, algo grudento, que lhe pressionava os pulsos. Fita adesiva. Tentou dar pontapés com as pernas, mas também estavam presas. O esforço enviou outra onda de dor, que começou na cabeça e percorreu todo o corpo; desistiu, gemendo baixinho. Imaginou por quanto tempo teria ficado desacordado.

– Brenda? – sussurrou. Nenhuma resposta.

Uma luz se acendeu. Reluzente e penetrante. Apertou os olhos, depois abriu um, apenas o bastante para espreitar entre as pálpebras. Três pessoas estavam de pé à frente, mas o rosto delas permanecia na sombra, a fonte de luz partindo de trás.

– Acorde, acorde – uma voz rouca pronunciou. Alguém riu baixinho.

– Vai querer mais da essência da paixão? – As palavras vieram de uma mulher. A mesma pessoa riu baixinho de novo.

Thomas por fim se acostumou à luz e abriu os olhos completamente. Estava em uma cadeira de madeira. Uma fita adesiva cinza e grossa prendia fortemente seus pulsos aos braços da cadeira, e os tornozelos às pernas dela. Diante dele, dois homens e uma mulher. O Loiro. O Feio de Cabelo Ensebado. E a Rabo de Cavalo.

– Por que não acabaram logo comigo no beco? – indagou Thomas.

– Acabar com você? – replicou o Loiro. A voz dele não estava rouca antes;

parecia ter passado as últimas horas gritando a plenos pulmões no salão de dança. – O que acha que somos, algum tipo de mafiosos do século XX? Se quiséssemos acabar com você, já estaria morto, sangrando na rua.

– Não o queremos morto – interrompeu a Rabo de Cavalo. – Seria um desperdício de carne. Gostamos de comer as vítimas enquanto ainda respiram. Comer o máximo que podemos, antes de sangrarem até a morte. Você não acredita como a carne é suculenta… e doce.

O Feio de Cabelo Ensebado soltou uma risada, mas Thomas não saberia dizer se a Rabo de Cavalo falava sério. Fosse como fosse, aquilo o deixou fora de si.

– Ela está brincando – disse o Loiro. – Só comemos humanos se estivermos completamente desesperados. A carne humana tem gosto de bosta de porco.

Outra gargalhada do Feio de Cabelo Ensebado. Não um riso baixo, ou uma risadinha. Uma bela gargalhada.

Thomas não acreditou que falassem sério – estava mais preocupado com a mente deles. Parecia tão... aérea.

O Loiro sorriu pela primeira vez desde que Thomas o conhecera.

– Brincadeira de novo. Não estamos insanos ainda. Mas aposto que o gosto de gente não é bom.

O Feio de Cabelo Ensebado e a Rabo de Cavalo concordaram.

Cara, esses sujeitos estão realmente perdendo o juízo, pensou Thomas. Ouviu um gemido abafado à esquerda e desviou o olhar naquela direção. Brenda estava em um canto da sala, amarrada como ele. Mas a boca fora tapada com a mesma fita, o que o fez imaginar se não havia resistido antes de apagar. Parecia ter acordado só agora, e, ao notar a presença dos três Cranks, remexeu-se e se contorceu na cadeira, gemendo através da mordaça. Os olhos pareciam se incendiar.

O Loiro apontou para ela. A pistola surgiu como num passe de mágica.

– Cale a boca! Cale a boca ou espalho seu cérebro pela parede!

Brenda obedeceu. Thomas esperou que começasse a se lamuriar ou a chorar, ou algo parecido. Mas ela não fez nada disso, e ele se sentiu um idiota por ter pensado algo assim. Já tinha dado mostras do quanto era corajosa.

O Loiro deixou a arma pender ao lado do corpo.

– Melhor assim. Santo Deus, devíamos tê-la matado quando começou a gritar lá fora. E a morder também. – Olhou para o braço, onde um grande vergão em arco destacava-se em vermelho.

– Ela está com ele – disse a Rabo de Cavalo. – Não podemos matá-la ainda.

O Loiro puxou uma cadeira encostada à parede oposta e se sentou a meio metro de Thomas. Os outros o imitaram, parecendo aliviados, como se houvessem esperando durante horas pela permissão. O Loiro descansou a arma sobre coxa, a extremidade do cano voltada para Thomas.

– Muito bem – disse o homem. – Temos muito o que conversar. Não vou engolir papinho mole. Se fizer besteira, se se recusar a responder ou coisa parecida, vou atirar na sua perna. Depois na outra. Da terceira vez, a bala vai para o rosto da sua namorada. Estou pensando em um ponto entre os olhos. E aposto que já adivinhou o que vai acontecer na quarta vez que encher meu saco.

Thomas inclinou a cabeça, concordando. Queria pensar que era forte, que poderia enfrentar aqueles Cranks. Mas o bom-senso venceu. Estava preso à cadeira, sem armas nem aliados. Embora, francamente, não tivesse nada a esconder. Responderia ao que quer que o sujeito perguntasse. Não importava o que acabasse acontecendo, não queria balas nas pernas. E duvidava que o sujeito estivesse blefando.

– Primeira pergunta – começou o Loiro. – Quem é você e por que seu nome aparece nas porcarias das placas por toda a cidade?

– Meu nome é Thomas. – Assim que ouviu isso, o Loiro contraiu o rosto com raiva. Thomas percebeu a mancada estúpida, e se apressou em prosseguir. – Mas já devem saber disso. Bem, como cheguei aqui é uma história realmente estranha e duvido que acreditem em mim. Mas juro que vou dizer a verdade.

– Não veio em um Berg, assim como todos nós viemos? – perguntou a Rabo de Cavalo.

– Berg? – Thomas não sabia o que aquilo significava, mas apenas balançou a cabeça e continuou. – Não. Saímos de uma espécie de túnel subterrâneo a cerca de cinquenta quilômetros ao sul. Antes disso, passamos por uma coisa chamada Transportal. Antes ainda...

– Espere, espere, espere – falou o Loiro, erguendo a mão. – Um Transportal? Atiraria em você agora mesmo, se não houvesse uma mínima chance de ter mesmo conseguido fazer isso.

Thomas franziu as sobrancelhas, confuso.

– Por quê?

– Você seria um idiota se mentisse usando uma história tão óbvia como essa. Veio de um Transportal? – A surpresa do homem era evidente.

Thomas olhou para os outros Cranks, todos com uma expressão igualmente chocada no rosto.

– Vim. Por que é tão difícil acreditar nisso?

– Faz alguma ideia de como custa caro o transporte de pessoas pelo Transportal? Antes dos clarões, o Transportal havia acabado de ser lançado. Mas só os governos e os bilionários podiam pagar por ele.

Thomas deu de ombros.

– Bem, sei que eles têm um monte de dinheiro, e foi assim que o cara chamou aquela coisa: Transportal. Uma espécie de parede acinzentada que faz seu corpo formigar com a corrente de gelo que o atravessa quando você passa por ele.

– Que cara? – indagou a Rabo de Cavalo, detendo-se nas palavras anteriores de Thomas.

O garoto mal começara, e sua mente já estava confusa. Como contar uma história daquelas?

– Acho que ele fazia parte do CRUEL. Puseram a gente em uma espécie de experimento. Na verdade, não sei a história toda. Tivemos nossa memória apagada. Parte da minha voltou, mas não por completo.

O Loiro não reagiu; apenas se manteve imóvel, observando-o. Quase como se o fizesse através dele, fixado em um ponto atrás.

– Eu era advogado – ele disse. – Antes dos clarões e de essa doença arruinar tudo. Sei quando alguém está mentindo. Era muito, mas muito bom mesmo no meu trabalho.

Estranhamente, Thomas relaxou.

– Então sabe que eu não…

– Sim, eu sei. Quero ouvir a coisa toda. Continue a falar.

Thomas obedeceu. Não poderia dizer por que, mas parecia certo. Seus instintos lhe diziam que aqueles Cranks eram como todos os outros –
tinham sido levados ali para terminar a infeliz existência enquanto sucumbiam ao Fulgor. Tentavam apenas obter uma vantagem, encontrar uma saída, assim como os outros. E dar de cara com um sujeito cujo nome estava estampado em placas por toda a cidade era um excelente começo. Se Thomas estivesse no lugar deles, era bem provável que tivesse feito o mesmo. Talvez sem o detalhe das armas e da fita.

Tinha contado a maior parte da história para Brenda ainda no dia anterior, e relatava agora quase a mesma coisa. O Labirinto, a fuga, os dormitórios. A

designação para a missão pelo Deserto. Tomou cuidado especial para que parecesse uma missão muito importante, enfatizando a parte sobre a cura à espera no final. Uma vez que haviam perdido a chance de contar com a ajuda de Jorge para atravessar a cidade, talvez pudesse recomeçar com o apoio dessas pessoas. Também expressou sua preocupação com os outros Clareanos, mas quando perguntou se os tinham visto – ou a um grupo grande de garotas –, a resposta foi não.

De novo, não se demorou na parte de Teresa. Não queria correr o risco de colocá-la em perigo de algum modo, embora não fizesse ideia de como falar sobre ela pudesse resultar nisso.

Também mentiu um pouco sobre Brenda. Bem, não era exatamente uma mentira. Só se preocupou em deixar implícita a ideia de que ela o acompanhava desde o início.

Quando terminou, finalizando na parte em que haviam encontrado os três na frente dele no beco, respirou fundo e se acomodou na cadeira.

– Poderiam, por favor, tirar essa fita de mim agora?

Um movimento rápido da mão do Feio de Cabelo Ensebado chamou sua atenção, e viu uma minúscula faca pontiaguda aparecer ali.

– O que você acha? – perguntou ele ao Loiro.

– Com certeza. Por que não? – Havia mantido uma expressão indiferente ao longo de toda a história, sem dar pistas se acreditava ou não.

O Feio de Cabelo Ensebado deu de ombros e se levantou, aproximando-se de Thomas. Já se inclinava para a frente, a faca estendida, quando ouviu-se uma comoção acima deles. Passos fortes no teto, seguidos de alguns gritos. Em seguida, parecia haver centenas de pessoas correndo. Passos frenéticos, ruído de corpos saltando, mais solavancos. Outra série de gritos.

– Algum grupo deve ter nos encontrado – disse o Loiro, o rosto subitamente pálido. Levantou-se e fez sinal para que os outros dois o acompanhassem. Alguns segundos depois, haviam saído, desaparecendo por uma escada rumo às sombras. Uma porta se abriu e se fechou. O caos acima continuava.

Tudo isso serviu para deixar Thomas quase no limite do terror. Olhou para Brenda, que estava muito quieta, só ouvindo. Os olhos dela enfim encontraram os dele. Ainda amordaçada, só pôde erguer as sobrancelhas.

Thomas não gostou nada de terem sido deixados para trás daquele jeito, amarrados nas cadeiras. Não havia a menor possibilidade de que algum dos Cranks que haviam conhecido naquele dia tivesse alguma chance contra os do

tipo sem nariz.

– E se um bando de Cranks insanos aparecer por aqui? – perguntou.

Brenda murmurou algo através da fita.

Thomas retesou todos os músculos, tentando arrastar a cadeira em passos minúsculos rumo aonde ela estava sentada. Havia avançado menos de um metro quando os sons de luta e agitação pararam de repente. Estacou, olhando para o teto.

Nada durante vários segundos. Então uma série de passos, talvez os de duas pessoas, podia ser ouvida no piso acima. Um baque surdo. Outro baque surdo. E outro. Thomas imaginou que os corpos estivessem sendo atirados no chão.

A porta no alto da escada se abriu.

Depois, passos descendo, pesados e firmes. Aquela sequência de sons era aterrorizante, e um pânico gelado percorreu o corpo de Thomas enquanto aguardava para ver quem era.

Alguém adentrou a parte iluminada.

Minho. Sujo e ensanguentado, cicatrizes de queimadura marcando-lhe o rosto. Facas em ambas as mãos. Minho.

– Cara, você parece bem desconfortável aí – disse ele.

39

Apesar de tudo por que tinha passado, Thomas não conseguia se lembrar da última vez em que havia ficado tão sem palavras.

– O que… como… – Ele empacou, tentando dizer alguma coisa.

Minho sorriu. Era uma visão muito bem-vinda, mesmo considerando sua aparência horrível.

– Acabamos de encontrar vocês. Acha que a gente ia deixar esses caras de mértila te fazerem algum mal? Você me deve uma, hein? – Aproximou-se e começou a cortar a fita adesiva.

– O que quer dizer com acabaram de nos encontrar? – Thomas estava tão feliz que não se importava em rir como um idiota. Não só tinham sido salvos, como seus amigos também estavam vivos. Estavam vivos!

Minho continuou cortando.

– Jorge nos conduziu pela cidade. Evitamos Cranks, encontramos comida. – Terminou o trabalho com Thomas e se dirigiu a Brenda, ainda falando por cima do ombro. – Ontem de manhã, nós nos espalhamos, espionando aqui e ali. Caçarola vigiava uma esquina daquele beco, exatamente quando aqueles três trolhos apontaram as armas pra vocês. Foi ele quem nos informou. Ficamos possessos e começamos a planejar uma emboscada. A maioria daqueles inúteis estava embriagada ou dormindo.

Tão logo a fita foi cortada, Brenda levantou-se da cadeira e passou por Minho. Encaminhou-se para Thomas, mas hesitou – ele não saberia dizer se estava brava ou apenas preocupada. Então, venceu o resto da distância, arrancando a fita da boca ao se aproximar dele.

Thomas fez menção de se levantar, mas a cabeça latejou de novo, a sala oscilando, fazendo-o enjoar. Voltou a se jogar na cadeira.

– Puxa, cara. Alguém tem um comprimido?

Minho apenas riu. Brenda havia caminhado até o pé da escada, onde parou com os braços cruzados. Algo na linguagem corporal dela indicava raiva. Então, Thomas se lembrou do que havia lhe dito pouco antes de apagar sob o efeito da bebida.

Mas que droga, pensou. Tinha dito que ela nunca poderia ser Teresa.

– Brenda? – chamou timidamente. – Tudo bem com você? – De maneira nenhuma entraria em detalhes na frente de Minho.

Ela inclinou a cabeça, mas não o encarou.

– Estou bem. Vamos indo. Quero ver Jorge. – Frases simples e inexpressivas. Nenhuma emoção nas palavras.

Thomas gemeu, satisfeito por ter a dor de cabeça como desculpa. Sim, com certeza, ela estava brava com ele. Na verdade, brava talvez fosse a palavra errada. Ela parecia mais magoada, isso sim.

Ou talvez Thomas estivesse exagerando, e ela na verdade não se importasse tanto.

Minho apareceu à frente dele, oferecendo-lhe a mão.

– Vamos, cara. Com ou sem dor de cabeça, precisamos ir. Não sei dizer quanto tempo vamos conseguir manter aqueles prisioneiros de mértila lá em cima, quietos e sem protestar.

– Prisioneiros? – repetiu Thomas.

– Como quer que os chame? Não podemos nos arriscar a soltá-los antes de partirmos. Temos uns dez caras prendendo mais de vinte. E não estão muito contentes. Podem tentar nos dominar a qualquer momento, assim que conseguirem se livrar das amarras.

Thomas se levantou de novo, dessa vez muito mais devagar. A dor na cabeça ia e vinha, martelando como um tambor insistente, pressionando os globos oculares para fora com toda a insistência. Fechou os olhos até que as coisas parassem de rodar ao redor. Respirou fundo e voltou-se para Minho.

– Vou ficar bem.

Minho abriu um sorriso.

– Esse é o cara. Vamos nessa.

Thomas seguiu o amigo até a escada. Parou ao lado de Brenda, mas não disse nada. Minho trocou um olhar com o amigo por cima do ombro, como se perguntasse "O que há com ela?", mas Thomas apenas balançou a cabeça de leve em negativa.

Minho deu de ombros, dirigindo-se em seguida para fora da sala, e Thomas permaneceu atrás com Brenda por um segundo.

– Sinto muito – disse, arrependido das palavras duras que lhe dissera. – Acho que falei alguma coisa sem querer…

Os olhos dela o fuzilaram.

– Acha que dou a mínima pra você e a sua droga de namoradinha? Estava apenas brincando, tentando me divertir um pouco antes que as coisas piorassem de vez. Acha mesmo que estou apaixonada por você, ou coisa parecida? Que estou louca pra chegar o dia em que me peça pra ser sua noiva Crank? Se toca.

As palavras dela eram pura raiva, tanto que Thomas recuou um passo, tão magoado quanto se ela o tivesse esbofeteado. Antes que pudesse responder, a garota desapareceu escada acima, bufando e pisando duro. Nunca sentiu tanta falta de Teresa como naquele momento. Por desespero, chamou-a mentalmente. Mas ela continuava ausente.

O cheiro o atingiu antes mesmo de entrar no salão onde haviam dançado.

Uma mescla de suor e vômito.

Corpos jaziam no chão, alguns dormindo, outros abraçados e trêmulos; outros ainda pareciam mortos. Jorge, Newt e Aris estavam lá, montando guarda, andando lentamente em círculos, as facas apontadas com firmeza.

Thomas avistou Caçarola e os outros Clareanos. Embora a cabeça ainda latejasse, sentiu um ímpeto de alívio e empolgação.

– O que aconteceu com vocês, caras? Por onde andaram?

– Ei, é o Thomas! – bradou Caçarola. – Tão feio e vivo como sempre!

Newt aproximou-se dele, o rosto se abrindo em um sorriso sincero.

– Que bom que não está morto, Tommy. Estou muito, mas muito contente mesmo de você estar vivo.

– Posso dizer o mesmo em relação a você. – Thomas percebeu, em meio a um estranho estupor, que sua vida se resumia a isso agora. Era assim que se recebiam as pessoas após um dia ou dois de separação. – Todos conseguiram chegar até aqui? Pra onde vocês foram? Como conseguiram se salvar?

Newt inclinou a cabeça.

– Ainda somos onze. Mais Jorge.

As perguntas de Thomas tinham saído mais rápido do que alguém poderia

responder.

– Algum sinal de Barkley e dos demais? Foram eles que provocaram aquela explosão?

Foi Jorge quem respondeu. Thomas viu que ele estava próximo da porta, segurando um facão verdadeiramente ameaçador cuja ponta, naquele momento, pressionava o ombro do Feio de Cabelo Ensebado. A Rabo de Cavalo estava ao lado dele, ambos curvados no chão.

– Não os vimos mais. Fugimos de lá bem rápido, e tiveram medo de se embrenhar na cidade.

A visão do Feio de Cabelo Ensebado disparou um alarme dentro de Thomas. O Loiro. Onde estava o Loiro? Será que Minho e os demais haviam conseguido tirar a arma dele? Olhou ao redor, mas não o encontrou em nenhum lugar na sala.

– Minho – Thomas sussurrou, fazendo sinal para que o amigo se aproximasse. Depois que ele e Newt estavam bem perto, Thomas se inclinou para a frente.

– O cara de cabelo loiro bem curto. Parecia ser o Líder. O que aconteceu com ele?

Minho deu de ombros e olhou para Newt, esperando que respondesse.

– Deve ter fugido – replicou Newt. – Um punhado deles conseguiu escapar… não conseguimos deter todos.

– Por quê? – perguntou Minho. – Está preocupado com ele?

Thomas olhou ao redor, a voz agora num sussurro quase inaudível.

– Ele tinha uma arma. Foi o único que vi portando algo pior que uma faca. E não parecia ser um cara legal.

– Quem dá uma mértila pra isso? – perguntou Minho. – Estaremos fora desta cidade desgraçada dentro de uma hora. Devemos partir agora.

Aquela pareceu a melhor ideia que Thomas ouvira em dias.

– Tudo bem, mas quero sair daqui antes que ele volte.

– Escutem! – gritou Minho ao se afastar, caminhando entre as pessoas no chão. – Vamos embora agora. Se não nos seguirem, ficarão bem. Sigam-nos e estarão mortos. Uma escolha bem fácil, não acham?

Thomas imaginou quando e como Minho recuperara a função de liderança, mesmo com Jorge por perto. Olhou para ele e notou Brenda, imóvel e silenciosa, próxima a uma parede, o olhar perdido no chão. Sentia-se terrivelmente mal com o que acontecera na noite anterior. Quisera mesmo

beijá-la. Mas, por alguma razão, sentira-se ao mesmo tempo enojado. Talvez fosse o efeito da droga. Ou por causa de Teresa. Talvez fosse…

– Ei, Thomas! – Minho gritava para ele. – Cara, acorde! Estamos de partida.

Vários Clareanos tinham atravessado a porta e saído para o sol. Quanto tempo ficara desacordado, sob o efeito da droga? Um dia inteiro? Ou apenas algumas horas, desde a manhã? Seguiu os outros, detendo-se perto de Brenda e lhe dando um pequeno empurrão. Pensou por um segundo que não fosse acompanhá-lo, mas ela apenas hesitou por um instante, antes de se encaminhar para a porta.

Minho, Newt e Jorge esperavam, mantendo a guarda com as armas em posição, até que todos, exceto Thomas e Brenda, estivessem fora. Três Clareanos recuaram à porta, balançando lentamente as facas de um lado para o outro. Mas ninguém parecia de fato querer aprontar alguma coisa perigosa. Provavelmente, estavam apenas contentes por estarem vivos.

Reuniram-se todos no beco. Brenda se encaminhou para o lado oposto de onde Thomas estava, e ele jurou que, assim que estivessem longe dali e em segurança, ele a chamaria para uma longa conversa. Gostava dela e desejava, no mínimo, ser seu amigo. Mais importante ainda era que agora tinha, em relação a ela, um sentimento muito parecido ao que nutria em relação a Chuck. Por alguma razão, um senso de responsabilidade por ela o havia dominado.

– …vamos botar pra quebrar.

Thomas balançou a cabeça, espantando os pensamentos, ao perceber que Minho falava com eles. Pontadas de dor cruzaram seu crânio, mas tentou se concentrar nas palavras.

– Faltam apenas cerca de dois quilômetros – Minho prosseguiu. – Afinal de contas, esses Cranks não são tão difíceis de enfrentar. Então vamos…

– Ei!

O grito veio de trás de Thomas, alto e áspero – expressivo, em vez de meramente desarticulado pela loucura. Thomas deu meia-volta e se defrontou com o Loiro, parado ao lado da porta aberta, o braço estendido. Os nós dos dedos estavam esbranquiçados ao redor da arma. Surpreendentemente seguro e calmo, apontava direto para Thomas.

E, antes que alguém pudesse fazer qualquer movimento, ele atirou – uma explosão que ecoou pelo beco estreito como o estrondo de um trovão.

Uma dor intensa atravessou o ombro esquerdo de Thomas.

40

O impacto jogou Thomas para trás, fazendo-o girar, e ele se estatelou de frente no chão, esmagando o nariz. De algum modo, em meio à dor e ao zumbido abafado nos ouvidos, escutou a arma disparar de novo e, em seguida, ruídos de grunhidos e socos, e o barulho de metal chocando-se contra o cimento.

Thomas rolou, ficando de costas no chão, a mão pressionada contra o local do ferimento, buscando coragem para examiná-lo. O zumbido nos ouvidos aumentou de intensidade. Thomas notou num relance, pelo canto do olho, que o Loiro jazia subjugado no chão. Alguém o socava até acabar com sua miserável vida.

Minho.

Thomas baixou o olhar para o ferimento. O que viu fez seu coração acelerar, descompassado.

Um pequeno furo na camisa revelava uma desagradável mancha vermelha sobre a parte acima da axila, o sangue escorrendo do ferimento. Doía. Doía pra valer. Se havia pensado que a dor de cabeça era forte, esta agora era três ou quatro vezes maior, irradiando com violência de uma espiral centrada no ombro e se espalhando pelo restante do corpo.

Newt estava a seu lado, fitando-o com olhos preocupados.

– Ele atirou em mim. – A frase escapou, talvez a número um da lista de coisas mais idiotas que já tinha dito. A dor, como grampos de metal com vida própria correndo-lhe pelas entranhas, alfinetava e arranhava como se causada por pequenas pontas afiadas. Sentiu a consciência obscurecida pela segunda vez em pouquíssimo tempo.

Alguém estendeu uma camisa a Newt, que a pressionou com força contra o

ferimento de Thomas. O movimento enviou outra onda de dor pelo corpo inteiro do garoto; ele gritou, sem se preocupar com o quanto pudesse aparentar fraqueza. Aquela dor era diferente de qualquer outra que já havia sentido. O mundo ao redor se obscureceu mais um pouco.

Passe logo, exigiu de si mesmo. Por favor, passe logo, vá embora.

Vozes lhe chegavam de algum ponto distante, exatamente como acontecera com a própria voz no salão de dança, após ter sido drogado.

– Posso tirar essa porcaria dele. – Era Jorge. – Mas vou precisar de fogo.

– Não podemos fazer isso aqui. – Era a voz de Newt?

– Vamos sair logo dessa mértila de cidade. – Sem dúvida nenhuma, Minho.

– Tudo bem. Ajudem-me a carregá-lo. – Quem teria dito aquilo?

Sentiu-se agarrado, várias mãos segurando-lhe as pernas. Dor. Alguém dizia alguma coisa sobre contar até três. Dor. Doía de verdade, realmente. Um. Dor. Dois. Ai. Três!

Thomas se sentiu rumo ao céu, enquanto a dor explodia de novo, renovada e crua.

Então o desejo de que ela passasse se realizou, e a escuridão baniu todos os seus problemas.

Ele acordou, a mente nebulosa.

A luz o cegou; não conseguiu abrir os olhos por completo. Todo o seu corpo se contorcia e se debatia; mãos tentavam retê-lo com firmeza. Ouviu sons de respiração, pesada e rápida. Pés batendo contra o chão. Alguém berrando, embora não conseguisse entender as palavras. À distância, gritos desvairados dos Cranks. Estariam em perseguição?

Calor. O ar ardia de tão quente.

Seu ombro estava em chamas. A dor o invadiu como uma série de explosões tóxicas, e Thomas foi lançado outra vez à escuridão.

Entreabriu os olhos.

Desta vez, a luz estava bem menos intensa. O clarão dourado do crepúsculo. Estava deitado de costas, o chão duro sob seu corpo. Uma pedra o incomodava, mas parecia algo celestial em comparação ao inferno de dor no ombro. Pessoas perambulavam ao redor, tensas, sussurrantes.

O burburinho dos Cranks ficara mais distante. Não via nada a não ser o céu.

Não havia prédios. A dor no ombro. Ah, a dor!

Um fogo se acendeu, estalando em algum lugar próximo. Sentiu o bafo de calor por todo o corpo, um vento quente intensificando a sensação.

– Melhor segurarem bem ele. Braços e pernas – sugeriu alguém.

Embora sua mente ainda flutuasse em neblina, as palavras não lhe soaram agradáveis.

Um clarão de luz entrou em foco: o reflexo do sol poente sobre… uma faca? Que brilho era aquele, tão intensamente vermelho?

– Vai doer muito. – Não fazia a menor ideia de quem havia dito aquilo.

Ouviu um chiado um segundo antes que um bilhão de quilos de dinamite explodissem em seu ombro.

A consciência de Thomas se despediu mais uma vez.

Sentia que um longo tempo havia se passado. Quando abriu os olhos de novo, estrelas brilhavam no céu escuro como pontinhos de amanhecer. Alguém segurava sua mão. Tentou virar a cabeça para ver quem era, mas sentiu uma onda de dor disparar pela coluna.

Não precisava ver. Era Brenda.

Quem mais poderia ser? Além disso, a mão era macia e pequena. Brenda, com certeza.

A dor intensa de antes fora substituída. Agora se sentia ainda pior. Uma enfermidade revirava-lhe as entranhas. Algo sujo, revoltante, incômodo. Uma doença ruim, como se vermes rastejassem por suas veias, pelas cavidades dos ossos e por entre os músculos. Devorando-o.

Doía, mas agora a dor alcançara outro nível. Profunda e atroz. O estômago revirava, instável, e havia fogo em suas veias.

Não sabia dizer como, mas estava certo disso. Fogo nas veias. Havia algo errado.

A palavra infecção apareceu num estalo em sua mente, e lá permaneceu.

Apagou.

O nascer do sol despertou Thomas. A primeira coisa que notou foi que Brenda não segurava mais sua mão. Então, sentiu o ar frio do início da manhã soprando sobre sua pele, o que lhe deu um breve momento de prazer.

Em seguida, tomou consciência plena da dor latejante que consumia seu

corpo, incomodando cada uma de suas moléculas. Não tinha mais nada a ver com o ombro ou o ferimento a bala. Havia algo terrivelmente errado com seu organismo.

Infecção. Aquela palavra de novo.

Não havia como explicar o fato de ter sobrevivido durante os cinco minutos seguintes. Ou durante a hora seguinte. Conseguiria sobreviver o dia inteiro? Depois, dormir e começar a coisa toda de novo? O desespero despontou como um vazio imenso, um vácuo pelo qual a qualquer momento poderia despencar para dentro de um abismo terrível. Um desvario mesclado ao pânico o dominou. E, acima de todas essas sensações, a dor.

Era esse o seu estado quando as coisas ficaram realmente bizarras.

Os outros ouviram antes dele. Minho e os demais de repente começaram a se atropelar, procurando alguma coisa, muitos deles vasculhando o céu. O céu? Por que estariam fazendo aquilo?

Alguém – Jorge, segundo imaginou – gritou a palavra Berg.

Então, Thomas ouviu. Um zumbido grosso, entremeado por golpes pesados. O ruído aumentou de intensidade, antes mesmo de ele entender o que acontecia, e logo foi como se se instalasse dentro de sua cabeça, chacoalhando-lhe o queixo e os tímpanos, e percorrendo toda a sua coluna. Um compasso constante, contínuo, como o som da maior bateria do mundo; ao fundo, o ronco ensurdecedor de uma máquina pesada. Um redemoinho avançou sobre ele, fazendo-o pensar, a princípio, que outra tempestade começava, mas o céu era de um azul fulgurante. Nenhuma nuvem à vista.

O ruído intensificou a dor, a ponto de fazê-lo apagar de novo. Mas ele resistiu, desesperado por compreender a causa dos estampidos. Minho gritou alguma coisa, apontando para o norte. Thomas se sentia dolorido demais para se virar e olhar. O vento aumentou de intensidade, castigando-o, fustigando-lhe as roupas. A poeira subiu e enevoou o ar. De repente, Brenda estava ao lado dele de novo, apertando sua mão.

Inclinou-se, até aproximar o rosto a alguns centímetros do dele. O cabelo dela se agitava em todas as direções.

– Sinto muito – disse ela, embora ele mal a ouvisse. – Não quis dizer… sei que você… – Engoliu as palavras, olhando para o lado.

Do que estava falando? Por que não lhe dizia o que era aquilo, aquele barulho horrível! Sentia tanta dor…

Uma expressão de horror se espalhou pelo semblante dela, os olhos e a boca

abrindo-se ao máximo. Então foi empurrada para o lado por duas…

O pânico logo tomou conta de Thomas também. Duas pessoas, trajadas do modo mais estranho possível. Usavam um macacão verde-escuro de calças folgadas, com uma inscrição no peito que ele não conseguia identificar, além de grandes óculos. Não, óculos não. Eram uma espécie de máscara contra gás. Pareciam horripilantes alienígenas. Ou demônios, gigantes dementes, insetos devoradores de humanos envoltos em plástico.

Um deles lhe agarrou os tornozelos. Outro pôs as mãos embaixo dele, segurando-o firmemente pelas axilas. Então, Thomas soltou um grito. Aquelas pessoas o ergueram, enquanto a dor perpassava-lhe o corpo inteiro. Já estava até se acostumando a ela, mas dessa vez foi ainda pior. Doía demais para resistir, por isso se entregou.

Em seguida, passaram a se mover, carregando-o, e, pela primeira vez, Thomas conseguiu focalizar a visão e ler as letras no peito da pessoa a seus pés.

CRUEL.

A escuridão ameaçou tomá-lo outra vez. Deixou que o levassem, mas a dor o acompanhou.

41

Uma vez mais, acordou com uma luz branca, ofuscante, que brilhava direto em seus olhos, vinda de cima. Soube de imediato que não se tratava do sol; era diferente. Além disso, brilhava de uma única fonte, a curta distância dele. Mesmo que apertasse bem os olhos de novo, a imagem duradoura de uma lâmpada flutuava em meio à escuridão.

Ouviu vozes – eram mais sussurros. Não conseguiu entender uma única palavra. Falavam baixo demais, longe o bastante para impedir que decifrasse as palavras.

Ouviu estalidos secos de metal contra metal. Sons diminutos que logo o fizeram pensar em instrumentos médicos. Bisturis e aqueles bastõezinhos com espelhos nas extremidades. Essas imagens brotavam como fantasmas das trevas densas da memória vazia, combinando-se com a luz.

Havia sido levado a um hospital. Um hospital! A última coisa que poderia imaginar existir em algum lugar do Deserto. Ou teria sido levado para longe dali? Para muito longe? Através de um Transportal, quem sabe?

Uma sombra se interpôs entre ele e o foco de luz, e Thomas se animou a abrir os olhos. Alguém o observava do alto, vestido com aquele mesmo traje ridículo usado pelos que o haviam conduzido até ali. A máscara contra gás, ou o que quer que fosse de verdade. Óculos grandes. Por trás do vidro de proteção, viu olhos escuros focados nele. Os olhos de uma mulher, embora não houvesse como confirmar a impressão.

– Consegue me ouvir? – perguntou ela. Sim, uma mulher, muito embora a máscara abafasse sua voz.

Thomas tentou inclinar a cabeça para confirmar, mas ficou sem saber se conseguira ou não.

– Isso não devia ter acontecido. – Ela afastou um pouco a cabeça e olhou para o lado, o que fez Thomas pensar que o comentário não fora dirigido a ele. – Como uma arma carregada foi parar na cidade? Faz alguma ideia de quanta ferrugem e sujeira devia haver naquela bala? Sem mencionar os germes.

Parecia irritada.

Um homem respondeu:

– Vamos acabar logo com isso. Precisamos mandá-lo de volta. Rapidamente.

Thomas mal teve tempo de interpretar o que diziam. Uma nova dor brotou de seu ombro, insuportável.

Desmaiou pela enésima vez.

Acordado de novo.

Alguma coisa estava desligada. Não saberia precisar o quê. A mesma luz brilhava do mesmo ponto no alto; dessa vez, olhou para o lado em vez de cerrar os olhos. Conseguia enxergar melhor, focalizar melhor a visão. Quadrados prateados de telhas no teto; uma engenhoca com todos os tipos de visores e botões; e monitores. Nada daquilo fazia o menor sentido.

Então se deu conta. Percebeu a sensação com um choque e uma surpresa tão grandes que mal acreditou pudesse ser verdade.

Não sentia mais dor. Dor nenhuma. Absolutamente nada.

Não havia ninguém ao redor. Nenhum traje maluco e esverdeado de alienígena, nenhuma máscara, ninguém espetando bisturis em seu ombro. Parecia estar sozinho, e a ausência de dor lhe chegou como puro êxtase. Não sabia ser possível sentir-se assim tão bem.

Não era. Devia ser efeito de alguma droga.

Adormeceu.

Vozes baixas o despertaram, embora o ruído viesse através da névoa de estupor causada pela droga.

De algum modo, compreendia que devia manter os olhos fechados, para ver se poderia descobrir algo sobre as pessoas que o tinham levado. Evidentemente, eram elas que o haviam curado e livrado seu corpo da infecção.

Um homem falava agora.

– Tem certeza de que isso não vai estragar tudo?

– Tenho certeza. – A frase foi dita por uma mulher. – Bem, tanta certeza quanto é possível ter. No mínimo, esse fato deve estimular um padrão na zona de conflito letal que não esperávamos. Algo a mais, quem sabe? Não imagino que isso o leve numa direção que impediria a ocorrência de outros padrões que procuramos.

– Que Deus a ouça; espero que esteja certa – respondeu o homem.

Outra mulher falou, a voz mais aguda, quase cristalina:

– Quantos deles vocês acham que ainda são Candidatos viáveis?

Thomas sentiu a ênfase naquela palavra: Candidatos. Confuso, tentou permanecer quieto e escutar.

– Descartamos quatro ou cinco – a primeira mulher respondeu. – O Thomas aqui é de longe nossa maior esperança. Ele reage com muita energia às Variáveis. Esperem, acho que acabei de ver os olhos dele se moverem.

Thomas imobilizou-se por completo, tentando fixar o olhar num ponto à frente na escuridão das pálpebras. Era difícil, mas se esforçou para respirar de mansinho, como se dormisse. Não sabia exatamente sobre o que aquelas pessoas conversavam, mas queria desesperadamente ouvir mais. Sabia que precisava ouvir mais.

– Que importa se estiver ouvindo? – indagou o homem. – Provavelmente não vai entender o bastante para influenciar suas reações, de um jeito ou de outro. Fará bem para ele compreender que fizemos uma enorme exceção ao curar esta infecção. É bom que saiba que o CRUEL fará o que for preciso quando necessário.

A moça de voz aguda riu, um dos sons mais agradáveis que Thomas já ouvira na vida.

– Se estiver escutando, Thomas, não se empolgue muito. Estamos prestes a devolvê-lo ao lugar de onde o tiramos.

As drogas que corriam por suas veias pareceram fazer efeito, e se sentiu apagar, como uma espécie de bênção. Tentou abrir os olhos, mas não conseguiu. Antes de perder totalmente a consciência, ouviu uma última coisa da primeira mulher. Uma coisa muito estranha.

– É o que você desejaria que fizéssemos.

42

As pessoas misteriosas cumpriram o que haviam prometido.

Quando acordou, Thomas estava pendurado no ar, amarrado fortemente a uma padiola de lona com alças, balançando de um lado para o outro. Uma corda grossa presa a um anel de metal azul o segurava enquanto era baixado de alguma coisa imensa, o tempo todo acompanhado da mesma explosão de zumbidos e estampidos potentes que tinha ouvido quando vieram buscá-lo. Agarrou-se às laterais da padiola, aterrorizado.

Enfim, sentiu um baque macio e então um milhão de rostos apareceram ao redor. Minho, Newt, Jorge, Brenda, Caçarola, Aris e os demais Clareanos. A corda que o segurava se desprendeu e balançou no ar. Quase de modo instantâneo, o transporte do qual havia sido baixado se distanciou nas alturas, desaparecendo em meio à luminosidade do sol, direto acima deles. O ruído de motores foi se distanciando e logo havia desaparecido.

No instante seguinte, todos falavam ao mesmo tempo.

– O que foi isso?

– Você está bem?

– O que fizeram com você?

– Quem eram eles?

– Divertiu-se no Berg?

– Como está seu ombro?

Thomas ignorou tudo aquilo e tentou se levantar, mas percebeu que as cordas que o prendiam à padiola ainda o seguravam com firmeza. Buscou Minho com o olhar.

– Poderia dar uma ajudinha aqui?

Enquanto Minho e alguns outros o desamarravam, Thomas teve um

pensamento perturbador. As pessoas do CRUEL haviam aparecido para salvá-lo com bastante rapidez. Pelo que tinham dito, fora vítima de algo não planejado, mas entraram em ação assim mesmo. O que significava que eram observados e que eles poderiam interferir para salvá-los quando quisessem.

Entretanto, não o tinham feito até então. Quantas pessoas haviam morrido nos últimos dias enquanto o CRUEL ficava lá, apenas observando? E por que tinham aberto aquela exceção por sua causa, só porque havia sido alvejado por uma bala enferrujada?

Era coisa demais em que pensar.

Agora liberto, levantou-se e alongou os músculos, ignorando a segunda rodada de perguntas lançadas em sua direção. O dia estava quente, brutalmente quente, e, Thomas, enquanto se alongava, percebeu que não sentia dor, a não ser por uma leve ardência no ombro. Olhou para si, notando que usava roupas limpas e que havia uma protuberância sob a manga esquerda da camisa, por conta de um curativo. Mas seus pensamentos imediatamente se dirigiram para outra coisa.

– O que estão fazendo aqui ao ar livre? Vão ficar com a pele torrada!

Minho não respondeu. Apenas apontou para algo atrás dele e, ao se voltar, Thomas notou os destroços de uma cabana. Era feita de madeira seca, e parecia prestes a se desfazer em poeira a qualquer momento, mas era grande o suficiente para oferecer abrigo a todos ali.

– Melhor voltarmos para debaixo daquela coisa – disse Minho.

Thomas entendeu que deviam ter corrido para fora só para vê-lo ser baixado do imenso objeto voador, o… Berg? Jorge o chamara de Berg.

O grupo se encaminhou para o abrigo; Thomas repetiu uma dezena de vezes que explicaria tudo do começo ao fim assim que se acomodassem. Brenda aproximou-se, caminhando bem junto dele. Mas não lhe estendeu a mão, e Thomas sentiu uma espécie de alívio incômodo, se é que existia algo assim. Nenhum dos dois falou sequer uma palavra.

A cidade miserável dos Cranks se estendia a alguns quilômetros, amontoando-se ao sul em toda a sua decadência e loucura. Não havia sinal de gente infectada em lugar algum. Ao norte, as montanhas assomavam mais próximas, à distância de apenas um dia aproximadamente. Escarpadas e sem vida, elevavam-se nas alturas até findarem em picos marrons e pontiagudos. Fendas grosseiras na rocha faziam a serra inteira parecer esculpida a golpes de um imenso machado, desferido durante vários dias por um gigante que

descarregara naquele trabalho toda a sua frustração.

Chegaram ao abrigo, a madeira esturricada exibindo-se como ossos estropiados. Parecia estar ali há centenas de anos – talvez construído por um fazendeiro em épocas anteriores à devastação do mundo. Como conseguira resistir era um completo mistério. Mas bastaria acender um fósforo e a coisa toda provavelmente queimaria em três segundos.

– Muito bem – falou Minho, indicando um ponto na extremidade da sombra –, sente-se lá. Fique à vontade e comece a desembuchar.

Thomas mal podia acreditar no próprio bem-estar – sentia apenas aquela dorzinha sutil no ombro. E pelo jeito não havia mais nenhum resquício de droga no corpo. O que quer que tivesse sido curado nele pelos médicos do CRUEL fora feito com procedimentos admiráveis. Sentou-se e esperou que todos se acomodassem à frente, cruzando as pernas sobre o chão quente e poeirento. Parecia mais um professor se preparando para dar uma aula – um breve lampejo do passado.

Minho foi o último a se sentar, ao lado de Brenda.

– Muito bem: conte-nos as suas aventuras com os alienígenas naquela grande espaçonave.

– Tem certeza? – perguntou Thomas. – Quantos dias faltam pra chegar àquelas montanhas, para alcançarmos o Refúgio Seguro?

– Cinco dias, cara. Mas você sabe que não podemos sair por aí neste sol sem nada com que nos proteger. Você vai contar sua história, depois vamos dormir. Só mais tarde é que vamos arrastar os pés numa caminhada por toda a noite. Acabe logo com isso.

– Boa – disse Thomas, imaginando o que haviam feito em sua ausência, mas entendendo que não importava tanto assim. – Guardem todas as perguntas para o final, crianças. – Depois que alguns Clareanos contiveram o riso, ele tossiu e começou. – Foi o pessoal do CRUEL que veio me pegar. Estava desacordado, mas me levaram a alguns médicos que me curaram totalmente. Ouvi dizerem alguma coisa sobre como isto não devia ter acontecido, como a arma foi um fator com o qual não contavam. A bala me causou uma infecção danada, e acho que decidiram entre si que não era a hora de eu morrer.

Rostos impassíveis o encaravam.

Thomas sabia que seria difícil se convencerem – mesmo depois de lhes contar toda a história.

– Estou contando o que ouvi.

Continuou, falando de todos os detalhes de que conseguia se lembrar, até mesmo da estranha conversa que presenciara ao lado da cama, coisas sobre os padrões da zona de conflito letal e a respeito dos Candidatos. E também sobre as Variáveis. Nada daquilo fizera muito sentido da primeira vez, e menos ainda agora, enquanto tentava recordar palavra por palavra. Os Clareanos – além de Jorge e Brenda – pareciam tão decepcionados quanto ele.

– Bem, sua história não esclarece nem um pouco as coisas – comentou Minho depois de algum tempo. – Deve ter algo a ver com todas aquelas placas sobre você na cidade.

Thomas deu de ombros.

– Fico feliz em saber que está tão contente por me ver com vida.

– Ei, se quiser ser o Líder, não tem nenhuma picuinha da minha parte. Estou contente de verdade por você continuar vivo.

– Obrigado, mas o posto continua sendo seu.

Minho não respondeu. Thomas não podia negar que as placas exerciam uma grande influência sobre ele – o que realmente significava o desejo do CRUEL de que fosse o Líder? O que deveria fazer a respeito?

Newt se levantou, o rosto franzido em profunda concentração.

– Então somos todos candidatos potenciais a alguma coisa. E talvez o propósito desse plong todo por que estamos passando seja separar os que não se qualificam. Mas, por alguma razão, a coisa toda da arma e da bala enferrujada não fazia parte dos… testes normais. Ou Variáveis, como costumam chamar. Se for para o Thomas estrebuchar e morrer, não deve ser por causa de uma mértila de infecção.

Thomas apertou os lábios e concordou com um movimento de cabeça. Aquele parecia ser um ótimo resumo.

– Bem, tudo isso significa que estão nos observando – acrescentou Minho. – Assim como fizeram no Labirinto. Alguém viu um besouro mecânico voando por aí?

Vários Clareanos balançaram a cabeça.

– Mas que diabo é um besouro mecânico? – quis saber Jorge.

Foi Thomas quem respondeu:

– Coisas parecidas com um pequeno lagarto mecânico com câmeras, que nos espionavam no Labirinto.

Jorge revirou os olhos.

– Claro. Desculpe ter perguntado.

– O Labirinto era sem dúvida nenhuma uma espécie de instalação interna – disse Aris. – Mas não me parece de jeito nenhum que estejamos dentro de algo parecido. Embora possam estar usando satélites ou câmeras de longo alcance.

Jorge pigarreou.

– O que há com Thomas que o torna tão especial? Aquelas placas na cidade sobre ele ser o verdadeiro Líder, e virem aqui voando pra salvar o traseiro dele quando ficou doentinho... – Jorge desviou o olhar para Thomas. – Não que seja uma crítica, muchacho… só estou curioso. O que o torna melhor que o resto dos seus parceiros?

– Não sou especial – respondeu Thomas, muito embora soubesse que escondia umas coisinhas. Só não sabia o quê. – Ouviu o que disseram. Temos inúmeras maneiras de morrer aqui, mas aquela arma não devia ser uma delas. Acho que teriam salvo qualquer um que fosse alvejado. Não teve a ver comigo… foi a bala que bagunçou o esquema.

– Ainda assim – replicou Jorge, um sorriso afetado no rosto. – Acho que vou ficar perto de você daqui por diante.

Mais alguns comentários se seguiram, mas Minho não os deixou se demorarem muito. Insistiu que todos precisavam dormir se quisessem prosseguir a caminhada à noite. Thomas não se queixou – ficava mais cansado a cada segundo que passava, ao sabor daquela brisa quente, o chão esturricado emanando calor. Talvez fosse o corpo sarando, quem sabe a alta temperatura. O sono o chamava.

Não tinham cobertores nem travesseiros, por isso Thomas apenas esticou o corpo, descansando a cabeça sobre os braços dobrados. De algum modo, Brenda acabou do seu lado, embora não lhe dissesse nada nem fizesse menção de tocá-lo. Thomas não sabia se a entendia.

Soltou um longo suspiro e fechou os olhos. Acolheu com prazer o descanso e se entregou à pesada sensação de sonolência conforme ela o arrastava às profundezas. Os sons ao redor pareceram diminuir até sumirem por completo. O ar se adensou. Uma sensação de paz se abateu sobre ele, e Thomas adormeceu.

O sol ainda brilhava no céu quando uma voz soou em sua mente, despertando-o.

A voz de uma garota.

Teresa.

Após dias e dias de completo silêncio, Teresa voltava a se comunicar com ele telepaticamente. De uma só vez, uma torrente de palavras.

Tom, nem tente responder, apenas ouça. Algo terrível vai acontecer com você amanhã. Uma coisa horrível, horrível mesmo. Você vai ser ferido e ficará morrendo de medo. Mas precisa confiar em mim. Não importa o que aconteça, não importa o que veja, não importa o que ouça, não importa o que pense. Precisa confiar em mim. Não terei como me comunicar com você.

Ela fez uma pausa, mas Thomas estava tão atordoado e tentando com tal intensidade organizar as informações que recebera – para se certificar de que se lembraria – que não conseguiu registrar uma só palavra até que Teresa retomasse a comunicação.

Preciso ir. Não vai saber de mim por um bom tempo.

Outra pausa.

Até estarmos juntos outra vez.

Ele se atrapalhou em busca de algo para dizer, mas a voz e a presença dela haviam desaparecido por completo, novamente deixando apenas um vácuo.

43

Demorou muito até que Thomas conciliasse o sono outra vez.

Não tinha dúvida de que era Teresa. Nenhuma dúvida. Exatamente como antes, quando conversavam, sentira a presença e as emoções dela. Teresa estivera mesmo com ele, ainda que por um breve período. E, ao partir, foi como se um imenso vazio interior voltasse a se abrir. Como se, durante os dias em que estivera ausente, um líquido espesso vazasse lentamente até encher uma câmara, só para ser sugado de novo quando veio e se foi.

O que ela queria dizer, afinal? Alguma coisa horrível ia acontecer com ele, mas precisava confiar nela? Não conseguia concatenar aquelas informações de modo que fizessem algum sentido. E, por mais horrível que a advertência lhe parecesse, os pensamentos se fixavam na última parte, em que ela dizia que ficariam juntos outra vez. Seria aquilo uma espécie de falsa esperança? Ou apenas evidenciava a crença dela de que conseguiria superar o momento ruim e acabaria bem? Junto com ela? As possibilidades multiplicavam-se em sua mente, mas todas pareciam acabar em um beco sem saída.

O dia só fez esquentar, enquanto se debatia, acossado pelos próprios pensamentos. Já tinha quase se acostumado à ideia de Teresa ter sumido, e reviver essa dor lhe revirava o estômago. Para piorar, sentia como se a tivesse traído ao permitir que Brenda se tornasse sua amiga, ficando tão íntimo dela.

Ironicamente, seu primeiro impulso fora estender o braço, acordar Brenda e conversar com ela sobre isso. Seria errado? Sentia-se tão frustrado e idiota que tinha vontade de gritar.

Condição ideal para alguém que tentava voltar a dormir naquele calor miserável.

O sol se arrastara penosamente rumo ao horizonte, quando enfim conseguiu

adormecer.

Thomas se sentia um pouco melhor no final da tarde, quando Newt o sacudiu para que acordasse. A breve visita de Teresa à sua mente se parecia com um sonho agora. Seria quase capaz de acreditar que nunca havia acontecido.

– Dormiu bem, Tommy? – Newt perguntou. – Como está o ombro?

Thomas se sentou, esfregando os olhos. Embora não tivesse conseguido dormir por mais de três ou quatro horas, o sono fora profundo e tranquilo. Esfregou o ombro, testando-o, e ficou completamente surpreso de novo.

– Parece em excelente estado… dói um pouco, mas não muito. Difícil acreditar que doesse tanto antes.

Newt olhou para os Clareanos ao redor, preparando-se para partir, depois se voltou para Thomas.

– Parece que não conversamos muito depois que deixamos aquele maldito dormitório. Acho que não tivemos muito tempo pra sentar e bebericar um chá.

– É… – Por alguma razão, aquilo fez Thomas pensar em Chuck. Toda a dor da morte do amigo voltou de repente. O que só o fez odiar ainda mais as pessoas por trás de tudo aquilo. A mensagem de Teresa veio como um flash a seu pensamento. – Não vejo como o CRUEL possa ser bom.

– Hã?

– Lembra-se do que Teresa tinha escrito no braço quando acordou pela primeira vez? Ou ao menos ouviu falar disso? Dizia assim: CRUEL é bom. Mas a cada dia fica mais difícil acreditar nisso. – O sarcasmo em sua voz não era nada sutil.

Newt exibia um sorriso estranho.

– Bem, eles acabaram de salvar sua vida.

– É, são verdadeiros santos. – Thomas não podia negar que estava confuso. Sabia que sua vida fora poupada e que também havia trabalhado para eles. Mas não fazia a menor ideia do que todas essas informações juntas significavam.

Brenda, que havia se movimentado instantes antes, ainda dormindo, agora se sentara, dando um grande bocejo.

– Bom dia. Ou boa noite, sei lá.

– Mais um dia com vida – respondeu Thomas. Então se deu conta de que

Newt podia não fazer ideia de quem era Brenda. Ele mesmo não fazia ideia do que tinha acontecido com o grupo desde que fora alvejado. – Suponho que vocês dois tiveram tempo de se conhecer, não? Se não, Brenda, este é o Newt. Newt, Brenda.

– É, já nos conhecemos. – Newt estendeu a mão e apertou a dela de brincadeira. – Mas obrigado de novo por garantir que esse babaquinha aqui não fosse morto enquanto esteve separado de nós.

Uma sugestão bem remota de sorriso cruzou o rosto dela.

– Pois é. Adorei, especialmente a parte em que tinha umas pessoas querendo cortar o nosso nariz. – Uma expressão diferente iluminou com rapidez seu rosto, em parte embaraço, em parte desespero. – Aposto que não falta muito até que me transforme num daqueles alucinados.

Thomas não sabia como responder a esse comentário.

– É bem provável. Lembre-se de que…

Brenda não o deixou terminar.

– Eu sei. Vocês vão me levar pra cura mágica. Eu sei. – Ela se levantou, encerrando a conversa.

Thomas e Newt se entreolharam, este último dando de ombros. Ajoelhando-se, inclinou-se e sussurrou:

– É sua nova namorada? Teresa já era? – Fazendo uma careta, Newt se foi.

Thomas ficou sentado por um minuto, sufocado pela situação. Teresa, Brenda, os amigos. A advertência que recebera de Teresa. O Fulgor. O fato de que tinham apenas alguns dias para atravessar aquelas montanhas. O CRUEL. O que quer que os esperasse no Refúgio Seguro e no futuro.

Coisas demais. Aquilo tudo era demais.

Precisava parar de pensar. Estava com fome, e isso sim era uma coisa que podia resolver. Levantou-se e foi procurar algo para comer. Caçarola não o decepcionou.

Partiram assim que o sol mergulhou no horizonte, fazendo a terra alaranjada e empoeirada se tornar quase roxa. Thomas sentia cãibras, ansiando por relaxar os músculos e gastar energia na caminhada.

As montanhas pouco a pouco se transformaram em picos pontiagudos e sombrios, tornando-se cada vez mais altas à medida que avançavam. Não havia montanhas menores; o vale plano simplesmente se estendia à frente, até o chão

se erguer em direção ao céu em penhascos escarpados e encostas íngremes. Tudo marrom e sem vida, destituído de qualquer beleza. Thomas esperava que encontrassem um caminho para chegarem lá.

Ninguém falou muito enquanto avançavam. Brenda seguia por perto, porém calada. Não conversava nem mesmo com Jorge. Thomas sentia o ódio crescer dentro dele, uma raiva enorme pela situação em que se encontrava. Tudo de repente ficara estranho entre ele e Brenda. Gostava dela, provavelmente mais do que de qualquer outro agora, exceto Newt e Minho. E Teresa, é claro.

Newt se aproximou dele depois que a escuridão se instalou, deixando-lhes as estrelas e a lua como únicos guias. A luz delas era suficiente – não se precisa de muito quando o chão é plano e a única tarefa é caminhar em direção a uma imensa parede de rocha à frente. O "crunch, crunch, crunch" dos passos sobre a terra inundava o ar.

– Estive pensando – começou Newt.

– Sobre o quê? – Thomas não se importava, na verdade; só estava feliz por ter alguém com quem conversar e afastar os pensamentos das preocupações.

– Sobre o CRUEL. Você sabe, quebraram as próprias e malditas regras no seu caso.

– Como assim?

– Disseram que não havia regras; que tínhamos que chegar àquela porcaria de Refúgio Seguro, e que era só. Nada de regras. Pessoas morrendo a torto e a direito, e então surgem em um monstro voador e salvam seu traseiro. Não faz sentido. – Fez uma pausa. – Não que esteja me queixando… estou contente por estar vivo, você sabe que estou.

– Puxa, obrigado. – Thomas reconhecia que o amigo tinha razão, mas sentia-se cansado demais para pensar a respeito.

– E há todas aquelas placas pela cidade. Muito estranho...

Thomas encarou Newt, quase sem ver a face do amigo em meio às sombras da noite.

– O que é? Está com ciúme, ou algo parecido? – indagou, tentando fazer piada do assunto; tentando ignorar o fato de que as placas tinham realmente um grande significado.

Newt soltou uma risada.

– Não, seu trolho. Só estou morrendo de vontade de saber o que está acontecendo aqui. O que significa isso tudo?

– Não sei, mas concordo com você. – Thomas assentiu com um movimento

de cabeça. – A moça disse que só alguns de nós eram bons o bastante pra ser Candidatos. E falou que eu era o melhor Candidato, e que não queriam que eu morresse por algo não planejado. Mas também não sei o que essas palavras significam. Têm alguma coisa a ver com todo aquele plong de padrões da zona de conflito letal.

Caminharam por cerca de um minuto, antes que Newt se manifestasse outra vez.

– Acho que não vale a pena torrarmos os miolos com isso. O que tiver de ser será.

Thomas quase contou a ele sobre o que Teresa havia dito em pensamentos, mas, por alguma razão, não lhe pareceu correto.

Permaneceu em silêncio, até que Newt enfim se afastou e ele voltou a caminhar sozinho na escuridão.

Algumas horas se passaram antes que tivesse outra conversa, dessa vez com Minho. Trocaram uma porção de palavras, mas não falaram muito na verdade, apenas matando o tempo e repetindo as mesmas perguntas que todos se faziam mentalmente um milhão de vezes.

Thomas sentiu as pernas um pouco cansadas, mas nada exagerado. As montanhas estavam cada vez mais próximas. O ar, agora parecendo-lhe maravilhoso, esfriara consideravelmente. Brenda permanecia silenciosa e distante.

Seguiram em frente.

Quando os primeiros sinais do amanhecer tingiram o céu de um azul-escuro profundo, as estrelas começando a se apagar diante do novo dia, Thomas criou coragem para se aproximar de Brenda e puxar algum assunto. Qualquer coisa. Os penhascos apareciam agora; árvores mortas e fragmentos de rochas espalhados entravam no campo de visão. Chegariam ao sopé das montanhas no momento em que o sol despontasse no horizonte, disso Thomas tinha certeza.

– Ei – chamou Brenda. – Como os seus pés estão reagindo?

– Muito bem. – A resposta foi seca, mas ela se apressou em falar de novo, talvez para compensar a aspereza. – E quanto a você? Tudo bem com seu ombro?

– Mal posso acreditar no quanto está bom. Nem dói quase.

– Isso é ótimo.

– É. – Ele espremeu o cérebro, tentando pensar em algo para dizer. – Então, hum... sinto por tudo de estranho que aconteceu. E… por qualquer coisa que eu tenha dito. Minha mente estava muito louca, uma bagunça.

Ela o encarou, deixando transparecer um pouco de brandura no olhar.

– Por favor, Thomas. A última coisa que precisa fazer é se desculpar. – Voltou a olhar para a frente. – Somos diferentes, apenas. Além disso, você tem aquela sua namorada. Não devia ter tentado beijar você e fazer todas aquelas coisas idiotas.

– Na verdade, ela não é minha namorada. – Arrependeu-se de dizer as palavras assim que as pronunciou. Não fazia ideia de onde tinham partido.

Brenda bufou.

– Não seja tolo. E não me insulte. Se vai resistir a isso – fez uma pausa e apontou para si mesma, fazendo um movimento da cabeça aos pés com um sorriso irônico –, é melhor que seja por uma boa razão.

Thomas riu – toda a tensão e desconforto desapareceram por completo.

– Ponto seu. É bem provável que você beije muito mal mesmo.

Ela lhe deu um soco no braço – por sorte, no braço do ombro intacto.

– Não poderia estar mais enganado. Acredite no que estou dizendo.

Thomas estava prestes a dizer alguma coisa idiota, quando estacou de repente. Alguém quase o atropelou, vindo de trás e chocando-se contra ele com a parada abrupta, mas nem se deu conta de quem era. Os olhos estavam cravados à frente, o corpo inteiro imóvel.

O céu havia clareado consideravelmente, e a parte frontal da encosta das montanhas se estendia a apenas uma centena de passos. A meio caminho, entre eles e as montanhas, uma garota surgira, aparentemente do nada, brotando do chão. E caminhava, com passos decididos, na direção deles.

Nas mãos, trazia uma longa lança de madeira com uma grande e ameaçadora lâmina presa na extremidade.

Era Teresa.

44

Thomas não sabia bem como reagir àquela visão. Não sentia nem surpresa nem alegria por Teresa estar viva – já sabia que ela não havia morrido. E, embora Teresa tivesse se comunicado mentalmente com ele no dia anterior, vê-la em carne e osso ainda o alvoroçava. Até que se lembrou da advertência que lhe fizera, de que algo ruim iria acontecer; ou até constatar que ela brandia uma lança cuja ponta terminava em uma lâmina afiada.

Os outros Clareanos perceberam logo em seguida o que acontecia, e não demorou para que também se detivessem, o olhar embasbacado, enquanto Teresa marchava na direção deles, a arma segura nas mãos com firmeza, a expressão rígida como pedra. Parecia pronta a trespassar a primeira coisa que se movesse.

Thomas avançou um passo, sem estar realmente seguro do que planejava fazer. Mas outras ocorrências o detiveram.

À esquerda e à direita de Teresa surgiram garotas, como se também aparecessem inexplicavelmente do nada. Thomas relanceou o olhar por sobre os ombros. Estavam cercados por pelo menos vinte garotas.

Todas portavam armas, que variavam de facas enferrujadas a facões serrilhados. Várias delas seguravam arcos e flechas, as pontas ameaçadoras já direcionadas para o grupo de Clareanos. Thomas sentiu uma alfinetada incômoda de medo. Não importava o que Teresa houvesse dito sobre a iminência de um acontecimento ruim, com certeza não permitiria que aquelas pessoas os ferissem. Certo?

As palavras Grupo B vieram-lhe à mente. E também a lembrança da própria tatuagem, na qual estava escrito que supostamente o matariam.

Seus pensamentos se interromperam quando Teresa parou a cerca de nove

metros do grupo. As companheiras fizeram o mesmo, formando um círculo completo ao redor dos Clareanos. Thomas se virou de novo para ter uma visão ampla da cena. As novas visitantes, sem exceção, pareciam tensas, os olhos semicerrados, as armas levantadas à frente e de prontidão. Os arcos eram o que mais o assustava – ele e os outros não teriam nenhuma chance se aquelas flechas voassem em direção ao peito de alguém.

Voltou-se, encarando Teresa. Os olhos dela estavam cravados nele.

Minho foi o primeiro a se manifestar.

– Que palhaçada é essa, Teresa? Bela maneira de receber seus antigos parceiros.

À menção daquele nome, Brenda virou a cabeça e fitou Thomas intensamente. Ele assentiu com um leve gesto de cabeça, e a surpresa no rosto dela deixou-o triste por alguma razão.

Teresa não respondeu à pergunta. Um silêncio sombrio invadiu o grupo. O sol continuava a se elevar, aproximando-se a cada centímetro do ponto em que seus raios se projetariam sobre eles em um ardor insuportável.

Teresa avançou mais alguns passos. Estava a cerca de três metros de onde Minho e Newt se encontravam, lado a lado.

– Teresa? – Newt perguntou. – Mas que droga…

– Cale a boca – replicou Teresa. Não alterou o tom de voz nem gritou. Apenas falou calmamente e com convicção, o que a tornou ainda mais assustadora para Thomas. – E, se algum de vocês fizer um movimento sequer, os arcos começarão a disparar.

Teresa ergueu a lança para o alto, em posição de ataque, movendo-a de um lado a outro ao passar por entre Newt, Minho e os demais Clareanos, agindo como se estivesse à procura de alguma coisa. Quando viu Brenda, parou. Nenhuma das duas disse uma palavra sequer, mas o ódio entre ambas era quase palpável. Então, avançou alguns passos, em nenhum momento baixando ao chão o olhar frio.

Deteve-se mais uma vez, agora à frente de Thomas. Ele tentou dizer a si mesmo que ela jamais usaria a arma contra ele, mas ainda assim não era nada fácil ficar tão perto daquela lâmina afiada.

– Teresa – sussurrou, sem poder se conter. Apesar da lança, apesar do semblante fechado, apesar da maneira como seus músculos estavam tensos, como se estivesse pronta a golpeá-lo, tudo o que desejava era lhe estender a mão. Não pôde evitar a lembrança do beijo que haviam trocado. Como tinha

sido especial!

Ela não se moveu. Encarou-o com expressão impenetrável, a não ser pela raiva evidente.

– Teresa, o que…

– Cale a boca. – A mesma voz calma. De domínio completo. Não parecia ser ela.

– Mas o que…

Teresa recuou e lançou a parte de trás da lança contra ele, acertando-o na face esquerda. Uma explosão de dor atravessou-lhe a cabeça e o pescoço; caiu de joelhos, uma das mãos no lugar onde ela o atingira.

– Eu disse pra calar a boca. – Ela estendeu a mão e o agarrou pela camisa, puxando-o até que ficasse de novo em pé. Depois de reposicionar as mãos na lança de madeira, apontou-a para ele. – Seu nome é Thomas?

Ele a encarou, boquiaberto. Seu mundo desmoronava, muito embora tentasse lembrar a si mesmo de que havia sido advertido. Teresa tinha dito que, não importava o que acontecesse, devia confiar nela.

– Você sabe quem eu…

Ela girou a lança com violência ainda maior, dessa vez acertando a lateral da cabeça, bem acima da orelha, com a extremidade sem lâmina. A dor foi duas vezes pior que a primeira; ele gritou, agarrando a cabeça com as duas mãos. Mas não caiu.

– Você sabe quem eu sou! – berrou ele.

– Costumava saber – disse ela em uma voz que era tanto suave quanto indignada. – Agora, vou perguntar mais uma vez: seu nome é Thomas?

– Sim! – gritou. – Meu nome é Thomas!

Teresa inclinou a cabeça, concordando, e passou a recuar, a ponta da lâmina outra vez apontada para seu peito. Os Clareanos foram abrindo caminho enquanto ela passava pelo grupo e se reunia de novo ao círculo de garotas que os cercavam.

– Você vem conosco – gritou ela. – Thomas, vamos! Lembrem-se: se algum de vocês tentar alguma coisa, flechas vão voar.

– De maneira alguma! – gritou Minho. – Não vão levá-lo a lugar nenhum.

Teresa agiu como se não o tivesse escutado, os olhos cravados em Thomas com um olhar indecifrável.

– Não se trata de uma brincadeira idiota. Se resistirem, vou começar a contar. Toda vez que chegar a um múltiplo de cinco, vamos matar um de

vocês com uma flecha. Faremos isso até Thomas ser o único, e o levaremos de qualquer maneira. Depende de vocês.

Pela primeira vez, Thomas notou que Aris agia de modo estranho. Poucos passos à direita de Thomas, o rosto espreitava o círculo de garotas, observando uma por uma, como se conhecesse bem todas elas. Mas, por algum motivo, manteve a boca fechada.

É claro, Thomas pensou. Se este é realmente o Grupo B, Aris esteve com elas. Ele, sim, as conhecia.

– Um! – Teresa gritou.

Thomas não correria riscos. Adiantou-se, passando pelos demais até alcançar o espaço aberto, e seguiu reto na direção de Teresa. Ignorou os comentários de Minho e dos outros companheiros. Ignorou tudo. Com o olhar fixo nela, tentando não demonstrar nenhuma emoção, caminhou até ficar cara a cara com Teresa.

Não era o que desejava, afinal? Ficar com ela? Mesmo que de algum modo ela tivesse se voltado contra ele. Mesmo que estivesse sendo manipulada pelo CRUEL, como Alby e Gally haviam sido. Ao que tudo indicava, a memória dela havia sido apagada de novo. Não importava. Teresa parecia falar sério, e não podia arriscar que alguém atingisse um de seus amigos com uma flecha.

– Muito bem – falou. – Pode me levar.

– Só contei até um.

– É. Sou mesmo corajoso.

Ela o atingiu com a lança, tão forte que Thomas dessa vez não conseguiu evitar a queda. O queixo e a cabeça doíam como se estivessem em chamas. Cuspiu, vendo o sangue se espalhar na poeira.

– Tragam o saco – instruiu Teresa em voz alta.

Com a visão periférica, Thomas avistou duas garotas caminhando em sua direção, as armas ocultas em algum lugar. Uma delas – uma garota de pele escura, o cabelo cortado rente ao couro cabeludo – segurava um grande e desgastado saco de juta. Ambas pararam a uns sessenta centímetros dele, e Thomas se manteve imóvel e encolhido, com medo de fazer qualquer movimento e ser atingido de novo.

– Vamos levá-lo conosco! – Teresa gritou. – Se alguém nos seguir, vou bater nele de novo e começaremos a atingir vocês. Nem sequer nos incomodaremos em apontar. Deixaremos apenas que as flechas deslizem e acertem onde quiserem.

– Teresa! – Era a voz de Minho. – Você contraiu o Fulgor tão rápido assim? Está claro que sua mente já se perdeu.

A parte de baixo da lança cravou-se na nuca de Thomas; ele se estatelou ainda mais no chão, estrelas negras dançando na superfície poeirenta sob seu rosto. Como ela era capaz de fazer aquilo com ele?

– Há algo mais que deseje dizer? – indagou Teresa. Depois de um longo momento de silêncio, ela continuou: – Pensei mesmo que não. Ponham o saco em cima dele.

As mãos agarraram grosseiramente seu ombro e o giraram de costas, o toque violento pressionando o ferimento a bala o suficiente para enviar uma dor profunda para todo o seu tronco – a primeira experiência de dor intensa no local desde que o CRUEL o curara.

Thomas gemeu. Rostos – elas não pareciam nem levemente alteradas – pairaram sobre ele, indiferentes, enquanto duas garotas seguravam a extremidade aberta do saco acima de sua cabeça.

– Não resista – avisou a garota de pele escura, o rosto brilhando de suor. – Ou será pior.

Thomas estava perplexo. Os olhos e a voz dela emanavam uma simpatia genuína por ele. Mas as palavras que disse em seguida não poderiam ter sido mais desconcertantes:

– Melhor se entregar e deixar que o matemos logo. Não lhe fará bem nenhum continuar sentindo uma dor imensa ao longo do caminho.

O saco escorregou sobre sua cabeça e tudo o que pôde ver foi uma lúgubre luz marrom.

45

Seguraram Thomas no chão até envolvê-lo todo com o saco. Depois, amarraram-lhe a abertura nos pés com uma corda, dando um nó, e passaram esta última ao redor de seu corpo, imobilizando-o por completo, dando outro nó logo acima de sua cabeça.

Thomas sentiu o saco sendo esticado, e a cabeça se projetou para cima. Imaginou que as garotas seguravam cada uma das extremidades daquela corda que parecia ser incrivelmente longa. O que só podia significar uma coisa: iriam arrastá-lo. Não conseguiu aguentar mais e passou a se contorcer, muito embora soubesse o que lhe custaria.

– Teresa! Não faça isso comigo!

Dessa vez um punho atingiu-o diretamente no estômago, fazendo-o uivar de dor. Tentou se curvar ou levar as mãos ao local, mas não conseguiu, por causa do estúpido saco apertado. Sentiu um acesso de náusea; resistindo como pôde, manteve a comida no lugar.

– Já que obviamente não se importa consigo mesmo – avisou Teresa –, fale de novo e começarei a atirar nos seus amigos. Parece um bom plano?

Thomas não respondeu; soltou apenas um soluço silencioso de agonia. Tinha pensado realmente, no dia anterior, que as coisas pareciam melhorar no mundo? Sua infecção tratada e o ferimento curado, longe da cidade dos Cranks, nada além de uma rápida e árdua caminhada pelas montanhas entre eles e o Refúgio Seguro. Devia estar mais esperto depois de tudo pelo que tinha passado.

– Não estou brincando! – Teresa gritou para os Clareanos. – Não haverá aviso. Sigam-nos, e flechas começarão a voar.

Thomas divisou o perfil dela ajoelhando-se a seu lado, e ouviu a fricção de

seus joelhos contra a areia. Então ela o agarrou através do saco, pôs a cabeça contra a dele, a boca a poucos centímetros de seu ouvido. Começou a sussurrar, tão baixinho que ele precisou se esforçar para escutar, concentrando-se em isolar as palavras do ruído da brisa.

– Estão me impedindo de falar com você mentalmente. Lembre-se de confiar em mim.

Thomas, surpreso, precisou lutar para manter a boca fechada.

– O que está dizendo a ele? – A pergunta veio de uma das garotas que segurava um dos lados da corda amarrada ao saco.

– Quero que ele saiba o quanto isso me diverte; o quanto me agrada a vingança. Algum problema pra você?

Thomas nunca a tinha ouvido falar com tanta arrogância. Ou Teresa se tornara uma atriz realmente boa, ou havia começado a enlouquecer de fato, demonstrando ter dupla personalidade.

– Bem – a outra garota respondeu –, fico feliz que esteja se divertindo tanto. Mas precisamos nos apressar.

– Eu sei – disse Teresa. Ela agarrou a cabeça de Thomas com ambas as mãos, apertando-a em um gesto violento. Encostou a boca contra o material grosseiro do saco, pressionando-o contra a orelha dele. Quando falou, de novo naquele sussurro morno, ele pôde sentir a respiração dela através da juta.

– Aguente firme. Voltarei logo.

Aquelas palavras confundiram Thomas; não fazia ideia do que pensar. Estaria ela sendo sarcástica?

Ela o soltou e tornou a se levantar.

– Muito bem, vamos dar o fora daqui. Fiquem atentas pra passarem sobre o máximo de pedras que puderem ao longo do caminho.

As captoras começaram a se movimentar, arrastando-o atrás delas. Sentia em cheio o impacto do chão rochoso embaixo de si – o grande saco não oferecia absolutamente nenhuma proteção. Doía. Thomas arqueava as costas, concentrando todo o peso nos pés, deixando que os sapatos suportassem a carga dos solavancos. Mas sabia que suas forças não durariam para sempre.

Teresa caminhava bem ao lado dele enquanto o arrastavam. Podia sentir a presença dela através da juta.

Foi então que Minho começou a gritar, a voz quase sumida a distância, o som de seu corpo arrastado sobre a poeira tornando muito mais difícil ouvi-lo. O que Thomas escutou mesmo, no entanto, deu-lhe poucas esperanças. Entre

ruídos incompreensíveis e sem sentido, Thomas ouviu as palavras "vamos encontrá-la", "no momento certo" e "armas".

Teresa tornou a desfechar o punho contra o estômago de Thomas, fazendo Minho se calar.

E assim seguiram pelo Deserto, Thomas se contorcendo sobre a poeira como um saco de roupas velhas.

Thomas imaginava coisas horríveis enquanto percorriam o caminho. Suas pernas enfraqueciam a cada segundo, e sabia que teria de parar em breve. Pensou nos ferimentos sanguinolentos, nas cicatrizes permanentes.

Mas talvez não importasse, pois, de qualquer modo, planejavam matá-lo.

Teresa havia dito para confiar nela. E, muito embora tivesse dificuldade em fazê-lo, tentava acreditar nela. Será que tudo aquilo que fizera com ele desde que reaparecera com as armas e o Grupo B era de fato uma encenação? Que motivo teria para ficar lhe sussurrando que confiasse nela?

Sua mente girou o tempo todo em círculos, até não conseguir mais se concentrar. O corpo era friccionado sem piedade, e gostaria de pensar numa maneira de impedir que cada centímetro de pele fosse esfolado.

As montanhas o salvaram.

Quando começaram a subir pela encosta íngreme, as garotas sentiram dificuldade em arrastar seu corpo como vinham fazendo no terreno plano. Tentaram puxá-lo com movimentos bruscos, mas escorregavam e o deixavam deslizar. Então alçavam-no de novo, só para que escorregasse mais uma vez. Por fim, Teresa sugeriu que seria mais fácil carregá-lo pelos ombros e tornozelos, o que deveriam fazer em turnos.

Então ocorreu a Thomas uma ideia tão óbvia que ele considerou ter deixado escapar algum detalhe. Não poderia ser tão simples assim.

– Por que não me deixam andar? – gritou através do saco, a voz abafada e rouca devido à poeira. – Quero dizer, vocês têm armas. O que eu poderia fazer?

Teresa lhe deu um chute na lateral do corpo.

– Cale a boca, Thomas. Não somos idiotas. Estamos esperando até que seus parceiros Clareanos não possam mais nos ver.

Fez o melhor possível para conter um gemido quando o pé dela se chocou contra suas costelas.

– Hã? Por quê?

– Porque foi isso o que nos disseram pra fazer. Agora cale a boca!

– Por que contou isso a ele? – sussurrou uma das outras garotas, a voz ríspida.

– O que importa? – respondeu Teresa, sem parecer nem um pouco constrangida pelo que diria em seguida. – Vamos matá-lo de qualquer maneira. Que importância tem se ele sabe ou não o que nos disseram pra fazer?

Disseram pra fazer, pensou Thomas. O pessoal do CRUEL.

Uma voz diferente se manifestou.

– Bem, mal posso vê-los agora. Assim que chegarmos àquela ravina, estaremos fora do campo de visão deles, e nunca mais nos encontrarão depois disso. Mesmo que nos sigam.

– Certo – concordou Teresa. – Vamos levá-lo até lá.

Mãos agarraram Thomas por todos os lados, erguendo-o no ar. Pelo que pôde distinguir através do saco, Teresa e três de suas novas amigas o carregavam. Elas abriram caminho em meio aos rochedos, por entre árvores mortas, subindo e subindo sem parar. Podia ouvir a respiração pesada delas, o odor de suor, odiando-as mais a cada passo oscilante. Até mesmo Teresa. Tentou uma última vez alcançar a mente dela, renovar seu estoque de confiança, mas não havia nada ali.

A subida continuou por cerca de mais uma hora – com paradas aqui e ali para que as garotas se revezassem no transporte da carga –, e tinha se passado pelo menos o dobro desde que haviam deixado os Clareanos. O sol agora chegava a um ponto em que se tornaria ameaçador, e o calor já sufocava quando contornaram um paredão imenso, o chão se nivelando um pouco, e adentraram uma zona de sombra. O ar refrescante foi um alívio.

– Muito bem – disse Teresa. – Desçam-no.

Sem cerimônia, elas fizeram o que Teresa havia dito, largando-o de qualquer jeito no chão e provocando em Thomas um forte grunhido de protesto. A pancada arrancou-lhe o ar dos pulmões, e ele ficou deitado, tentando respirar, enquanto as garotas começavam a desamarrar as cordas. No momento em que recuperou o fôlego, o saco fora arrancado.

Ele piscou, olhando para Teresa e suas amigas. Todas tinham armas apontadas para ele, o exagero parecendo incrivelmente ridículo.

De algum lugar, retirou um vestígio de coragem.

– Vocês devem mesmo ter medo de mim. Vinte de vocês com facas e facões, e eu sem nada. Sinto-me muito especial.

Teresa recuou a lança.

– Espere! – Thomas gritou, e ela estacou. Ele ergueu as mãos em um gesto de paz, levantando-se devagar. – Olhe, não vou tentar nada. Apenas me levem aonde quer que tenham de me levar, e depois as deixo me matarem como um bom garoto. Não tenho mesmo nenhuma droga de incentivo pra viver.

Olhou direto para Teresa ao dizer isso, tentando carregar as palavras com o máximo de rancor. Ainda guardava um resquício de esperança de que, de algum modo, aquilo fizesse sentido, mas, depois da maneira como o haviam tratado, seu humor não estava lá essas coisas.

– Vamos – disse Teresa. – Estou enjoada disso tudo. Vamos entrar no Desfiladeiro pra poder dormir pelo resto do dia. À noite, começaremos a travessia.

A garota de pele escura que havia ajudado a enfiá-lo no saco perguntou em seguida:

– E quanto a esse cara que arrastamos pelas últimas horas?

– Não se preocupe, vamos matá-lo – replicou Teresa. – Vamos matá-lo exatamente da maneira como nos instruíram. Será a punição dele pelo que fez comigo.

46

Thomas não compreendia o sentido da última declaração de Teresa. O que havia feito a ela? Mas sua mente se turvou enquanto prosseguiam naquela caminhada infinita, aparentemente de volta ao acampamento do Grupo B. Na subida ininterrupta para o alto de um morro, sentiu os músculos das pernas queimarem. Um penhasco próximo mantinha-os na sombra enquanto caminhavam, mas tudo ainda estava bastante avermelhado, marrom e árido. Seco. Poeirento. As garotas lhe deram alguns goles de água, mas Thomas tinha certeza de que cada gota evaporara antes de atingir o estômago.

Chegaram a uma grande reentrância no paredão leste quando o sol do meio-dia surgiu acima deles, uma bola de fogo dourada com poder suficiente para reduzi-los a cinzas. A caverna embrenhava-se cerca de doze metros montanha adentro; era óbvio que ali era o acampamento delas, e pareciam já ter estado naquele lugar por alguns dias. Cobertas espalhadas, resquícios de uma fogueira, um resto de lixo empilhado no chão. Só três pessoas estavam lá quando chegaram – garotas, como as outras –, o que significava não ter sido necessário convocarem todas elas para sequestrar Thomas.

Também, com todos aqueles arcos, flechas, facas e facões? Parecia quase uma tolice depender de tanta gente. Algumas delas, apenas, teriam se incumbido muito bem da tarefa.

Ao longo do caminho, Thomas aprendeu algumas coisas. O nome da garota de pele escura era Harriet, e que estava sempre com ela, de cabelo castanho-avermelhado e pele muito, mas muito branca mesmo, chamava-se Sonya. Embora não pudesse afirmar com certeza, apostava que essas duas deviam estar no comando até a chegada de Teresa. Agiam com certa autoridade, mas sempre se submetiam a ela no final.

– Muito bem – disse Teresa. – Vamos amarrá-lo naquela árvore horrenda. – Apontou para o esqueleto de um carvalho, branco como um punhado de ossos, as raízes ainda agarradas ao solo rochoso, muito embora devesse estar morto por anos e anos. – E poderíamos alimentá-lo já pra que não fique gemendo nem reclamando o dia inteiro, fazendo-nos acordar.

Ela está exagerando um pouco, não está não?, pensou Thomas. Quaisquer que fossem suas verdadeiras intenções, as palavras dela começaram a soar um tanto ridículas. E não havia como negar: realmente começava a odiá-la, não importava o que houvesse dito no início.

Não ofereceu nenhuma resistência a que amarrassem seu corpo à árvore, tendo as mãos ficado livres. Depois de largá-lo ali sentado e bem amarrado, deram-lhe algumas barras de granola e uma garrafa de água. Ninguém falou com ele nem o encarou. Estranhamente, pareceu a Thomas que todas as garotas se sentiam um pouco culpadas. Começou a comer e, enquanto o fazia, observava cada detalhe ao redor com o máximo de atenção. Seus pensamentos foram longe, enquanto as garotas se acomodavam para dormir, aproveitando o que restava da luz do dia. Alguma coisa não estava certa em tudo aquilo.

A exibição de Teresa não parecia uma atuação. Nunca havia parecido. Seria possível que estivesse fazendo exatamente o contrário do que tinha anunciado, deixando-o pensar que podia confiar nela, quando seu plano na verdade era…

Com um susto, recordou-se da placa no lado de fora de seu dormitório. A Traidora. Tinha esquecido dela por completo até o momento. Agora as coisas começavam a fazer mais sentido.

O CRUEL era o patrão ali. E eles eram a única esperança de sobrevivência dos grupos. Se realmente haviam lhe dito que deveria matá-lo, será que ela o faria? Para se salvar? E o que significavam aquelas palavras sobre ter feito algo a ela? Será que tinham conseguido manipular os pensamentos de Teresa? Para que não gostasse mais dele?

Depois, havia a tatuagem em sua pele e as placas na cidade. A tatuagem o advertira; as placas diziam que era o verdadeiro Líder. A placa na porta de Teresa havia sido outro aviso.

Ainda assim... não tinha armas e estava amarrado a uma árvore. O Grupo B era mais numeroso, com mais de vinte pessoas contra ele sozinho. E todas tinham armas. Fácil concluir o final da história.

Suspirando, terminou de comer e se sentiu um pouco melhor fisicamente. E, embora não soubesse bem como as coisas se encaixavam, tinha uma nova

confiança de que estava perto dessa compreensão. E de que não poderia desistir.

Harriet e Sonya haviam arrumado a cama por perto; ficaram lançando olhares em sua direção enquanto se aprontavam para dormir. De novo, Thomas percebeu um traço de vergonha e culpa marcando aqueles rostos. Viu nisso uma oportunidade de lutar pela própria vida, nem que fosse com palavras.

– Ei, meninas. Vocês não vão me matar, não é? – perguntou no mesmo tom de quem as flagrasse contando uma mentira. – Já mataram alguém antes?

Harriet dirigiu-lhe um olhar duro, detendo-se um pouco antes de repousar a cabeça sobre o leito de cobertas. Apoiou-se em um dos cotovelos.

– Com base no que Teresa nos contou, escapamos do Labirinto três dias antes do seu grupo. Perdemos menos pessoas e matamos mais Verdugos pelo caminho. Acho que dar cabo de adolescentezinhos insignificantes não será muito difícil.

– Pensem na culpa que vão sentir. – Tudo o que podia era fazer com que refletissem melhor.

– Vamos superar.

Mostrou-lhe a língua – literalmente, ela havia mostrado a língua! –, e em seguida recostou a cabeça e fechou os olhos.

Sonya sentou com as pernas cruzadas, parecendo estar tão distante do ato de dormir quanto seria humanamente possível.

– Não temos escolha. O CRUEL disse que essa era nossa única tarefa. Se não o fizermos, não vão nos deixar chegar ao Refúgio Seguro. Morreremos aqui no Deserto.

Thomas deu de ombros.

– Ei, eu compreendo. É um sacrifício para se salvarem. Muito nobre.

Ela o fitou longamente; Thomas precisou se esforçar para não desviar o olhar. Por fim, a garota desistiu de encará-lo e se deitou, a cabeça virada para o outro lado.

Teresa se aproximou, o rosto transtornado de indignação.

– Sobre o que estão conversando?

– Nada – murmurou Harriet. – Diga pra ele calar a boca.

– Cale a boca – repetiu Teresa.

Thomas abafou uma risadinha sarcástica.

– O que vai fazer, me matar se não ficar quieto?

Ela nada respondeu; apenas continuou observando-o, o rosto inexpressivo.

– Por que me odeia assim de repente? – indagou ele. – O que fiz pra você?

Sonya e Harriet haviam se voltado para ouvir, olhando de um lado para o outro, de Thomas para Teresa.

– Você sabe o que fez – Teresa pronunciou após um momento de silêncio. – Assim como todo mundo aqui… contei tudo a elas. Mas, ainda assim, não teria descido a seu nível e tentado matá-lo. Só faremos isso porque não temos escolha. Sinto muito. A vida é dura.

Um brilho diferente perpassara seu olhar?, perguntou-se Thomas. Estaria tentando lhe dizer alguma coisa?

– Que história é essa de descer ao meu nível? Nunca matei um amigo pra salvar meu traseiro. Nunca.

– Nem eu. E é por isso que estou satisfeita por não sermos amigos. – Ela fez menção de se virar.

– E então? O que fiz a você? – Thomas perguntou novamente. – Desculpe, devo estar com algum lapso de memória… você sabe, temos muito disso por aqui. Refresque minha mente.

Ela deu meia-volta abruptamente e o fuzilou com olhos ferozes.

– Não me insulte. Não ouse chegar aqui e agir como se nada tivesse acontecido. Agora, cale a boca, ou vou lhe causar outro ferimento nessa sua carinha linda.

Saiu pisando duro, e Thomas permaneceu em silêncio. Mudou de posição até se sentir mais confortável, a cabeça pendendo para trás contra a madeira sem vida da árvore. Tudo na sua atual situação cheirava mal, mas estava decidido a descobrir o que era. E a sobreviver.

Acabou adormecendo.

47

Thomas teve um sono inquieto durante algumas horas, mexendo-se e contorcendo o corpo, enquanto tentava encontrar uma posição confortável sobre a rocha dura. Por fim adormeceu profundamente, e depois veio o sonho.

Thomas tem quinze anos. Não entende como pode ter certeza disso. Algo a ver com o momento da lembrança. É uma lembrança?

Ele e Teresa estão parados diante de um imenso painel de telas, cada uma mostrando diversas imagens da Clareira e do Labirinto. Os focos se movimentam com rapidez, e ele sabe por quê. Aquelas tomadas de câmera vêm dos besouros mecânicos, e de vez em quando eles precisam mudar de posição. Quando o fazem, é como seguir o olhar de um rato.

– Não posso acreditar que estejam todos mortos – diz Teresa.

Thomas está confuso. Uma vez mais não compreende direito o que está acontecendo. Está dentro daquele garoto que deve ser ele, mas não sabe sobre o que Teresa está falando. Obviamente não se trata dos Clareanos – em uma tela ele pode ver Minho e Newt caminhando em direção à floresta; em outra, Gally está sentado no beliche. Depois, Alby gritando com alguém que Thomas não reconhece.

– Sabíamos que isso aconteceria – ele responde, sem entender muito bem por que falou aquilo.

– Ainda é difícil de admitir. – Não trocam olhares; só ficam analisando as telas. – Agora depende de nós. E das pessoas nos barracões.

– Nada mal – diz Thomas.

– Chego quase a sentir tanta pena deles quanto sinto dos Clareanos. Quase.

Thomas reflete sobre o que aquelas palavras significam, enquanto a versão mais jovem no sonho pigarreia para limpar a garganta.

– Acha que aprendemos o suficiente? Acha mesmo que podemos nos dar bem, com todos os Criadores originais mortos?

– Precisamos, Tom. – Teresa se aproxima dele e coloca sua mão entre as dela. Ele a fita, mas não consegue interpretar a expressão de seu rosto. – Está tudo pronto. Temos um ano para treinar as substituições e nos aprontar.

– Mas não é correto. Como podemos lhes pedir que...

Teresa revira os olhos e aperta tanto a mão dele que chega a causar dor.

– Eles sabem no que estão se metendo. Não fale mais desse jeito.

– Certo. – De algum modo, Thomas sabe que a versão de si mesmo na imagem que está vendo se sente morta por dentro. Suas palavras não significam nada. – Tudo o que importa agora são os padrões. A zona de conflito letal. Nada mais.

Teresa balança a cabeça em concordância.

– Não importa quantos morram ou fiquem feridos. Se as Variáveis não funcionarem, terão o mesmo fim. Todos terão.

– Os padrões – repete Thomas.

Teresa aperta sua mão.

– Os padrões.

Quando Thomas acordou, a luz declinava para um tom cinzento e opaco, enquanto o sol mergulhava num horizonte que ele não conseguia mais avistar. Harriet e Sonya estavam sentadas a pouco mais de um metro dele. As duas o olhavam de um modo estranho.

– Boa noite – disse com falso entusiasmo, o sonho turbulento ainda fresco na memória. – Posso fazer alguma coisa por vocês, garotas?

– Queremos que nos conte o que sabe – disse Harriet em voz baixa.

A névoa do sono se desfez rapidamente.

– Por que eu as ajudaria? – Desejava se sentar e pensar sobre o que tinha sonhado, mas notou que algo havia mudado: dava pra ver no olhar de Harriet, e não podia desperdiçar a chance de descobrir o que era.

– Não acho que tenha muita escolha – retrucou Harriet. – Mas, se contar tudo o que aprendeu ou descobriu, talvez possamos ajudar você.

Thomas olhou ao redor em busca de Teresa, mas não a viu.

– Onde está…

Sonya o interrompeu.

– Ela disse que queria investigar a área para ver se seus amigos não haviam nos seguido. Saiu faz mais ou menos uma hora.

Mentalmente, Thomas viu a Teresa de seu sonho: observando aquelas telas, falando sobre os Criadores mortos e a zona de conflito letal. Falando sobre padrões. Como aquilo tudo se encaixava?

– O gato comeu a sua língua?

Seus olhos se desviaram para Sonya.

– Não, hum… significa que estão pensando melhor sobre a questão de me matar? – As palavras em voz alta lhe soaram muito tolas, e imaginou quantas pessoas no mundo já haviam feito perguntas desse tipo.

Harriet lhe deu um sorriso forçado.

– Não se apresse em tirar conclusões. E não pense que agimos sempre corretamente. Digamos que temos nossas dúvidas e queremos conversar… mas suas chances de sobrevivência são quase nulas.

Sonya seguiu a mesma linha de raciocínio.

– Provavelmente, a coisa mais inteligente agora é fazer o que nos mandaram. Somos bem mais numerosas que você. Quero dizer, ora... Se a decisão fosse sua, não faria o serviço?

– Com toda a certeza optaria por não me matar.

– Não seja besta. Não tem graça. Se pudesse escolher, e as duas opções fossem você morrer ou todas nós morrermos, qual escolheria? É uma questão entre você ou nós.

Seu semblante evidenciava a seriedade do assunto, e a pergunta atingiu Thomas como um soco no peito. Ela tinha razão, pelo menos até certo ponto. Se aquilo fosse acontecer mesmo – todas morreriam, caso não se livrassem dele –, como esperar que o deixassem viver?

– Vai responder ou não? – insistiu Sonya.

– Estou pensando. – Thomas fez uma pausa, enxugando um pouco do suor da testa. O sonho mais uma vez tentou se projetar à frente dos pensamentos, e ele teve de se forçar a esquecê-lo. – Certo, vou ser bem franco. Prometo. Se estivesse no seu lugar, escolheria não me matar.

Harriet revirou os olhos.

– Pra você é fácil dizer, porque não é a sua vida que está em jogo.

– Não é bem assim. Acho que se trata de uma espécie de teste, e talvez não

devam mesmo fazer isso. – Os batimentos cardíacos de Thomas aceleraram; pretendia convencê-las, mas duvidava de que acreditassem nele, ainda que tentasse explicar. – Talvez devamos todos revelar as informações que temos, para descobrir alguma coisa.

Harriet e Sonya se entreolharam longamente.

Sonya por fim concordou; e Harriet disse:

– Temos nossas dúvidas sobre essa coisa toda desde o início. Algo aqui não está certo. Acho que é melhor mesmo conversarmos. Mas deixe a gente chamar as garotas aqui primeiro.

Levantaram-se e foram chamar as demais.

– Andem logo, então – disse Thomas, cogitando se teria de fato uma chance de sair daquela encrenca. – É melhor fazermos isso antes que Teresa volte.

48

Não demorou muito para que todas se reunissem – Thomas imaginou que a rapidez se devesse à curiosidade de ouvir o que aquele morto-vivo tinha a dizer antes de estar morto. As garotas formaram um grupo concentrado à frente dele, que permaneceu amarrado à árvore sombria e sem vida.

– Muito bem – disse Harriet. – Você fala primeiro, depois nós.

Thomas concordou e limpou a garganta. Começou a falar, muito embora ainda não tivesse planejado totalmente o que iria dizer.

– Tudo o que sei sobre o seu grupo é o que soube pelo Aris. E parece que todos passamos por praticamente as mesmas coisas dentro do Labirinto. Mas, desde que fugimos, muitas coisas têm sido diferentes. E não estou bem certo sobre o que vocês sabem sobre o CRUEL.

Sonya o interrompeu.

– Não muito.

Isso encorajou Thomas, fazendo-o sentir como se estivesse em vantagem. E pareceu um grande erro para Sonya ter admitido aquilo.

– Bem, aprendemos um monte de coisas sobre eles. Todos nós somos especiais de algum modo… estamos sendo testados, ou coisa parecida, porque eles têm planos pra nós. – Fez uma pausa, mas ninguém mostrou uma grande reação. Então ele continuou. – Uma porção de coisas que eles estão fazendo conosco não têm sentido porque são apenas parte dos experimentos… que o CRUEL chama de Variáveis. Ver como reagimos em determinadas situações. Não entendo tudo, nem mesmo chego perto, mas acho que essa coisa toda sobre me matar é apenas uma outra camada. Ou outra mentira. Portanto... acho que isso é apenas uma outra Variável pra ver o que todos fazemos.

– Em outras palavras – disse Harriet –, você quer que arrisquemos a nossa

vida por causa da sua brilhante dedução.

– Você não percebe? Me matar não faz nenhum sentido. Talvez seja um teste pra vocês, não sei. Mas sei que posso ajudar vocês se estiver vivo, não morto.

– Ou – replicou Harriet – estamos sendo testadas pra ver se temos a coragem de matar o Líder dos nossos adversários? Pra ver se o nosso grupo se sai bem? Separar os fracos e deixar os fortes?

– Eu nem mesmo sou o Líder… é o Minho. – Thomas balançou a cabeça contrariado. – Não, pensem nisso. Como vão mostrar alguma força me matando? Estou totalmente em minoria e vocês têm todas essas armas. Como isso prova quem é o mais forte?

– Então o que isso tem a ver com tudo? – gritou uma garota de trás do grupo.

Thomas fez uma pausa, escolhendo cuidadosamente as palavras.

– Acho que isso é um teste pra ver se vocês pensam por si mesmas, mudam os planos, tomam decisões racionais. E quanto mais de nós existirem, maiores as chances de conseguirmos chegar ao Refúgio Seguro. Me matar não faz sentido, não faz bem a ninguém. Se vocês precisavam provar que tinham força, já fizeram isso me capturando. Mostrem a eles que vocês não vão engolir tudo cegamente.

Ele parou, relaxando contra a árvore. Não conseguia pensar em mais nada. Agora tudo dependia delas. Ele tinha feito o seu melhor lance.

– Interessante – disse Sonya. – Parece muito com algo que uma pessoa desesperada pra não morrer diria.

Thomas deu de ombros.

– Realmente acho que a verdade é essa. Acho que, se me matarem, terão falhado no verdadeiro teste que o CRUEL está fazendo com vocês.

– É, aposto que você acha isso – disse Harriet. Ela se levantou. – Olhe, pra ser franca, estivemos pensando no mesmo tipo de coisas. Mas queríamos ver o que você tinha a dizer. O sol deve baixar em breve e estou certa que Teresa estará de volta a qualquer instante. Vamos voltar a discutir isso quando ela chegar aqui.

Thomas falou rapidamente, preocupado que Teresa não se deixasse dobrar.

– Não! Quero dizer, ela parece ser a que está mais fanática por me matar. – Ele disse aquilo, muito embora no fundo não quisesse ter dito. Por pior que ela o tivesse tratado, com certeza não falava sério em cometer o assassinato. –

Acho que vocês deviam tomar a decisão.

– Calminha aí – disse Harriet, um meio-sorriso no rosto. – Se decidirmos não matá-lo, ela não poderá fazer nada contra a nossa vontade. Mas se… – Ela parou, uma expressão estranha brotando em sua face. Estaria preocupada por ter falado demais? – Vamos descobrir.

Thomas tentou não mostrar seu alívio. Poderia ter apelado um pouco mais ao orgulho delas, mas tentou não abusar das esperanças.

Ficou observando enquanto as garotas reuniam seus pertences e guardavam tudo nas mochilas – Onde elas conseguiram tudo aquilo?, imaginou – aprontando-se para a jornada noturna, por onde quer que pudesse ser. Os murmúrios e sussurros das conversas flutuavam no ar, enquanto elas continuavam olhando na direção dele, obviamente discutindo sobre o que lhes dissera.

A escuridão se tornou cada vez mais intensa, até que Teresa finalmente apareceu, vindo da mesma direção por onde haviam chegado mais cedo naquele dia. Ela percebeu de imediato que alguma coisa estava diferente, provavelmente pelo modo como todo mundo olhava, ora para ela, ora para Thomas.

– O que foi? – indagou ela, com a mesma expressão dura no rosto que exibira o dia inteiro.

Foi Harriet quem respondeu.

– Precisamos conversar.

Teresa pareceu confusa, mas foi para o lado mais distante da reentrância no penhasco, acompanhada pelo resto do grupo. Sussurros furiosos encheram imediatamente o ar, mas Thomas não conseguiu entender uma única palavra do que era dito. Seu estômago se encolhia ante a expectativa do veredicto.

De onde estava, podia ver que a conversa começava a ficar exaltada e que Teresa parecia tão irritada quanto qualquer das outras. Ele observou a expressão dela se intensificar, enquanto tentava impor uma opinião. Parecia ser ela contra o resto do grupo, o que deixou Thomas muito nervoso.

Finalmente, quando a noite havia caído por completo, Teresa se virou, se afastou pisando duro do grupo de garotas e começou a caminhar para longe do acampamento, dirigindo-se para o norte. Levava a lança sobre um ombro e uma mochila sobre o outro. Thomas a observou partindo, até que desapareceu entre as paredes estreitas do Desfiladeiro.

Ele olhou de volta para o grupo de garotas, muitas das quais pareciam

aliviadas. Harriet se encaminhou na direção dele. Sem dizer uma palavra, ela se ajoelhou e desamarrou a corda que o prendia à árvore.

– E então? – Thomas finalmente perguntou. – Vocês, meninas, decidiram alguma coisa?

Harriet não respondeu enquanto não o desamarrou por completo. Então, sentou-se sobre os calcanhares e olhou para ele, os olhos escuros refletindo a luz fraca das estrelas e da lua.

– É o seu dia de sorte. Nós decidimos não matar você, afinal de contas. Não pode ser coincidência que estivéssemos todos pensando as mesmas coisas tão intensamente.

Thomas não sentiu o esperado acesso de alívio. Naquele momento, ele concluiu que sabia o tempo todo o que elas decidiriam.

– Mas vou lhe dizer uma coisa – disse Harriet enquanto se levantava, estendendo a mão para ajudá-lo a fazer o mesmo. – Teresa não gosta de você. Eu tomaria todo o cuidado com ela se fosse você.

Thomas deixou que Harriet o puxasse para cima, a confusão e a dor se insinuando para dominar as suas entranhas.

Teresa realmente o queria morto.

49

Thomas permaneceu em silêncio enquanto comia com o Grupo B e se preparava para partir. Logo seguiram caminho pela escuridão do desfiladeiro, em meio às montanhas, dirigindo-se ao Refúgio Seguro, que supostamente os esperava do outro lado. De repente, pareceu-lhe estranho se relacionar com aquelas pessoas, depois do que haviam lhe feito, mas as garotas agiam como se nada incomum tivesse acontecido em qualquer momento. Trataram-no como a um igual, como se pertencesse ao grupo.

No entanto, Thomas manteve certa distância, ficando para trás e imaginando se poderia confiar totalmente na mudança de opinião a seu respeito. O que deveria fazer? Mesmo que Harriet e as outras tivessem poupado sua vida, deveria tentar encontrar o próprio grupo: Minho, Newt e todos os outros? Queria desesperadamente estar de novo com seus amigos e Brenda. Mas sabia que o tempo se esgotava, e não tinha comida nem água para se virar sozinho. Era preciso torcer para que os garotos chegassem também ao Refúgio Seguro.

Assim, continuou andando, próximo do Grupo B, mas nem tanto.

Algumas horas se passaram, nada além de penhascos rochosos se esgueirando e o rangido de areia e pedras sob os pés para lhes fazer companhia. Era bom estar de novo em movimento, esticar as pernas e os músculos. Mas o prazo final se aproximava com rapidez. E quem poderia dizer qual obstáculo surgiria em seguida? Ou será que as garotas tinham outros planos para ele? Thomas refletiu muito sobre os sonhos que vinha tendo, mas ainda não conseguia juntar todas as peças para compreender de verdade o que estava acontecendo.

Harriet foi ficando para trás, até que os dois estivessem lado a lado.

– Desculpe por termos arrastado você pelo Deserto no saco – ela falou. Thomas não conseguia distinguir muito bem seu rosto sob a fraca

luminosidade, mas imaginou um sorriso afetado nele.

– Ah, não tem problema; achei bom ser carregado por um tempo. – Thomas precisava fazer sua parte, demonstrar certo humor. Ainda não confiava totalmente nas garotas, mas não tinha outra opção.

Ela riu, um som que o deixou um pouco mais à vontade.

– O homem do CRUEL nos deu instruções bem específicas a seu respeito. Mas Teresa era a mais obcecada de todas nós. Quase como se a ideia de matá-lo tivesse partido dela.

Aquela informação doeu em Thomas, mas viu ali uma grande oportunidade de aprender mais alguma coisa, e não a deixaria escapar.

– O sujeito vestia uma roupa branca e tinha uma cara de rato transformado em gente?

– Tinha – ela respondeu sem hesitar. – Foi o mesmo cara que falou com seu grupo?

Thomas inclinou a cabeça, confirmando.

– Quais foram as… instruções específicas que ele deu a vocês? – tentou saber.

– Bem, a maior parte da nossa viagem foi por túneis subterrâneos. Por isso vocês não nos viram no Deserto. A primeira coisa que devíamos fazer foi aquela esquisitice, quando você e Teresa conversaram naquele prédio no lado sul da cidade. Lembra?

O estômago de Thomas se contraiu. O grupo estava com ela naquele momento?

– Hã... sim, claro que me lembro.

– Bem, acho até que já chegou a essa conclusão, mas tudo aquilo era uma farsa, uma espécie de preparação para lhe dar falsa segurança. Teresa nos contou que, de algum modo, a controlaram o bastante para fazê-la beijar você. É verdade?

Thomas parou de andar, inclinou-se e apoiou as mãos nos joelhos. Algo havia lhe roubado o fôlego. Então era isso. Oficial e completamente, havia perdido qualquer resquício de dúvida. Teresa tinha se voltado contra ele. Talvez jamais houvesse estado do seu lado de verdade.

– Sei que deve ser péssimo ouvir isso – disse Harriet em voz baixa. – Parece que você se sentia realmente próximo a ela.

Thomas tentou se recompor, inspirando uma grande quantidade de ar.

– Eu só... esperava que fosse exatamente o contrário. Pensei que a estivessem

forçando a me fazer mal, que ela rompera com eles o bastante pra me beijar.

Harriet pousou a mão no braço dele.

– Desde que Teresa se juntou a nós, tem pintado você como um monstro que fez algo realmente horrível com ela, só que nunca nos contou o que foi. Mas vou lhe dizer uma coisa: você não é de jeito nenhum como ela descreveu. Acredito que tenha sido esse o principal motivo para termos mudado de ideia.

Thomas fechou os olhos e tentou aquietar as batidas do coração. Depois, balançou a cabeça e pediu:

– Tudo bem, conte o resto. Preciso ouvir tudo. Tudo mesmo.

Harriet se aproximou ainda mais dele.

– As instruções pra matar você determinavam que deveríamos capturá-lo no Deserto, como fizemos, e trazê-lo até aqui. Só nos falaram para enfiá-lo num saco enquanto o Grupo A estivesse à vista. Então… bem, o grande dia devia ser depois de amanhã. Haveria um local encravado na face norte da montanha, um lugar especial para... você sabe... matá-lo.

Thomas fez menção de parar para recuperar o fôlego mais uma vez, mas decidiu prosseguir.

– Um local? O que isso significa?

– Não sei. Só nos disseram que saberíamos o que fazer quando chegássemos lá. – Ela se deteve, depois estalou os dedos, como se tivesse acabado de pensar em uma coisa. – Aposto que é pra onde Teresa tinha ido hoje cedo.

– Por quê? Estamos muito perto do outro lado?

– Não faço ideia, pra ser honesta.

Ficaram em silêncio e continuaram andando.

Demorou mais tempo do que Thomas havia pensado. Estavam no meio da segunda noite de marcha quando gritos à frente anunciaram que haviam chegado ao fim do Desfiladeiro. Thomas, que tinha seguido na retaguarda do grupo, saiu correndo para ver; queria desesperadamente saber o que havia na face norte da montanha. De um modo ou de outro, seu destino o esperava lá.

O grupo de garotas tinha se reunido em um espaço aberto entre as rochas, que se estendiam ao longo do estreito cânion do Desfiladeiro, antes de descer por uma encosta íngreme até o sopé da montanha lá embaixo. A lua, quase cheia, iluminava o vale à frente deles, tingindo-o com sombrios reflexos

arroxeados. Tudo muito plano. Sem nada à vista por quilômetros e quilômetros além de uma terra morta e esturricada.

Absolutamente nada.

Nenhum sinal de algo que pudesse ser um Refúgio Seguro. Embora devessem estar a poucos quilômetros dele.

– Quem sabe só não seja possível vê-lo daqui.

Thomas não identificou quem tinha dito aquilo, mas sabia que cada pessoa ali presente compreendia exatamente por que a garota tentava manter as esperanças.

– É isso – acrescentou Harriet, parecendo quase animada. – Pode ser outra entrada pra um dos túneis subterrâneos deles. Estou certa de que está em algum lugar.

– Quantos quilômetros você acha que ainda temos pela frente? – quis saber Sonya.

– Não podem ser mais de quinze, tendo por base onde começamos e considerando até onde o homem disse que precisávamos ir – respondeu Harriet. – Mais provável que sejam uns doze ou catorze. Pensei que chegaríamos aqui e veríamos um belo prédio com uma fachada atraente e convidativa.

Thomas estivera observando, mas também não conseguira ver nada – apenas um mar de escuridão se estendendo até o horizonte, onde parecia terem baixado uma cortina de estrelas. E nenhum sinal de Teresa em lugar algum.

– Bem – Sonya anunciou –, não temos muita escolha a não ser continuar em direção ao norte. Devíamos estar preparadas para o fato de nada ser fácil por aqui. Talvez dê para chegar ao sopé da montanha no nascer do sol, assim dormiremos em chão plano.

As outras concordaram com ela e já se encaminhavam para a descida, um caminho quase imperceptível que saía de um acúmulo de rochas, quando Thomas perguntou:

– Cadê Teresa?

Harriet se virou para ele, a luz da lua lhe banhando o rosto numa fraca luminescência.

– A essa altura, não estou nem aí. Se ela é uma garota grandinha o suficiente pra sair sozinha sem discutir o caminho a seguir, é crescida o bastante pra nos encontrar e nos alcançar quando chegar o momento. Vamos.

Voltaram a caminhar, enveredando pelo trajeto sinuoso, as rochas soltas

rangendo sob seus pés. Thomas não podia evitar os olhares por sobre o ombro, em busca de um sinal de Teresa na face da montanha e na entrada estreita do Desfiladeiro. Estava muito confuso com tudo aquilo, mas ainda sentia uma estranha necessidade de vê-la. Esquadrinhou as encostas escuras, mas avistou apenas sombras fracas e o reflexo do luar.

Virou-se e começou a andar, quase aliviado por não tê-la visto.

O grupo desceu pela encosta da montanha, zigue zagueando em silêncio pela trilha. Thomas ficou para trás de novo, surpreso de como sua mente parecia uma tela em branco. Quase adormecida. Não fazia a mínima ideia de onde estavam seus amigos, tampouco dos perigos que poderiam estar à sua espera.

Depois de mais ou menos uma hora de caminhada, as pernas queimando com o incômodo esforço da descida, o grupo chegou a um bosque de árvores secas que subiam pela montanha em uma faixa extensa. Era quase como se uma cachoeira tivesse irrigado a estranha formação de árvores em uma época distante. Se fora assim, a última gota tinha sido subjugada pelo Deserto há muito tempo.

Thomas, ainda na retaguarda, acabava de desviar de uma das árvores quando uma voz chamou seu nome, sobressaltando-o tanto que ele quase tropeçou. Voltou-se com um movimento abrupto, e viu Teresa saindo de trás de uma formação espessa de madeira branca, a lança bem segura na mão direita, o rosto oculto pelas sombras. As outras não deviam ter escutado nada, pois continuaram andando.

– Teresa – Thomas sussurrou. – O que… – Sequer sabia o que dizer.

– Tom, precisamos conversar – ela respondeu, quase fazendo-o se recordar da garota que ele pensava conhecer. – Não se preocupe com as outras, apenas venha comigo. – Fez um gesto na direção das árvores atrás de si com um rápido movimento de cabeça.

Ele olhou para as garotas do Grupo B lá na frente, ainda se afastando, então se virou de novo para encarar Teresa.

– Talvez a gente devesse…

– Apenas venha. A encenação acabou. – Ela deu meia-volta e, sem esperar resposta, embrenhou-se na floresta inanimada.

Thomas refletiu intensamente por dois segundos inteiros, a mente girando em um turbilhão, o instinto gritando para que não fizesse aquilo.

Mas ele a seguiu.

50

As árvores podiam estar mortas, mas os galhos ainda se enroscavam nas roupas de Thomas e arranhavam sua pele. O branco da madeira reluzia ao luar, e os contornos de sombras no chão emprestavam ao lugar uma atmosfera assustadora. Teresa continuava caminhando em silêncio, subindo pela encosta da montanha, como uma aparição.

Enfim, Thomas encontrou coragem para articular as palavras.

– Para onde estamos indo? Você realmente espera que eu acredite que tudo aquilo foi uma encenação? Por que não parou quando todas as outras concordaram em não me matar?

Mas a resposta dela foi estranha. Virando um pouco a cabeça, Teresa indagou:

– Você conheceu o Aris, certo? – Perguntou aquilo sem diminuir a marcha; ao contrário, continuou avançando.

Thomas se deteve por um instante, completamente tomado de surpresa.

– Aris? O que sabe sobre ele? O que o Aris tem a ver com tudo isso? – Ele se apressou para alcançá-la de novo, curioso, mas temendo, por algum motivo, a resposta.

Teresa não disse nada de imediato, abrindo caminho por entre galhos secos bem fechados; um deles voou para trás e o golpeou em cheio no rosto quando ela o soltou. Assim que atravessou esse trecho, parou e se voltou para ele, exatamente no ponto em que um raio de luar lhe chegava ao rosto, revelando-o. Parecia triste.

– Por acaso eu conheço Aris muito bem – respondeu, a voz contida. – Muito melhor do que você gostaria. Ele não só teve uma participação importante na minha vida antes do Labirinto, como também podemos nos

comunicar em pensamento, assim como acontecia entre mim e você. Mesmo quando eu estava na Clareira, nos comunicávamos o tempo todo. E sabíamos que eles acabariam nos reunindo outra vez.

Thomas procurou em vão por uma resposta. Aquela informação era tão inesperada que pensou se tratar de uma brincadeira. Outro truque do CRUEL.

Teresa aguardava, os braços cruzados, como se apreciasse sua dificuldade em voltar a falar.

– Está mentindo – Thomas conseguiu dizer. – Tudo o que faz é mentir. Não entendo por que, nem o que está acontecendo, mas…

– Ora, sem essa, Tom – ela rebateu. – Como pode ser tão idiota? Depois de tudo o que aconteceu com você, como algo ainda pode surpreendê-lo? Aquela nossa história fazia parte de um teste ridículo. E acabou. Aris e eu vamos fazer o que nos mandaram fazer, e a vida continua. O CRUEL é tudo o que importa agora. Essa é a verdade.

– Do que você está falando? – Jamais havia se sentido tão vazio.

Teresa olhou por sobre seu ombro. Thomas ouviu o ruído de gravetos quebrados no chão e de algum modo manteve dignidade suficiente para não se voltar e ver o que tinha aparecido atrás dele.

– Tom – disse Teresa –, Aris está logo atrás de você e tem uma faca bem grande. Tente alguma coisa e ele vai cortar seu pescoço. Tem de vir conosco e fazer exatamente o que dissermos. Entendeu?

Thomas a encarou, esperando que a raiva que sentia por dentro emanasse por todos os poros de seu rosto. Nunca havia sentido tanto ódio na vida – pelo menos, nos momentos de que conseguia se lembrar.

– Diga oi, Aris – ela pediu. Em seguida, fez algo ainda pior... Sorriu.

– Oi, Tommy – disse o garoto atrás dele. Sem dúvida nenhuma era Aris, só que não tão amigável quanto antes. – Que emoção estar a seu lado de novo. – A ponta da faca roçou levemente as costas de Thomas. Ele permaneceu em silêncio.

– Bem – prosseguiu Teresa –, pelo menos você está agindo com maturidade em relação a tudo isso. Agora me siga; estamos quase chegando.

– Pra onde estamos indo? – indagou Thomas com voz inexpressiva.

– Vai descobrir bem depressa. – Ela se virou e retomou a caminhada por entre as árvores, usando a lança como apoio.

Thomas se apressou em segui-la, antes que Aris tivesse a satisfação de

empurrá-lo. As árvores se tornaram mais espessas e densas, a ponto de não permitirem nenhuma entrada de luz. A escuridão era opressiva, sugando a luminosidade e também sua vida.

Chegaram a uma caverna, a copa espessa das árvores fechando a entrada como uma parede compacta. Thomas não esperou prévio aviso – num minuto, abriam caminho entre os ramos entrelaçados, e no seguinte estavam no interior de uma passagem alta e estreita encravada na face da montanha. Uma luz opaca vinha do fundo, um retângulo esverdeado e funesto que fazia Teresa parecer um zumbi ao se afastar para os dois entrarem.

Aris o rodeou, a lâmina apontada contra seu peito, e se recostou na parede em frente. A Thomas não restava nada mais além de olhar de um para o outro. Duas pessoas que, segundo seus instintos, eram amigas. Até aquele momento.

– Bem, aqui estamos – disse Teresa, olhando de relance para Aris.

O garoto continuava com os olhos cravados em Thomas.

– Pois é, aqui estamos. É isso. Falou sério sobre ele convencer as outras a poupá-lo? O que ele é, algum tipo de superpsicólogo?

– Bem, eu ajudei, na verdade. Para ficar mais fácil trazê-lo até aqui. – Teresa lançou um olhar condescendente na direção de Thomas. Atravessou a caverna, aproximando-se de Aris e, erguendo-se na ponta dos pés, beijou-o no rosto e sorriu. – Estou tão feliz por estarmos juntos outra vez.

Aris sorriu em resposta. Lançou a Thomas um olhar de advertência e se arriscou a desviar o rosto o bastante para inclinar a cabeça e beijar Teresa nos lábios.

Thomas desviou o olhar. Os pedidos para que confiasse nela, o breve sussurro para aguentar firme... tudo aquilo havia sido apenas para trazê-lo até ali. Para atraí-lo com mais facilidade até aquele ponto. Para poder satisfazer algum propósito maligno preparado pelo CRUEL.

– Acabem logo com isso – disse por fim, sem ousar abrir os olhos de novo. Não queria saber o que estavam fazendo, porque continuavam em silêncio. Mas queria que pensassem que havia desistido. – Apenas acabem logo com isso.

Como não obteve nenhuma resposta, não conseguiu mais evitar e abriu os olhos. Cochichavam, aos beijos.

Algo semelhante a óleo fervente lhe encheu o estômago. Desviou o olhar de

novo, concentrando-se na estranha fonte de luz no fundo da caverna. Um grande retângulo verde-claro, entranhado na pedra escura, pulsando com um brilho etéreo. Era da altura de um homem de estatura média, talvez com um metro e vinte de largura. A superfície opaca era marcada por manchas – uma janela sombria para algo que parecia ser lama residual e radioativa, brilhante e perigosa.

Com o canto do olho, viu Teresa se afastar de Aris, o banquete amoroso evidentemente encerrado. Encarou-a, imaginando se seus olhos revelavam o quanto ela o afetava.

– Tom – ela falou –, se isso ajuda, realmente sinto muito se o magoei. Fiz o que tive de fazer lá no Labirinto, e manter toda aquela camaradagem pareceu a melhor opção para recobrar as lembranças de que precisávamos, a fim de descobrir o código e fugir. E não tive muita escolha aqui no Deserto. Tudo o que tínhamos de fazer era trazê-lo até aqui para passar pelos Experimentos. Era você ou nós.

Teresa fez uma pausa por um segundo, e seu olhar cintilou com um brilho estranho.

– Aris é meu melhor amigo, Tom – revelou ela em tom calmo e neutro.

Foram essas palavras que levaram Thomas a explodir:

– Não me importo! – berrou, embora nada pudesse estar mais distante da verdade.

– Só estou me explicando. Se você se importa comigo, deve entender por que estou disposta a fazer o que for preciso para superar essa situação e manter Aris a salvo. Não teria feito o mesmo por mim?

Thomas não podia acreditar como se sentia distante daquela garota que uma vez pensara ser sua melhor amiga. Mesmo em todas as suas lembranças, eram sempre os dois juntos.

– O que significa isso? Está tentando encontrar todas as maneiras possíveis no universo pra me magoar? Cale essa boca de mértila e faça o que quer que me trouxe aqui para fazer! – Seu peito arfava, a respiração descompassada, o coração palpitando num ritmo letal.

– Muito bem – replicou Teresa. – Aris, abra a porta. Está na hora de Tom partir.

51

Thomas não tinha mais o que falar, a nenhum dos dois. Mas certamente não desistiria sem lutar. Resolveu esperar e encontrar a melhor oportunidade.

Aris mantinha a faca apontada para ele enquanto Teresa se encaminhava rumo ao grande retângulo de vidro verde reluzente. Thomas não podia negar sua curiosidade em relação àquela porta.

Teresa aproximou-se a ponto de seu corpo se tornar apenas uma silhueta contra a luminosidade. Seu contorno ficou difuso, como se se dissolvesse. Atravessou a caverna até desviar totalmente da luz, e estendeu a mão para a parede de pedra, pressionando com um dedo o que devia ser uma espécie de teclado que Thomas não conseguia ver.

Finalizando o processo, voltou para perto dele.

– Vamos ver se realmente funciona – disse Aris.

– Vai funcionar – respondeu Teresa.

Ouviu-se um estalo alto, seguido de um silvo agudo. Thomas observou a borda direita do vidro começar a abrir para fora, como uma porta. Depois, feixes delgados de neblina branca rodopiaram pela fenda larga, evaporando quase imediatamente. Era como um congelador há muito abandonado que liberava, satisfeito, o ar frio no calor da noite. A escuridão pairava ainda ali dentro, mesmo enquanto o retângulo de vidro continuava a emitir sua estranha irradiação esverdeada.

Então a porta não era janela coisíssima nenhuma, pensou Thomas. Apenas uma porta com um brilho verde. Quem sabe o lixo tóxico não fizesse parte de seu futuro próximo. Torcia por isso.

A porta parou, estacando com um rangido seco contra a parede de rocha irregular. Um poço negro jazia agora onde a porta estivera – não havia luz

suficiente para revelar o que havia dentro. A névoa cessou por completo também. Thomas sentiu um abismo de ansiedade se abrir sob os pés.

– Tem uma lanterna? – indagou Aris.

Teresa deixou a lança no chão, em seguida puxou a mochila das costas e vasculhou seu conteúdo. Um instante depois, tirava dali uma lanterna e a acendia.

Aris apontou com a cabeça a porta atrás de si.

– Dê uma olhada enquanto o vigio. Não tente nada, Thomas. Estou bem certo de que o que planejaram pra você é mais fácil que ser morto a punhaladas.

Thomas não respondeu, mantendo o juramento ridículo de guardar silêncio dali por diante. Pensou na faca, e se conseguiria tirá-la de Aris.

Teresa havia se aproximado da abertura retangular. Dirigiu o facho da lanterna escuridão adentro, rastreando o espaço de cima a baixo, da esquerda para a direita. A luz cortava uma nuvem de neblina rarefeita enquanto fazia esses movimentos, mas a umidade aparente era fina o bastante para revelar o interior.

Tratava-se de uma câmara com poucos metros de profundidade. As paredes pareciam feitas de algum metal prateado, com superfícies interrompidas por pequenas saliências de aproximadamente três centímetros de altura, cada uma terminando em um buraco negro. Esses nozinhos distanciavam-se uns doze centímetros uns dos outros, formando uma grade quadrada sobre as paredes.

Teresa se voltou para Aris, fazendo o facho da lanterna oscilar com o movimento.

– Parece que está tudo certo – concluiu ela.

Aris se voltou para Thomas, que estivera por demais concentrado no estranho aposento, a ponto de perder qualquer chance de tentar uma manobra.

– Exatamente como disseram que seria.

– Então… imagino que acabou? – indagou Teresa.

Aris inclinou a cabeça, concordando, depois passou a faca para a outra mão, segurando-a com mais firmeza ainda.

– É isso aí. Thomas, seja um bom garoto e entre lá dentro. Quem sabe tudo não passe de um grande teste, e depois o deixem sair, e aí possamos fazer uma reunião amigável.

– Cale a boca, Aris – disse Teresa. Era realmente a primeira coisa que dizia, em um bom tempo, que não fazia Thomas querer lhe dar um murro. Virou-se

para Thomas, evitando encará-lo.

– Vamos acabar logo com isso.

Aris moveu a lâmina, indicando que Thomas devia seguir em frente.

– Vamos. Não me obrigue a empurrá-lo.

Thomas cravou os olhos nele, fazendo um esforço para manter a expressão o mais indiferente possível, enquanto a mente girava em um turbilhão. Um acesso de pânico fervilhou dentro dele. Era agora ou nunca. Lutar ou morrer.

Voltou o olhar para a porta aberta e passou a caminhar lentamente em sua direção. Três passos, e estava na metade do caminho. Teresa mantinha-se ereta, os braços retesados para o caso de ele causar problemas. Aris conservava a arma apontada para o pescoço de Thomas.

Outro passo. Mais um. Agora Aris estava parado bem à direita, a apenas uns setenta centímetros de distância. Teresa estava atrás dele, fora de vista, a porta aberta e o estranho aposento prateado bem à frente.

Thomas se deteve e olhou de esguelha para Aris.

– Como Rachel ficou enquanto sangrava até a morte? – Era uma estratégia, um golpe para distraí-lo.

Chocado e magoado, Aris estacou, dando a Thomas a fração de segundo de que precisava. Ele saltou na direção do garoto, o braço direito cumprindo uma trajetória em arco para arrancar a faca da mão dele. A arma se espatifou entre as rochas. Thomas golpeou o estômago de Aris com o punho direito, o que o fez cair no chão, tentando desesperadamente recuperar o fôlego.

Um ruído metálico na rocha impediu Thomas de atingir o garoto a seus pés. Voltando-se, viu que Teresa recuperara a lança. Por um instante, trocaram um olhar, e então ela o atacou. Thomas ergueu as mãos para se proteger, mas era tarde demais: a parte de trás da arma voou no ar e o atingiu em um dos lados da cabeça. Estrelas flutuaram ante seus olhos, e ele caiu, lutando para manter a consciência. Assim que atingiu o chão, ergueu-se, apoiando mãos e joelhos.

Mas ouviu Teresa gritar, e um segundo depois a madeira da lança se chocava de novo contra o topo de sua cabeça. Com um ruído seco, Thomas foi ao chão mais uma vez. Algo úmido escorreu sobre as duas têmporas. A dor lhe rasgou a cabeça, como se um machado houvesse alcançado seu crânio e, dali, partido todo o corpo em dois, uma agonia que lhe causou náuseas. De alguma forma, apoiou-se no chão e virou de costas, avistando Teresa com a arma erguida, pronta para o ataque outra vez.

– Entre ali, Thomas – disse, a respiração pesada. – Entre ali ou vou golpeá-lo

de novo. Juro que continuarei até você entrar ou sangrar até a morte.

Aris se recuperou e tornou a se levantar. Parou ao lado dela.

Thomas recolheu as duas pernas e chutou, golpeando os dois de uma só vez. Ambos gritaram e caíram, ficando um em cima do outro. O esforço físico espalhou um horrível espasmo de dor por todo o corpo de Thomas. Clarões brancos o cegavam, o mundo girava. Gemeu com o esforço para se mover, apoiando-se sobre o estômago, tentando se equilibrar com as mãos no chão. Mal conseguira se erguer alguns centímetros acima, quando Aris se lançou sobre suas costas, derrubando-o. Em seguida, o garoto passou o braço ao redor do pescoço de Thomas e o apertou.

– Você vai entrar ali – Aris praticamente cuspiu em sua orelha. – Ajude-me, Teresa.

Thomas não conseguia mais encontrar forças para enfrentá-los. Os dois golpes na cabeça o haviam despojado de todo vigor, como se os músculos estivessem adormecidos, porque o cérebro não tinha energia suficiente para lhes instruir sobre o que fazer. Não demorou para que Teresa agarrasse seus dois braços e começasse a arrastá-lo rumo à porta aberta, enquanto Aris ajudava, empurrando-o. Thomas chutava, mas já sem forças. As rochas se cravavam em sua pele.

– Não façam isso – sussurrou, entrando em desespero. Cada palavra enviava uma corrente de dor por todos os seus nervos. – Por favor…

Tudo o que via agora eram clarões de branco sobre preto. Uma concussão, concluiu. Tivera uma concussão terrível, absolutamente terrível.

Mal teve consciência do próprio corpo passando pela abertura retangular, de Teresa largando seus braços contra o metal frio do fundo, passando por cima dele para ajudar Aris a dobrar suas pernas e enfiá-las para dentro, de modo que agora jazia de bruços, olhando para o lado. Thomas não conseguia sequer encontrar forças para encará-los.

– Não – disse ele, mas foi um mero sussurro.

A imagem do garoto doente, Ben, sendo banido de volta à Clareira pairou-lhe na mente. Um estranho momento para pensar naquilo, mas agora sabia como o garoto havia se sentido naqueles últimos segundos, antes de se fecharem os muros, prendendo-o no Labirinto para sempre.

– Não – repetiu. Falou tão baixo que não tinha mais esperanças de que fossem ouvi-lo. O corpo doía da cabeça aos pés.

– Você é tão teimoso – ouviu Teresa resmungar. – Tinha de dificultar as

coisas pra si mesmo! Pra todos nós!

– Teresa – Thomas sussurrou. Debatia-se na dor e tentava chamá-la em pensamento, muito embora aquele tipo de comunicação não funcionasse havia muito tempo. Teresa.

Sinto muito, Tom, ela respondeu telepaticamente. Mas obrigada por ter se sacrificado por nós.

Não havia percebido que a porta se fechava, mas foi trancafiado naquele invólucro exatamente após a última palavra da horrível frase flutuar na escuridão crescente de seus pensamentos.

52

O outro lado da porta que tinham fechado atrás dele emitia um brilho esverdeado, transformando o reduzido espaço interior numa prisão. Poderia ter gritado, derramado lágrimas, gemido e se lamentado como um bebê, se a cabeça não doesse tanto. A dor perfurava o crânio, e os olhos pareciam banhados em lava fervente.

Mas, apesar de tudo aquilo, a dor mais profunda que torturava seu coração era ter perdido Teresa. Não podia se permitir chorar.

Perdeu a completa noção do tempo enquanto esteve ali. Era como se quem quer que estivesse por trás de tudo aquilo quisesse lhe dar uma oportunidade para refletir sobre o que tinha acontecido, enquanto esperava pelo fim. Pensar em como a mensagem de Teresa para confiar nela incondicionalmente não passava de um truque maligno, que só aumentava sua traição hipócrita.

Uma hora se passou. Talvez duas ou três. Quem sabe apenas trinta minutos. Não fazia ideia.

Foi então que o silvo começou.

A luz fraca da porta iluminada revelou borrifos de névoa disparados dos espaços que marcavam as paredes de metal à frente dele. Thomas virou a cabeça, o que proporcionou uma nova onda de dor para todo o crânio, e viu que as aberturas expeliam jatos semelhantes de neblina. E todas emitiam aquele ruído característico, como um ninho de víboras venenosas se contorcendo.

O que será isso?, perguntou-se. Depois de tudo por que havia passado, após todos os mistérios, lutas e instantes fugazes de esperança, simplesmente o matariam com algum tipo de gás venenoso? Estupidez, isso é o que era. Pura estupidez. Havia enfrentado Verdugos e Cranks, e sobrevivido a um ferimento a bala e à infecção. O CRUEL. Eles haviam poupado sua vida! E agora o

submetiam à morte a gás?

Sentou-se, chegando a gritar, tal a descarga de dor que o movimento lhe causou. Olhou ao redor, procurando algo que pudesse ser capaz de…

Cansaço. Extremo cansaço.

Alguma coisa em seu peito estava errada. Enjoo.

O gás.

Cansaço. Dor. Corpo exausto.

Respirar o gás.

Não conseguia se controlar.

Tanto… cansaço…

Dentro dele. Errado.

Teresa. Por que teve de acabar desse modo?

Cansaço…

Em algum ponto no limiar da consciência, deu-se conta da cabeça que latejava contra o chão.

Traição.

Tanto…

Cansaço…

53

Thomas não sabia se estava morto ou vivo: era como se dormisse. Consciente de si mesmo, mas envolto em brumas. Teve outro sonho.

Thomas tem dezesseis anos. Está em pé diante de Teresa e de uma garota que não reconhece.

E de Aris.

Aris?

Os três o encaram com uma expressão sombria. Teresa está chorando.

– Hora de partir – diz Thomas.

Aris inclina a cabeça, concordando.

– Para o Dissipador, depois para o Labirinto.

Teresa não faz outra coisa a não ser enxugar as lágrimas.

Thomas estende a mão e Aris a aperta. Depois, Thomas faz o mesmo com a garota que não conhece.

Então, Teresa se adianta e o abraça. Thomas percebe que também está chorando. As lágrimas umedecem o cabelo dela enquanto a abraça apertado.

– Você precisa partir agora – diz Aris.

Thomas desvia o olhar para ele. Espera. Tenta aproveitar o momento com Teresa. O último instante de memória plena. Não estarão assim de novo por um longo tempo.

Teresa o fita.

– Vai dar certo. Tudo vai dar certo.

– Eu sei – Thomas responde. Sente uma tristeza que chega a lhe doer no corpo.

Aris abre a porta e acena para que Thomas o acompanhe. Ele vai, mas lança

um último olhar para Teresa. Tenta parecer esperançoso.

– Nos vemos amanhã – ele diz.

O que é verdadeiro, e dolorido.

O sonho se desfez e Thomas mergulhou no sono mais negro de toda a sua vida.

54

Sussurros na escuridão.

Foi o que Thomas ouviu assim que começou a voltar à consciência. Murmúrios ásperos, como uma lixa esfregada nos tímpanos. Não entendia o que era. Estava tão escuro que demorou um segundo para perceber seus olhos abertos.

Algo frio e duro lhe pressionava o rosto. O chão. Não havia se movido desde que o gás o desacordara. Incrivelmente, a cabeça não doía mais. Na verdade, não sentia dor alguma. Em vez disso, experimentava uma euforia revigorante, quase perturbadora, percorrer-lhe o corpo. Talvez fosse apenas felicidade por estar vivo.

Apoiou as mãos por baixo, impulsionando o corpo para cima, e se sentou. Olhou ao redor e não enxergou nada – não havia o menor resquício de luz na completa escuridão. Imaginou o que teria acontecido com o brilho esverdeado da porta que Teresa havia fechado atrás dele.

Teresa.

A euforia se desvaneceu. Lembrou-se do que ela havia feito. Mas então…

Não estava morto. A menos que a vida após a morte fosse uma porcaria de uma câmara escura.

Descansou por alguns minutos, deixando a mente despertar e se acostumar, antes de por fim se levantar e tatear o local. Três paredes de metal frio com pequenos buracos salientes igualmente espaçados. Uma parede lisa que parecia ser de plástico. Era sem dúvida nenhuma a mesma câmara.

Bateu na porta.

– Ei! Tem alguém aí?

Os pensamentos o tomaram de assalto. Os sonhos que traziam recordações, vários agora – tanta coisa para interpretar, tantas perguntas. As lembranças que haviam começado a lhe retornar com a Transformação no Labirinto pouco a pouco ganhavam sentido, ficavam mais nítidas. Tinha participado dos planos do CRUEL; fazia parte de tudo aquilo. Ele e Teresa haviam sido próximos – melhores amigos, até. Tudo aquilo lhe parecia certo. Sacrificar coisas por um bem maior.

Só que Thomas não lidava tão bem com essas recordações agora. Tudo o que sentia era raiva e vergonha. Como alguma coisa justificaria o que haviam feito? O que estava sendo feito pelo CRUEL – e por eles? Embora certamente não se considerasse assim, ele e os outros eram apenas garotos. Garotos! Não sabia se ainda gostava de si mesmo. Não estava seguro de que houvesse tomado a decisão certa. Algo se rompera dentro dele.

E depois havia Teresa. Como podia ter nutrido tanto carinho por ela?

Algo estalou, depois soltou um chiado, interrompendo sua linha de pensamento.

A porta se abriu lentamente. Teresa estava lá, à luz fraca da manhã, o rosto banhado em lágrimas. Assim que houve espaço suficiente, atirou os braços em torno dele, pressionando o rosto contra seu pescoço.

– Sinto muito, Tom – ela disse; as lágrimas umedeciam a pele dele. – Sinto tanto, tanto, tanto! Disseram que o matariam se não fizéssemos tudo exatamente como nos mandaram. Por mais horrível que fosse. Sinto muito, Tom!

Thomas não conseguia responder, não conseguia se forçar a retribuir o abraço. Traição. A placa na porta de Teresa, a conversa entre as pessoas em seus sonhos. As peças começavam a se encaixar. Pelo que sabia, ela apenas tentava enganá-lo de novo. Traição significava que não podia mais confiar nela, e seu coração lhe dizia que não havia como perdoá-la.

Em certo sentido, concluiu que Teresa tinha mantido a promessa feita a ele desde o início. Realizara aquelas coisas horríveis contra a própria vontade. O que havia dito na cabana acontecera. Mas também tinha consciência de que as coisas nunca, jamais, seriam as mesmas entre eles.

Enfim, afastou Teresa. A sinceridade nos olhos azuis dela não diminuía nem um pouco sua dúvida persistente.

– Bem... talvez deva me dizer o que aconteceu.

– Eu lhe disse para confiar em mim – ela respondeu. – Falei que coisas muito

ruins aconteceriam com você. Mas a coisa ruim foi tudo encenação. – Ela sorriu, e ficou tão bonita que Thomas desejou ardentemente encontrar um meio de perdoá-la.

– Sei, mas você não pareceu muito resistente à ideia quando rachou meu crânio com uma lança e me atirou neste cubículo. – Não conseguia esconder a desconfiança que invadia seu coração. Olhou para Aris, que parecia envergonhado, como se houvesse se intrometido em uma conversa íntima.

– Lamento – disse o garoto.

– Por que não me disse que nos conhecíamos antes? – Thomas respondeu. – O que… – Não sabia como prosseguir.

– Era tudo encenação, Tom – repetiu Teresa. – Você precisa acreditar em nós. Prometeram desde o princípio que você não morreria. Que esta câmara tinha uma finalidade específica, e depois estaria acabado. Sinto muito mesmo.

Thomas lançou um olhar para a porta aberta.

– Acho que vou precisar de um tempo pra assimilar tudo isso. – Teresa desejava que o perdoasse, que tudo voltasse a ser como antes imediatamente. E o instinto o aconselhava a ocultar a amargura de seus sentimentos, mas era difícil.

– O que aconteceu lá dentro, afinal? – quis saber a garota.

Thomas retribuiu seu olhar.

– Que tal você falar primeiro? Depois eu falo. Acho que mereço esse voto de confiança.

Ela tentou tocar a mão dele, mas Thomas a recolheu, fingindo coçar o pescoço. Quando viu um traço de mágoa surgir no rosto dela, sentiu no íntimo que ela não havia feito tudo aquilo por querer.

– Olhe – ela falou –, você está certo. É claro que merece uma explicação. Acho que não há problema em lhe contar tudo agora… Não que saibamos muito sobre o porquê.

Aris pigarreou, como num gesto de confirmação.

– Mas, hum... seria melhor fazer isso andando. Ou correndo. Só faltam algumas horas. Hoje é o dia.

Aquelas palavras despertaram Thomas completamente de seu estupor. Consultou o relógio. Faltavam cinco horas e meia, se é que ainda estavam mesmo dentro do prazo de duas semanas… Thomas havia perdido o rumo, sem saber quanto tempo ficara na câmara. E nada daquilo faria sentido, afinal, se não conseguissem chegar ao Refúgio Seguro. Torcia para que Minho e os

outros já o houvessem encontrado.

– Ótimo. Vamos esquecer isso por enquanto – disse ele, mudando de assunto em seguida. – Alguma coisa mudou por lá? Quer dizer, vi a paisagem no escuro, mas…

– Já sabemos – interrompeu Teresa. – Não há sinal de prédio nenhum. Nada. Parece ainda pior à luz do dia. É só uma imensidão infinita de terra devastada. Não se vê uma árvore nem montanha, muito menos algo que pareça o Refúgio Seguro.

Thomas olhou para Aris, desviando depois para Teresa.

– Então, o que devemos fazer? Para onde iremos? – Pensou em Minho e Newt, nos Clareanos, em Brenda e em Jorge. – Viram algum dos outros?

Foi Aris quem respondeu.

– Todas as garotas do meu grupo desceram, indo rumo ao norte, como combinado, e já estão a uns três quilômetros de distância. Localizamos seus amigos no sopé da montanha a cerca de dois quilômetros a oeste daqui. Não sei ao certo, mas parece que não falta ninguém, e estão seguindo na mesma direção que as garotas.

Thomas soltou um suspiro de alívio. Seus amigos tinham conseguido – quem sabe todos eles.

– Precisamos partir – avisou Teresa. – Só porque não há nada lá fora não significa que vai ficar por isso mesmo. Quem sabe o que o CRUEL vai aprontar? Devemos fazer o que nos mandaram. Vamos.

Por um breve momento, Thomas se sentiu tentado a desistir, a sentar e esquecer tudo… deixar que o que quer que fosse acontecer acontecesse. Mas, quase tão rápido quanto veio, o impulso desapareceu.

– Muito bem, vamos nessa. Mas é melhor me contarem tudo o que sabem.

– Vou contar – respondeu Teresa. – Concordam em correr assim que sairmos desse trecho fechado com galhos secos?

Aris concordou, e Thomas revirou os olhos.

– Faça-me o favor. Sou um Corredor.

Ela arqueou as sobrancelhas.

– Bem, então vamos ver quem para primeiro.

Em resposta, Thomas saiu da pequena clareira e adentrou a floresta morta à frente, recusando-se a se deixar abater pela tempestade de lembranças e emoções que tentava envolvê-lo.

O céu não clareou muito quando a manhã chegou. Nuvens se avolumavam, cinzentas e espessas, tão pesadas que Thomas não fazia ideia de que horas eram, não fosse por seu relógio.

Nuvens. Da última vez que vira o céu daquele jeito…

Talvez dessa vez a tempestade não fosse tão agressiva. Talvez.

Assim que deixaram para trás o bosque fechado de árvores sem vida, não fizeram mais nenhuma parada. Uma trilha visível levava na direção do vale abaixo, dando guinadas de um lado para o outro como uma cicatriz denteada na superfície montanhosa. Thomas calculou que levaria algumas horas para chegar à parte de baixo – correr pelas encostas íngremes e escorregadias parecia um belo convite para quebrar um tornozelo ou uma perna. E, se isso acontecesse, jamais conseguiriam chegar a tempo.

Os três concordaram em caminhar rápido, mas em segurança, depois acelerariam o ritmo quando alcançassem o terreno plano. Começaram a descer – Aris, depois Thomas, então Teresa. Nuvens escuras se agrupavam acima deles à medida que o vento soprava, aparentemente em todas as direções. Tal como Aris havia informado, Thomas distinguiu dois grupos separados de pessoas no deserto abaixo: seus amigos Clareanos, não muito distantes do sopé da montanha, depois o Grupo B, talvez uns dois quilômetros ou mais adiante deles.

Uma sensação de alívio o preencheu de novo, e seus passos ficaram mais leves ao continuar a marcha.

Depois da terceira curva, ouviu a voz de Teresa atrás dele.

– Vou retomar a história de onde paramos.

Thomas apenas inclinou a cabeça. Mal conseguia acreditar em seu bem-estar físico: o estômago estava milagrosamente cheio; a dor de ser agredido desaparecera; o ar fresco e o vento agitado o faziam se sentir vivo. Não tinha ideia do que havia naquele gás que tinha respirado, mas parecia longe de ser venenoso. Ainda assim, a desconfiança em relação a Teresa o incomodava; não queria pecar pelo excesso de bondade.

– Tudo começou quando conversamos no meio da noite… naquela primeira noite depois da fuga do Labirinto. Estava sonolenta. Então, umas pessoas vestidas de modo esquisito entraram no meu quarto. Eram assustadoras. Vestiam macacões folgados, máscaras.

– Sério? – Thomas perguntou sobre o ombro. Pareciam as mesmas pessoas que tinha visto depois de ser alvejado.

– Fiquei apavorada… tentei chamar você, mas de repente apagou. A coisa da telepatia, quero dizer. Não sei como pude ter certeza, mas simplesmente desapareceu. Daí por diante, até agora, ela vem e vai de repente.

Teresa falou telepaticamente.

Pode me ouvir perfeitamente agora, certo?

Sim, Thomas respondeu. Você e Aris conversaram enquanto estivemos no Labirinto?

Bem…

A voz dela falhou e, quando Thomas se virou para encará-la, parecia preocupada.

Qual é o problema?, quis saber, voltando a atenção para a trilha antes que fizesse algo estúpido como tropeçar e rolar montanha abaixo.

Não queria chegar a esse ponto ainda.

– Chegar… – segurou as palavras antes que falasse o restante em voz alta.

Chegar a que ponto?

Teresa não respondeu.

Thomas mandou outra mensagem enfática ao pensamento dela.

Chegar a que ponto?

Ela permaneceu em silêncio por alguns segundos, antes de enfim responder.

Sim, ele e eu conversamos desde que apareci no Labirinto. A maioria das vezes enquanto estava naquele coma idiota.

55

Thomas precisou de toda a sua força de vontade para não parar e se virar para ela.

O quê? Por que não me contou sobre ele lá no Labirinto?

Como se já não tivesse razões suficientes para não gostar dos dois.

– Ei, por que não param de falar? – disse Aris subitamente. – Parem de tagarelar sobre mim nessas lindas cabecinhas.

Por incrível que parecesse, Aris não parecia mais nem um pouco sinistro. Era quase como se tudo o que havia acontecido antes na floresta inanimada fosse uma criação da imaginação de Thomas.

Ele soltou de uma só vez o ar que vinha prendendo nos pulmões.

– Não consigo acreditar nisso. Vocês dois estavam… – Estacou, compreendendo que talvez não se sentisse tão surpreso assim. Tinha visto Aris nos fragmentos de lembranças do seu último sonho. Ele fazia parte daquilo, o que quer que fosse. E o modo como haviam agido um com o outro naquela breve lembrança parecia dizer que estavam do mesmo lado. Ou que costumavam estar.

– Mértila – resmungou Thomas. – Continue falando.

– Tudo bem – concordou Teresa. – Há um monte de coisas pra explicar, portanto daqui por diante apenas fique quieto e ouça. Entendeu?

As pernas de Thomas começavam a arder devido ao ritmo forçado da descida.

– Tudo bem. Só uma perguntinha antes: como sabe quando está falando comigo e quando está falando com ele? Como isso funciona?

– Simplesmente sei. É como perguntar a você como sabe quando diz à perna direita para se mover e quando diz à perna esquerda. Eu só… sei. Está gravado

no meu cérebro, de algum modo.

– Fizemos isso também, cara – Aris os interrompeu. – Não se lembra?

– É claro que me lembro – murmurou Thomas, aborrecido e bastante frustrado. Se ao menos pudesse ter algo de volta… mais lembranças... sabia que as peças se encaixariam e poderia seguir em frente. Não conseguia imaginar por que o CRUEL considerava importante manter a memória deles vazia de qualquer recordação. E por que aqueles fragmentos ocasionais nos últimos tempos? Seria proposital, ou puro acaso? Um efeito duradouro da Transformação, talvez?

Eram perguntas demais. Malditas perguntas de mértila, todas sem resposta.

– Certo – respondeu. – Vou manter a boca e o cérebro paralisados. Continue.

– Podemos falar sobre mim e Aris mais tarde. Nem me lembro direito do que a gente falava; esqueci de quase tudo quando acordei. O coma devia fazer parte das Variáveis; talvez pudéssemos nos comunicar só para não enlouquecer. Quero dizer, fizemos parte disso tudo, certo?

– Fizemos parte disso tudo? – indagou Thomas. – Eu não…

Teresa estendeu o braço e lhe deu um tapa nas costas.

– Pensei que ficaria calado.

– Ah, é – Thomas grunhiu.

– Enfim, aquelas pessoas entraram no meu quarto vestidas naqueles trajes assustadores e minha telepatia foi interrompida. Estava com medo, e ainda bastante sonolenta. Parte dos meus pensamentos vinha apenas como em um pesadelo. A próxima coisa que senti foi colocarem uma coisa sobre minha boca com um cheiro horrível, daí apaguei. Quando acordei, estava deitada em uma cama, em outro quarto, e com um punhado de gente sentada em cadeiras do outro lado de uma estranha parede de vidro. Só a percebi quando a toquei… era quase como um campo de força ou algo do gênero.

– É – disse Thomas. – Tivemos uma coisa assim também.

– Depois, começaram a falar comigo. Foi quando me contaram todo o plano sobre o que Aris e eu tínhamos de fazer com você. Queriam que eu contasse pra ele. Você sabe, telepaticamente, embora ele estivesse com o seu grupo. O nosso grupo. O Grupo A. Bem, me tiraram do meu quarto e me mandaram para o Grupo B. Então, nos falaram sobre a missão pro Refúgio Seguro, e que tínhamos o Fulgor. Ficamos assustadas, confusas, mas não havia escolha. Passamos por aqueles túneis subterrâneos até chegarmos às montanhas. Não

precisamos atravessar a cidade. Quando você e eu nos encontramos naquele prédio e tudo o que aconteceu depois do momento em que pegamos você, com todas aquelas armas… foi tudo planejado.

Thomas puxou na memória as vagas lembranças que lhe vinham em seus sonhos. Algo lhe dizia que toda aquela situação havia sido planejada antes mesmo de ter ido para a Clareira e o Labirinto. Havia uma centena de perguntas para fazer a Teresa, mas decidiu se conter por mais um tempo.

Dobraram em uma curva, e Teresa prosseguiu.

– Só sei de duas coisas com certeza. Uma: disseram que, se eu fizesse alguma coisa contrária ao plano, matariam você. Disseram que "tinham outras opções", o que quer que isso signifique. A segunda coisa que sei é que a razão pra tudo isso era que você precisava se sentir verdadeira e absolutamente traído. O propósito todo do que fizemos foi garantir que isso acontecesse.

De novo, Thomas pensou nas lembranças. Ele e Teresa haviam usado a palavra "padrões" pouco antes de ele a deixar. O que aquilo significaria?

– E então? – Teresa indagou, depois de caminharem em silêncio por algum tempo.

– Então… o quê? – replicou Thomas.

– O que você acha?

– É só isso? Essa é toda a sua explicação? Devo me sentir mais feliz agora?

– Tom, não podia correr nenhum risco. Estava convencida de que matariam você se eu não obedecesse. Não importa como, no fim você precisava se sentir inteiramente traído. É por isso que procurei ser tão convincente. Agora, se me perguntar por que esse negócio de traição era tão importante... Não faço a menor ideia.

Thomas se deu conta de que aquela enxurrada de informações tinha lhe provocado outra dor de cabeça.

– Bem, sem dúvida você se saiu muito bem. E quanto ao que aconteceu naquele prédio, quando me beijou? E por que Aris precisava fazer parte do plano?

Teresa tocou o braço dele, impedindo-o de prosseguir.

– Eles tinham tudo calculado. No que diz respeito às Variáveis. Mas não sei explicar como tudo isso se encaixa.

Thomas balançou a cabeça devagar.

– Sabe, nada desse lixo faz sentido para mim. E me desculpe por me sentir um pouco irritado.

– Funcionou?

– Hã?

– Por alguma razão, queriam que se sentisse traído. Funcionou, certo?

Thomas se manteve calado, fitando os olhos azuis de Teresa por um longo tempo.

– Sim, funcionou.

– Sinto muito pelo que fiz. Mas você está vivo, e eu e o Aris também.

– É – repetiu ele. Realmente não tinha vontade de conversar mais com ela.

– O CRUEL teve o que queria, e eu tive o que queria. – Teresa olhou para Aris, que havia parado de andar por um tempo e agora permanecia quieto lá embaixo, um tanto distante deles. – Aris, vire e fique de frente para o vale.

– O quê? – perguntou ele. Parecia confuso. – Por quê?

– Apenas faça o que pedi.

Ela não exibia mais aquele traço impositivo na voz, que havia deixado para trás desde a câmara de gás, mas aquela instrução sem sentido deixou Thomas, no mínimo, desconfiado. O que estaria armando agora?

Aris suspirou e revirou os olhos, mas fez o que Teresa solicitara, dando-lhes as costas.

Teresa não hesitou. Passou os braços ao redor do pescoço de Thomas, atraindo-o para si. Ele não teve força de vontade suficiente para resistir.

Beijaram-se, mas coisa alguma se agitou dentro dele. Thomas não sentiu nada.

56

O vento se intensificava, agitando-se em redemoinhos.

Um trovão ribombou no céu cada vez mais escuro, dando a Thomas uma desculpa para se afastar de Teresa. Decidiu outra vez esconder seu rancor. O tempo corria, e ainda tinham um longo caminho pela frente.

Fazendo a melhor encenação possível, dirigiu um sorriso a Teresa.

– Acho que entendi… você fez um punhado de coisas estranhas, mas foi forçada a isso, e agora estou vivo. Certo?

– Exatamente.

– Então não vou mais pensar no assunto. Precisamos nos encontrar com os outros. – A melhor chance de conseguir chegar ao Refúgio Seguro era trabalhar em conjunto com Teresa e Aris, portanto era o que faria. Poderia pensar em Teresa e no que ela havia feito mais tarde.

– Você é quem manda. – Ela lhe deu um sorriso forçado, como se pressentisse que algo não estava muito certo. Ou talvez não a agradasse a perspectiva de encarar os Clareanos depois do que havia acontecido.

– Vocês dois já terminaram aí? – gritou Aris, ainda olhando para o outro lado.

– Terminamos! – retrucou Teresa. – E não espere que eu vá beijar você de novo, nem que seja no rosto! Acho que acabei de pegar sapinho.

Thomas quase engasgou ao ouvir o comentário. Tornou a descer a montanha, afastando-se, antes que Teresa tentasse segurar sua mão.

Demorou mais uma hora para chegarem ao sopé da montanha. A encosta se nivelava aos poucos, à medida que se aproximavam, permitindo-lhes apressar o passo. Enfim, as curvas terminaram por completo, e puderam correr em ritmo

médio por pouco mais de um quilômetro pelo terreno plano e esturricado que se estendia rumo ao horizonte. O ar estava quente, mas o céu nublado e o vento tornavam o calor suportável.

Thomas ainda não conseguia ter uma boa visão dos Grupos A e B convergindo à frente, em particular agora que havia perdido a visão panorâmica que a posição superior lhe dava, e, para piorar, a poeira enevoava o ar. Mas tanto os garotos quanto as garotas seguiam em seus grupos na direção norte. Pelo que podia ver, pareciam seguir inclinados contra o vento, cada vez mais forte enquanto caminhavam.

Os olhos de Thomas ardiam por causa da poeira. Precisava esfregá-los o tempo todo, o que só piorava a situação, fazendo a pele ao redor ficar em carne viva. O mundo continuava a enegrecer, e as nuvens se encorpavam no céu.

Depois de uma rápida parada para comer e beber – os suprimentos restantes esgotavam-se rapidamente –, os três se detiveram um instante para observar os outros dois grupos.

– Estão se encaminhando para lá – disse Teresa, apontando à frente com uma das mãos, enquanto protegia os olhos do vento com a outra. – Por que não estão correndo?

– Porque ainda temos mais de três horas até acabar o prazo – respondeu Aris, olhando de relance para o relógio. – A menos que tenhamos entendido tudo errado, o Refúgio Seguro deveria estar a poucos quilômetros deste lado das montanhas. Mas não vejo nada daqui.

Thomas odiava admitir, mas a esperança de que houvessem deixado de notar alguma coisa por causa da distância desapareceu.

– Pelo modo como caminham devagar, é evidente que não viram nada ainda. Não deve estar lá. Não têm para onde correr, a não ser mais deserto.

Aris fitou o céu cinza-escuro.

– A coisa parece estar feia lá em cima. E se tivermos outras daquelas belas tempestades de raios?

– O melhor pra nós seria permanecer nas montanhas se isso acontecer – disse Thomas. Não seria um modo elegante de terminar tudo aquilo, pensou. Tostado por descargas elétricas em busca de um Refúgio Seguro que, pra começo de conversa, nem parecia existir.

– Vamos nos reunir a eles – propôs Teresa. – Aí podemos decidir o que fazer. – Voltou-se para os dois garotos e pôs as mãos nos quadris. – Estão

prontos?

– Ah, sim – respondeu Thomas. Tentava não se deixar afundar no poço de pânico e preocupação que ameaçava tragá-lo. Devia haver uma resposta para tudo aquilo. Tinha de haver.

Aris apenas deu de ombros em resposta.

– Vamos, então – falou Teresa. E, antes que Thomas pudesse responder, ela já havia partido com Aris em seu encalço.

Thomas respirou fundo. Por alguma razão, aquela situação o fazia recordar da primeira vez que correra no Labirinto com Minho. O que o preocupava bastante. Respirando fundo, partiu atrás dos dois.

Depois de correrem por cerca de vinte minutos, o vento obrigando-os a fazer o dobro do esforço que já fizeram no Labirinto, Thomas se comunicou com Teresa mentalmente.

Acho que recuperei mais lembranças nos últimos tempos. Através de sonhos.

Vinha querendo lhe contar, mas não na frente de Aris. Era mais um teste, para ver como ela reagia ao que ele lembrava. Queria ver se conseguia alguma dica sobre as verdadeiras intenções dela.

Sério?, Teresa respondeu.

Ele foi capaz de sentir sua surpresa.

É... São coisas estranhas, sem nexo. De quando eu era pequeno. E... você também estava lá. Tive vislumbres de como o CRUEL nos tratou. Um pouco antes de irmos para a Clareira.

Ela fez uma pausa antes de responder, talvez receosa de fazer as perguntas que em geral vinham da parte dele.

E isso pode nos ajudar? Você se lembra de muita coisa?

Da maior parte. Mas não recordo o bastante pra realmente significar grande coisa.

O que você viu?

Thomas contou a ela sobre cada um dos fragmentos de memória – ou de sonho – que tinha visto nas últimas semanas. Contou sobre a mãe, sobre ouvir por acaso conversas a respeito de cirurgias, os dois espionando os integrantes do CRUEL, ouvindo coisas que não faziam muito sentido. Sobre estarem testando e praticando a comunicação telepática. E, por fim, se despedindo, pouco antes de partirem para a Clareira.

Então Aris estava lá?, indagou ela, mas, antes que Thomas pudesse responder, Teresa continuou: É claro, eu já sabia disso. Que nós três fazíamos parte desse negócio. Mas foi estranho todo mundo morrer, as substituições, tudo aquilo. O que acha que toda essa confusão significa?

Não sei, respondeu ele. Mas gostaria de ter um tempo pra gente sentar e conversar a respeito. Queria ver se podíamos nos ajudar a recordar de tudo.

Eu também. Tom, realmente sinto muito. Sei que está sendo difícil me perdoar.

Poderia ser diferente?

Não. Acredito que até já havia aceitado esse fato, de certa maneira. Que, pra salvar você, valia a pena perder o que já tínhamos.

Thomas não fazia ideia de como responder àquilo.

Porém, não podiam conversar mais, mesmo que quisessem. Com o vento uivando, a poeira e os detritos voando pelo ar, as nuvens se acumulando e se tornando cada vez mais escuras e a distância em relação aos outros se encurtando…

Não dava mais tempo.

Assim, continuaram correndo.

Os dois grupos à frente deles se encontraram. O mais interessante para Thomas, no entanto, foi que pareceu ser acidental. As garotas do Grupo B chegaram a certo ponto e pararam; então Minho – Thomas conseguia identificá-lo agora e estava aliviado por ele estar vivo e parecer bem – e os Clareanos mudaram de direção, seguindo a leste para encontrá-las.

E, no momento presente, a menos de um quilômetro de distância, todos estavam parados ao redor de algo que Thomas não conseguia enxergar, acotovelando-se em um círculo apertado para ver o que quer que fosse.

O que está acontecendo lá?, Teresa perguntou a Thomas mentalmente.

Não sei, ele respondeu.

Os dois, e também Aris, apertaram o passo.

Precisaram apenas de mais alguns minutos ao longo da planície fustigada pela poeira para alcançar os Grupos A e B.

Minho havia se destacado do agrupamento de pessoas e parado para aguardar a chegada deles. Estava de braços cruzados, as roupas em farrapos, o cabelo ensebado, o rosto com sinais das queimaduras. Mas, ainda assim, sorria.

Thomas mal podia acreditar na sua felicidade ao ver aquele sorriso levemente curvado outra vez.

– Já estava na hora de nos alcançarem, seus molengas! – Minho gritou.

Thomas parou na frente dele e curvou o tronco por alguns segundos a fim de recuperar o fôlego. Endireitando-se, falou:

– Pensei que estivesse se atracando com unhas e dentes com essas garotas depois do que nos fizeram. Do que fizeram a mim, pelo menos

Minho olhou para trás, na direção do grupo agora misto, depois tornou a olhar para Thomas.

– Bem, antes de mais nada, elas têm armas mais ameaçadoras, sem mencionar os arcos e flechas. E uma delas, Harriet, explicou tudo. Nós é que devíamos estar surpresos de você estar ao lado deles. – Ele dirigiu um olhar ameaçador para Teresa, depois para Aris. – Nunca confiei em nenhum desses traidores de mértila.

Thomas tentou ocultar as próprias emoções, também tão contraditórias.

– Estão do nosso lado. Confie em mim. – De uma maneira complicada, e de certa perspectiva, realmente começava a acreditar que era verdade. Por pior que se sentisse.

Minho riu amargamente.

– Imaginei que diria algo assim. Deixe-me adivinhar: é uma longa história?

– É, a história é bem longa – respondeu Thomas. Em seguida, mudou de assunto. – Por que pararam aqui? O que todo mundo está olhando?

Minho se afastou para o lado, estendendo o braço para trás.

– Dê uma olhadinha você mesmo. – E gritou para os dois grupos. – Ei, pessoal, abram espaço!

Vários Clareanos e garotas olharam para trás e vagarosamente recuaram para o lado até se formar um corredor no meio do grupo. Thomas notou que o objeto que chamava a atenção de todos era um simples bastão enfiado no chão árido. Uma faixa de fita laranja pendia do alto, fustigada pelo vento. Havia letras impressas na bandeirola.

Thomas e Teresa se entreolharam; então Thomas se aproximou para examinar mais de perto. Mesmo antes de chegar lá, conseguiu ler as palavras impressas no tecido em letras negras.

REFÚGIO SEGURO

57

Apesar do vento e do burburinho das pessoas, o mundo serenou ao redor de Thomas por um minuto, como se suas orelhas estivessem tapadas com algodão. Caiu de joelhos e, alheio a tudo, estendeu a mão para tocar a bandeirola. Aquilo era o Refúgio Seguro? Não um prédio, um abrigo, alguma coisa assim?

Tão rapidamente quanto tinham desaparecido, os ruídos voltaram de imediato, levando-o de volta à realidade. Principalmente o sopro ruidoso do vento e o matraquear das conversas.

Virou-se para Teresa e Minho, que estavam parados lado a lado, Aris atrás deles, olhando por cima dos ombros.

Thomas olhou para o relógio.

– Temos uma hora ainda. O Refúgio Seguro é um bastão no chão? – A confusão dominava-lhe a mente; não sabia bem o que pensar nem dizer.

– Não foi tão mal, pensando bem – replicou Minho. – Mais da metade conseguiu chegar. Parece que mais gente ainda do grupo feminino.

Thomas se levantou, tentando controlar a raiva.

– O Fulgor já enlouqueceu você? É, chegamos aqui. Sãos e salvos. Chegamos a um bastão.

Minho observou-o, na expressão um ar de zombaria.

– Cara, não nos mandariam aqui sem um motivo. Conseguimos chegar no tempo que nos deram. Agora, é só esperar o relógio avançar e alguma coisa vai acontecer.

– Isso é o que me preocupa – disse Thomas.

– Odeio admitir – acrescentou Teresa –, mas concordo com Thomas. Depois de tudo o que nos fizeram passar, seria fácil demais deixar um sinal aqui e depois vir nos buscar num lindo helicóptero como recompensa. Algo

ruim está para acontecer.

– Não importa o que diga, traidora – respondeu Minho, sem esconder o profundo ódio que nutria por Teresa. – Não quero ouvir mais nenhuma palavra vinda de você. – Afastou-se, mais furioso do que em qualquer outra ocasião que Thomas presenciara.

Thomas olhou para Teresa, que se encontrava visivelmente abatida.

– Não devia estar surpresa.

Ela apenas deu de ombros.

– Estou enjoada de me desculpar. Fiz o que tinha de fazer.

Thomas não acreditava que falasse sério.

– Que seja. Preciso encontrar Newt. Quero…

Antes que pudesse terminar, Brenda saiu do meio do grupo, olhando ora para ele, ora para Teresa. O vento fustigava seu longo cabelo, agitando-o freneticamente, de modo que tinha de prender as mechas atrás da orelha o tempo todo.

– Brenda – murmurou ele. E, por alguma razão, sentiu-se culpado.

– Oi, tudo bem? – perguntou Brenda, aproximando-se até parar bem na frente dele e de Teresa. – Essa é a garota de quem me falou? Quando passamos aquela noite juntinhos dentro do caminhão?

– É. – A palavra escapou da boca de Thomas antes de conseguir detê-la. – Não. Quero dizer… sim.

Teresa estendeu a mão para Brenda, que a apertou.

– Sou Teresa.

– Prazer em conhecê-la – Brenda replicou. – Sou uma Crank. Estou enlouquecendo bem devagar. Tenho vontade de comer meus dedos e matar pessoas por aí. O Thomas aqui prometeu me salvar. – Embora obviamente estivesse brincando, nem sequer esboçou um sorriso.

Thomas fingiu se encolher de medo.

– Muito engraçado, Brenda.

– É bom ver que você ainda encara a situação com senso de humor – respondeu Teresa. Mas sua expressão era de congelar quem a olhasse.

Thomas olhou para o relógio. Faltavam cinquenta e cinco minutos.

– Eu, hum... preciso falar com Newt. – Virou-se e se afastou com rapidez, antes que alguma delas falasse algo. Queria estar o mais longe possível daquelas duas.

Newt estava sentado no chão com Caçarola e Minho, os três parecendo aguardar o fim do mundo.

O vento dilacerante ganhou certa umidade, e as nuvens densas e encorpadas haviam baixado consideravelmente, como uma neblina negra prestes a engolir a terra. Lampejos de luz faiscavam aqui e ali no céu, manchas incandescentes arroxeadas e alaranjadas em meio ao céu cinzento. Thomas ainda não havia visto nenhum raio, mas sabia que viriam. A primeira tempestade tinha começado exatamente assim.

– Ei, Tommy – cumprimentou Newt quando Thomas se juntou a eles. Thomas se sentou ao lado do amigo e envolveu os joelhos com os braços. Duas simples palavras, sem nada implícito nelas. Era como se Thomas tivesse vindo de uma caminhada de lazer em vez de ter sido sequestrado e quase morto.

– Estou feliz por terem conseguido chegar aqui – disse Thomas.

Caçarola soltou a costumeira gargalhada animalesca, como se fosse uma risada normal.

– Alguns conseguiram, sim. Mas parece que você se divertiu mais. Andando por aí com sua deusa. Imagino que tenham se beijado, ou quem sabe mais…

– Não exatamente – retrucou Thomas. – E não foi nada divertido.

– Ah, é? O que aconteceu? – quis saber Minho. – Como pode confiar nela depois de tudo aquilo?

Thomas hesitou a princípio, mas sabia que precisava contar tudo a eles. E não havia momento melhor do que aquele. Respirou fundo e começou a falar. Contou-lhes sobre o plano do CRUEL em relação a ele, sobre o acampamento, a conversa com o Grupo B, a câmara de gás. Ainda assim, nada daquilo fazia sentido, mas se sentiu um pouco melhor depois de contar aos amigos.

– E você perdoou aquela bruxa? – indagou Minho, assim que Thomas terminou. – Eu não perdoaria. O que quer que aquele pessoal de mértila do CRUEL queira fazer, está ótimo pra mim. O que quer que você queira fazer, está ótimo pra mim. Mas não confio nela, não confio no Aris, e não gosto de nenhum dos dois.

Newt pareceu refletir um pouco mais antes de responder.

– Eles participaram de tudo aquilo, de todo o plano e da representação, só pra fazer você se sentir traído? Não faz o menor sentido.

– Nem me falem – murmurou Thomas. – E não, não a perdoei. Mas por

enquanto acho que estamos no mesmo barco. – Olhou ao redor. A maioria das pessoas estava sentada, o olhar perdido na distância. Não havia sons de conversas, tampouco os dois grupos se misturavam. – E quanto a vocês, rapazes? Como conseguiram chegar até aqui?

– Encontramos uma passagem pelas montanhas – respondeu Minho. – Tivemos de lutar contra alguns Cranks acampados em uma caverna, mas, fora isso, nenhum problema. Só que quase ficamos sem comida e água. E meus pés doíam muito. Estou certo de que outro raio de mértila daqueles está pra cair sobre mim e me deixar parecendo um daqueles torresmos do Caçarola.

– É – concordou Thomas. Olhou para as montanhas atrás deles, imaginando que, ao todo, provavelmente tinham percorrido uns cinco quilômetros desde o sopé da montanha. – Talvez devêssemos esquecer por enquanto esse negócio de Refúgio Seguro e tentar encontrar abrigo. – Mas, mesmo enquanto articulava as palavras, admitia que não era uma boa ideia. Pelo menos enquanto o tempo ainda não tivesse se esgotado.

– De jeito nenhum – replicou Newt. – Não chegamos até aqui pra voltar atrás. Vamos torcer pra que a maldita tempestade demore um pouco mais para cair. – Com uma careta, olhou para as nuvens quase negras acima deles.

Os Clareanos ficaram em silêncio. O vento continuava a tomar força; seu rugido e suas rajadas dificultavam a compreensão do que os outros falavam. Thomas olhou para o relógio. Trinta e cinco minutos. Não havia como a tempestade demorar mais que…

– O que é aquilo? – Minho gritou, ficando de pé num salto. Apontava para um ponto acima dos ombros de Thomas.

Thomas se virou para observar, ao mesmo tempo que se levantava; a situação de alerta havia reanimado suas forças. Embora o terror na expressão de Minho fosse inconfundível.

A uma distância de cerca de nove metros do grupo, uma grande parte da superfície do Deserto se... rompera. Um quadrado perfeito – talvez de uns quatro metros e meio – começou a girar, a face forrada de terra virando lentamente para longe da visão deles, e a face de baixo erguendo-se para substituí-la. O som de aço rangendo e se retorcendo cortou o ar, mais alto que os rugidos do vento. Em pouco tempo, o quadrado em movimento havia dado uma volta completa e, onde antes era o solo do Deserto, agora havia uma superfície negra com um objeto estranho pousado em cima. Era longo e branco, as arestas arredondadas.

Thomas tinha visto algo assim antes. Vários objetos como aquele, na verdade. Depois de fugirem do Labirinto e entrarem na câmara imensa de onde provinham os Verdugos, haviam deparado com diversos compartimentos semelhantes a caixões funerários. Não tivera muito tempo para pensar neles, mas, ao ver este, agora, imaginou que podiam ser o esconderijo dos Verdugos, onde dormiam e ficavam quando não estavam caçando seres humanos no Labirinto.

Antes que tivesse tempo de reagir, mais trechos de superfície do Deserto – em todo o entorno do grupo, formando um grande círculo – se romperam naquela rotação estranha, como sombrias mandíbulas abertas.

Dezenas delas.

58

Os rangidos metálicos eram ensurdecedores. Enquanto as faces do quadrado giravam lentamente, Thomas cobriu as orelhas com as mãos, tentando se proteger do ruído. Os outros integrantes do grupo fizeram o mesmo. Ao redor deles, espalhando-se a intervalos milimetricamente iguais e completando um círculo perfeito na área onde estavam, porções de superfície giravam até desaparecer, cada uma substituída por um grande quadrado negro, o movimento cessando com um ruído surdo e alto, e, em cima, um daqueles compartimentos brancos. Pelo menos uns trinta no total.

O lamento de metal triturado contra metal parou. Ninguém disse uma palavra. O vento varria toda a terra, soprando areia e poeira em camadas por entre o círculo de compartimentos brancos. Ao passar por eles, produzia um silvo áspero e persistente. Eram tantos os ruídos simultâneos que se fundiam em uma barulheira capaz de provocar calafrios na espinha de Thomas. Precisou estreitar bem os olhos para manter a areia longe deles. A cena não havia se alterado em nada desde que os objetos estranhos, praticamente alienígenas, haviam se revelado. Restavam apenas o ruído, o vento, o frio, a ardência nos olhos.

Tom?, Teresa o chamou.

Sim.

Você se lembrou deles, certo?

Lembrei.

Acha que há Verdugos lá dentro?

Thomas admitiu que era exatamente o que havia pensado, embora jamais pudesse ter imaginado uma coisa daquelas. Raciocinou por um segundo antes de responder.

Não sei... Os Verdugos tinham um corpo bem úmido; seria difícil aguentarem a temperatura aqui fora.

Parecia uma coisa estúpida de dizer, mas estava ansioso por entender a situação.

Quem sabe é pra… a gente entrar ali, ela completou, após uma pausa. Talvez seja esse o verdadeiro Refúgio Seguro, ou vão transportar a gente pra outro lugar.

Thomas odiava a ideia, mas considerou que talvez ela estivesse certa. Desviou o olhar daquelas coisas no chão e procurou Teresa. Ela já se aproximava. Felizmente, sozinha. Não conseguiria lidar com ela e Brenda juntas naquele momento.

– Ei – chamou em voz alta, mas o vento pareceu carregar o som para longe antes mesmo de sair por completo de sua boca. Fez menção de estender a mão para tocar a dela, porém a recolheu num gesto abrupto, quase se esquecendo do quanto as coisas haviam mudado. Teresa não deu mostras de ter percebido, e agora cutucava o ombro de Minho e Newt, como para anunciar sua chegada. Ambos se viraram para encará-la, e Thomas se aproximou para conversar com os dois.

– Bem, o que faremos? – indagou Minho. Dirigiu a Teresa um olhar aborrecido, como se não a quisesse tomando parte da decisão.

Foi Newt quem respondeu.

– Se aquelas coisas tiverem os malditos Verdugos dentro, é melhor começarmos a nos preparar pra enfrentar aqueles desgraçados de mértila.

– Do que estão falando, meninos?

Thomas se virou. Eram Harriet e Sonya; a pergunta viera de Harriet. E Brenda estava logo atrás, com Jorge a seu lado.

– Ah, ótimo – murmurou Minho. – As duas rainhas do glorioso Grupo B.

Harriet agiu como se não houvesse escutado.

– Suponho que todos vocês também tenham visto aqueles compartimentos lá na câmara do CRUEL. Devia ser onde os Verdugos recarregavam as forças, ou o que quer que fizessem ali dentro.

– Isso – concordou Newt. – Pensamos o mesmo.

No céu acima, um trovão irrompeu com abundante sonoridade, e os clarões de luz se intensificaram. O vento fustigava roupas e cabelo, e o ar recendia a umidade e poeira – combinação estranha. Thomas verificou novamente a hora.

– Temos apenas vinte e cinco minutos. Vamos precisar lutar contra os Verdugos ou entrar naqueles caixões quando chegar a hora. Talvez sejam os…

Um zunido agudo atravessou o ar, amplificando-se em todas as direções. O som penetrou os tímpanos de Thomas, e ele pressionou as mãos contra as orelhas. Uma movimentação ao redor lhe chamou a atenção, e ele observou atentamente o que acontecia com os grandes casulos brancos.

Uma linha azul-escura surgiu em um dos lados de cada compartimento, alargando-se quando a parte superior do objeto se moveu para cima, abrindo-se com o apoio dobradiças como a tampa de um caixão. Não emitia nenhum som, pelo menos não o bastante para ser ouvido acima do vento fustigante e das trovoadas. Thomas percebeu os demais se aproximando lentamente, reunindo-se em um grupo mais compacto. Todos tentavam ficar o mais afastados possível dos compartimentos – logo, eram um conjunto apinhado de corpos cercado pelos casulos brancos.

As tampas continuaram se movendo até ficarem completamente abertas e tombarem ao chão. Algo volumoso repousava dentro de cada caixão. Thomas não conseguia distinguir muita coisa, mas, de onde estava, não via nada parecido com os repulsivos apêndices dos Verdugos. Nada se movia, embora tivesse certeza de que não deveria baixar a guarda.

Teresa?, chamou em pensamento. Não ousava falar em voz alta, mas precisava conversar com alguém ou ficaria maluco.

Sim?

Alguém devia dar uma olhada lá dentro. Disse aquilo, mas não queria de fato ser o escolhido para fazer a vistoria.

Vamos juntos, ela falou sem pestanejar, surpreendendo-o com a rápida decisão.

Às vezes, você tem as piores ideias possíveis, retrucou. Tentou fazer o comentário soar sarcástico, mas sabia o quanto era verdadeiro, mais do que desejava admitir a si mesmo. Estava aterrorizado.

– Thomas! – Minho chamou. O vento, ainda voraz, foi abafado pela aproximação de trovões e raios, estalando e explodindo em uma exibição ofuscante acima da linha do horizonte. A tempestade estava prestes a se abater sobre eles em toda a sua fúria.

– O que foi? – Thomas gritou em resposta.

– Você, eu e Newt! Vamos ver o que é aquilo!

Thomas estava pronto para partir, quando algo se esgueirou para fora de um

dos casulos. Uma exclamação coletiva e entrecortada escapou dos que estavam mais próximos, e ele se voltou para observar melhor. Coisas se mexiam dentro de todos os compartimentos – coisas que Thomas não pôde reconhecer a princípio. Concentrou-se no mais próximo, estreitando os olhos para discernir exatamente o que estava prestes a surgir dali.

Um braço disforme passou pela borda e a mão ficou pendurada a alguns centímetros do chão. Nela viam-se quatro dedos desfigurados – prolongamentos nojentos cor de carne –, nenhum deles do mesmo comprimento. Tentaram se articular, procurando agarrar algo que não encontravam, como se a criatura ali dentro tentasse se segurar em algo para sair. O braço era enrugado e recoberto de verrugas, e havia algo totalmente estranho no lugar em que deveria estar o cotovelo – uma protuberância ou tumor, talvez de uns dez centímetros de diâmetro, reluzindo com um brilho alaranjado.

Era como se a coisa tivesse uma lâmpada grudada no braço.

O monstro continuou a se revelar. Uma perna se projetou para fora, o pé tinha quatro saliências como se fossem dedos se contorcendo, assim como os da mão. E, sobre o joelho, outra daquelas inacreditáveis esferas luminosas alaranjadas, aparentemente se projetando para fora da pele.

– O que é essa coisa? – gritou Minho, acima do ruído da tempestade que se formava.

Ninguém respondeu. Hipnotizado, Thomas não desgrudava o olhar da criatura – uma mescla de fascinação e horror. Enfim, desviou os olhos o bastante para ver que monstros semelhantes saíam de cada casulo – todos em ritmo sincronizado –, então voltou a atenção para o mais próximo de novo.

De algum modo, a criatura havia conseguido se apoiar o bastante com o braço e a perna direitos para impulsionar o restante do corpo para fora. Tomado de horror, Thomas observou a coisa abominável saltando e se agitando, até se equilibrar sobre a borda do casulo aberto e, num último impulso, cambalear para o chão. Com uma forma grosseiramente humana, embora pelo menos quase um metro mais alta do que qualquer um ao redor de Thomas, exibiu o corpo nu e rústico, enrugado e coberto de pústulas. Mais perturbadoras ainda eram aquelas protuberâncias, talvez umas vinte no total, espalhadas sobre o corpo da coisa e projetando uma luz alaranjada brilhante. Várias no peito e nas costas. Uma em cada cotovelo e joelho – a bola do joelho direito disparou uma profusão de centelhas reluzentes quando a criatura

pousou no chão –, várias grudadas sobre um caroço grande da… do que devia ser uma cabeça, embora não apresentasse olhos, nariz, boca nem orelhas. Muito menos cabelo.

O monstro ficou de pé, oscilou um pouco enquanto se equilibrava, depois se virou para encarar o grupo de humanos. Um olhar rápido ao redor mostrou que cada casulo havia produzido uma criatura, todas elas agora em pé num círculo ao redor dos Clareanos e do Grupo B.

Ao mesmo tempo, as criaturas ergueram os braços até apontar para o céu. Então, imediatamente, lâminas finas se projetaram das extremidades dos dedos atarracados das mãos e dos pés, assim como dos ombros. Os clarões de luz no céu refulgiram sobre a superfície, lançando reflexos prateados pontiagudos e luminosos. Embora não houvesse sinal de algum tipo de boca, um gemido mortífero e assustador se projetava dos corpos – um som que Thomas mais sentia que ouvia – teria de ser muito alto para que conseguisse ouvi-lo com o terrível barulho dos trovões.

Quem sabe os Verdugos não eram piores que estes, sugeriu Teresa telepaticamente.

Bem, são tão parecidos que fica óbvio quem criou essas coisas, respondeu ele, num esforço para manter a calma.

Minho se virou rapidamente e encarou o grupo ainda boquiaberto de pessoas ao redor de Thomas.

– Há praticamente um pra cada um de nós! Peguem o que puderem para servir de arma!

Como se tivessem ouvido a ordem, as criaturas repletas de brilhantes tumores laranja passaram a se mover, avançando. Os primeiros passos foram trôpegos, mas depois se equilibraram, tornando-se mais firmes, fortes e ágeis. Aproximavam-se passo a passo.

59

Teresa deu a Thomas uma faca realmente comprida, quase uma espada. Onde será que ela escondia essas coisas?, pensou. Naquele momento, ela segurava uma adaga curta, além da lança.

À medida que os gigantes iluminados se aproximavam, Minho e Harriet se dirigiram aos respectivos grupos, fazendo-os se dispersar ao redor e se posicionar, os gritos e comandos destroçados pelo vento antes de Thomas conseguir ouvir qualquer coisa. Ousou tirar os olhos dos monstros que avançavam por tempo suficiente para desviá-los para o céu. Ramificações de raios dividiam-se e se espalhavam em meio às nuvens escuras, que pareciam pender a poucas dezenas de metros acima deles. O odor metálico de eletricidade permeava o ar.

Thomas olhou de novo para baixo, concentrando-se na criatura mais próxima dele. Minho e Harriet haviam formado os grupos em um círculo quase perfeito, de frente para os monstros. Teresa estava ao lado de Thomas, e ele teria dito algo a ela se conseguisse articular as palavras. Mas estava sem fala.

A mais recente e abominável criação do CRUEL estava a apenas uns nove metros de distância.

Teresa lhe deu uma cotovelada nas costelas. Thomas se voltou e a viu apontando para uma das criaturas, dizendo-lhe, com o gesto, que aquela era a que havia escolhido como inimiga. Ele inclinou a cabeça, concordando, ao mesmo tempo que fazia um gesto na direção de outra que já vinha estudando havia algum tempo.

Estava a uns sete metros de distância.

Num rompante, um pensamento explodiu na mente de Thomas: era um erro esperar por elas – precisavam se espalhar mais. Minho pareceu ter tido a

mesma ideia.

– Agora! – o Líder gritou, uma mensagem breve e distante, devido ao rugido da tempestade. – Ataquem!

Inúmeros pensamentos giraram na mente de Thomas naquele instante. Preocupação com Teresa, apesar do que ocorrera entre eles. Preocupação com Brenda – que estava a apenas alguns metros depois dele –, e arrependimento por mal terem se falado desde que haviam voltado a se encontrar. Imaginou que seria uma terrível injustiça ela ter percorrido todo aquele caminho apenas para ser morta por uma nojenta criatura artificial. Pensou nos Verdugos e no ataque desferido junto com Chuck e Teresa no Labirinto, para chegar ao Penhasco e ao Buraco, os Clareanos lutando e morrendo por eles para que pudessem digitar o código e dar um fim àquilo.

Lembrou o quanto haviam passado para chegar até aquele ponto, uma vez mais para enfrentar um exército biotecnológico enviado pelo CRUEL. O que significaria tudo aquilo? Valeria a pena tentar sobreviver um pouco mais? A imagem de Chuck recebendo a facada em seu lugar lhe saltou dentro da cabeça. Era tudo de que precisava. Aquele rompante o arrancou de nanossegundos de dúvida paralisante e aterrorizadora. Gritando a plenos pulmões, brandiu a imensa faca com as duas mãos acima da cabeça e se lançou para a frente, direto para o monstro.

À esquerda e à direita, os outros também atacavam, mas ele os ignorou. Precisava fazê-lo; forçou-se a isso. Se não cuidasse da própria tarefa, preocupar-se com os outros não resultaria em nada.

Foi se aproximando. Cinco metros. Três metros. Dois. A criatura tinha parado de andar, firmando as pernas em uma postura de luta. As mãos esticadas, as lâminas apontando para Thomas. As luzes alaranjadas e brilhantes pulsavam no momento, acendendo e apagando, apagando e acendendo, como se aquela coisa repulsiva realmente tivesse um coração em algum lugar dentro dela. Era inquietante não ver um rosto no monstro, mas ajudava Thomas a pensar naquilo mais como uma máquina, nada além de uma arma fabricada que desejava vê-lo morto.

Antes de alcançar a criatura, Thomas já tinha tomado uma decisão. Flexionando os joelhos, brandiu a arma semelhante a uma espada em uma trajetória de arco, desfechando a lâmina na perna esquerda do monstro com um golpe seguro e potente, sustentado pelas duas mãos. A faca penetrou uns três centímetros na pele, mas depois se chocou contra algo duro o bastante

para voltar num solavanco que fez os dois braços de Thomas vibrarem.

A criatura não se moveu, não se retraiu, nem emitiu nenhum tipo de som, humano ou não. Em vez disso, tentou agarrar com as mãos armadas de lâminas o lugar em que Thomas se ajoelhara diante dela, a espada ainda enterrada na carne. Thomas arrancou-a e recuou num ímpeto, exatamente quando as lâminas chocaram-se entre si, onde a cabeça dele havia estado segundos antes. Caiu de costas e fugiu para longe da criatura, que dava dois passos à frente, as lâminas dos pés chutando o ar com o movimento, e por pouco não acertando Thomas.

O monstro soltou um rugido dessa vez – um som quase igual aos lamentos assombrosos dos Verdugos – e se lançou ao chão, agitando os braços, numa tentativa de perfurar Thomas. Este girou para longe, rolando três vezes enquanto ouvia as pontas de metal arranharem o chão empoeirado. Depois de um momento, aproveitando uma oportunidade, saltou à frente, distanciando-se vários metros antes de se virar, a faca firme entre as mãos. A criatura tornava a se levantar, fatiando o ar com os dedos de pontas afiadas.

Thomas tomou fôlego várias vezes e percebeu, pelo canto dos olhos, os demais também em plena batalha. Minho atacava e golpeava com facas nas duas mãos, o monstro recuando vários passos, afastando-se dele. Newt rolava no chão, a criatura com a qual lutava pairando sobre ele, obviamente ferida, agindo com mais lentidão. Teresa era a mais próxima. Saltava, esquivando-se e estocando o inimigo com a parte de trás da lança. Seu monstro também parecia bastante ferido.

Thomas voltou a atenção para a própria batalha. Um indistinto brilho prateado obrigou-o a se abaixar, uma baforada de vento, que era o movimento de um braço, sobre seu cabelo. Thomas girou, agachou-se próximo ao chão, tentando apunhalá-lo com toda a força enquanto o monstro o perseguia, quase o acertando em diversas investidas. Atingiu uma das protuberâncias de luz laranja, esmagando-a em um clarão de centelhas; a luz se apagou de imediato. Sabendo que sua sorte podia acabar, ele mergulhou no chão, fugindo e rolando de novo até se levantar a uns dois metros dali.

A criatura havia parado – pelo menos por tempo suficiente para permitir a fuga de Thomas –, mas agora voltava a persegui-lo. Uma ideia tomou forma na mente de Thomas, ganhando vida quando observou Teresa, a criatura inimiga agora se movendo em investidas desritmadas e lentas. Ela seguia atacando as esferas laranja, explodindo-os como fogos de artifício. Havia

destruído pelo menos três quartos das protuberâncias grotescas.

As esferas. Tudo o que precisava fazer era destruir as protuberâncias laranja. De algum modo, estavam ligados à força, à vida ou à energia da criatura. Será que era fácil assim?

Um rápido olhar pelo campo de batalha mostrou que alguns já haviam tido a mesma ideia, mas a maioria não; vários ainda lutavam com um furor sanguinário para atacar membros, músculos, pele, esquecendo inteiramente das protuberâncias. Duas pessoas jaziam no chão, cobertas de ferimentos e sem vida. Um garoto e uma garota.

Thomas mudou radicalmente de estratégia. Em vez de atacar aleatoriamente, avançou e lançou um golpe em uma das protuberâncias no peito do monstro. Errou, cortando a pele amarelada e enrugada. A criatura desferiu um golpe violento, mas ele saltou para trás, as lâminas rasgando-lhe a camisa. Então, investiu de novo, tentando golpear o mesmo lugar. Acertou dessa vez, estourando a esfera e provocando uma chuva de centelhas alaranjadas. A criatura se deteve por um segundo, mas voltou ao combate.

Thomas correu em círculos em volta do monstro, saltando e recuando, atacando, golpeando, estocando.

"Vupt, vupt, vupt."

Uma das lâminas do monstro cortou seu antebraço, deixando uma linha vermelha na pele. Thomas atacou de novo. De novo. Mais uma vez.

"Vupt, vupt, vupt." As centelhas voavam, a criatura estremecendo e reagindo a cada esfera perdida. A pausa se tornava um pouco mais longa a toda estocada bem-sucedida. Thomas sentiu mais alguns arranhões e cortes, mas nada grave. Continuou golpeando as esferas alaranjadas.

"Vupt, vupt, vupt."

A cada vitória, a força da criatura diminuía, e ela gradualmente se tornava mais lenta, embora não parasse de tentar retalhar Thomas em pedacinhos. Esfera após esfera, a próxima sempre mais fácil que a anterior, Thomas atacava sem parar. Se ao menos conseguisse acabar rápido com aquilo, matá-la logo. Poderia ajudar os outros, terminar aquela batalha de vez e...

Uma luz ofuscante lhe chegou por trás, e o som de um universo inteiro explodindo destroçou seu breve momento de animação e esperança. Uma onda de poder invisível abateu-se sobre ele, e Thomas caiu ao chão, a barriga na areia, a faca rolando para longe. A criatura tombou também, um cheiro de queimado invadindo o ar. Thomas girou para o lado e notou um imenso

buraco negro no chão, chamuscado e soltando fumaça. Um pé e uma mão ornamentados com lâminas jaziam ao largo do buraco. Nenhum sinal do resto do corpo.

Fora a queda de um raio. Bem atrás dele. A tempestade enfim se desencadeava.

No mesmo instante em que concluiu o pensamento, olhou para cima e viu os grossos estilhaços de luz branca que começavam a despencar das nuvens negras.

60

Os relâmpagos explodiam por toda parte ao redor dele; ouviam-se estrondos ensurdecedores de trovão; colunas de poeira voavam no ar em todas as direções. Várias pessoas gritaram – um grito foi cortado pela metade abruptamente, o de uma garota. E aquele cheiro insuportável de carne queimada... As descargas de eletricidade terminaram tão rapidamente quanto tinham começado. Mas os clarões continuaram, e a chuva se precipitou torrencialmente.

Thomas não havia se mexido durante aquela primeira descarga de raios. Não tinha motivo para pensar que estaria mais seguro em qualquer outro lugar que não aquele. Mas, depois daquele acesso furioso da natureza, levantou-se e olhou ao redor, para ver o que podia fazer ou para onde poderia correr antes que acontecesse algo parecido de novo.

A criatura com a qual havia lutado estava eliminada, metade do corpo chamuscada, a outra metade desaparecida. Teresa estava sobre o inimigo, golpeando com a parte de trás da lança a última protuberância, de onde saíram faíscas que findaram com um chiado. Minho estava no chão, mas lentamente se colocou em pé. Newt também estava por perto, respirando sofregamente. Caçarola se curvou e endireitou o corpo. Alguns jaziam no chão; outros – como Brenda e Jorge – ainda lutavam contra os monstros. Trovões ribombavam por toda parte, e raios cintilavam na chuva.

Thomas precisava fazer alguma coisa. Teresa não estava muito distante, a alguns metros da criatura que ele matara, inclinada para a frente, as mãos sobre os joelhos.

Precisamos encontrar abrigo!, comunicou mentalmente.

Quanto tempo falta ainda?

Thomas olhou para o relógio.

Dez minutos.

Devíamos entrar nos compartimentos. Ela apontou para o mais próximo, que continuava aberto como uma casca de ovo cortada à perfeição, as metades certamente inundadas àquela altura.

Ele gostou da ideia.

E se não conseguirmos fechá–lo?

Tem um plano melhor?

Não. Pegou-a pela mão e começaram a correr.

Precisamos chamar os outros!, ela disse, aproximando-se de um casulo.

Eles vão descobrir. Thomas sabia que não podia esperar – mais descargas poderiam atingi-los a qualquer momento. Talvez estivessem todos mortos quando ele e Teresa conseguissem se comunicar com alguém. Precisava confiar na capacidade dos amigos de se salvarem. Sabia que podia confiar.

Quando chegaram ao compartimento, várias descargas de eletricidade vieram zigue zagueando do céu, terminando em explosões ao redor deles. Havia poeira e chuva por toda parte; os ouvidos de Thomas zumbiam. Olhou para dentro da metade restante do compartimento, sem ver nada além de uma pequena piscina de água suja. Um odor horrível emanava dele.

– Depressa – gritou, enquanto se preparava para entrar.

Teresa o acompanhou. Não precisavam se comunicar para saber o que fazer em seguida. Os dois se ajoelharam, depois se inclinaram para a frente, dispondo-se a puxar em seguida a ponta da outra metade – ela possuía um revestimento emborrachado, fácil de agarrar. Thomas segurou na sua metade, à altura da beirada do casulo, depois puxou-a para cima, aplicando todas as forças que lhe restavam. A outra metade se ergueu e girou em sua direção.

No momento em que Thomas ia se sentar, Brenda e Jorge se apressavam na direção deles. Thomas sentiu um alívio imenso ao ver que estavam bem.

– Há espaço para nós? – Jorge gritou, acima do barulho da tempestade.

– Entrem! – Teresa berrou em resposta.

Os dois se esgueiraram pela beirada, caindo dentro do grande compartimento um tanto apertado agora, mas ainda adaptável ao número de pessoas. Thomas se encolheu para abrir mais espaço, segurando a tampa meio aberta – enquanto a chuva tamborilava na superfície externa. Depois que todos se acomodaram, ele e Teresa encolheram a cabeça e fecharam o compartimento por completo. Além do estampido abafado da chuva e das

explosões distantes de raios, e da respiração ofegante dos quatro, ficaram relativamente em silêncio. Thomas, porém, continuava com aquele zumbido nos ouvidos.

Torcia para que os outros amigos tivessem conseguido chegar em segurança aos casulos.

– Obrigado por nos deixar entrar, muchacho – falou Jorge, quando todos pareciam ter recuperado o fôlego.

– Não há de quê – Thomas replicou. A escuridão dentro do compartimento era absoluta, mas sabia que Brenda estava ao lado dele, depois Jorge e logo em seguida Teresa, na outra extremidade.

– Pensei que tivesse segundas intenções ao nos deixar entrar – disse Brenda. – Teria sido uma boa oportunidade para se livrar de nós.

– Por favor – Thomas murmurou. Estava cansado demais para se desculpar. Estavam quase mortos, e poderiam não ter se livrado de todas as dificuldades ainda.

– Então este é nosso Refúgio Seguro? – indagou Teresa.

Thomas acionou o botão da luz do relógio; tinham sete minutos até o tempo se esgotar.

– No momento, espero que sim. Talvez em alguns instantes aqueles quadrados de mértila girem na terra e nos deixem em um belo salão confortável, onde poderemos todos viver felizes para sempre. Ou não.

Crac!

Thomas teve um sobressalto. Algo havia batido no compartimento e produzido o maior som que já tinha ouvido, um estrondo ensurdecedor. Um pequeno orifício – uma lasca de luz cinzenta – havia aparecido no teto de seu abrigo, gotas de água se formando e gotejando com rapidez.

– Deve ter sido um raio – sugeriu Teresa.

Thomas esfregava as orelhas, o zumbido muito pior agora.

– Mais uns dois desses e estaremos de volta ao ponto de partida. – A voz dele soou abafada.

Outra olhada para o relógio. Cinco minutos. A água pingava sem cessar, formando uma poça. O cheiro horrível do interior persistia. O badalar de sinos na cabeça de Thomas diminuiu um pouco.

– Não é bem o que eu tinha imaginado, hermano – disse Jorge. – Pensei que chegando aqui você convenceria os chefões a nos deixarem entrar. Para nos dar aquela cura, lembra? Não pensei que ficaríamos entocados em uma

banheira fedida esperando ser eletrocutados.

– Quanto tempo ainda? – indagou Teresa.

Thomas olhou de novo.

– Três minutos.

Do lado de fora, a tempestade atingia o ponto máximo de fúria, explosões descarregando raios no chão, a chuva se precipitando aos borbotões.

Outro estrondo e um estalo abalaram o casulo, alargando o bastante a fenda no teto para que a água jorrasse, respingando em Brenda e Jorge. Um chiado persistente foi seguido da entrada de vapor – o raio aquecera o material do lado de fora.

– Não vamos durar muito tempo, não importa o que aconteça! – Brenda gritou. – Acho que é pior ficar sentada aqui esperando acontecer!

– Faltam só dois minutos! – Thomas gritou em resposta. – Aguente firme!

Um som se insinuou do lado de fora. Fraco a princípio, mal se distinguindo acima do estardalhaço da tempestade. Um rumor. Profundo e baixo. O volume aumentou, fazendo todo o corpo de Thomas vibrar.

– O que é isso? – indagou Teresa.

– Não faço ideia – respondeu ele. – Mas, considerando o nosso dia, estou certo de que não é nada bom. Só precisamos aguentar pouco mais de um minuto.

O som se tornou mais alto e penetrante. Agora, superava os trovões e a chuva. As paredes do compartimento vibraram. Thomas ouviu uma rajada de vento do lado de fora, diferente, de algum modo, do ruído que ouvira até o momento. Mais potente. Quase… artificial.

– Faltam apenas trinta segundos – anunciou Thomas, mudando de repente de opinião. – Talvez estejam certos. Quem sabe estejamos perdendo algo importante. Acho... acho que devemos dar uma olhada.

– O quê? – Jorge disse.

– Precisamos ver o que está produzindo esse som. Vamos, ajude-me a abrir esta coisa.

– E se cair um belo raio destruidor e fritar meu traseiro?

Thomas espalmou as mãos no teto.

– Precisamos correr o risco! Vamos… empurre!

– Ele está certo – acrescentou Teresa, também apoiando as mãos para ajudar.

Brenda a imitou, e logo Jorge se juntava a eles.

– Só até a metade – instruiu Thomas. – Prontos?

Depois de alguns grunhidos em afirmação, prosseguiu:

– Um… dois… três!

Todos empurraram na direção do céu, e a força acabou sendo excessiva. A tampa saltou e caiu ao chão, deixando o compartimento totalmente aberto. A chuva os fustigou, voando horizontalmente, conduzida pela ferocidade do vento.

Thomas se inclinou sobre a beirada do casulo e ofegou ao ver o que pairava no ar, apenas nove metros acima do chão, pousando com rapidez. Era imenso e redondo, com luzes que piscavam e propulsores nos quais ardia uma chama azulada. Era a mesma nave que o salvara após ter sido alvejado. O Berg.

Thomas olhou para o relógio bem a tempo de ver passar o último segundo. Olhou de novo para cima.

O Berg desceu sobre um trem de pouso em forma de garra, e uma imensa porta de carga em sua barriga de metal começou a se abrir.

61

Não podiam desperdiçar mais tempo. Nada de perguntas, nada de medo, nada de conversa-fiada. Só ação.

– Vamos! – gritou ele, puxando o braço de Brenda enquanto deixava o compartimento. Subiu e saltou para fora, caindo sobre uma poça de lama. Mas se ergueu de imediato, limpando a terra da boca e dos olhos, à medida que se equilibrava. A chuva caía torrencialmente, trovões rugindo de todos os lados, o ar cortado por relâmpagos em clarões assustadores.

Jorge e Teresa saíram do casulo, ajudados por Brenda. Thomas olhou para o Berg – a uns quinze metros de distância –, a porta de carga inteiramente aberta já, a boca escancarada para o interior, uma luminosidade acolhedora lá dentro. Formas escuras portando armas eram visíveis ao fundo, à espera. Obviamente não pretendiam sair nem ajudar quem quer que fosse a alcançar o Refúgio Seguro. O verdadeiro Refúgio Seguro.

Já em movimento, ele gritou:

– Corram! – Segurava a faca à frente, a mão firme, para o caso de alguma daquelas criaturas ainda estar viva e tentar revidar.

Teresa e os outros seguiam o mesmo ritmo a seu lado.

Amaciado pela chuva, o terreno retardava os movimentos; Thomas escorregou duas vezes, caindo ao chão. Teresa agarrou sua camisa, puxando-o, até fazê-lo levantar e voltar a correr. Ao redor deles, outras pessoas também corriam para a segurança da nave. A escuridão da tempestade e o véu da chuva, acompanhados dos clarões dos raios, impediam que se distinguissem. Mas não era momento para se preocupar com isso.

Do lado direito, arrastando-se pesadamente próximo da aeronave, apareceram mais de dez criaturas com esferas alaranjadas; encaminharam-se

para um ponto do qual poderiam impedir Thomas e seus amigos de alcançar a porta de carga aberta. As lâminas brilhavam na chuva, algumas tingidas de vermelho. Pelo menos metade das esferas luminosas e assustadoras estavam estouradas, o que se podia comprovar pelos movimentos desconexos. Mas pareciam tão perigosas quanto antes. E, ainda assim, as pessoas no Berg não faziam nada, só observavam.

– Vamos passar direto no meio delas! – gritou Thomas.

Minho enfim apareceu, acompanhado de Newt e de outros Clareanos, incorporando-se ao ataque, assim como Harriet e algumas garotas do Grupo B. Todos pareciam entender o plano, por mais complicado que fosse: lutar contra aqueles últimos monstros e dar o fora dali.

Pela primeira vez desde a entrada na Clareira, semanas antes, Thomas não sentia medo. Não sabia se algum dia voltaria a experimentar esse sentimento. Não entendia por quê, mas algo havia mudado. Raios explodiam ao redor dele, alguém gritou, e a chuva continuava, impiedosa. O vento fustigava o ar, atingindo-os com pedrinhas e gotas de água que feriam com a mesma intensidade. As criaturas agitaram as lâminas, rugindo com seu som perturbador, enquanto aguardavam pela batalha. Thomas avançou, a faca levantada acima da cabeça.

Nada de medo.

A um metro da criatura que se posicionara no centro, saltou bem alto, as pernas lançadas para a frente. Bateu com os pés em uma das esferas protuberantes do peito do monstro. A esfera estourou com um chiado; a criatura uivou algo incompreensível e tombou para trás, chocando-se contra o chão.

Thomas caiu sobre a lama e rolou para o lado. Imediatamente, saltou e correu ao redor da criatura, atacando e golpeando, estourando as saliências alaranjadas.

"Vupt, vupt, vupt."

Esquivava-se e se afastava dos ataques infrutíferos das lâminas da criatura. Retalhou, golpeou. "Vupt, vupt, vupt." Só restavam três protuberâncias; a criatura mal conseguia se mover. Em um ímpeto de confiança, Thomas montou naquela coisa e rapidamente desfechou os golpes finais para acabar com ela.

A última protuberância estourou e chiou. Eliminada.

Levantou-se e olhou ao redor para verificar se alguém precisava de ajuda.

Teresa havia exterminado outra criatura. Minho e Jorge também. Newt estava lá, apoiando-se na perna defeituosa, acertando as últimas esferas do inimigo com a ajuda de Brenda.

Alguns segundos depois, tudo estava acabado. Nenhuma criatura se movia. Nenhuma luz alaranjada brilhava. Era o fim.

Respirando pesadamente, Thomas pousou o olhar na entrada da nave, a apenas seis metros de distância. Não demorou para que os propulsores fossem ligados e a nave começasse a se erguer do solo.

– Está partindo! – Thomas gritou o mais alto que pôde, apontando freneticamente para seu único meio de escape. – Depressa!

A palavra mal lhe escapara da boca quando Teresa o agarrou pelo braço, puxando-o enquanto corria para a nave. Thomas tropeçou, depois se recompôs, fincando os pés na lama. Ouviu o ruído de um trovão atrás de si e viu o clarão de um raio invadir o céu. Outro grito. Viu outros ao lado dele, ao redor dele, na frente dele agora, todos correndo. Newt mancava, Minho ao lado dele, amparando-o para que não caísse.

O Berg já chegara a cerca de noventa centímetros do chão, elevando-se devagar e girando ao mesmo tempo, pronto para a qualquer segundo acionar os propulsores e disparar para longe. Alguns Clareanos e três garotas o alcançaram primeiro, mergulhando na plataforma à frente. A nave continuava a subir. Outros chegaram, saltaram, rolaram para dentro.

Só então Thomas e Teresa conseguiram. Agora, a escotilha da abertura estava à altura do peito. Ele saltou, apoiando as mãos na prancha metálica, os braços esticados, o estômago pressionado contra a grossa beirada. Deu impulso com a perna direita e rolou para dentro. A nave continuava seu movimento. Outros subiam, estendendo os braços para ajudar os companheiros. Teresa, só meio corpo içado para dentro, tentava encontrar apoio para a mão.

Thomas estendeu o braço e agarrou sua mão, puxando-a para dentro. Ela caiu em cima dele, e trocaram um rápido olhar pleno de satisfação e vitória. Mas logo ela se desvencilhou dele, e os dois se aproximaram da beirada da nave para ver se mais alguém precisava de ajuda.

O Berg estava agora a quase dois metros de altura, e começava a se inclinar. Três pessoas ainda pendiam da beirada. Harriet e Newt arrastavam uma garota para dentro. Minho oferecia sua ajuda a Aris. Mas Brenda só contava com as próprias mãos, o corpo balançando enquanto agitava os pés, procurando impulso para se erguer.

Thomas se deitou de bruços, estendeu a mão e agarrou seu braço direito. Teresa pegou o outro. O metal da porta de carga era úmido e escorregadio; quando Thomas içou Brenda para dentro, passou ele próprio a escorregar para fora, então parou abruptamente. Com um rápido olhar para trás, Thomas percebeu que Jorge, apoiando-se como podia, sustentava tanto ele, Thomas, quanto Teresa.

Thomas voltou a olhar para Brenda, retomando a operação de puxá-la. Com a ajuda de Teresa, ela enfim entrou o suficiente para apoiar a barriga no chão; dali por diante, era fácil. Enquanto Brenda se levantava, Thomas voltou a olhar para a superfície abaixo, que se distanciava lentamente. Nada além daquelas criaturas horripilantes, sem vida e molhadas, repletas de tumores apagados, que antes se projetavam, parecendo ter vida própria, iluminados. Alguns poucos humanos mortos, mas não muitos, e nenhum que fosse íntimo de Thomas.

Avançou para o interior da nave, sentindo um alívio imenso. Haviam conseguido, a maioria deles. Tinham passado pelos Cranks e pelos monstros horrendos de esferas alaranjadas. Haviam conseguido. Foi para onde Teresa se encontrava, parou diante dela, puxou-a e a abraçou com força, esquecendo-se por um segundo do que havia acontecido entre eles. Haviam conseguido.

– Quem são estes dois aqui?

Thomas afastou-se de Teresa para ver quem tinha gritado: um homem de cabelo ruivo e curto apontava uma pistola negra para Brenda e Jorge, sentados lado a lado, tremendo, molhados e feridos.

– Alguém me responda! – berrou o homem de novo.

Thomas respondeu, antes mesmo de pensar no que dizia.

– Eles nos ajudaram a atravessar a cidade. Não teríamos conseguido chegar aqui se não fosse por eles.

O homem inclinou a cabeça na direção de Thomas.

– Pegaram os dois… pelo caminho?

Thomas inclinou a cabeça, concordando. Não gostava do rumo que as coisas estavam tomando.

– Fizemos um acordo com eles. Prometemos que também receberiam a cura. Temos menos pessoas do que quando começamos.

– Não importa – respondeu o homem. – Não dissemos que poderiam trazer cidadãos!

O Berg continuava a subir, cada vez mais alto no céu, mas a porta ainda

estava aberta. O vento soprava forte pela larga passagem; qualquer um deles poderia tropeçar e cair lá embaixo se houvesse uma turbulência.

Thomas se levantou assim mesmo, determinado a defender o pacto que haviam feito.

– Bem, vocês nos disseram pra vir aqui, e fizemos o que precisávamos fazer!

O anfitrião armado fez uma pausa, parecendo considerar a linha de raciocínio dele.

– Às vezes me esqueço de como compreendem pouco qual é a realidade. Muito bem, podem ficar com um deles. O outro vai embora.

Thomas tentou não demonstrar o impacto que aquilo lhe causou.

– O que quer dizer com "o outro vai embora"?

O homem engatilhou a arma e a apontou para a cabeça de Brenda.

– Não temos tempo pra isso! Vocês têm cinco segundos pra escolher qual dos dois fica. Se não escolherem, os dois morrem. Um., dois...

– Espere! – Thomas olhou para Brenda, depois para Jorge. Os dois mantinham o olhar perdido no chão, sem dizer nada. O rosto de ambos estava pálido de medo.

– Dois.

Thomas reprimiu o pânico crescente e fechou os olhos. Não havia nada de novo ali. Não, agora compreendia tudo. Sabia o que tinha de fazer.

– Três.

Nada de medo. Nada de choque. Nada de perguntas. Aceitar o que acontece. Agir de acordo. Passar nos testes. Passar nos Experimentos.

– Quatro! – O rosto do homem ficou vermelho. – Escolha agora ou os dois morrem.

Thomas abriu os olhos e deu um passo à frente. Então, apontou para Brenda e disse as palavras mais sórdidas que já haviam saído de seus lábios.

– Mate-a.

Por causa do estranho pronunciamento de que apenas um podia ficar, Thomas pensou ter entendido, pensou que sabia o que aconteceria. Que ainda se tratava de outra Variável, e que considerariam alguém que ele não tivesse escolhido. Mas estava errado.

O homem guardou a arma no cinto da calça, depois agarrou Brenda pela blusa com as duas mãos, obrigando-a com violência a se levantar. Sem dizer uma palavra, encaminhou-se para a entrada ainda aberta, levando-a com ele.

62

Brenda se voltou para Thomas, o olhar em pânico, o rosto tomado pela dor, enquanto o estranho a arrastava pelo piso metálico do Berg. Para a escotilha aérea, para a morte certa.

Quando estava a meio caminho, Thomas entrou em ação.

Saltou à frente, atirando-se contra os joelhos do homem, e o lançou ao chão; a arma deslizou pelo piso ao lado dele. Brenda caiu, mas Teresa estava pronta para ampará-la e puxá-la de volta ao interior da nave. Thomas envolveu o pescoço do homem com o braço e procurou a arma com a outra mão. Alcançou-a com os dedos e a segurou. Saltando para longe, segurou a pistola com as duas mãos, apontando-a para o estranho, que permanecia de costas no chão.

– Ninguém mais vai morrer – disse Thomas, respirando pesadamente, um tanto chocado consigo mesmo. – Se não fizemos o bastante passando por aqueles testes estúpidos, então fracassamos. Os testes acabaram. – Ao proferir essas palavras, imaginou se aquilo estava nos planos deles. Mas nem mesmo isso importava mais: acreditava em cada palavra que tinha dito. Os assassinatos e as mortes impiedosas tinham de chegar ao fim.

A expressão do estranho se abrandou em um ligeiro esboço de sorriso, e ele se sentou, recuando de costas até se apoiar contra a parede. Ao fazê-lo, a grande porta de carga começou a se fechar, os rangidos das dobradiças soando como guinchos de porcos. Ninguém disse nada até que a porta se fechasse por completo com um solavanco, um último sopro de vento atravessando a fenda.

– Eu me chamo David – apresentou-se o homem, a voz alta no silêncio que se criara, quebrado apenas pelo rumor baixo dos motores e propulsores da nave. – Não se preocupe, você está certo. Acabou. Acabou mesmo.

Thomas balançou a cabeça, num gesto repleto de ironia.

– Sei, já ouvimos isso antes. Dessa vez estamos falando sério. Não ficaremos sentados aqui enquanto nos tratam como ratos. Estamos fartos disso.

David observou os demais por um instante, percorrendo com o olhar o compartimento de carga, talvez verificando se todos concordavam com o que Thomas havia acabado de dizer. Thomas, porém, não se incomodou em desviar o olhar. Precisava acreditar que estavam todos do seu lado.

Por fim, David tornou a olhar para Thomas. Levantou-se bem devagar, erguendo a mão num gesto conciliador. Depois, enfiou as duas mãos nos bolsos.

– O que você não entende é que tudo aconteceu e continuará acontecendo conforme planejado. Mas você está certo, os Experimentos terminaram. Estamos levando vocês a um lugar seguro, um lugar seguro de verdade. Não haverá mais testes, não haverá mais mentiras, não haverá mais encenações. Nem fingimento.

Fez uma pausa.

– Só posso prometer uma coisa. Quando souberem por que fizemos vocês passarem por tudo isso e por que é tão importante que tantos tenham sobrevivido, vão compreender. Prometo que vão.

Minho bufou.

– Esse é o maior amontoado de porcaria que já ouvi em toda a minha vida.

Thomas não pôde evitar certo alívio por seu amigo não ter perdido o ânimo.

– E quanto à cura? Foi o que nos prometeram. Pra nós e pras duas pessoas que nos ajudaram a chegar aqui. Como podemos acreditar de fato no que dizem pra gente?

– Pensem o que quiserem por enquanto – disse David. – As coisas vão mudar daqui por diante, e vão receber a cura, exatamente como lhes disseram. Assim que voltarmos ao quartel-general. Pode ficar com a arma, a propósito… podemos até lhes dar outras, se quiserem. Não haverá mais nada contra o que lutarem, nada de testes nem experimentos para ignorar ou recusar. Nosso Berg vai pousar, e verão que estão em segurança e curados. Depois, poderão fazer o que quiserem. A única coisa que pediremos que façam é nos ouvir. Só ouvir. Estou certo de que no mínimo ficarão intrigados com o que está por trás disto.

Thomas queria gritar com o homem, mas sabia que não ajudaria em nada. Em vez disso, respondeu com a voz mais calma possível:

– Chega de armações.

– Ao primeiro sinal de problemas – acrescentou Minho –, começaremos a lutar. Se isso significar a morte, que assim seja.

David sorriu abertamente dessa vez.

– Sabem, foi exatamente isso que previmos que fariam neste momento. – Fez sinal com o braço na direção de uma porta ao fundo do compartimento de carga. – Podemos?

Newt se manifestou.

– O que vem agora nessa maldita agenda?

– Pensamos que gostariam de comer alguma coisa, talvez tomar um banho. E dormir. – Passou a andar por entre o grupo de Clareanos e garotas. – Será um voo bem longo.

Thomas e os outros passaram alguns segundos trocando olhares. Mas, no fim, seguiram o homem. Na verdade, não tinham outra opção.

63

Thomas fez um grande esforço para não pensar em nada nas duas horas seguintes.

Havia conseguido defender seus amigos Cranks, mas toda aquela tensão, coragem e sensação de vitória diminuíram um bocado quando o grupo passou às atividades mais comuns. Comida quente. Bebidas geladas. Cuidados médicos. Banhos maravilhosamente longos. Roupas limpas.

Durante esse processo, Thomas reconheceu a possibilidade de que tudo estivesse se repetindo. De que ele e os outros estivessem sendo pacificados, só para, aos poucos, serem conduzidos a outro choque, como aquele com o qual haviam deparado no dormitório depois de terem sido resgatados do Labirinto. Mas, realmente, qual seria a outra alternativa? David e os outros da equipe não tinham feito ameaças nem mais nada para alarmá-los.

Descansado e alimentado, Thomas acabou sentado sobre um sofá que se estendia em um compartimento estreito, no meio do Berg, um aposento extenso cheio de móveis diversificados com revestimentos coloridos. Vinha evitando Teresa, mas ela apareceu e se sentou ao lado dele. Ainda sentia dificuldade em ficar perto dela, dificuldade em falar com ela ou com quem quer que fosse. Por dentro, vivia um turbilhão incendiário.

No entanto, deixou tudo de lado, porque não havia mais nada a fazer. Não sabia como era voar em um Berg e não saberia para onde ir, mesmo que pudesse decidir algo diferente. Onde quer que o CRUEL os levasse, teriam de escutá-los; a decisão estava nas mãos deles.

– No que está pensando? – perguntou Teresa depois de alguns instantes.

Thomas ficou feliz por ela falar em voz alta – não estava certo de se queria mais se comunicar telepaticamente.

– No que estou pensando? Estou é tentando não pensar.

– É. Talvez a gente deva apenas apreciar a paz e a tranquilidade por um tempo.

Thomas a encarou. Teresa estava sentada a seu lado como se no final das contas nada houvesse mudado entre eles; como se ainda fossem grandes amigos. E ele não podia suportar mais aquilo.

– Odeio que esteja agindo como se nada tivesse acontecido.

Teresa baixou os olhos.

– Estou tentando esquecer, tanto quanto você. Olhe, não sou idiota. Sei que nunca mais seremos os mesmos. Mas, ainda assim, não faria nada diferente. Era o plano, e funcionou. Você continua vivo, e isso é o que importa pra mim. Talvez você me perdoe um dia.

Thomas quase a odiou por argumentar tão bem.

– Bem, no momento só estou preocupado em deter essa gente. Não é direito o que fizeram conosco. Não importa quanto participei disto. É errado.

Teresa esticou o corpo um pouco mais para poder descansar a cabeça sobre o braço do sofá.

– Sem essa, Tom. Podem ter apagado nossas lembranças, mas não retiraram nosso cérebro. Nós dois fazemos parte disso e, quando nos contarem tudo, quando nos lembrarmos por que entramos nisso, vamos acabar fazendo o que quer que nos digam pra fazer.

Thomas pensou nas palavras dela por um segundo, concluindo que não poderia discordar mais. Talvez num determinado momento houvesse pensado assim, mas não agora. Embora discutir isso com Teresa fosse a última coisa que desejava fazer.

– Quem sabe você esteja certa – murmurou ele.

– Quando foi a última vez que dormimos? – ela indagou. – Juro que não consigo me lembrar.

Teresa voltara a agir como se tudo estivesse bem.

– Eu me lembro. Quando eu dormi, pelo menos. Teve algo a ver com uma câmara de gás e você bater na minha cabeça com uma grande lança.

Teresa se espreguiçou.

– Tudo que posso fazer é continuar a me desculpar. Bem, pelo menos você descansou um pouco. Eu não dormi nem por um segundo depois que você se foi. Acho que estou acordada já faz uns dois dias inteiros.

– Coitadinha. – Thomas bocejou. Não conseguiu evitar; também estava

cansado.

– Hum?

Ela estava de olhos fechados, a respiração se tornando mais e mais tranquila. Havia caído no sono assim, sem mais nem menos. Observou os outros Clareanos ao redor e as meninas do Grupo B. A maioria também dormia. Com exceção de Minho – ele tentava conversar com uma menina bonita, mas estava quase de olhos fechados. Jorge e Brenda não estavam em nenhum lugar nas proximidades – algo que pareceu estranho a Thomas, para não dizer preocupante.

Foi então que percebeu a terrível falta que sentia de Brenda, mas as próprias pálpebras começaram a se fechar, e o cansaço e a fadiga venceram. À medida que afundava no sofá, decidiu que procuraria por ela mais tarde. Permitiu, enfim, que a doce escuridão da inconsciência o dominasse.

64

Thomas acordou, piscou, esfregou os olhos, e não viu outra coisa a não ser um fundo branco. Tudo branco. Não havia formas, sombras, variações, nada. Só branco.

Uma sensação de pânico tomou conta dele, até concluir que devia estar sonhando. Estranho, mas um sonho, com certeza. Sentia o corpo, sentia os dedos. Sentia a si mesmo respirando. Ouvia a própria respiração. Ainda assim, estava cercado por um mundo contínuo e ininterrupto de um nada branco e ofuscante.

Tom.

Uma voz. A voz dela. Era possível que falasse enquanto estava sonhando? Tinha feito isso antes? Sim.

Ei, ele respondeu.

Está tudo bem com você? Ela parecia preocupada. Não, ele sentia que estava preocupada.

Hã? Sim, estou bem. Por quê?

Só pensei que pudesse estar um pouco surpreso neste momento.

Ele sentiu uma pontada de confusão.

Do que está falando?

Você está perto de entender mais. Muito perto, agora.

Pela primeira vez, Thomas percebeu que a voz não estava muito normal. Tinha alguma coisa estranha.

Tom?

Não respondeu. O medo se insinuou por suas entranhas. Um medo horrível, doentio, sufocante.

Tom?

Quem… quem é você?, perguntou, aterrorizado com a possível resposta.

Uma pausa antes da resposta.

Sou eu, Tom. Brenda. As coisas estão prestes a piorar pra você.

Thomas gritou antes de saber o que fazia. Gritou, gritou, gritou, até que finalmente acordou.

65

Sentou-se ereto, coberto de suor. Muito antes de tomar plena consciência de onde estava, antes de todas as informações percorrerem os neurônios e as funções cognitivas do cérebro, soube que estava tudo errado. Que haviam lhe tirado tudo de novo.

Estava deitado no chão, sozinho, em um quarto. As paredes, o teto, o chão: tudo branco. A superfície embaixo dele era esponjosa, dura e macia ao mesmo tempo, na medida certa para ser confortável. Olhou para as paredes: acolchoadas, com grandes espaços marcados por botões em todas elas, mais de um metro de intervalo. Uma luz brilhante se projetava de um retângulo no teto, alto demais para que o alcançasse. O lugar tinha um cheiro de produto de limpeza, amônia ou sabão. Thomas observou que até mesmo suas roupas não tinham cor: camiseta, calça de algodão, meias.

Uma escrivaninha marrom se situava a cerca de três metros à frente. A única coisa em toda a sala que não era branca. Velha e desgastada, riscada, era acompanhada por uma cadeira de madeira simples. Atrás dela, via-se a porta, também acolchoada, como as paredes.

Thomas sentia uma estranha tranquilidade. O instinto lhe dizia que devia se levantar, ficar em pé, gritar por ajuda. Devia esmurrar a porta. Mas sabia que a porta não se abriria. Sabia que ninguém ouviria.

Estava na Caixa de novo; era bom se conscientizar bem disso antes de alimentar falsas esperanças.

Não vou entrar em pânico, disse a si mesmo. Devia ser outra fase dos Experimentos, mas dessa vez lutaria para mudar as coisas – para acabar com tudo. Era estranho, mas só o fato de saber que tinha um plano, que faria o que fosse preciso para encontrar a liberdade, dava-lhe uma paz surpreendente.

Teresa?, chamou. Sabia que àquela altura ela e Aris eram sua única esperança de comunicação com o exterior. Pode me ouvir? Aris? Você está aí?

Ninguém respondeu. Nem Teresa. Nem Aris. Nem… Brenda.

Mas aquilo era só um sonho. Tinha de ser. Brenda não podia trabalhar para o CRUEL; não podia se comunicar telepaticamente com ele.

Teresa?, chamou de novo, fazendo um esforço mental. Aris?

Nada. Levantou-se e caminhou até a escrivaninha, mas a uns sessenta centímetros dela erguia-se uma parede invisível. Uma barreira, como no dormitório.

Thomas controlou o pânico. Não deixou o medo dominá-lo. Respirou fundo, voltou para o canto da sala, sentou e se recostou na parede. Fechou os olhos e relaxou.

Esperou. Adormeceu.

Tom? Tom!

Não sabia quantas vezes ela tinha dito seu nome até enfim responder.

Teresa? Acordou sobressaltado, olhou ao redor e se lembrou da sala branca. Onde você está?

Eles nos puseram em outro dormitório depois que o Berg pousou. Estamos aqui há alguns dias, só sentados, sem fazer nada. Tom, o que aconteceu com você?

Teresa estava preocupada – assustada, até. Isso podia dizer com certeza. Quanto a ele, estava mais confuso. Alguns dias? O que…

Levaram você assim que o Berg pousou. Disseram–nos que era tarde demais… que o Fulgor tinha realmente se enraizado em você. Que você tinha se tornado louco e violento.

Thomas tentou juntar as informações; tentou não pensar em como o CRUEL apagava as lembranças.

Teresa, é apenas mais uma parte dos Experimentos. Eles me trancaram nesta sala branca. Mas… vocês estão aí faz dias? Quantos?

Tom, faz quase uma semana.

Thomas não conseguiu responder. Quis fingir que não tinha ouvido o que Teresa havia acabado de dizer. O medo que vinha controlando começou a extravazar de seu peito. Podia confiar nela? Ela já havia mentido tanto! Como ter certeza de que aquela era realmente ela? Já estava na hora de romper de vez

com Teresa.

Tom? Teresa chamou-o de novo. O que está acontecendo aqui?

Thomas sentiu uma forte emoção, um calor nas entranhas que quase lhe marejou os olhos. Houve uma época em que havia considerado Teresa sua melhor amiga. Mas nunca mais isso seria possível outra vez. Agora, tudo o que sentia quando pensava nela era raiva.

Tom! Por que não…

Teresa, escute uma coisa.

Alôôôô? É exatamente isso que estou tentando…

Não, espere… escute. Não diga mais nada, certo? Apenas me ouça.

Ela fez uma pausa.Tudo bem. Uma voz baixa, assustada.

Thomas não conseguia mais se controlar. A raiva pulsava dentro dele. Por sorte, só precisava pensar nas palavras, porque jamais conseguiria pronunciá-las em voz alta.

Teresa, vá embora.

Tom…

Não. Não diga mais nada. Só… me deixe em paz. E pode dizer ao CRUEL que estou farto de cair nessas armações. Diga a eles que estou de saco cheio!

Ela esperou alguns segundos antes de responder.

Tudo bem. Outra pausa. Tudo bem. Então, só me resta uma coisa para lhe dizer.

Thomas suspirou.

Mal posso esperar.

Ela não falou logo, e Thomas poderia ter pensado que ela o havia abandonado, exceto pelo fato de que podia, ainda, sentir sua presença. Finalmente, ela voltou a falar.

Tom?

O que é?

CRUEL é bom.

Em seguida, ela se foi.

EPÍLOGO

Memorando CRUEL, Data 232.2.13, Hora 21:13
Para: Meus associados
De: Ava Paige, Chanceler
RE: EXPERIMENTOS NO DESERTO, Grupos A e B

Este não é o momento para deixar as emoções interferirem na tarefa imediata. Sim, muitos eventos tomaram um rumo imprevisto. Nem tudo saiu como o ideal – algumas coisas deram errado –, mas fizemos um tremendo progresso e coletamos diversos padrões necessários. Tenho grandes esperanças.

Desejo a todos nós a capacidade de manter nossa postura profissional e não nos esquecermos de nosso propósito. A vida de muitas pessoas está na mão de poucos. É por isso que este é um momento especialmente importante para permanecermos vigilantes e concentrados em nossos objetivos.

Os dias que virão serão fundamentais para este estudo, e tenho total confiança de que, quando restaurarmos a memória deles, cada um dos indivíduos do estudo estará pronto para o que planejamos lhes pedir. Ainda temos os Candidatos de que precisamos. Encontraremos as peças finais e as encaixaremos no devido lugar.

O futuro da raça humana é mais valioso que qualquer outra coisa. O resultado final compensa de sobra cada morte e cada sacrifício. O desfecho desse esforço monumental se aproxima, e acredito que o processo vai funcionar, que teremos nossos padrões, nosso projeto, nossa cura.

Os Psis continuam ponderando. Quando indicarem o momento certo, eliminaremos a perturbação causada pelo Dissipador e diremos aos indivíduos remanescentes se são – ou não – imunes ao Fulgor.

Isso é tudo, por ora.

Sua opinião é muito importante!

Mande um e-mail para opiniao@vreditoras.com.br
com o título deste livro no campo "Assunto".

Conheça-nos melhor em

vreditoras.com.br
facebook.com/vreditorasbr

